

VIRGINIA WOOLF

Ao farol



LEPA

Tradução de Denise Bottmann



Virginia Woolf

Passeio Ao Farol



Conversão para EPUB:
EREMITA

**Conforme a nova ortografia
da língua portuguesa**

Este arquivo pode ser livremente distribuído, desde que citada a fonte da editoração eletrônica.

Título original: TO THE LIGHTHOUSE
© Copyright 1927 by Angelica Garnett, Virgínia Bell and Cressida Bell.
© Copyright desta edição, Editora Rio Gráfica Ltda. Rio de Janeiro, 1987.

Publicado no Brasil sob licença de Editora Nova Fronteira S.A.

Tradução: Luiza Lobo.
Ilustração de capa: Enio Squeff.
Composição: Editora Rio Gráfica Ltda. e AM Produções Gráficas Ltda.

Distribuidor exclusivo para todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563, Rio de Janeiro.

Editora Rio Gráfica Ltda.
Rua Itapiru, 1209, CEP 20251, Rio de Janeiro.
Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo.

Sumário

[CAPA](#)

[Página de Rosto](#)

[Créditos](#)

[A janela](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[O tempo passa](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[O Farol](#)

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)

[VIRGINIA WOOLF VIDA E OBRA](#)

A janela

1

— É claro que amanhã fará um dia bonito — disse a Sra. Ramsay. — Mas vocês terão que madrugar — acrescentou.

Essas palavras trouxeram uma extraordinária alegria a seu filho, como se a excursão já estivesse definitivamente marcada. Após a escuridão de uma noite e a travessia de um dia, o desejo — por tantos anos aspirado — era agora tangível.

James Ramsay, sentado no chão, enquanto a mãe falava, recortava gravuras do catálogo das Lojas do Exército e da Marinha. Mesmo aos seis anos de idade, pertencia ao número daqueles que não conseguem separar um sentimento do outro mas, ao contrário, deixam que as expectativas futuras — com suas alegrias e tristezas — toldem o que no momento está ao alcance da mão. Para tais pessoas, ainda na mais tenra idade, qualquer oscilação de sensações tem o poder de cristalizar e fixar o momento em que repousam, misturadas, alegria e tristeza: assim é que James Ramsay emprestava à fotografia de uma geladeira uma felicidade beatífica. Cercava-a de alegria. O carrinho de mão, o cortador de grama, o som dos álamos, folhas branqueando antes da chuva, gralhas grasnando, o raspar de vassouras, vestidos roçando — tudo isso era tão colorido e distinto em sua mente que ele já tinha seu código particular, sua linguagem secreta, embora fosse a imagem da mais pura e inflexível severidade: testa alta, arrogantes olhos azuis, impecavelmente cândido, recriminativo ao deparar com alguma fraqueza humana. Observando-o assim a guiar a tesoura com precisão em torno da geladeira, sua mãe imaginou-o num tribunal com uma rútila toga de arminho, ou talvez dirigindo uma empresa durante uma crise financeira.

— Mas o dia não ficará bom — disse o pai, parando em frente à janela da sala de visitas.

Se houvesse um machado, um atizador, ou qualquer outra arma à mão que abrisse uma fenda no peito do pai e por onde a vida se escoasse, James a teria empunhado naquele instante. Tais eram os extremos de emoção que o Sr. Ramsay despertava no íntimo dos filhos, apenas com sua presença. Ali estava: de pé, o perfil agudo como uma faca e estreito como sua lâmina, sorrindo sarcasticamente — não apenas pelo prazer de desiludir o filho e lançar sua mulher (que era mil vezes melhor do que ele, pensou James) no ridículo, mas sobretudo por causa da certeza íntima que tinha da exatidão de seus julgamentos. O que ele dizia era verdade. Era incapaz de mentir: nunca interferia em alguma

coisa ou se pronunciava de modo a dar um pouco de prazer a qualquer mortal, e muito menos a seus filhos, que, desde a infância, ficavam sabendo que a vida é árdua, os fatos inflexíveis, e que a passagem para essa terra fabulosa onde nossas esperanças mais brilhantes se extinguem e nossas frágeis críticas malogram na escuridão exige, acima de tudo — concluiria o Sr. Ramsay, empertigando-se e franzindo os olhos azuis na direção do horizonte —, coragem, lealdade e perseverança.

— Mas talvez fique bom, pelo menos espero — disse a Sra. Ramsay impacientemente, ao dar um ponto na meia castanha que tricotava. Se a terminasse nessa mesma noite, e afinal fossem mesmo ao Farol, seria dada ao filho do faroleiro, que estava ameaçado de tuberculose, além de uma pilha de revistas velhas e um pouco de fumo. Tudo que encontrassem atirado pelo chão, desarrumando a sala, e que realmente ninguém quisesse para si, seria dado àquela pobre gente que devia morrer de tédio, sentada o dia inteiro, sem nada para fazer, a não ser limpar a lâmpada, acender o lume e revolver um pequeno jardim. Faria qualquer coisa para alegrá-los, pois como poderia alguém gostar de ficar trancado um mês inteiro, num rochedo perdido no meio do mar — e ainda mais, se o tempo estivesse ruim?, perguntou-se ela. Não receber cartas ou jornais, não ver ninguém; sendo casado, não ver a mulher, não saber como estão os filhos: se adoeceram, se caíram e quebraram a perna ou o braço. Ver sempre as mesmas ondas quebrando tristemente semana após semana, interrompidas em seu ritmo monótono apenas pela tempestade que se aproxima, cobrindo as janelas de espuma, atirando os pássaros de encontro ao Farol, estremecendo tudo, impedindo as pessoas de saírem, com medo de serem varridas para o mar. Como se poderia gostar disso?, perguntou, dirigindo-se principalmente às filhas. Acrescentou, então, num tom bastante diferente, que as pessoas precisavam levar-lhes todo o conforto possível.

— É justamente o "oeste" — disse Tansley, o ateu, que compartilhava do passeio noturno do Sr. Ramsay pelo terraço, mantendo os dedos ossudos afastados para que o vento soprasse por entre eles. Isso significava que o vento soprava da pior direção possível para se atracar no Farol. Era detestável de sua parte trazer isso à baila e desapontar James ainda mais, admitiu a Sra. Ramsay. Realmente ele dizia coisas desagradáveis, mas ela não permitiria que rissem dele. "O ateu", chamavam-no, "o ateuzinho." Rose zombava dele; Prue, Andrew, Jasper, Roger também. Até o velho e desdentado Badger espicaçara-o quando Nancy dissera (segundo suas próprias palavras) que ele era o centésimo décimo jovem a persegui-las até as Hébridas, quando elas teriam preferido ficar sozinhas.

— Isso não faz sentido — disse a Sra. Ramsay com severidade. Não

admitia que seus filhos, exagerados como ela mesma (que convidava pessoas demais e acabava por ter de hospedar algumas na cidade), fossem indelicados para com seus convidados, particularmente em relação aos jovens que vinham passar as férias e que eram pobres como ratos de igreja — embora "excepcionalmente capazes", como dizia seu marido com ungida admiração. Sem dúvida alguma tinha sob sua proteção a totalidade do sexo que não era o seu, por razões que não conseguia explicar: pelo cavalheirismo dos homens, seu valor, pelo fato de negociarem tratados, governarem a Índia, controlarem as finanças ou, mais possivelmente, por certa atitude em relação a ela que nenhuma mulher poderia se eximir de achar agradável — algo de leal, inocente, respeitável, que, em sua idade, poderia receber de um jovem sem perder a dignidade, enquanto as jovens (rogava aos céus não se desse o mesmo com suas filhas) não viam o verdadeiro e recôndito valor disso.

Ela se voltou para Nancy, dizendo com severidade: ele não as perseguira. Fora convidado.

Era preciso achar um meio de escapar a tudo aquilo. Devia haver uma forma mais simples, menos complicada, suspirou ela. Quando se olhou no espelho, viu os cabelos grisalhos, a face abatida, aos cinquenta anos, e pensou: poderia ter conduzido melhor as coisas — seu marido, o dinheiro, os livros dele. Mas nunca se, arrependeria de suas decisões, nunca fugiria das dificuldades ou se eximiria de suas obrigações. Irradiava dignidade nesse momento, e só com um rápido alçar de olhos do prato diante de si, após o silêncio que se seguiu às suas palavras sobre Charles Tansley, é que as filhas — Prue, Nancy e Rose — ousaram deleitar-se com a ideia do que imaginavam ser uma vida diferente da que tinham: talvez mais emocionante, possivelmente em Paris, sem ter de se precaver contra este ou aquele homem. Havia no pensamento de todas elas uma indizível curiosidade em relação a coisas tão diversas como cavalheirismo, o Banco da Inglaterra e o Império das Índias, dedos repletos de anéis e rendas. Havia nisso, para todas elas, um pouco da essência da beleza, que enchia seus jovens corações de anseios pela masculinidade, e as fazia, enquanto se sentavam à mesa sob os olhos da mãe, respeitar a extrema severidade e cortesia com que as advertira sobre o desprezível ateu que as tinha perseguido na Ilha de Skye, ou — falando mais precisamente — fora convidado para ficar com elas. Tal advertência fora feita com a mesma dignidade com que uma rainha tiraria da lama o pé imundo de um mendigo para lavá-lo.

— Ninguém atracará no Farol amanhã — disse Charles Tansley ao Sr. Ramsay, batendo as mãos, enquanto olhava pela janela. Sem dúvida, ele já havia dito o bastante. Ela desejava que ambos deixassem James e a ela em paz, e continuassem seu passeio. Não pôde evitar olhá-lo: era um espécime tão

miserável, diziam as crianças, cheio de reentrâncias e saliências. Não sabia jogar etíquete, era hesitante, confundia-se. Era grosseiro e sarcástico, dizia Andrew. Sabiam do que mais gostava: andar de um lado para outro com o Sr. Ramsay, comentando quem havia ganho isto ou aquilo, quem "recitava às maravilhas" versos latinos, quem era "brilhante mas fundamentalmente doente, na minha opinião", quem era sem dúvida "o sujeito mais capaz em Balliol", mas enterrara sua inteligência em Bristol ou Bedford, estando agora, no entanto, prestes a alcançar fama, quando seus prolegómenos para um ramo da matemática ou filosofia fossem publicados. A propósito, as provas das primeiras páginas já estavam com ele, será que o Sr. Ramsay gostaria de vê-las? Era sobre isso que falavam.

Algumas vezes ela não podia deixar de rir. Há dias falara algo sobre ondas "altas como montanhas". Sim, respondera Charles Tansley, estavam um pouco agitadas. "Você não está completamente encharcado?", perguntara-lhe ela. "Só um pouco úmido, mas não muito", respondeu o Sr. Tansley apertando a camisa, tocando as meias.

Mas não era bem isso que importunava as crianças, nem seu rosto ou suas maneiras: era ele mesmo, seu modo de ser interior. Quando falavam de alguma coisa interessante — sobre pessoas, música, história — ou quando comentavam que a manhã estava bonita e seria bom ficarem sentados ao ar livre, Charles Tansley não se dava por contente enquanto não mudasse completamente o rumo da conversa e os exasperasse com sua mania de esmiuçar tudo. Estava sempre falando de galerias de arte e perguntando se gostavam de sua gravata. "Só Deus sabe como sua gravata é detestável", dizia Rose.

Desaparecendo da mesa logo após a refeição, furtivos como gazelas, os oito filhos da Sra. Ramsay procuravam seus quartos — o único lugar seguro na casa em que poderiam conversar sobre qualquer coisa: a gravata de Tansley, a Carta da Reforma, aves marinhas, borboletas ou pessoas. Enquanto isso, numa dessas mansardas — separadas umas das outras por uma simples tábua que permitia ouvir cada passo ou os soluços da moça suíça que chorava pelo pai que morria de câncer num vale dos Grisons —, o sol se despejava iluminando raquetes, flanelas, chapéus de palha, tinteiros, tubos de tinta, escaravelhos e crânios de pequenos pássaros, fazendo desprender-se de longas tiras encrespadas de algas presas à parede um odor de sal e ervas: o mesmo que se desprendia das toalhas de banho carregadas de areia.

Brigas, separações, divergências de opinião e preconceitos compunham a própria tessitura do ser — oh, por que tinham de começar tão cedo, lastimava-se a Sra. Ramsay. Eram tão críticos, seus filhos. Diziam tantas tolices. Veio da sala de jantar, segurando James pela mão, pois ele não iria com os outros. Parecia-lhe

tão sem nexos inventar divergências, quando as pessoas já as tinham em demasia. "As divergências reais são mais que suficientes", pensou, de pé junto à janela da sala de visitas. Nesse momento pensava nos ricos e nos pobres, nos nobres e nos plebeus: os nobres, ela os respeitava com certa relutância, pois possuía nas veias o sangue daquela nobilíssima e algo mítica casa italiana, cujas descendentes tão trêfega e encantadoramente sussurraram e saracotearam pelos salões ingleses do século XIX. Delas herdara a inteligência, a maneira de ser e o gênio: não dos vadios ingleses ou dos frios escoceses. Preocupava-se particularmente com o problema dos ricos e dos pobres: as coisas que vira pessoalmente ali e em Londres, quando visitara viúvas e esposas dedicadas, munida de uma bolsa, um caderno de notas e um lápis, apontando salários e despesas, emprego e desemprego, em colunas cuidadosamente dispostas para esse fim, na esperança de assim deixar de ser uma mulher voltada apenas para si mesma, cuja caridade era em parte um consolo para sua própria indignação, em parte um alívio para sua curiosidade — pretendendo tornar-se uma pesquisadora que explicasse o fenômeno social, coisa que, para seu espírito pouco cultivado, era objeto de vívida admiração.

Essas questões pareciam-lhe insolúveis, enquanto permanecia de pé ali, segurando James pela mão. O jovem do qual todos riam tinha-a seguido até a sala de visitas. Estava perto da mesa, mexendo desajeitadamente em alguma coisa. Mesmo sem o olhar, ela percebia o quanto se sentia deslocado. Todos tinham ido embora: as crianças, Minta Doyle e Paul Raylley, Augustus Carmichael, o Sr. Ramsay — todos. Ela voltou-se com um suspiro e disse: — Será que o aborreceria acompanhar-me, Sr. Tansley? Tinha que dar um recado enfadonho na cidade e uma ou duas cartas para escrever. Demoraria uns dez minutos. Iria pôr um chapéu. Passado algum tempo, ela reapareceu com uma cesta e uma sombrinha, como se estivesse preparada para uma excursão que, no entanto, interrompeu no preciso momento em que cruzavam o campo de tênis, para dirigir-se ao Sr. Carmichael — que se aquecia ao sol com seus olhos felinos entreabertos, olhos que pareciam refletir o movimento dos ramos e o passar das nuvens, sem, contudo, dar qualquer sinal da existência de pensamentos ou emoções. Perguntou-lhe se queria alguma coisa.

Estavam fazendo uma grande expedição — disse ela, rindo. Iam à cidade. — Selos, papel de carta, fumo?, sugeriu, parando a seu lado. Não, ele não queria nada. Suas mãos entrelaçavam-se sobre a vasta barriga. Os olhos pestanejavam como se quisesse agradecer amavelmente essas gentilezas (ela estava sedutora, apesar de um pouco nervosa). Mas não pôde, submerso numa sonolência cinzento-esverdeada que os envolvia a todos, sem necessidade de palavras, numa vasta e bondosa letargia carregada de benevolência: toda a casa, o mundo e as

pessoas que o habitavam. Ele pusera umas gotas de alguma coisa em seu copo no almoço — pensavam as crianças, devido às vivas listras amarelo-canário nas barbas e bigodes, que normalmente seriam branco-leito-sos. Não, não queria nada — murmurou finalmente.

Poderia ter sido um grande filósofo — disse a Sra. Ramsay, enquanto desciam a estrada em direção à vila de pescadores —, mas fizera um mau casamento. Segurando sua sombrinha com muito aprumo e andando com um ar de indescritível expectativa — como se fosse encontrar alguém na primeira esquina — contou a história: uma paixão em Oxford por uma moça, um casamento prematuro, a pobreza, uma viagem à Índia, algumas traduções de poemas — "belíssimas em minha opinião" —, a vontade de ensinar persa ou hindustani às crianças (mas qual a utilidade disso?). E agora se deixava ficar deitado na grama — como tinham visto.

Charles Tansley sentiu-se lisonjeado. Maltratado como sempre fora, agradou-lhe que a Sra. Ramsay lhe contasse isso. As insinuações que ela fazia sobre a grandeza da inteligência masculina — mesmo na sua decadência —, sobre a submissão de todas as esposas aos trabalhos de seus maridos (não que ela culpasse aquela moça, pois o casamento não fora de todo mau), fizeram-no sentir-se bem como nunca. Gostaria, se tomasse um táxi, por exemplo, de pagar a corrida. Quanto à sua sacola, não poderia carregá-la? Não, não — respondeu —, sempre a carregava ela mesma. E foi isso o que ela fez. Sim, isso e muitas outras coisas — particularmente algo que o exaltava e perturbava por razões que não saberia dizer. Gostaria que o visse de bata e capuz, andando numa procissão. Uma colegiatura, um professorado — sentia-se capaz de qualquer coisa e imaginava-se... mas o que estava ela olhando? Um homem colando um cartaz. A enorme folha de papel pendente alisava-se, e cada golpe da brocha revelava pernas, arcos, cavalos, brilhantes tonalidades de verde e vermelho lindamente suaves — até que metade do muro ficou coberta com o anúncio de um circo: uma centena de homens a cavalo, vinte focas amestradas, tigres. Esticando o pescoço, pois era míope, ela leu:... "visitará esta cidade." Era um trabalho terrivelmente perigoso um homem com um só braço subir ao topo de uma escada assim — exclamou. O braço esquerdo daquele ali fora cortado por uma ceifadeira dois anos atrás.

— Vamos! — gritou ela, continuando a andar, como se todos esses cavalos e cavaleiros a tivessem enchido de euforia infantil, fazendo-a esquecer sua comiseração de há pouco.

— Vamos — repetiu ele, estalando a língua, mas com uma tal circunspeção que a fez estremecer. — Vamos ao circo. — Não, ele não conseguia dizê-lo normalmente. Nem senti-lo direito. Mas por que não? —

perguntou-se a Sra. Ramsay. O que havia de errado com o rapaz? Gostava dele sinceramente naquele momento. Não tinham ambos ido ao circo, quando eram crianças? — perguntou-lhe. Nunca — respondeu-lhe, como se ela tivesse feito exatamente a pergunta que ele queria responder: ansiava há dias por dizer que não iam ao circo. Sua família era grande, com nove irmãos e irmãs, e seu pai era um trabalhador: — Meu pai é farmacêutico, Sra. Ramsay. Tem uma loja. — Ele se mantinha desde os treze anos. Não raro passava os invernos sem um casacão. Na universidade nunca pôde "retribuir gentilezas" (esse era seu jargão habitual). Tinha que fazer seus pertences durarem duas vezes mais que os outros; fumava o tabaco mais barato — desse fumo ruim que os velhos de beira de cais fumam. Trabalhava muito: sete horas por dia... — continuava falando, e o assunto agora era sobre a influência de alguma coisa sobre alguém. Prosseguiram em seu caminho, e a Sra. Ramsay não captava bem o sentido do que ele dizia, apenas uma palavra aqui e ali: tese... bolsa de estudos... licenciatura... leitorado... Não conseguia acompanhar o horrível jargão acadêmico que jorrava com tanta facilidade — mas via agora por que a ida ao circo o perturbara tanto, coitadinho, e por que no mesmo instante se saíra com toda aquela história sobre o pai, a mãe, os irmãos e irmãs. Cuidaria que não rissem mais dele. Contaria isso a Prue. Supunha que ele gostaria de comentar que fora ver Ibsen com os Ramsays. Ele era terrivelmente pedante — oh, sim, um maçante insuportável, pois, embora já tivessem chegado à cidade e estivessem na rua principal onde carroças passavam raspando o cascalho, mesmo assim continuava falando sobre escolas populares, ensino, operários, ajuda à nossa própria classe, e conferências, até que ela percebeu que ele recobrava completamente sua circunspecção. Tinha-se recuperado do circo, e ia começar (agora gostava dele sinceramente) a lhe contar que... — Mas nesse momento deram no cais e, ao ver as casas desvanecendo de ambos os lados e toda a baía estendendo-se diante deles, a Sra. Ramsay não pôde deixar de exclamar: — Oh! Que lindo!, pois a imensidão de água azul surgia diante dela; o antigo Farol, distante, austero, no centro; e à direita, tão longe quanto a vista alcançava, diminuindo e declinando em suaves ondulações, as dunas verdes de relva fluida e selvagem, que sempre pareciam correr para algum país lunar, inabitado pelos homens.

Era essa a paisagem — disse ela, parando, com os olhos mais cinzentos — de que seu marido gostava tanto.

Ficou imóvel por um momento. Mas agora, disse, artistas vieram para cá. E lá estava, a apenas alguns passos, um deles, de pé, com um chapéu panamá e botas amarelas — todo seriedade, suavidade, concentração. Por tudo isso era observado por dez menininhos, com um ar de profundo contentamento no rosto redondo e vermelho. Olhava atentamente e, depois, mergulhava a ponta do

pincel num montículo macio de verde ou rosa. Desde que o Sr. Paunceforte chegara ali, três anos atrás, todos os quadros eram assim, disse ela, verdes e acinzentados, com barcos a vela cor de limão e mulheres cor-de-rosa na praia.

Mas os amigos de sua avó, observou ela, lançando uma olhadela discreta ao passarem, tinham o maior trabalho: primeiro misturavam os pigmentos, depois moíam-nos, e então colocavam panos levemente molhados sobre a tinta para mantê-la úmida.

O Sr. Tansley pensou que ela estava insinuando que a pintura daquele homem estava rala — foi isso o que disse? As cores não pareciam sólidas? Foi isso o que disse? Sob a influência da extraordinária emoção que começara no jardim, quando quisera segurar sua sacola, e crescera durante todo o passeio, aumentando na cidade, quando quisera contar-lhe tudo sobre si mesmo (e tudo que conhecera até então), chegava a ver tudo um pouco deformado. Era terrivelmente estranho.

Ali estava ele de pé, na sala da casinha acanhada onde ela o trouxera, esperando-a, enquanto ia um instante ao segundo andar ver uma mulher. Ouvia seu passo rápido em cima;

ouvia sua voz alegre e logo depois baixa. Olhou os guardanapos e caixas de chá, e as sombras dos globos, enquanto esperava bastante impaciente, ansioso por voltar para casa e decidido a levar a sacola dela. Então ouviu-a sair; fechar a porta; dizer que deveriam manter as janelas abertas e as portas fechadas (devia estar falando com uma criança). De repente, surgiu, parando por um instante em silêncio (como se tivesse ficado representando lá em cima, e por um momento permanecesse parada agora, quase imóvel, diante do quadro da Rainha Vitória, com a Ordem Azul da Jarretei-ra). De repente, descobriu: era a pessoa mais bela que conhecera.

Com estrelas nos olhos e véus no cabelo, com ciclamens e violetas selvagens — mas em que despropósito estava pensando? Tinha no mínimo cinquenta anos e oito filhos. Caminhando por campos floridos e levando ao peito botões esmagados e carneiros caídos; com estrelas nos olhos e o vento no cabelo — ele segurou sua sacola.

— Adeus, Elsie — disse ela, e subiram a rua, ela segurando a sombrinha, muito apurhada, andando como se esperasse encontrar alguém na próxima esquina. Pela primeira vez em sua vida, Charles Tansley sentiu um orgulho extraordinário; um homem escavando num bueiro parou de cavar e olhou-a;

deixou o braço tombar e olhou-a. Charles Tansley sentiu um orgulho extraordinário; sentiu o vento, os ciclâmens e as violetas, pois andava com uma mulher bela pela primeira vez em sua vida. Segurou sua sacola.

2

— Ninguém vai ao Farol, James — disse ele, de pé, ao lado da janela, falando grosseiramente, mas, em deferência à Sra. Ramsay, tentando abrandar a voz e dar-lhe pelo menos uma aparência de amabilidade.

"Que homenzinho detestável", pensou a Sra. Ramsay, "para que continuar dizendo isso?"

3

— Talvez você acorde e encontre o sol brilhando e os passarinhos cantando — disse ela compassivamente, alisando o cabelo do menino, pois o marido, com a frase cáustica de que o dia não ficaria bom, abatera seu ânimo, como bem se podia ver. Essa ida ao Farol era uma paixão dele, e, como se o marido já não tivesse dito bastante, esse homenzinho detestável trouxera tudo de novo à baila.

— Talvez o dia fique bonito amanhã — disse ela, alisando o cabelo do menino.

Tudo que ela poderia fazer agora era admirar a geladeira e virar as páginas do catálogo das Lojas, na esperança de chegar a algo semelhante a um ancinho ou uma ceifeira que, com seus dentes e cabos, exigiriam o maior cuidado e habilidade para recortar. Todos esses jovens parodiavam seu marido, refletiu; ele disse que choveria; eles declaravam que seria positivamente um furacão.

Então, quando virou a página, a procura de uma gravura de um ancinho ou uma ceifeira foi repentinamente interrompida; o murmúrio grosseiro dos homens falando — que o tirar e recolocar do cachimbo na boca interrompia a intervalos — dava-lhe uma certa sensação de conforto, embora não pudesse compreender o que diziam, pois estava junto à janela. Esse murmúrio já durava há meia hora e se juntava suavemente à escala de sons que se acumulava ao bater dos tacos nas bolas e ao alarido das crianças jogando críquete, irrompendo por vezes, de modo abrupto; "Acertou? Acertou?" Mas, de repente, todo ruído cessou, restando apenas a cadência monótona das ondas na praia — que quase sempre era um rufar repousante e ritmado para seus pensamentos, parecendo repetir sempre, enquanto se sentava com as crianças, as palavras consoladoras de uma velha canção de ninar: "Eu cuido de você; eu sou o seu apoio." Mas, às vezes, repentina e inesperadamente — sobretudo quando sua atenção se desviava um pouco do que estava fazendo no momento —, não tinha esse sentido tão calmo: pois, como o rufar fantasmagórico de tambores que batessem impiedosamente o sentido da vida, fazia pensar na destruição da ilha e no seu engolfamento com o mar e a prevenia (a ela cujo dia escapara com um afazer depois do outro) de que tudo era efêmero como um arco-íris. Esse som que fora abafado e encoberto sob os outros sons de repente soou oco em seus ouvidos e a fez erguer os olhos num

impulso de horror.

Eles haviam parado de falar; era essa a explicação. Escapando por um segundo à tensão de que fora possuída, passou, como para se recuperar do dispêndio desnecessário de emoção, ao outro extremo de seu ser, que era frio, divertido, e mesmo um tanto malicioso, e concluiu que o pobre Charles Tansley fora rechaçado. Isso não tinha muita importância. Se seu marido lhe exigia sacrifícios (e sem dúvida os exigia), ela lhe ofertava alegremente Charles Tansley, que tinha sido grosseiro com seu filhinho.

E ainda um momento, com a cabeça erguida, ela ouvia — como se esperasse por algum som habitual — um ruído mecânico e regular, algo ritmado, entre dito e cantado, começar no jardim (o marido andava compassadamente para cima e para baixo no terraço), algo entre um coaxar e uma canção. Acalmou-se ainda uma vez, reconfortada, pois tudo ia bem, e tornando a olhar o catálogo solire o colo, achou a gravura de uma faca com seis lâminas, que James só poderia recortar se tivesse muito cuidado.

De repente, um grito agudo, como o de um sonâmbulo meio acordado, algo como

Bombardeados por tiros e granadas¹

soou com a maior intensidade em seu ouvido, e a fez voltar-se apreensivamente para ver se alguém mais ouvira. Era apenas Lily Briscoe, e estava contente por vê-la; e aquilo não importava. Mas ao ver a moça de pé, na extremidade do gramado, pintando, lembrou-se de que deveria manter a cabeça tanto quanto possível na mesma posição para o quadro de Lily. O quadro de Lily! A Sra. Ramsay sorriu. Com seus pequenos olhos chineses e seu rosto enrugado, ela nunca se casaria; mas era uma criatura independente. A Sra. Ramsay gostava dela por isso, e assim, lembrando-se de sua promessa, inclinou a cabeça.

--

¹ Stormed at with shot and shell. Verso famoso do poema "Carga da brigada ligeira" ("The charge of the light brigade"), escrito por Tennyson em 1854, seguido de outras citações do mesmo poema. Ele se refere à batalha de Balaclava, na Crimeia, a 25 de novembro daquele ano. (N. da T.)

Sem dúvida ele quase derrubou o cavalete, ao vir em sua direção, agitando as mãos e gritando: "Cavalgamos bem e com coragem", mas, felizmente, deu meia volta e se afastou cavalgando, para morrer gloriosamente, supunha, nas alturas de Balaclava. Nunca alguém fora tão ridículo e tão assustador ao mesmo tempo. Contudo, enquanto ele se mantivesse assim, gritando, agitando-se, estava salva; pelo menos não ficaria parado e quieto, olhando seu quadro. Era isso que Lily Briscoe não poderia suportar. Mesmo enquanto olhava o volume, as cores e linhas, a Sra. Ramsay sentada à janela com James, Lily Briscoe mantinha-se atenta para o caso de alguém surgir, pois não queria ter sua pintura observada repentinamente. Agora, porém — com todos os sentidos tão avivados, olhando, tensa, até que a cor do muro e das iridáceas mais além se incendiaram em seus olhos —, tinha consciência de que alguém saía da casa e caminhava em sua direção. Mas, de certa forma, adivinhou, pelo modo de andar, ser William Bankes, e por isso, embora sentisse o pincel estremecer, não virou a tela na grama — como faria se fosse o Sr. Tansley, Paul Rayley, Minta Doyle, ou praticamente qualquer outra pessoa — e deixou-a ficar onde estava. William Bankes parou a seu lado. Hospedavam-se no mesmo lugar na cidade e assim, entrando e saindo, despedindo-se tarde na soleira da porta, faziam pequenos comentários sobre a sopa, as crianças, sobre isto ou aquilo, o que os tornava aliados. Por isso, quando ele parou a seu lado, com seu jeito judicial (tinha idade bastante para ser seu pai, um botânico, ou um viúvo, muito escrupuloso e limpo, cheirando a sabonete), ela permaneceu no mesmo lugar. Ele também. Os sapatos dela eram excelentes, observou ele. Permitiam aos dedos sua natural expansão. Habitando a mesma casa que ela, também notara como era arrumada, levantando-se antes do café e saindo para pintar sozinha. Embora pobre, como era de supor, e sem a tez ou a sedução da Srta. Doyle, seu bom senso a fazia, a seu ver, superior a essa jovem. Por exemplo, tinha certeza de que, quando Ramsay irrompeu diante deles gritando, gesticulando, a Srta. Briscoe o compreendera.

*Alguém se equivocara.*²

O Sr. Ramsay fixou os olhos neles. Fixou os olhos neles sem parecer vê-los.

E isso os fez sentirem-se vagamente constrangidos. Juntos viram uma coisa que não queriam ver. Haviam penetrado em algo muito íntimo. Foi provavelmente um pretexto, pensou Lily, para partir, para ficar fora de alcance, que fez o Sr. Bankes quase imediatamente comentar que fazia frio e sugerir uma volta. Ela iria, sim. Mas não foi sem dificuldade que desprendeu os olhos de seu quadro.

As iridáceas estavam de um violeta brilhante; o muro, de um branco cintilante. Ela não considerava honesto modificar o violeta claro e o branco cintilante, já que os via assim, embora isso estivesse na moda depois da visita do Sr. Paunceforte. Então, sob a cor havia a forma. Podia ver isso com clareza, imperiosamente, quando olhava: quando pegava no pincel é que tudo mudava. Era nesse voo momentâneo entre a paisagem e sua tela que os demônios a possuíam, levando-a à beira das lágrimas, e tornavam a passagem da concepção para o trabalho tão terrível quanto o era a incursão por um corredor escuro para uma criança. Assim se sentia, frequentemente, numa luta terrivelmente desigual para manter a coragem e dizer: "Mas isso é o que eu vejo, isso é o que eu vejo", e desse modo reunir em seu peito os restos miseráveis de sua visão, que milhares de forças buscavam arrancar-lhe. E era também nesse momento, dessa forma fria e inconstante, que, quando começava a pintar, pressionavam-na outros pensamentos, sua própria imperfeição, sua insignificância, tendo de sustentar o pai numa casa além da estrada de Brompton, e tendo de se esforçar muito para controlar seu impulso de se atirar ao colo da Sra. Ramsay (graças a Deus, sempre resistira) e dizer-lhe — mas o que poderia dizer-lhe? "Estou apaixonada por você?" Não, não era verdade. "Estou apaixonada por tudo isso?" — com um gesto largo abrangendo a sebe, a casa, as crianças? Era absurdo, impossível. Não se pode dizer o que se tem vontade de dizer. Por isso, pousou os pincéis ordenadamente na caixa, um ao lado do outro, e disse ao Sr. Bankes: — Esfriou de repente. O sol parece estar menos quente

— falou, olhando em redor, pois tudo estava muito claro, a grama ainda de um suave verde profundo, a casa cintilando na sua folhagem com flores púrpuras de maracujá, e gralhas lançando gritos cortantes do alto azul. Mas alguma coisa moveu-se, brilhou, virou uma asa prateada no céu. Afinal, era setembro, meados de setembro, e mais de seis horas da tarde. Assim, caminharam pelo jardim na direção costumeira; passando pela quadra de tênis e pela grama alta, até aquela clareira na espessa sebe protegida por suas hastes de vermelho incandescente como brasas de carvão queimado, por entre as quais as águas azuis da baía pareciam ainda mais azuis.

Vinham até ali regularmente, todas as noites, arrastados por alguma necessidade. Era como se a água fluísse e fizesse com que os pensamentos estagnados em terra firme deslizassem por ela e dessem até mesmo a seus corpos

uma espécie de alívio físico. Primeiro, o movimento da cor inundava a baía de azul e o coração expandia-se com ele e o corpo nadava, para somente no instante seguinte ser reprimido e enregelado pela cortante escuridão das ondas inquietas. Então, bem atrás da grande rocha negra, quase toda noite jorrava irregularmente uma fonte de água branca, de modo que se tinha de aguardá-la e era um deleite quando a água brotava; enquanto se esperava por ela, via-se, na pálida praia em semicírculo, onda após onda derramar continuamente uma névoa suave em tons de madrepérola.

Os dois permaneceram ali, sorridentes. Ambos sentiram uma alegria em comum, exaltados pelas ondas em movimento; e então, pela corrida cortante e rápida de um barco que, tendo traçado uma curva na baía, parou, estremeceu, deixou tombar a vela, com um instinto natural para completar o quadro, após esse rápido movimento, ambos olharam para as dunas distantes e, em vez de alegria, uma certa tristeza abateu-se sobre eles — em parte porque tudo estava completo, em parte porque paisagens distantes parecem ultrapassar de um milhão de anos (pensou Lily) aquele que as observa, e estar em comunhão com um céu que contempla uma terra em completo descanso.

Olhando as dunas longínquas, William Bankes pensou em Ramsay: pensou em Ramsay andando sozinho com lar gas passadas por um longo caminho, com a solidão que parecia ser seu ar natural. Mas isso foi repentinamente interrompido. William Bankes lembrou-se (e devia referir-se a algum incidente real) de uma galinha estirando as asas para proteger uma ninhada de pintinhos, e Ramsay, parando, apontara sua bengala e dissera: "Bonito, bonito" — o que era como uma estranha centelha no coração que mostrava sua simplicidade, sua simpatia para com as coisas humildes; parecia-lhe, no entanto, que sua amizade cessara, ali, naquele trecho de estrada. Depois, Ramsay se casara. E mais tarde, com uma coisa e outra, a melhor parte de sua amizade se fora. De quem era a culpa, não saberia dizer; apenas, após algum tempo, a repetição tomara o lugar da novidade. Era para repetir que se encontravam. Mas nesse mudo colóquio com as dunas ele insistia que sua afeição por Ramsay não tinha de modo algum diminuído; lá estava — como o corpo de um jovem encerrado em turfa por um século, a carne vermelha dos lábios — sua amizade, em toda a sua agudeza e realidade, conservada do outro lado da baía, por entre as dunas.

Angustiava-se ao pensar em sua amizade e talvez também por querer escapar à acusação de que teria envelhecido e ficado enrugado. Enquanto Ramsay vivia num rebuliço de filhos, Bankes não tinha nenhum e era viúvo — angustiava-se. Não fosse Lily Briscoe desprezar Ramsay (a seu modo uma grande pessoa); queria que ela compreendesse como as coisas eram entre eles. Sua amizade começara há muitos anos e acabara numa estrada de Westmoreland,

onde uma galinha aninhara seus pintinhos entre as asas; depois, Ramsay se casara, e seus caminhos se separaram, e passou a haver, sem dúvida — ninguém era culpado disso —, uma certa tendência, quando se encontravam, à repetição.

Sim. Era isso. Acabara. Virou-se de costas para o mar. E, tendo-se voltado para seguir por outro caminho, o Sr. Bankes emocionou-se com coisas que não o tocariam, se essas dunas não lhe tivessem revelado o corpo daquela amizade encerrado em turfa — emocionando-se, por exemplo, com Cam, a menininha, a filha menor de Ramsay. Ela colhia um ramo de alelis junto à água. Era rebelde e violenta. Não "daria uma flor ao cavalheiro", como a babá mandara. Não! Não! Não! Não daria! Cerrou os punhos e bateu o pé. O Sr. Bankes sentiu-se velho e triste e de' certa forma enganado sobre sua amizade, só por causa dela. Devia ter envelhecido e ficado enrugado.

Os Ramsays não eram ricos, e era um prodígio como conseguiam dar conta de tudo aquilo. Oito filhos! Alimentar oito filhos de filosofia! Lá adiante passeava outro deles, Jasper, que ia atirar num passarinho — como disse com indiferença ao passar, sacudindo a mão de Lily como uma alavanca de bomba, coisa que fez o Sr. Bankes comentar amargamente que era *ela* a favorita. Havia também a educação a ser considerada (era verdade que a Sra. Ramsay talvez possuísse alguns bens), sem falar da roupa diária, o gasto dos sapatos e das meias, de que esses "respeitáveis senhores", todos bem crescidos, angulosos, jovens despreocupados, deviam precisar. Quanto a ter certeza de quem eram, ou em que ordem vinham, estava além de sua capacidade. Chamava-os, na intimidade, pelos nomes dos reis e rainhas da Inglaterra: Cam a Perversa, James o Cruel, Andrew o Justo, Prue a Bela — pois Prue seria linda, pensou, e como poderia ser diferente? —, e Andrew seria inteligente. Enquanto caminhava pela estrada e Lily Briscoe dizia sim ou não e concordava com seus comentários (pois gostava de todos, amava o mundo), ele ponderava o caso de Ramsay, comiserava-se dele, invejava-o, como se o tivesse visto privar-se de todas as glórias do isolamento e austeridade que o coroaram na sua juventude, para se embaraçar definitivamente no alvoroço e na agitação dos problemas caseiros. Essas coisas davam algo a Ramsay, reconheceu William Bankes; teria sido agradável se Cam tivesse prendido uma flor no seu casaco ou subido em seu ombro, como fazia com o pai para olhar uma gravura do Vesúvio em erupção; mas seus velhos amigos não podiam deixar de sentir que se havia destruído alguma coisa. O que pensaria um estranho agora? O que essa Lily Briscoe pensava? Poderia alguém deixar de notar que Ramsay adquirira certos hábitos? Excentricidades, fraquezas talvez? Era surpreendente como um homem de seu intelecto conseguira decair tanto como ele fizera — mas essa era uma frase por demais rude — e que pudesse depender tanto da aprovação dos outros. — Oh,

mas pense na obra dele! — disse Lily. Sempre que ela "pensava" na obra dele, via claramente diante de si uma grande mesa de cozinha. Era por culpa de Andrew. Perguntara-lhe de que tratavam os livros do pai. "O sujeito e o objeto e a natureza da realidade", respondera Andrew. E quando ela exclamara: "Céus", pois não tinha a menor ideia do que isso significava, ele acrescentara: "Pense numa mesa de cozinha, então, quando você não está lá."

Assim, ela sempre via uma mesa de cozinha rústica, quando pensava na obra do Sr. Ramsay. Estava pousada agora na forquilha de uma pereira, pois tinham alcançado o pomar. E com um penoso esforço de concentração, focalizou sua mente, não nas pregas prateadas da casca da árvore ou nas folhas, que tinham a forma de peixes, mas em uma mesa de cozinha imaginária, uma dessas toscas mesas de madeira, ásperas e cheias de nós, cuja principal virtude parece ser a de terem sempre ficado ali, despojadas, durante anos de integridade muscular, com as quatro pernas ao vento. Naturalmente, se a vida de uma pessoa transcorresse na visão dessas essências angulares, na redução dessas noites maravilhosas com nuvens purpúreas, azuis e prateadas, a uma mesa de pinho com quatro pernas (e era um sinal da maior inteligência fazê-lo), naturalmente não se poderia julgar essa pessoa como alguém comum.

Agradou ao Sr. Bankes que ela lhe tivesse pedido que "pensasse na obra dele". Ele pensara nisso muitas e muitas vezes. Vezes sem fim dissera: "Ramsay é um desses homens que fazem o melhor de sua obra antes dos quarenta." Dera uma contribuição decisiva para a filosofia em um pequeno livro, quando tinha mais ou menos vinte e cinco anos; o que veio depois foi praticamente ampliação, repetição. Só que o número de homens que dão uma contribuição decisiva em qualquer sentido é muito pequeno, disse ele, parando ao lado da pereira, muito compenetrado, com seu ar escrupulosamente exato, perfeitamente judicial. Bruscamente, como se o movimento de sua mão tivesse libertado Lily do peso das impressões acumuladas, estas inflaram e rebentaram numa pesada avalanche com tudo o que ela sentia por ele. Era só uma sensação. Então, como uma fumaça, elevou-se a essência do ser do Sr. Bankes. E agora havia outra sensação. Sentia-se trespassada pela intensidade de sua percepção: era sua severidade; sua bondade. Eu o respeito (dirigia-se a ele em silêncio) em todos os seus átomos; você não é vaidoso; é extremamente altruísta; é mais dedicado que o Sr. Ramsay; é o melhor ser humano que conheço; não tem mulher nem filho (sem qualquer sentimento sexual, ela ansiava por confortar sua solidão), você vive para a ciência (involuntariamente prateleiras de batatas surgiram diante de seus olhos); elogiá-lo seria um insulto para você; é generoso, puro de coração, um homem heroico! Simultaneamente, porém, lembrou-se de que ele trouxera consigo um criado; que fazia objeções a cachorros subirem em cadeiras; que discorreria

durante horas (até que o Sr. Ramsay saísse da sala batendo a porta) sobre sal nas verduras e a abominação da cozinha inglesa.

Em que resultava tudo isso, então? Como julgar os outros, pensar sobre os outros? Como se acrescentava uma coisa à outra e se concluía que era afeto ou desafeto o que se sentia? E que sentido atribuir a essas palavras, afinal? Ela estava de pé, perto da pereira, aparentemente transportada e inundada pelas impressões sobre esses dois homens. Seguir o pensamento dela era como seguir a voz que fala rápido demais para que se possa tomar nota do que diz. E a voz era a sua própria dizendo, sem que lhe soprassem nada, coisas inegáveis, eternas, contraditórias, tanto que mesmo as fendas e saliências no tronco da pereira estavam irrevogavelmente fixadas ali por toda a eternidade. Você tem grandeza, continuou ela, e o Sr. Ramsay não. Ele é inferior, egoísta, vaidoso, egocêntrico; é temperamental; é um tirano; cansa a Sra. Ramsay até a morte; mas ele tem o que você (dirigia-se ao Sr. Bankes) não tem: é desapegado das coisas mundanas; não se importa com insignificâncias; gosta de cachorros e dos filhos. Tem oito. Você não tem nenhum. Não descera ele, uma dessas noites, com dois casacos nas costas, deixando que a Sra. Ramsay amparasse seu cabelo com uma bacia? Tudo isso rodava em sua mente, como um enxame de mosquitos, cada qual separado, mas todos maravilhosamente controlados por uma rede elástica e invisível — girava na mente de Lily, no meio e ao redor dos ramos da pereira, onde ainda se dependurava a imagem da tosca mesa de cozinha, símbolo de seu profundo respeito pela inteligência do Sr. Ramsay, até que seu pensamento, que rodopiara cada vez mais rápido, explodiu por sua própria intensidade; sentiu-se aliviada; um tiro partiu bem próximo, e surgiu, fugindo de seus estilhaços, num voo assustado, efusivo, tumultuado, um bando de estorninhos.

— Jasper! — exclamou o Sr. Bankes. Voltaram-se na direção de onde haviam voado os estorninhos, sobre o terraço. Seguindo a dispersão rápida dos pássaros no céu, atravessaram a passagem na sebe e depararam-se imediatamente com Ramsay, que se precipitou tragicamente sobre eles: "Alguém se equivocara!"

Os olhos deste, translúcidos de emoção, arrogantes de trágica intensidade, encontraram os deles por um segundo e pestanejaram à beira do reconhecimento; mas então, esboçando um gesto até o rosto, como para afastar, expulsar, numa angustiante e persistente vergonha, o olhar deles, que era absolutamente normal, Ramsay parecia implorar-lhes que refreassem por um momento o que ele sabia ser inevitável, como se impusesse a eles seu próprio ressentimento infantil por ter sido interrompido. Contudo, mesmo no momento da revelação, não seria

completamente destroçado, estava decidido a reter algo dessa deliciosa emoção — a impura rapsódia de que se envergonhava, mas com a qual se deleitava. Voltou-se abruptamente, batendo-lhes no rosto a porta de seu gabinete; Lily Briscoe e o Sr. Bankes, olhando o céu pouco à vontade, observaram que os estorninhos que Jasper desbaratara com sua espingarda foram se empoleirar em bandos no topo dos carvalhos.

--

[2 Someone had blundered. A brigada em questão foi dizimada por um ataque heroico, mas resultante de um erro na transmissão de uma ordem. \(N. da T.\)](#)

5

— E mesmo que amanhã o tempo não fique bom, ficará melhor noutro dia qualquer — disse a Sra. Ramsay, erguendo os olhos para dar uma espiadela em William Bankes e Lily Briscoe que passavam. — E agora — disse, pensando que o charme de Lily eram os olhos de chinesa, oblíquos no seu ros-tinho branco e enrugado; só que seria necessário um homem muito inteligente para descobrir isso. — E agora fique em pé quieto e deixe-me medir sua perna. — Pois, apesar de tudo, poderiam ir ao Farol, e tinha de verificar se a meia não precisava de uma ou duas polegadas a mais na perna.

Sorrindo, pois uma ideia admirável surgira em sua mente naquele mesmo instante — William e Lily deveriam casar-se —, pegou a meia em tons de urze e cuja boca tinha desenhos em pontos de cruz feitos com agulhas de aço, e a mediu sobre a perna de James.

— Meu querido, fique quieto — disse, pois James, no seu ciúme, não gostava de servir de modelo para o filho menor do faroleiro; agitava-se de propósito e, assim, como poderia ela ver se estava comprida ou curta demais?, perguntou.

Ergueu os olhos — que demônio possuía o filho menor, o seu querido? — e, vendo a sala, as cadeiras, achou-as terrivelmente maltratadas. Suas entranhas — como Andrew dissera há dias — estavam espalhadas pelo chão; mas então, perguntou-se, que vantagem havia em comprar boas cadeiras para deixá-las estragarem-se ali durante todo o inverno, quando a casa, com apenas uma velha para tomar conta, ficava literalmente encharcada de umidade? Não importava: o aluguel era precisamente de dois pences e meio; as crianças a adoravam; fazia bem ao marido ficar a trezentas milhas de sua biblioteca, das conferências e discípulos; e havia lugar para visitas." Esteiras, camas de campanha, carcaças desengonçadas de cadeiras e mesas, e cadeiras cujo tempo de utilidade em Londres terminara e que serviam bastante bem ali; uma fotografia ou duas, e livros. Livros, pensou, cresciam por si mesmos. Nunca tinha tempo para lê-los. Coitada! Nem mesmo os livros que lhe tinham sido dados e assinados pela mão do próprio poeta: "Para aquela cujos desejos devem ser obedecidos"... "À mais alegre Helena de nossos dias"... Era vergonhoso confessá-lo, mas nunca os lera. E Croom, escrevendo sobre o intelecto, e Bates, escrevendo sobre os costumes

selvagens da Polinésia (— Meu querido, fique quieto — disse), não se poderia mandar nenhum desses para o Farol. Imaginava que um dia a casa ficaria tão estragada que algo precisaria ser feito. Se eles conseguissem aprender a limpar os pés e não trazer areia para dentro de casa, já seria alguma coisa. Caranguejos ela tinha de permitir, enquanto Andrew quisesse realmente dissecá-los; e enquanto Jasper acreditasse que se poderia fazer sopa de algas, não se poderia evitá-las; nem os objetos de Rose: contas, juncos, pedras. Pois eram bem dotados, os seus filhos, só que de formas diferentes. E o resultado disso — suspirou, enquanto media a sala com os olhos, apoiando a meia na perna de James — era que a cada verão as coisas ficavam mais gastas. O tapete estava desbotado; o papel de parede descolava. Já não se podia dizer que havia rosas nele. Além disso, se todas as portas de uma casa são invariavelmente deixadas abertas, e nenhum serralheiro em toda a Escócia é capaz de consertar um ferrolho, é claro que as coisas se estragam. De que servia colocar um xale verde de caxemira sobre a moldura de um quadro? Em duas semanas ficaria da cor de sopa de ervilhas. Eram as portas que mais a aborreciam; todas as portas eram deixadas abertas. Punha-se à escuta. A da sala de visitas estava aberta; a do vestíbulo estava aberta; parecia que as do banheiro estavam abertas; e sem dúvida a janela que dava para o cais estava aberta, pois ela mesma a abrira. Era simples — janelas abertas, portas fechadas —, contudo, ninguém era capaz de se lembrar disso? Ela entraria nos quartos das empregadas, à noite, e os encontraria trancados como fornos, exceto o de Marie, a moça suíça, que preferiria passar sem um banho do que sem ar fresco; dissera que na sua terra "as montanhas são muito lindas". Dissera-o ontem, olhando pela janela com lágrimas nos olhos. "As montanhas são muito lindas." Seu pai estava à morte lá, sabia a Sra. Ramsay. Ia deixar os filhos órfãos. Ralhando e demonstrando (como fazer uma cama, como abrir uma janela, com mãos que adejavam como as de uma francesa), tudo se acomodava tranquilamente a seu redor quando a moça falava, da mesma forma que, depois de um voo através da luz solar, as asas de um pássaro se dobram tranquilamente e o azul de sua penugem muda de uma viva cor de aço para um púrpura suave. Permanecera parada em silêncio, pois não havia nada a dizer. Ele tinha câncer na garganta. Ao se lembrar de que ficara ali, de que a moça dissera: "Em casa as montanhas são muito lindas", e de que não havia esperança, nenhuma esperança, teve um acesso de irritação; falando severamente, disse a James: — Fique quieto. Não seja desagradável — e ele viu instantaneamente que sua severidade era real, endireitou a perna, e ela mediu a meia.

Estava curta demais, pelo menos em meia polegada, mesmo considerando o fato de que o filho menor de Sorley devia ser mais baixo que James. — Está

curta demais, está muito, muito curta — disse. Nunca alguém pareceu tão triste. Amarga e escura, a meio caminho nas trevas, sob o feixe de luz que fugia do sol para encerrar-se nas profundezas, talvez uma lágrima se tenha formado; e uma lágrima caiu; as águas agitaram-se de um lado para o outro e receberam-na, depois acalmaram-se. Nunca alguém pareceu tão triste.

Mas seria apenas a aparência?, perguntavam as pessoas. O que havia por trás de sua beleza, seu esplendor? Teria ele estourado os miolos, perguntavam, teria morrido na semana anterior do casamento — aquele outro amor, mais antigo, do qual se ouvira falar? Ou não havia nada? Nada além de uma incomparável beleza atrás da qual ela vivia e que nada conseguia perturbar? Em algum momento de intimidade — quando histórias de grandes paixões, de amores malogrados, de ambições contrariadas se apresentavam a ela — poderia ter contado sobre quem conhecera, ou o que sentira e passara, mas nunca dissera nada. Estava sempre em silêncio. Nesses instantes sabia — sabia sem ter aprendido. Sua simplicidade penetrava no que as pessoas hábeis falsificavam. A sinceridade de seu espírito a fazia dirigir-se às pessoas tão diretamente como um fio de prumo, e pousar sobre seu objetivo com a exatidão de um pássaro, dando-lhe normalmente uma versatilidade quanto à verdade que deleitava, tranquilizava, sustentava — falsamente talvez.

"A natureza tem muito menos argila do que aquela com que a moldou", dissera o Sr. Bankes certa vez, ao ouvir sua voz ao telefone, muito comovido, embora ela só lhe estivesse dando uma informação sobre um trem. Ele a imaginava do outro lado da linha, com seu ar grego e o nariz reto. Como parecia incongruente estar telefonando para uma mulher assim. As Graças, reunindo-se, pareciam ter-se dado as mãos em prados floridos de asfódelos para compor esse rosto. Sim, ele pegaria o trem das dez e meia em Euston.

"Mas ela sabe menos da própria beleza que uma criança", dissera o Sr. Bankes ao pousar o receptor, atravessando a sala para ver o progresso dos trabalhadores no hotel em construção atrás de sua casa. E pensou na Sra. Ramsay ao ver toda aquela agitação por entre as paredes inacabadas. Pois havia sempre algo incongruente a ser integrado na harmonia de seu rosto, pensou. Ela punha às pressas um chapéu de feltro; corria de galochas através do gramado para arrebatá-lo de uma travessura perigosa. Assim, se pensava apenas em sua beleza, precisava lembrar-se dessa vitalidade, dessa agitação (os operários carregavam tijolos por uma prancha enquanto os olhava), e integrá-las na sua imagem; ou caso se pensasse nela apenas como uma mulher, era preciso dotá-la de uma certa excentricidade idiossincrásica; ou supor nela um desejo latente de se libertar da realidade de sua forma, como se a sua beleza e tudo o que

os homens diziam sobre ela a aborrecessem, e ela quisesse ser tão-somente como os outros: insignificante. Ele não sabia. Precisava ir para o trabalho.

Enquanto tricotava a felpuda meia marrom-avermelhada, com sua cabeça recortada absurdamente pela moldura dourada, pelo xale que sobre ela lançara, e pela obra-prima autenticada de Miguelângelo, a Sra. Ramsay abrandou a rudeza de sua atitude do momento anterior, levantou a cabeça e beijou o filho na testa. — Vamos achar outra gravura para recortar — disse.

6

Mas o que sucedera? Alguém se equivocara.

Sobressaltando-se repentinamente, palavras que guardara no espírito sem a menor significação durante um longo tempo ganharam sentido. "Alguém se equivocara." Fixando os olhos míopes no marido, que agora recorria a ela, abatido, fixou-o até que sua proximidade lhe revelou (o ressoar apaziguou-se em sua cabeça) que alguma coisa sucedera, que alguém se equivocara. Contudo, por nada nesse mundo atentava no que fosse.

Ele tremia; ele estremecia. Toda a sua vaidade, toda a sua satisfação com seu próprio esplendor, a cavalgar, caiu como um raio; orgulhoso como um falcão à frente de seus homens através do vale da morte, foi arrasado, destruído. Bombardeados por tiros e granadas, cavalgamos bem e com coragem; irrompemos pelo vale da morte fulminados por rajadas — bem diante de Lily Briscoe e William Bankes. Ele estremecia; ele tremia.

Por nada nesse mundo ela teria falado com ele, percebendo, pelos sinais familiares — seus olhos perturbados e um certo recolhimento curioso de sua pessoa, como que se resguardando, necessitado da solidão para recuperar o equilíbrio —, que se sentia ultrajado e angustiado. Ela acariciou a cabeça de James; transferiu para ele o que sentia pelo marido e, enquanto o - observava colorindo de amarelo a camisa engomada de um senhor do catálogo das Lojas do Exército e da Marinha, pensou em que maravilha seria para ela se ele se tornasse um grande artista; e por que não se tornaria? Tinha uma esplêndida testa. Então, erguendo os olhos, quando o marido passava por ela mais uma vez, sentiu-se aliviada por descobrir que a ruína estava encoberta; a domesticidade triunfava; o hábito engrenava em seu ritmo suave. Assim, ao se aproximar outra vez, ele parou resolutamente à janela, curvou-se, caprichoso e zombeteiro, para fazer cócegas na perna despida de James com um ga-lhinho — e ela censurou-o por ter rechaçado "aquele pobre rapaz", Charles Tansley. Tansley tinha de entrar para escrever sua tese, respondeu ele.

— James também terá de escrever a *sua* tese um dia desses — acrescentou ironicamente, agitando o gravetinho.

Cheio de ódio pelo pai, James afastou o irritante galhinho, que ele roçava na perna despida do filho de uma forma que lhe era peculiar, composta de um

misto de severidade e humor.

Estava tentando acabar essas meias intermináveis para mandá-las ao filho menor de Sorley amanhã, disse a Sra. Ramsay.

Não havia a menor possibilidade de irem ao Farol amanhã, irrompeu o Sr. Ramsay irascivelmente.

Como podia sabê-lo?, perguntou ela. Frequentemente o vento mudava.

O extraordinário irracionalismo de sua observação, a ilogicidade da mente feminina o enraiveciam. Ele cavalgara através do vale da morte, fora arrasado e destroçado; e agora ela queria fugir à realidade dos fatos, e fazia seus filhos esperarem por algo absolutamente fora de propósito. Na verdade, mentia. Bateu o pé no degrau de pedra e gritou: Dane-se! Mas que dissera ela? Simplesmente que talvez o dia ficasse bonito no dia seguinte. E talvez ficasse mesmo.

Não com o barômetro caindo e o vento soprando do oeste.

Perseguir a verdade com uma falta de consideração pelos sentimentos dos outros tão impressionante, tão brutal, era para ela um ultraje tão horrível à decência humana que, sem responder, entorpecida e cega, baixou a cabeça como para deixar a saraivada de pedras, a enxurrada de água imunda respingá-la, sem qualquer censura. Não havia nada a dizer.

Ele permaneceu ao seu lado em silêncio. Por fim, humildemente, disse que poderia sair e perguntar aos guardas se quisesse.

Não havia ninguém a quem ela respeitasse tanto quanto a ele.

Estava pronta a acreditar na sua palavra, disse. Só que assim não precisavam fazer sanduíches, apenas isso. Vinham até ela, o dia inteiro, precisando de uma coisa ou outra, naturalmente, já que era mulher; cada um queria uma coisa; as crianças estavam crescendo; muitas vezes sentia que não passava de uma esponja encharcada, cheia de emoções humanas. Então ele dissera: "Dane-se" e "Deve chover". E quando ele dissera: "Não choverá", instantaneamente um céu de segurança se estendeu diante dela. Não havia ninguém a quem respeitasse mais. Sentia que não era boa o bastante para amarrar o cordão de seus sapatos.

Já envergonhado de sua petulância, da gesticulação de suas mãos quando comandava, à frente de suas tropas, o Sr. Ramsay ainda uma vez roçou, bastante humildemente, as pernas despidas de seu filho e, depois, como se ela lhe tivesse dado permissão para tal — com um movimento que estranhamente lembrou à sua mulher um grande leão-ma-rinho no jardim zoológico, dando uma guinada para trás após engolir e partindo com dificuldade, fazendo a água do tanque mexer de um lado para outro —, mergulhou no ar noturno que, já menos espesso, privava as folhas e as sebes de sua forma, mas, como que em troca, restituía às rosas e aos cravos um brilho que não haviam tido durante o dia.

— Alguém se equivocara — tornou a dizer, andando com largas passadas para cima e para baixo no terraço.

Mas como seu tom mudara! Era como o cuco que "em junho começa a desafinar"; como se tentasse descobrir uma frase condizente com seu novo estado de espírito, e só conseguindo encontrar esta, usava-a, embora estivesse desafinando. Mas soava ridículo: "Alguém se equivocara", dito assim, quase como uma pergunta, sem qualquer convicção, melodiosamente. A Sra. Ramsay não pôde deixar de sorrir, e logo, andando de cima para baixo, ele passou a cantarolar e por fim silenciou.

Estava a salvo e protegido em si mesmo. Parou para acender o cachimbo, olhou uma vez a mulher e o filho à janela e — como alguém viajando num trem expresso, que levanta os olhos de uma página e vê uma fazenda, uma árvore, um amontoado de chalés, como uma ilustração, uma confirmação de um texto impresso, ao qual retorna fortalecido e satisfeito — sem distinguir a mulher, ou o filho, sua visão o fortaleceu e o satisfez, permitindo que seu esforço fosse consagrado, atingindo uma compreensão perfeitamente clara do problema que agora ocupava as energias de seu esplêndido cérebro.

Pois tratava-se de um cérebro esplêndido. Se o pensamento é como o teclado de um piano, dividido em muitas notas, ou como o alfabeto, arrumado em vinte e seis letras, bem ordenadas, seu esplêndido cérebro não tinha a menor dificuldade em percorrer essas letras, uma por uma, resoluta e primorosamente, até alcançar, digamos, a letra Q. Ele alcançava Q. Muito poucas pessoas em toda a Inglaterra chegam a alcançar Q. Nesse momento, detendo-se por um instante perto do vaso de pedra onde estavam os gerânios, viu, mas não muito longe — como crianças catando conchas, divinamente inocentes e ocupadas com pequenas insignificâncias a seus pés, e de certa forma completamente indefesas contra um destino que ele percebia —, a mulher e o filho juntos à janela. Eles precisavam de sua proteção, e isso ele lhes dava. Mas depois de Q? O que vinha? Depois de Q havia um sem-número de letras, a última delas quase invisível a olhos mortais, reluzindo a distância, vermelha. Z só é alcançada uma vez, por um homem, em cada geração. Porém, se pudesse alcançar R, já seria alguma coisa. Pelo menos, aqui estava o Q. Fincou os pés em Q. Estava seguro do Q. Poderia demonstrar o Q. Se Q é Q-R... — aqui ele esvaziou o cachimbo com duas ou três pancadinhas ressoantes na alça de chifre de carneiro do vaso e prosseguiu. "Então R..." Endireitou-se. Contraiu-se.

Qualidades que teriam salvo toda uma tripulação exposta ao mar agitado, com apenas seis biscoitos e uma garrafa d'água — resistência, justiça, precisão, devoção, habilidade — vinham em seu auxílio. R é então... o que é R?

Algo se encobria — como a pálpebra encouraçada de um lagarto — e

pestanejava sob a intensidade de seu olhar, obscurecendo a letra R. Nesse segundo de escuridão ele ouviu pessoas dizendo: você é um fracasso. R ficava além de seu alcance. Nunca alcançaria R. Adiante em direção ao R, mais uma vez. R...

Qualidades que, numa expedição solitária através das desoladas extensões geladas do Ártico, tê-lo-iam feito o capitão, o guia, o conselheiro, cujo caráter, nem ardente nem desalentado, presidiria com equanimidade e encararia o inevitável, viriam em seu auxílio mais uma vez.

O olho do lagarto pestanejou de novo. As veias de sua testa intumesceram. O gerânio no vaso tornou-se surpreendentemente visível e destacado entre as folhas; podia ver, sem o desejar, a velha, a óbvia distinção entre as duas espécies de homens; de um lado os que avançam com força sobre-humana e, com esforço e perseverança, repetem o alfabeto inteiro, ordenadamente, vinte e seis letras ao todo, do começo ao fim; do outro lado os bem-dotados, os inspirados que, miraculosamente, vislumbram todas as letras de uma só vez, numa única visão — o caminho dos gênios. Ele não era genial; e não tinha nenhuma pretensão quanto a isso; mas tinha, ou poderia ter, a capacidade de repetir cada letra do alfabeto, de A a Z, primorosamente em ordem. Enquanto isso, fincou-se em Q. Adiante, então, em direção ao R.

Sentimentos que teriam desonrado um capitão — que agora, com a neve começando a cair, e o topo da montanha encoberto pela bruma, sabe que deve deitar-se e morrer antes que chegue a manhã — abateram-se sobre ele, empalidecendo a cor de seus olhos, dando-lhe, mesmo naqueles dois minutos de seu passeio pelo terraço, o ar esbranquiçado e emurchecido da velhice. Ainda assim, não se deitaria; arranjará um rochedo, e lá, os olhos fixos na tormenta, tentando penetrar na escuridão, até o fim, morreria de pé. Nunca alcançaria R.

Permaneceu de pé, fincado no chão, junto ao vaso, onde flutuava o gerânio. Mas, afinal, quantos homens em um bilhão, perguntou-se, alcançam Z? Certamente o capitão dos soldados desesperados pode se perguntar isso, e responder, sem trair o batalhão atrás de si: "Um, talvez." Um em cada geração. Deveria ser culpado então, se não era ele esse um, uma vez que trabalhara honestamente e dera o melhor de si, até que nada mais lhe restara para dar? E quanto duraria sua fama? É permissível, mesmo a um herói à beira da morte, pensar, antes de morrer, que os homens falarão dele dali por diante. Sua fama duraria dois mil anos talvez. E que são dois mil anos (perguntou o Sr. Ramsay ironicamente, mirando a sebe)? O que são, na verdade, se você olha do alto de uma montanha para o longo passar dos séculos? Até mesmo a pedra que a pessoa chuta com a bota perdurará além de Shakespeare. Sua pequena luz brilharia, mas não muito, por um ano ou dois, e depois se fundiria em alguma luz maior, e esta

numa ainda maior. (Olhou para dentro da escuridão, para dentro do emaranhado dos ramos.) Então, quem poderia culpar o capitão desse batalhão desesperado — que, afinal, subira suficientemente alto para ver o passar dos anos e o findar das estrelas — se, antes da morte, enrijecesse suficientemente os membros para não mais poder movimentá-los e erguesse com alguma solenidade os dedos entorpecidos até a fronte, endireitasse os ombros, para que, quando o esquadrão de salvamento chegasse, o achasse morto em seu posto, bela figura de soldado? O Sr. Ramsay endireitou os ombros e parou, muito correto, perto do vaso.

Quem o culparia se, detendo-se assim de pé por um instante, se preocupasse com a fama, com esquadrões de salvamento, com as pirâmides que seus discípulos agradecidos ergueriam sobre seus ossos? Por fim, quem culparia o capitão da esquadra condenada se, tendo-se aventurado ao máximo e esgotado toda a sua força, e tendo adormecido sem pensar muito se acordaria ou não, agora percebesse, por uma comichão nos dedos dos pés, que ainda vivia? Em geral, não tinha objeção alguma quanto a viver; exigia apenas simpatia e uísque, e alguém para ouvir a história de seu sofrimento naquele mesmo instante. Quem o culparia? Quem não se rejubilaria secretamente quando o herói tirasse sua armadura e, parando junto à janela, olhasse sua mulher e seu filho — a princípio muito distantes, mas gradualmente se aproximando cada vez mais, até que lábios, livro e cabeça surgissem nitidamente diante de si, embora ainda adoráveis e estranhos devido à intensidade da solidão dele, o passar dos séculos e o findar das estrelas —, e, finalmente, colocando o cachimbo no bolso, curvasse sua magnífica cabeça diante da mulher, quem o culparia se ele prestasse homenagem à beleza do mundo?

Mas seu filho o odiava. Odiava-o por se ter aproximado deles, por ter parado e olhado para eles. Odiava-o por tê-los interrompido; odiava-o pela exaltação e grandeza de seus gestos; pela magnificência de sua cabeça; pela sua exigência e egoísmo (pois ali estava ele, exigindo-lhes atenção); mas, acima de tudo, odiava o escárnio, a afetação e a emoção de seu pai, cujas vibrações perturbavam a simplicidade perfeita, o bom senso de sua relação com a mãe. Olhando fixamente a página, esperava com isso fazê-lo retirar-se; apontando uma palavra, esperava chamar outra vez a atenção da mãe para si, pois sabia, irritado, que esta começara a vacilar desde o instante em que o pai chegara. Mas não. Nada faria o Sr. Ramsay sair dali. Ali estava ele, exigindo compreensão.

A Sra. Ramsay, que até então se sentara descontraída-mente, abraçando o filho, empertigou-se e, voltando-se um pouco, pareceu se soerguer com esforço e imediatamente irradiar uma chuva de energia, um jato de espuma. Parecia ao mesmo tempo animada e viva, como se todas as suas energias estivessem sendo fundidas numa única força, ardendo e iluminando (embora se achasse tranquilamente sentada, retomando mais uma vez suas meias), e nessa deliciosa fecundidade, nessa fonte e jorro de vida, a esterilidade fatal do macho se lançou, como um bico de cobre, estéril e nu. Ele queria compreensão. Ele era um fracasso, disse. A Sra. Ramsay agitou as agulhas. O Sr. Ramsay repetia, sem despregar os olhos do rosto dela, o que ele queria. Ela devolveu-lhe as palavras em pleno rosto. "Charles Tansley..." disse. Mas ele precisava mais do que isso. Era compreensão o que ele queria; que, antes de tudo, lhe convencessem de sua genialidade, e então que o trouxessem de volta ao âmago da vida, aquecido e reconfortado, para que seus sentidos lhe fossem restituídos, sua aridez fertilizada, e todos os cômodos da casa abarrotados de vida — a sala de visitas e, atrás da sala de visitas, a cozinha; acima da cozinha, os quartos; e além deles, os quartos das crianças; precisavam todos ser mobiliados, precisavam ser abarrotados de vida.

Charles Tansley o achava o maior metafísico de seu tempo, disse ela, mas

ele precisava mais do que isso. Precisava de compreensão. Precisava que o convencessem de que ele também vivia no âmago da vida; que era necessário; não apenas ali, mas no mundo todo. Agitando as agulhas, confiante, correta, ela criou a sala de estar e a cozinha, e as iluminou; convidou-o a acomodar-se lá, entrar e sair, divertir-se. Ela ria e tricotava. De pé, entre seus joelhos, James, rígido, sentiu toda a força dela emergindo e sendo tragada e dissipada pelo bico de cobre, pela árida cimitarra do macho, que feria impiedosamente, incessantemente, ávida de compreensão.

Ele era um fracasso — repetia. Bem, então veja, compreenda. Agitando as agulhas, olhando de relance a seu redor, pela janela, a sala, e o próprio James, ela lhe assegurou, gurou, para além de qualquer sombra de dúvida, por seu riso, seu equilíbrio, sua competência (como a ama, carregando uma luz através do quarto escuro, conforta uma criança agitada), que tudo era real; a casa estava íntegra; ventava no jardim. Se ele depositasse uma fé implícita nela, nada o atingiria, não importa quão fundo ele naufragasse ou quão alto subisse, nem por um segundo ele se veria sem ela. Assim, vangloriando-se de sua capacidade de vigiar e proteger, quase nada restava de si com que ela pudesse se reconhecer, tanto se prodigalizara e dissipara-; e James, sentado rígido entre seus joelhos, sentiu-a desabrochar numa árvore carregada de frutos, de flores rosadas, com folhas e galhos balouçantes, em meio à qual o bico de cobre, a árida cimitarra do pai, o homem egoísta, cravava-se e golpeava, ávida de compreensão.

Refeito pelas palavras dela, restabelecido, renovado, disse, por fim, olhando-a com humilde gratidão — como uma criança que adormece satisfeita —, que iria dar uma volta; iria olhar as crianças jogando críquete. E se foi.

Imediatamente a Sra. Ramsay pareceu dobrar-se em copas, como se uma pétala se fechasse sobre a outra e todo o conjunto tombasse exaurido sobre si mesmo, tanto que ela mal tinha força para mexer o dedo, num delicioso abandono ao cansaço, por sobre a página da história fantástica de Grimm, enquanto palpitava através dela — como a vibração de uma mola retesada ao máximo e que agora cessasse suavemente de pulsar — o êxtase da criação, vitoriosa.

Cada uma das vibrações desse pulsar, enquanto ele se afastava, parecia uni-la a seu marido e dar a cada um deles a consolação que duas notas diferentes, uma grave, outra aguda, feridas ao mesmo tempo, se dão uma à outra quando se combinam. Contudo, quando a ressonância se desvaneceu e ela retornou à história de fadas, a Sra. Ramsay sentiu-se exausta, não apenas no corpo (afinal, não era só precisamente naquele instante, pois sempre sentia isso); também toldava sua fadiga física uma leve sensação desagradável, que tinha outra

origem. Não era isso; enquanto lia em voz alta a história da Mulher do Pescador, sabia exatamente de onde aquilo advinha, mas não se permitiu expressar seu desagrado quando percebeu — ao virar a página, parando e ouvindo o som surdo e ameaçador de uma onda quebrando — que aquilo advinha disto: não gostava, nem por um instante, de sentir-se melhor que o marido. Além do mais, não podia suportar sua própria incerteza quanto à veracidade de suas palavras, ao falar-lhe. As universidades e as pessoas que o procuravam, as conferências e os livros — nem por um instante duvidava da máxima importância de tudo isso; era sua relação, e o modo como ele se aproximava dela, assim, abertamente, de tal forma que todos podiam ver, que a perturbavam. Pois as pessoas diziam que ele dependia dela, quando deveriam saber que, dos dois, era ele o infinitamente mais importante, e que, comparada a ele, o que ela dava ao mundo era desprezível. E havia também outra coisa: ela não era capaz de contar-lhe a verdade; receava, por exemplo, o estado do telhado da estufa e o custo de seu conserto — talvez umas cinquenta libras; e no que dizia respeito a seus livros: temia que ele percebesse O que ela suspeitava: que o seu último livro não era exatamente o melhor (descobriria isso através de William Banhes); e, depois, havia os pequenos problemas cotidianos que era preciso esconder e que as crianças percebiam e que pesavam sobre todos — tudo isso diminuía a alegria perfeita,] a pura alegria das duas notas soando juntas, e fazia com que o som se desvanecesse em seu ouvido, com uma horrível insipidez.

Havia uma sombra sobre a página; ergueu os olhos. Era Augustus Carmichael passando, com seu andar bamboleante, precisamente agora, exatamente no instante em que lhe era tão doloroso lembrar-se de que as relações humanas são falhas e não resistiam ao exame a que ela as submetia em meio ao amor por seu marido e com sua ânsia de veracidade; no instante em que lhe era penoso sentir-se convencida da sua indignidade e impedida de cumprir suas funções devido a essas mentiras, esses exageros — foi nesse instante, quando se agitava tão ignominiosamente no despertar de sua exaltação, que o Sr. Carmichael passou, com seus chinelos amarelos, e algum demônio dentro dela obrigou-a a gritar, quando ele passava:

— Já vai entrar, Sr. Carmichael?

Ele não disse nada. Tomara ópio. As crianças diziam que tingia a barba de louro com ópio. Talvez. O que lhe parecia óbvio é que o pobre homem era infeliz, e vinha para ali todos os anos como uma fuga; e mesmo assim, a cada ano ela sentia a mesma coisa: ele não confiava nela. Dizia-lhe: "Vou à cidade. Quer selos, papel, fumo?" e o sentia estremecer. Não confiava nela. Era por culpa da mulher dele. Lembrava-se de sua perversidade para com ele, o que a fez sentir-se rígida e penalizada naquele terrível quartinho em St. John's Wood, quando vira, com seus próprios olhos, aquela odiosa mulher colocá-lo porta afora. Ele era descuidado; derramava coisas no casaco; tinha o cansaço de um velho sem nada para fazer da vida; e ela o pusera porta afora. Ela dissera, com seus modos odiosos: "Agora a Sra. Ramsay e eu queremos conversar", e a Sra. Ramsay pôde ver assim, com seus próprios olhos, as inúmeras infelicidades de sua vida. Teria ele dinheiro suficiente para comprar fumo? Teria de pedi-lo? Meia coroa? Dezoito pences? Oh, ela não podia suportar o pensamento das pequenas indignidades que ela lhe impusera. E sempre, agora (por quê, não conseguia descobrir, exceto que provavelmente se devia, de alguma forma, àquela mulher), ele fugia dela. Nunca lhe contava nada. Mas o que mais podia fazer? Ela lhe reservava um quarto ensolarado. As crianças eram boas para ele. Nunca lhe mostrava o menor sinal de repúdio. Na verdade, ela se desviava de seu caminho apenas para ser gentil. Quer selos, quer fumo? Aqui está um livro de que deverá gostar, etc. E afinal — afinal (aqui se contraiu insensivelmente, pois a noção de sua beleza tornou-se-lhe presente, coisa que acontecia poucas vezes), afinal geralmente não tinha dificuldade alguma em fazer as pessoas gostarem dela; por exemplo, George Manning; o Sr. Wallace; famosos como eram, se aproximariam dela tranquilamente à noite para conversarem sozinhos junto ao fogo. Ela trazia consigo, sem que pudesse se impedir de sabê-lo, a tocha da beleza; e a carregava aprumada, em qualquer sala que entrasse; e, afinal, embora quisesse escondê-la ou recuar diante da monotonia que lhe impunha carregá-la, sua beleza era evidente. Fora admirada. Entrara em salas onde se sentavam pessoas de luto. Lágrimas correram em sua presença. Homens, e também mulheres, esquecendo-se por um instante da multiplicidade das coisas, se permitiram sentir com ela o alívio da simplicidade. Ofendia-a que ele lhe fugisse. Magoava-a. E ainda, fugia-lhe de forma errada, incorreta. Era isso que a

importunava, vindo exatamente depois do desgosto que seu marido lhe dera; era esta a sua sensação agora que o Sr. Carmichael passava, bamboleante, apenas sacudindo a cabeça como resposta à sua pergunta, com um livro debaixo do braço e os chinelos amarelos: ele desconfiava dela; e todo esse seu desejo de dar, de ajudar, não era senão vaidade. Era para sua auto-satisfação que queria tão instintivamente dar, ajudar, para que as pessoas dissessem: "Oh, a Sra. Ramsay! a querida Sra. Ramsay... a Sra. Ramsay, decerto!" e precisassem dela, e a chamassem e a admirassem? Não era isso que queria secretamente? E por isso, quando o Sr. Carmichael fugia dela, como fez naquele momento, refugiando-se em algum canto onde comporia versos acrósticos sem fim, não se sentia repudiada apenas em seu instinto, mas consciente da mesquinhaaria que havia em alguma parte dentro dela e da imperfeição dos relacionamentos humanos, e de como as pessoas eram desprezíveis e egoístas, por mais que se esforçassem. Velha e gasta, já não sendo, presumivelmente, uma visão que enchesse os olhos de alegria (suas faces estavam cavas, o cabelo branco), seria melhor que devotasse seu espírito à história do Pescador e sua Mulher, e assim acalmasse esse feixe de sensibilidade que era seu filho James (pois nenhum de seus filhos era tão sensível quanto ele).

— "O coração do homem se entristeceu" — leu em voz alta —; "ele não queria. Disse consigo mesmo: — Não é direito — mas mesmo assim, foi. E quando chegou ao mar, a água estava púrpura e azul-marinho, cinzenta e espessa — e não mais verde e amarela — mas ainda tranquila. Ficou ali e disse..."

A Sra. Ramsay desejaria que seu marido não tivesse escolhido aquele instante para se deter. Por que não foi olhar as crianças jogarem críquete, como dissera? Mas ele não falava; olhava, concordava, aprovava; continuou andando. Prosseguia, vendo diante de si aquela sebe que, vez após vez, ilustrara alguma incerteza, significara alguma conclusão, vendo a mulher e o filho, vendo de novo os vasos com os gerânios vermelhos enfileirados, que tantas vezes ornamentaram sequências de pensamento e que as traziam escritas entre suas folhas, como se fossem pedaços de papel em que se rabisca notas, na pressa da leitura — prosseguiu, vendo tudo isso, se deixando suavemente deslizar numa especulação sugerida por um artigo do *Times* sobre o número de norteamericanos que visitam a casa de Shakespeare todos os anos. Se Shakespeare nunca houvesse existido — perguntou-se — seria hoje o mundo muito diferente do que é? Será que o progresso da civilização depende dos grandes homens? Seria o destino do ser humano médio melhor hoje do que no tempo dos Faraós? Contudo, continuou se indagando, será o destino do ser humano médio o critério para julgarmos a civilização? Possivelmente não. Possivelmente o bem-estar da humanidade exige a existência de uma classe de escravos. O ascensorista do

metrô é uma necessidade eterna. Esse pensamento lhe foi desagradável. Sacudiu a cabeça. Para evitá-lo, acharia algum modo de se opor à superioridade das artes. Argumentaria que o mundo existe para o ser humano médio, que as artes são mera decoração imposta à vida humana e que não a expressam. Nem Shakespeare é necessário. Sem saber precisamente por que queria desprezar Shakespeare e chegar à libertação daquele homem que fica eternamente à porta do elevador, arrancou bruscamente uma folha da sebe. Teria de repassar tudo isso aos jovens de Cardiff, no próximo mês, pensou; aqui, em seu terraço, estava somente acumulando as provisões, fazendo um piquenique (atirou fora a folha que pegara tão ansiosamente), como um homem que se estica, no seu cavalo, para pegar um ramo de rosas ou encher os bolsos com nozes, trotando à vontade através das planícies e campos de um lugar conhecido desde a infância. Tudo lhe era familiar; essa curva, essa cancela, aquele atalho através dos campos. Passaria horas seguidas numa noite pensando assim, com seu cachimbo, vagando de um lado para o outro nas velhas e familiares planícies e pastos que identificava pela história de uma campanha aqui, a vida de um homem de estado mais adiante, por poemas e anedotas, e também por figuras ilustres, por este pensador, aquele soldado; tudo muito rápido e claro; mas por fim a planície, o campo, o pasto, a noqueira cheia de frutos e a sebe florida o levavam além da curva da estrada, onde sempre desmontava do cavalo, amarrava-o a uma árvore e prosseguia a pé, sozinho. Chegava à extremidade do gramado e olhava a baía, embaixo.

Era seu destino, sua peculiaridade, desejasse-o ou não, vir dar assim naquela ponta de terra que o mar roía vagarosamente, e ficar ali, como um pássaro marinho desgarrado e só. Era seu poder, seu dom, dispersar todas as superficialidades, encolher e diminuir, parecendo mais despojado e se sentindo até fisicamente poupado, sem contudo perder nada da intensidade de sua mente. Permanecendo de pé ali, naquela ponta de terra, voltado para a escuridão da ignorância humana, pensava que nada sabemos, e como o mar corrói o solo onde estamos — era este seu destino, seu dom. Mas tendo se libertado, ao desmontar do cavalo, de todos os gestos e superficialidades, todos os troféus de nozes e rosas, tendo mirrado tanto, que se esquecera não só da fama, como também de seu próprio nome, manteve, mesmo naquele deserto, uma vigilância que não dispensava nenhuma imagem, nem se dispersava em visão alguma, e era por esse aspecto que infundia em William Bankes (intermitentemente) e em Charles Tansley (obsequiosamente) e agora em sua mulher — quando ela erguia os olhos e o via de pé na extremidade do gramado — uma reverência, uma compreensão e uma gratidão profundas; assim também a estaca espetada num canal, onde pousam as gaivotas e as ondas quebram, inspira um sentimento de gratidão em alegres barcos de carga por ter tomado somente a si o encargo de marcar o

caminho ali, no meio da correnteza.

— Mas o pai de oito filhos não tem outra alternativa... — murmurou a meia-voz. Deteve-se, voltou-se, suspirou e, erguendo os olhos, procurou a figura de sua esposa contando histórias para seu filho pequeno; encheu o cachimbo. Fugiu à visão da ignorância humana, do destino humano e do mar corroendo a terra onde pisamos, que, fosse ele capaz de encarar fixamente, talvez tivesse levado a algum resultado; e encontrou consolo em insignificâncias tão pequenas, se comparadas com o magnífico tema que tivera diante dos olhos ainda há pouco, que se sentiu inclinado a reprovar esse consolo, desvalorizá-lo, como se o fato de ser apanhado feliz num mundo de misérias, para um homem honrado, constituísse o mais desprezível dos crimes. Era verdade; ele era quase completamente feliz; tinha sua esposa; tinha seus filhos; prometera que dali a seis semanas diria "algumas tolices" aos jovens de Cardiff sobre Locke, Hume, Berkeley e as causas da Revolução Francesa. Mas isso, e o prazer que lhe proporcionava, as frases que compunha, o ardor da juventude, a beleza de sua mulher, as homenagens que lhe mandavam de Swansea, Cardiff, Exeter, Southampton, Kidderminster, Oxford, Cambridge — tudo tinha de ser desvalorizado e dissimulado sob a frase "dizer tolices", porque, com efeito, não fizera o que poderia ter feito. Era um disfarce; era o refúgio de um homem que temia se apoderar de seus próprios sentimentos, que não podia dizer: É disso que gosto, é isto o que sou; e isso parecia bastante lastimável e desagradável a William Bankes e Lily Briscoe, que se perguntavam por que ele precisava dessas dissimulações; por que precisava sempre de elogios; por que um homem tão valente no terreno do pensamento era tão tímido na vida; e como ele era estranhamente respeitável e ridículo ao mesmo tempo.

Ensinar e pregar ultrapassam as forças humanas, suspeitava Lily. (Estava guardando suas coisas.) Os que aspiram muito alto acabam se dando mal. A Sra. Ramsay dava com facilidade demais tudo o que ele lhe pedia. Por isso é que a mudança deve ser tão perturbadora — continuou Lily. Sai de seus livros e nos encontra jogando e dizendo tolices. Imagine o contraste entre isso e as coisas que pensa.

Ele caminhava na direção deles. De repente se deteve e, estático, ficou olhando o mar, em silêncio. Agora se voltou, e afastou-se novamente.

9

Sim, disse o Sr. Bankes, vendo-o afastar-se. Era terrível (Lily dissera alguma coisa sobre como ele a assustava ao mudar de estado de espírito tão repentinamente). Sim, disse o Sr. Bankes, era terrível que Ramsay não conseguisse se comportar como as outras pessoas (pois gostava de Lily Briscoe; podia discutir sobre Ramsay com ela com toda a franqueza). Por essa razão — continuou — é que os jovens não leem Carlyle: acham-no um jogador velho e rabugento, que perde a calma sem a menor razão. Com que direito ele nos faz pregações? — era isso que o Sr. Bankes entendia como a opinião dos jovens modernos. Era terrível pensar — como ele fazia — que Carlyle foi um dos grandes pregadores da humanidade. Lily ficou envergonhada de confessar que não lia Carlyle desde que saíra do colégio. Mas em sua opinião as pessoas ainda gostavam mais do Sr. Ramsay por ele achar que uma pequena dor no dedo mindinho era o fim do mundo. Mas não era isso que a importunava. Pois quem se deixaria enganar por ele? Pedia abertamente a todos que o admirassem, e seus pequenos rodeios não enganavam a ninguém. Ela não gostava era de sua intolerância, sua cegueira, disse, seguindo-o com os ; olhos.

— Um tanto hipócrita talvez? — sugeriu o Sr. Bankes, olhando também as costas do Sr. Ramsay, pois não estava pensando na sua amizade por Cam, no fato de ela ter se negado a lhe dar uma flor, e em todos esses meninos e meninas, e em sua própria casa, muito confortável, mas, desde a morte de sua mulher, tão silenciosa? Claro, tinha seu trabalho... De qualquer forma, bem que gostaria de ouvir Lily concordar que Ramsay era, conforme afirmara, "um tanto hipócrita".

Lily continuou guardando os pincéis, erguendo e baixando os olhos. Ao levantar a cabeça, ela via o Sr. Ramsay, caminhando em sua direção, num andar incerto, descuidado, o ar ausente, distante. Um tanto hipócrita?, repetiu ela. Oh, não, o mais sincero dos homens, o mais honesto (lá estava ele), o melhor; mas, baixando os olhos, pensou: ele é egoísta, tirânico, injusto; e continuou com os olhos baixos propositadamente, pois somente assim poderia manter-se imperturbável entre os Ramsays. No momento em que ela os erguia e os via, sentia-se inundada pelo que chamava de "estado de amor". Passavam a fazer parte do universo irreal, mas penetrante, que é o mundo visto através dos olhos

do amor. O céu se ligava a eles; os pássaros cantavam através deles. E, o que era ainda mais emocionante, além disso ela sentia — ao ver o Sr. Ramsay derrotado, retirando-se abatido, e a Sra. Ramsay sentada com James à janela e a nuvem movendo-se e a árvore dobrando-se — que a vida, por ser composta dos pequenos incidentes insignificantes que uma pessoa vive um a um, se tornava contínua e completa, como uma onda que a tivesse alçado com ela e depois a lançado de novo na areia da praia, ao quebrar-se.

O Sr. Bankes aguardava sua resposta. E, quando ela estava para criticar a Sra. Ramsay, dizendo que também ela era temível a seu modo, arbitrária, ou uma coisa desse gênero, o Sr. Bankes sentiu um tal enlevo que lhe tornou inteiramente desnecessário falar. Pois era enlevo o que sentia, considerando-se sua idade — mais de sessenta —, sua correção, seu desprendimento e a aura científica que parecia envolvê-lo. Pois o olhar que Lily o viu dirigir à Sra. Ramsay era, nele, um enlevo equivalente, sentiu ela, ao amor de dúzias de jovens (e talvez a Sra. Ramsay nunca tivesse despertado o amor de dúzias de jovens). Era amor, pensou, fingindo mexer na tela, amor destilado e filtrado; amor que nunca chegou a apreender seu objeto; mas que, como o amor que os matemáticos têm por seus símbolos ou os poetas por suas frases, deveria se espalhar por todo o mundo e se tornar parte do quinhão universal. E assim era. O mundo poderia ter compartilhado desse amor amplamente, se o Sr. Bankes tivesse conseguido dizer por que aquela mulher lhe agradava tanto; por que, ao vê-la sentada e lendo um conto de fadas para o filho, ela exercia sobre ele exatamente o mesmo efeito que a solução de um problema científico, fazendo-o permanecer em contemplação, com uma sensação semelhante à que tinha ao chegar a alguma conclusão irrefutável sobre o sistema digestivo das plantas, vencendo a barbárie e subjugando o reino do caos.

Tal enlevo — pois de que outra forma se podia chamá-lo? fez Lily Briscoe esquecer-se completamente do que ia dizer. Não era nada de importante; algum comentário sobre a Sra. Ramsay, que se desvanecera diante desse "enlevo", desse olhar silencioso, pelo qual se sentiu imensamente grata; pois nada a consolava tanto, diminuía tanto sua perplexidade diante da vida, como esse poder sublime, esse dom celestial. E, enquanto durasse, ninguém pensaria em perturbá-lo, bem como a essa fímbria de luz derramando-se pelo chão.

Enlevava-a que as pessoas se amassem assim, ajudava-a que o Sr. Bankes sentisse tudo isso pela Sra. Ramsay. Olhou-o meditativa enquanto secava, um a um, os pincéis num trapo, propositadamente servil. Ela se refugiou na reverência devotada a todas as mulheres e se sentiu lisonjeada. Que olhasse. Ela mesma daria uma espiadela em seu quadro. Poderia chorar. Estava ruim, ruim,

infinitamente ruim! Pol deria tê-lo feito completamente diferente, não há dúvida; a cor poderia ser mais fluida e desmaiada; as formas, mais etéreas — assim o teria visto Paunceforte. Mas ela não o via assim. Via a cor queimando numa moldura de aço; aí luz da asa de uma borboleta pousada nos arcos de uma catedral. De tudo isso, restavam somente uns poucos traços riscados ao acaso no restante da tela. E esta nunca seria vistas nem mesmo dependurada. E ali estava o Sr. Tansley sussurrando no seu ouvido: "As mulheres não sabem pintar, as mulheres não sabem escrever..."

Agora se recordou do que pretendia dizer sobre a Sra. Ramsay. Não sabia como o expressaria, mas seria algo crítico. Tinha-se irritado, uma noite dessas, com certa arbitrariedade por parte dela. Enquanto olhava na mesma direção que o Sr. Bankes, pensava, mulher alguma reverenciaria outra mulher como ele o fazia; a elas restava apenas abrigar-se à sombra que o Sr. Bankes estendia a ambas. Seguindo o olhar do Sr. Bankes, e emprestando-lhe sua maneira de ver, pensou que a Sra. Ramsay (curvada sobre o livro) era, sem dúvida, a mais adorável, talvez a melhor das pessoas; mas também diferente daquela forma perfeita que se via ali. Mas em que e por que diferente?, perguntou-se, raspando de sua palheta todos os montículos de azul e verde que lhe pareciam agora apenas massas inertes. Contudo, esperava inspirá-las, forçá-las a se mover e flutuar e de novo a obedecer-lhe, no dia seguinte. Em que ela era diferente? Que havia de espiritual, de essencial nela, a ponto de, se encontrassem uma luva no canto do sofá, saberiam, devido a um dedo torcido, que era incontestavelmente dela? Era como um pássaro feito para a velocidade, uma flecha para o alvo. Era perseverante, autoritária (é claro, estou me lembrando de sua relação com as mulheres, e sou muito mais moça que ela uma pessoa insignificante que mora além da estrada de Brompton). Abria as janelas dos quartos. Fechava as portas. (Assim tentava reconstituir o ritmo da Sra. Ramsay em sua mente.) Chegava tarde da noite, batia de leve na porta do quarto, envolvida num velho casaco de peles (pois sua beleza sempre surgia assim — casual, mas apropriada), imitaria qualquer coisa: Charles Tansley perdendo o guarda-chuva; o Sr. Carmichael fungando e espirrando; o Sr. Bankes dizendo "perde-se todo o sal mineral dos legumes". A tudo isso ela daria forma com habilidade, até mesmo exagerando, e com malícia; e, movendo-se até a janela, fingindo ter de partir — amanhecia, podia ver o sol nascendo —, voltava-se parcialmente, com mais intimidade, mas sempre ainda rindo, e insistia em que ela precisava, e Minta também, todas precisavam casar-se. Pois no mundo inteiro, por mais homenagens que lhe concedessem (mas a Sra. Ramsay não dava a mínima importância à sua pintura), por mais triunfos que lhe granjeassem (a Sra. Ramsay provavelmente também tivera os seus) — e aqui entristeceu-se, abateu-se, e voltou a sentar-se —, não se

poderia negá-lo: uma mulher solteira perdia o melhor da vida. A casa parecia estar cheia, com crianças dormindo e a Sra. Ramsay ouvindo; de luzes veladas e uma respiração regular.

Oh, diria Lily, mas havia seu pai, sua casa, e até mesmo, se ousasse confessá-lo, sua pintura. Mas isso parecia tão pequeno, tão virginal, em contraste com as outras coisas. Contudo, à medida que a noite avançava e luzes brancas varavam as cortinas, e mesmo, de vez em quando, um passarinho chilreava no jardim, reunia uma coragem desesperada e insistia em escapar à regra geral. Lutaria por sua causa: gostava de ficar sozinha; gostava de ser ela mesma; não fora feita para o casamento. Então precisava suportar um par de olhos de uma profundidade incomparável e enfrentar a calma segurança com que a Sra. Ramsay (que agora estava sendo infantil) dizia que a sua querida Lily, a pequena Brisk, era uma tola. Então, lembrou-se de que pousara a cabeça no colo da Sra. Ramsay e se pusera a rir, rir, rir e rir, quase histericamente, imaginando a Sra. Ramsay a presidir os destinos com uma calma inalterável, a todos os destinos que ela absolutamente não compreendia. Continuou sentada ali, simples, séria.

Recuperara a consciência de si mesma agora — seria isso o dedo torcido da luva? Mas em que santuário penetrara! Finalmente, Lily Briscoe ergueu os olhos, e lá estava a Sra. Ramsay, totalmente inconsciente do motivo que provocar o seu riso, ainda a presidir, mas agora sem o menor traço de autoritarismo, e tendo, em seu lugar, algo claro com o espaço finalmente aberto entre as nuvens: o pequeno canto de céu que dorme ao lado da lua.

Seria a sensatez? Seria o conhecimento? Ou seria, mais uma vez, a força enganadora da beleza, de tal modo que as percepções de uma pessoa eram, a meio caminho da verdade, enredadas numa trama de ouro? Ou guardaria ela alguma segredo que, com toda a certeza, as pessoas precisam ter! para que o mundo siga o seu curso? As pessoas não podiam viver de modo assim tão precipitado, imediatista, como ela. Mas se sabiam, poderiam transmiti-lo? Estava sentada no chão, o mais perto possível da Sra. Ramsay, e com os braços ao redor dos joelhos desta. Sorria ao pensar que ela nunca saberia a razão dessa proximidade. Imaginou que nos compartimentos do cérebro e do coração da mulher que tocava fisicamente, depositavam-se, como os tesouros no túmulo dos reis, pequenas tábuas com inscrições sagradas que, decifradas, ensinariam tudo, mas nunca se ofereceriam livremente nem se fariam públicas. Que arte a se continha, conhecida do amor ou da astúcia, por meio da qual se forçava a entrada nessas câmaras secretas? Que o artifício para conseguir formar indissolivelmente um único ser — como a água despejada numa jarra — com a pessoa que se adorava? Seria o corpo capaz de consegui-lo ou a mente penetrando sutilmente pelas

passagens intrincadas do cérebro, ou o coração? Seria o amor, na forma em que as pessoas o entendiam, capaz de tornar a Sra. Ramsay e ela uma única pessoa? Pois não era o conhecimento, mas a unidade, que ela desejava. Não inscrições em tabuinhas, nada que pudesse ser escrito em qualquer língua conhecida dos homens, mas a intimidade mesma, que é o próprio conhecimento, tal como sentira ao reclinar a cabeça no colo da Sra. Ramsay.

Nada aconteceu! nada! nada! quando reclinara a cabeça no colo da Sra. Ramsay. E mesmo assim, sabia que o conhecimento e a sensatez se ocultavam no coração da Sra. Ramsay. Como, perguntara-se então, podia-se saber certas coisas sobre os outros, se eram assim tão fechados? Somente como uma abelha, atraída pela suavidade ou a acidez do ar — inatingíveis ao tato ou ao gosto — é que se podia frequentar a colmeia em forma de cúpula. Percorria sozinha a extensão do espaço acima dos países do mundo, e só depois começava a frequentar as colmeias com seus murmúrios e rebuliços; as colmeias que eram as pessoas. A Sra. Ramsay se levantou. Lily se levantou. A Sra. Ramsay se foi. Por muitos dias a envolveu — assim como após um sonho se sente uma mudança sutil na pessoa com quem se sonhou — o som de um murmúrio mais vívido do que qualquer coisa que dissesse, e, ao sentar-se na cadeira de vime à janela da sala, ela revestiu-se, aos olhos de Lily, de uma forma majestosa: a forma de uma cúpula.

O raio do seu olhar, paralelo ao do Sr. Bankes, dirigia-se à Sra. Ramsay, que, sentada, lia para James, próximo a seus joelhos. Mas agora, enquanto ela ainda a olhava, o Sr. Bankes já não o fazia. Colocara os óculos. Recuara um passo. Erguera a mão. Franzira levemente os claros olhos azuis, enquanto Lily, recobrando-se, viu o que ele fazia e estremeceu, como um cachorro ao ver alguém erguendo a mão para lhe bater. Teria arrancado o quadro do cavalete, mas disse consigo mesma: isso é necessário. Endireitou-se para suportar a terrível provação de ver alguém olhando o seu quadro. É necessário, disse, é necessário. E se devia ser visto, era-lhe menos alarmante que o fosse pelo Sr. Bankes antes de qualquer outra pessoa. Mas era angustiante que os olhos de qualquer outra pessoa vissem o resíduo dos seus trinta e três anos de vida, o repositório de cada um dos seus dias, mesclado a algo muito mais secreto do que tudo o que dissesse ou mostrara no decorrer de todos esses anos. Ao mesmo tempo, era infinitamente emocionante.

Nada poderia ser mais calmo e comedido. O Sr. Bank pegou um canivete no bolso e bateu na tela com seu cabo de osso. Que queria dizer com essa forma triangular purpúrea "logo ali"?, perguntou.

Era a Sra. Ramsay lendo para James, respondeu ela. Conhecía sua objeção: ninguém diria que aquela mancha era uma forma humana. Mas não tentara fazê-la parecida, disse. Então, por que os colocara no quadro?, perguntou ele.

Realmente, por quê? Apenas porque, se aquele canto era claro, sentia a necessidade de colocar uma sombra no outro. Era simples, óbvio, banal, mas o Sr. Bankes estava interessado. Então, mãe e filho, objetos da veneração universal — nesse caso a mãe era conhecida por sua beleza —, poderia ser reduzidos, sem irreverência, a uma mancha purpure ponderou ele.

Mas a pintura não era sobre eles — disse ela. Pelo me nos, não no sentido em que ele o entendia. Havia outras formas de reverenciá-los. Com uma sombra aqui e uma luz ali, por exemplo. Se um quadro deve ser uma homenagem como vagamente ela achava, o seu tributo se expressava assim. Mãe e filho podiam ser reduzidos a uma sombra, se irreverência. Uma luz aqui exige uma sombra ali, mais adiante. Ele refletia, interessado. Encarava a tela cientificamente numa total boa fé. Mas a verdade é que todos os seus preconceitos estavam do outro lado — explicou. O maior quadro que tinha em sua sala de visitas, elogiado por pintores e avaliado por um preço superior ao que pagara por ele, representava as cerejeiras em flor às margens do Kennet, disse. Passara sua lua-de-mel nas margens do Kennet. Lily deveria ir ver esse quadro. Mas vejamos — e voltou-se, levantando os óculos para fazer um exame científico de sua tela. Como o problema era de uma relação entre as massas, entre luzes e sombras, o qual, para falar francamente, nunca considerara antes, gostaria que lhe explicasse — o que quisera dizer com isso? E indicou a cena diante deles. Ela olhou. Não lhe poderia demonstrar o que quisera fazer; nem ela mesma sabia, sem um pincel na mão. Retomou sua conhecida posição para pintar, com o olhar vago e um ar ausente, subordinando todas as suas impressões enquanto mulher a algo muito mais geral. Colocou-se de novo sob o poder da visão que tivera nitidamente apenas uma vez e que agora procurava captar por entre sebes, casas, mães e filhos — seu quadro. Era uma questão; lembrava-se, de como unir essa massa à direita a essa outra à esquerda. Poderia fazê-lo prolongando a linha desse ramo até o outro lado, assim; ou amortecer o vazio do primeiro plano com um objeto (James, talvez), assim. Mas o perigo era que, ao fazê-lo, quebrasse a unidade do todo. Parou; não queria aborrecê-lo; retirou rapidamente a tela do cavalete.

Mas seu quadro fora visto; fora arrancado dela. Esse homem compartilhara com ela alguma coisa profundamente íntima. E, agradecendo-o ao Sr. Ramsay e à Sra. Ramsay, à hora e ao lugar, emprestando ao mundo um poder de que nunca suspeitara, o poder de prosseguir por essa longa galeria não mais sozinha, mas acompanhada por alguém — o sentimento mais estranho do mundo, e o mais enleante — fechou a caixa de tintas com mais energia do que o necessário, e o fecho pareceu cingir num círculo eterno a caixa de tintas, o gramado, o Sr. Bankes, e aquela marota rebelde, Cam, correndo como um relâmpago.

10

Pois Cam por pouco não derrubara o cavalete. Não pararia nem por causa do Sr. Banks, nem por Lily Briscoe, embora o Sr. Banks, que gostaria de ter uma filha, estendesse o braço; nem por causa do seu pai, no qual também quase esbarrou; ou por sua mãe, que a chamou: — Cam! preciso de você aqui um instante! — quando ela passou como um relâmpago. Era livre como um pássaro, uma bala, uma flecha, impelida por que desejo, disparada por quem, para onde, quem poderia dizê-lo? O quê? O quê?, considerava a Sra. Ramsay, observando-a. Talvez fosse uma visão — de uma concha, de um carrinho de mão, de um reino encantado no ponto mais afastado da sebe, ou poderia ser a glória da velocidade; ninguém sabia. Mas quando a Sra. Ramsay chamou: — Cam! — pela segunda vez, o projétil parou em meio à carreira, e Cam voltou lentamente até onde estava sua mãe, arrancando uma folha no caminho.

Com que sonhava, perguntou-se a Sra. Ramsay, vendo-a parar, absorta em seus pensamentos, tanto que teve de repetir o recado duas vezes: pergunte a Mildred se Andrew, a Srta. Doyle e o Sr. Rayley já voltaram. Essas palavras pareciam cair num poço onde as águas, por mais límpidas que fossem, ainda assim tinham um poder de distorção tão extraordinário que, à medida que caíam via-se como se entrelaçavam para formar só Deus sabe que desenho no fundo da mente da menina. Que recado daria Cam à cozinheira?, perguntou-se a Sra. Ramsay. E na verdade, somente esperando com paciência, e ouvindo que havia na cozinha uma velha com as bochechas muito vermelhas, bebendo sopa numa tigela, é que a Sra. Ramsay conseguiu finalmente deduzir o significado daquele instinto de papagaio que se apoderara de sua filha e lhe permitia agora reproduzir as palavras de Mildred num cantochão monótono. Apoiando-se ora num pé, ora noutro, Cam repetiu as palavras: — Não, não voltaram, e eu disse a Eileen que tirasse a mesa do chá.

Então Minta Doyle e Paul Rayley não tinham voltado. Isso só poderia significar uma coisa — pensou a Sra. Ramsay. Que ela devia tê-lo aceito ou recusado. O que poderia significar essa saída após o almoço para uma volta, mesmo que Andrew estivesse com eles? O que poderia significar? Somente que

ela decidira aceitar, e acertadamente — pensou a Sra. Ramsay (e ela estava muito, muito orgulhosa de Minta) —, esse ótimo rapaz, que poderia não ser brilhante, mas — pensou a Sra. Ramsay, percebendo que James a puxava para que continuasse a leitura da história do Pescador e sua Mulher — no íntimo preferia os homens tolos aos inteligentes que escreviam teses: Charles Tansley, por exemplo. De qualquer forma, a essa hora já deveria ter acontecido.

Mas leu: "Na manhã seguinte, a mulher acordou primeiro; o dia acabava de nascer, e de sua cama viu o lindo campo diante de si. Seu marido ainda estava se espreguiçando ..."

Mas como poderia Minta recusá-lo agora? Não poderia, depois de ficar a tarde inteira vadiando pelo campo sozinha com ele — pois Andrew sairia atrás de seus caranguejos — embora talvez Nancy estivesse com eles. Tentou reconstituir a visão dos dois em pé na porta do vestíbulo, depois do almoço. Ali ficaram olhando o céu e perscrutando o tempo, e ela dissera, em parte para esconder a timidez de ambos, em parte para incentivá-los a sair (pois sentia simpatia por Paul): — Não há uma única nuvem em milhas de extensão — quando sentiu que o insignificante Charles Tansley, que os seguira até ali, tinha um riso de escárnio. Mas ela fizera-o de propósito. Não conseguia ter certeza se Nancy estava com eles, ao olhar para um e para outro, na sua imaginação.

Continuou lendo: "Ah, mulher, por que seríamos reis? Não quero ser Rei — disse o homem. — Bem, se você não for rei, eu o serei; vá falar com o peixe Solha, pois eu serei Rei — disse a mulher."

— Entre ou saia, Cam — disse, sabendo que ela fora atraída apenas pela palavra "solha", e que num instante ficaria agitada e começaria a brigar com James, como de hábito. Cam saiu correndo. A Sra. Ramsay continuou a ler, aliviada, pois ela e James tinham os mesmos gostos e sentiam-se bem juntos.

"E quando ele chegou perto do mar, estava cinzento escuro, e a água agitada, com um cheiro pútrido. Então parou diante do mar e disse: *Solha, solha do mar,*

Vem comigo ter;

Pois minha mulher, Ilsabil,

Não quer me obedecer.

"Bem, que quer ela, então? — disse a Solha." E onde estarão agora?, ponderou a Sra. Ramsay, lendo e pensando ao mesmo tempo, com grande facilidade; pois a história do Pescador e sua Esposa era como um contrabaixo acompanhando docemente uma música que de vez em quando irrompe inesperadamente na melodia. E quando lhe contariam? Se nada tivesse acontecido, teria de conversar seriamente com Minta. Pois ela não podia ficar correndo por aí no campo, mesmo que Nancy estivesse com eles (tentou

visualizar mais uma vez, sem conseguir, suas costas se afastando pelo caminho e enumerá-las). Era responsável perante os pais de Minta — a Coruja e o Atiçador. Seus apelidos surgiram em sua mente, durante a leitura — a Coruja e o Atiçador. Sim, ficariam aborrecidos se ouvissem — e era certo que ouviriam — que Minta, estando com os Ramsays, fora vista, et coetera, et coetera, et coetera. — "Ele colocou uma cabeleira postiça na Câmara dos Comuns e ela o ajudou habilmente no alto da escada" — repetiu ela mais uma vez os apelidos, fisingando-os na sua lembrança graças a uma frase que inventara, ao voltar de uma festa, para divertir seu marido. Meu Deus, meu Deus, disse consigo mesma, como puderam ter uma filha tão incongruente? Essa Minta desajeitada, com a meia furada? Como poderia existir um ambiente tão portentoso, onde a empregada ficava o tempo todo tirando, com uma pá de lixo, a areia que o papagaio espalhava, e a conversa se concentrava quase exclusivamente nas façanhas — interessantes, talvez, mas afinal um tanto limitadas — desse pássaro? Naturalmente, convidaram-na para almoçar, tomar chá, jantar, e finalmente para ficar com eles em Finlay, o que provocara uma discussão com a Coruja, a mãe, e mais convites, mais conversas, e mais areia. Ao final, ela já contara a respeito de papagaios mentiras suficientes para o resto da sua vida (fora isso que dissera a seu marido naquela noite, ao voltar da festa). Entretanto, Minta veio... Sim, veio — pensou a Sra. Ramsay, suspeitando de algum espinho no emaranhado de seu pensamento; e, desembaraçando-o, descobriu isto: uma mulher a acusara certa vez de ter "roubado o afeto de sua filha". Algum comentário da Sra. Doyle fizera-a relembrar essa acusação. Queria dominar, interferir, fazer os outros obedecerem às suas vontades — coisa que ela achava a maior injustiça. Mas que podia fazer se causava essa impressão? Ninguém poderia acusá-la de se esforçar para impressionar os outros. Muitas vezes se envergonhava de sua própria fraqueza. Não era autoritária, tampouco tirânica. Talvez se pudesse dizer isso quando reagia apaixonadamente em relação a hospitais, saúde pública e queijarias. E, se tivesse oportunidade, gostaria de agarrar as pessoas pela gola e obrigá-las a ver. Nenhum hospital na ilha. Era uma vergonha. O leite entregue à porta, em Londres, era literalmente negro de sujeira. Deveria ser proibido. Duas coisas que ela mesma gostaria de fazer ali: um hospital e uma queijaria modelo. Mas como? Com todos aqueles filhos? Quando ficassem mais velhos, talvez tivesse tempo; quando todos estivessem na escola.

Oh, mas não queria que fames ficasse nem um dia mais velho, nem Cam. Gostaria de conservar os dois para sempre, assim mesmo como eram, demônios perversos, anjos encantadores; nunca vê-los crescer e se transformar em monstros de pernas compridas. Nada poderia compensar essa perda. Quando lera, há pouco, para James: "e havia uma infinidade de soldados com címbalos e

trombetas", e seus olhos se turvaram, pensou: por que precisavam crescer e perder tudo isso? James era o mais bem dotado, o mais sensível de seus filhos. Mas todos, pensou, eram promissores. Prue era um perfeito anjo para com os outros, e às vezes acontecia, agora, principalmente à noite, de as pessoas chegarem a perder a respiração com sua beleza. Andrew — até mesmo o marido admitia — tinha um talento extraordinário para a matemática. Nancy e Roger eram criaturas selvagens que corriam pelo campo o dia inteiro. Quanto a Rose, tinha a boca enorme, mas era extremamente bem dotada nas mãos. Quando brincavam de mímica, era Rose quem preparava as fantasias apropriadas; fazia de tudo; gostava de arrumar mesas, flores, qualquer coisa. Não lhe agradava que Jasper atirasse cm passarinhos; mas isso era apenas uma fase. Todas as crianças passam por fases. Por que, perguntou-se, apertando o queixo contra a cabeça de James, por que precisavam crescer tão depressa? Por que precisavam ir para a escola? Gostaria de ter sempre um bebê. Era a pessoa mais feliz do mundo quando carregava um bebê nos braços. Então, se quisessem, as pessoas até poderiam dizer que era tirânica, autoritária, dominadora, não se importava. E, tocando no cabelo de James com os lábios, pensou: ele nunca será tão feliz como agora — mas conteve-se, lembrando-se de como irritava o marido quando dizia isso. Contudo, era verdade. Nunca seriam tão felizes como agora. Um conjunto de chá de dez pences deixava Cam feliz por vários dias. Ouvia-os gritando e batendo os pés em cima de sua cabeça, desde o instante em que acordavam. Chegavam alvoroçados pelo corredor. A porta se escancarava e eles entravam, orvalhados pelo ar da manhã, os olhos fixos, bem abertos, como se entrar na sala de jantar depois do café da manhã — o que faziam diariamente — constituísse para eles um acontecimento extraordinário; e assim por diante, com uma coisa ou outra, durante todo o dia, até que ela subia e lhes dizia boa-noite e os achava aninhados em suas caminhas, como passarinhos entre cerejas e amoras, ainda inventando histórias sobre alguma bagatela: algo que ouviram ou pegaram no jardim. Todos tinham seus pequenos tesouros... E assim descera e perguntara ao marido: por que precisavam crescer e perder tudo isso? Nunca seriam tão felizes como agora. E ele ficara zangado. Por que ter uma visão tão pessimista da vida?, dissera. Não é razoável. Pois era estranho; ela pensava, com toda a sua tristeza e desespero, que na verdade o marido era mais feliz, mais confiante do que ela. Menos exposto às aflições humanas — sim, talvez fosse isso. Ele sempre contava com o seu trabalho, ao qual podia recorrer. Não que ela fosse "pessimista", como ele a acusava. Apenas pensava na vida — e um pequeno trecho desta se apresentou diante de seus olhos: seus cinquenta anos. Ali estava, diante dela: a vida. A vida: pensava, mas não terminava o pensamento. Olhou a vida de relance, pois a sentia nitidamente ali, algo real, íntimo, que não

compartilhava com os filhos, nem com o marido. Existia um certo intercâmbio entre elas, no qual ela ficava de um lado, e do outro a vida. E ela estava sempre tentando levar a melhor, tal como lhe era peculiar. E às vezes confabulavam (quando ficava sentada sozinha). Havia, lembrava-se, cenas grandiosas de reconciliação; mas na maior parte do tempo, por estranho que pareça, precisava admiti-lo, sentia aquilo que chamava vida como alguma coisa terrível, hostil, pronta para se lançar sobre quem quer que lhe desse uma oportunidade. Havia os eternos problemas: o sofrimento, a morte, os pobres. Havia sempre uma mulher morrendo de câncer, ali mesmo. Contudo, dissera a todos os seus filhos: vocês superarão tudo isso. Repetira-o incessantemente a oito pessoas (e a conta da estufa seria de cinquenta libras). Por essa razão, sabendo o que os esperava — amor, ambição, a solidão e a infelicidade em lugares sombrios —, é que pensara, inúmeras vezes: por que precisavam crescer e perder tudo isso? Então, dizia a si mesma, interpondo-se à vida: bobagem. Serão plenamente felizes. E ali estava ela de novo, refletiu, sentindo a vida bastante sinistra mais uma vez, fazendo com que Minta se casasse com Paul Rayley; pois, o que quer que sentisse no seu intercâmbio com a vida — e tivera experiências que não precisavam suceder a todos (não as mencionava consigo mesma) —, era levada a dizer, com precipitação excessiva, bem o sabia, quase como se também para ela fosse uma fuga, que as pessoas precisavam casar-se, que as pessoas precisavam ter filhos.

Estaria errada nisso? — perguntou-se, recapitulando sua conduta desde há uma ou duas semanas. Teria realmente pressionado Minta, que tinha apenas vinte e quatro anos, a se decidir? Sentia-se conturbada. Não estava se divertindo com isso? Não estaria se esquecendo de como influenciava as pessoas profundamente? O casamento exigia, oh, todo o tipo de qualidades (a conta da estufa seria de cinquenta libras); mas *uma* era essencial — e ela não precisava mencioná-la; aquilo que ela tinha com seu marido. Será que eles também o tinham? "Então ele vestiu as calças e correu como um louco" leu. "Mas lá fora soprava uma terrível tempestade tão furiosamente que quase nada podia se manter de pé; as casas e as árvores desmoronavam, as montanhas tremiam, os rochedos caíam dentro do mar; o céu estava preto como carvão; trovejava, relampejava e o mar rebentava em ondas negras, altas como torres de igreja ou montanhas cobertas de espuma branca."

Virou a página; só faltavam umas poucas linhas para terminar a história, embora já passasse da hora de dormir. Estava ficando tarde. Sabia-o pela luz no jardim; e ar esbranquiçado das flores e o acinzentado das folhas conspiravam juntos para despertar nela um sentimento ansiedade. Qual o motivo disso não pôde de início se dizer. Então lembrou-se; Paul, Minta e Andrew ainda não tinham voltado. Reconstituiu ainda uma vez o pequeno grupo terraço diante da

porta do vestíbulo, olhando o céu. Andrew estava com sua rede e a cesta. Isso significava que ia pegar caranguejos e coisas assim. Significava que subiria nas rochas; que poderia se cortar. Ou então, quando voltassem em fila indiana por um daqueles atalhos estreito por entre os rochedos, um deles poderia escorregar, rolar e se despedaçar lá embaixo. Estava ficando bastante escuro.

Mas não deixou sua voz se alterar nem um pouco enquanto terminava a história, e, fechando o livro, disse as últimas palavras como se ela mesma as tivesse inventado olhando para James bem nos olhos: "E ainda vivem lá até hoje."

— E assim acabou — disse. E viu que nos olhos dele se apagava o interesse pela história, enquanto outra coisa tomava seu lugar: algo pálido e indagador, como o reflexo de uma luz, o fez olhar, maravilhado, diretamente à sua frente. Voltando-se, ela percebeu que do outro lado da baía chegavam regularmente, por sobre as ondas, primeiro dois rápidos feixes de luz, e depois outro, longo e firme. Sem dúvida, era a luz do Farol, que tinham acendido.

Dali a um instante ele lhe perguntaria: "Nós iremos ao Farol?" E ela teria de responder: "Não, amanhã não. Seu pai disse que não." Felizmente, Mildred veio buscar as crianças, e o alvoroço os distraiu. Mas ele continuou a olhar para trás, por cima do ombro, enquanto Mildred o levava. E a Sra. Ramsay tinha a certeza de que o menino estava pensando: nós não iremos ao Farol amanhã: e imaginou que ele se lembraria disso por toda a vida.

11

Não, pensou, ajuntando algumas gravuras que ele recortara — uma geladeira, uma ceifeira, um homem vestido de gala — as crianças nunca esquecem. Por isso era tão importante o que se dizia e fazia, e por isso sentia alívio quando iam para a cama. Pois assim não precisava pensar em ninguém. Podia ser ela mesma, quando estava só. E era isto que precisava fazer com frequência: pensar. Bem, nem mesmo pensar. Ficar em silêncio; ficar sozinha. E toda a existência, toda a atividade, com tudo que possuem de expansivo, brilhante, vibrante, vocal, se evaporaram. Então podia, com uma certa solenidade, retrair-se em si mesma, no âmago pontiagudo da escuridão, algo invisível para os outros. E embora continuasse tricotando, sentada bem ereta, era assim que sentia a si mesma, a seu ser, depois de libertada de todos os laços, pronta para as mais estranhas aventuras. Quando o ritmo da vida diminuía por um instante, parecia que a amplitude das experiências se tornava infinita. E, supunha, todo mundo possuía esse sentido de possibilidades ilimitadas. Todos eles, Lily, Augustus Carmichael, deviam sentir que nossas aparências — as coisas que nos caracterizam — são simplesmente infantis. Sob elas, tudo é negro, amplo e incomensuravelmente profundo; mas de vez em quando emergimos à superfície, e é assim que as pessoas nos conhecem. Seu horizonte parecia-lhe ilimitado. Havia inúmeros lugares a que não tinha ido: as planícies da Índia; via-se abrindo a pesada cortina de couro de uma igreja romana. Esse âmago da escuridão podia ir a qualquer lugar, pois ninguém o via. Não poderiam detê-lo, pensou, enleada. Lá estavam a liberdade, a paz, e — o que era mais agradável — o poder da recuperação, de descansar numa plataforma de estabilidade. Nem sempre, enquanto indivíduo, é que se encontra esse repouso, dizia-lhe sua experiência (nesse instante executou algo extremamente difícil com suas agulhas), mas enquanto recantos de sombra. Desprendendo-se da personalidade, perdia-se tudo, a agitação, a pressa, o rebuliço; e sempre lhe subia aos lábios uma exclamação de triunfo sobre a vida quando tudo dentro dela se reunia nessa paz, nesse repouso nessa eternidade; e, detendo-se, seu olhar encontrou no exterior o raio de luz do Farol, longo e firme, o último dos três, que era o seu raio, pois de tanto olhar os três com o mesmo estado de espírito, e sempre à mesma hora, não conseguia evitar ligar-se a um deles particularmente; esse longo e persistente raio de luz era o seu. Frequentemente se surpreendia

sentada olhando, com o trabalho nas mãos, até que se transformava na coisa que olhava: nessa luz, por exemplo. E a luz reacendia alguma frase que e tivera adormecida no fundo de sua mente: "As crianças nunca esquecem, as crianças nunca esquecem" — que repetiria, passando a dizer: "Isso acabará, isso acabará." Então, de repente, acrescentou: "Estamos nas mãos do Senhor."

Mas imediatamente se irritou consigo mesma por ter dito isso. Quem o dissera? Não fora ela; fora levada a dizer algo que não queria. Ergueu os olhos do tricô e deparou com o terceiro feixe de luz, e teve a impressão de que seus olhos se encontravam com seus próprios olhos, e de que esse raio penetrava, como somente ela mesma poderia fazê-lo, no seu íntimo e no seu próprio coração, purificando a existência da mentira, de qualquer mentira. Ela se louvava sem vaidade ao louvar a luz, pois era austera e perscrutadora, era bela como essa luz. Estranho que, quando pessoa está sozinha, se apega às coisas, aos seres inanimados: árvores, córregos, flores. Sentia que essas coisas expressavam; sentia que se transformavam nela mesma; sentia que a conheciam, e, num certo sentido, eram ela; sentia uma ternura irracional como (olhou o longo feixe penetrante) se fosse por si mesma. Emergiu em espirais (e ela olhava, olhava sempre, com suas agulhas em suspenso) emergiu do fundo da sua mente, erguendo-se do seu fundo, do lago do ser da sua pessoa, uma névoa, uma noiva caminhando ao encontro do amado.

O que a teria levado a dizer: "Estamos nas mãos do Senhor"?, perguntou-se. Essa insinceridade, que se esgueira por entre as verdades, irritou-a, aborreceu-a. Voltou tricô. Como poderia um Senhor qualquer ter feito este mundo?, perguntou-se. Sua mente sempre se agarrara ao fato de que não há lógica, ordem ou justiça; apenas sofrimento, morte e pobreza. Não há traição suficientemente baixa que o mundo não cometa; sabia disso. Nenhuma felicidade durava; sabia disso. Tricotava em atitude decidida, apertando um pouco os lábios e, sem notá-lo, com os traços do rosto tão rígidos e compostos, devido ao seu hábito de postura austera, que, ao passar, o marido, embora estivesse rindo à lembrança de que Hume, o filósofo, tendo engordado terrivelmente, atolara-se num pântano, não pôde deixar de observar aquela austeridade escondida por detrás da sua beleza. Isso o entristeceu. E a sensação de seu afastamento o fez sofrer, e sentiu, ao passar, que não poderia protegê-la — e quando chegou à altura da sebe, estava triste. Devia ficar por ali e observá-la. Sem dúvida, a terrível verdade é que ele lhe tornava a vida mais difícil. Era suscetível, era irritável. Descontrolara-se por causa do Farol. Olhou para o interior da sebe, para o centro de seu emaranhado, de sua escuridão.

A Sra. Ramsay sabia que era sempre possível sair da própria solidão através de alguma bagatela, algum objeto, algum som. Pôs-se à escuta, mas tudo estava

calmo; o críquete terminara; as crianças estavam no banho; havia apenas o barulho do mar. Parou de tricotar; ergueu a longa meia castanha que oscilou por um instante em suas mãos. Com uma certa ironia em sua indagação — pois, quando uma pessoa acaba de acordar totalmente, seus relacionamentos se transformam —, olhou a firme, inexorável, implacável luz que era, ao mesmo tempo, tanto ela e tão pouco ela, e pela qual tinha devoção (acordava à noite, a via curvar-se ao redor da sua cama, riscando o chão). Mas por tudo isso — pensou, enquanto a olhava fascinada, hipnotizada, como se a luz fizesse surgir, com seus dedos de prata, algum veleiro em seu cérebro que, ao explodir, a inundaria de prazer — conhecera a felicidade, a mais perfeita felicidade, intensa felicidade. Entretanto, à medida que a luz do dia enfraquecia, e o mar perdia seu azul e se encrespava com suas ondas amarelas cor de limão, e estas se curvavam, cresciam e rebentavam na praia, o êxtase inundou seus olhos, e ondas de puro deleite precipitaram-se no fundo de sua mente, e ela sentiu: "Chega! Basta!"

Ele se voltou e a viu. Ah! Estava linda, mais linda do que nunca — pensou. Mas não podia falar-lhe. Não podia interrompê-la. Tinha premência em falar-lhe, agora que James se fora e estava por fim sozinha. Mas não, decidiu; não a interromperia. Estava distante dele agora na sua beleza, na sua tristeza. Ele não a incomodaria. Passou por ela sem uma palavra, embora ofendido por ela parecer tão distante, por não poder alcançá-la e por não poder fazer nada para ajudá-la. E outra vez teria passado por ela sem uma única palavra, se ela não lhe tivesse dado, naquele mesmo instante, por sua própria vontade, o que sabia que ele nunca lhe pediria. Chamando-o, retirou o xale verde da moldura do quadro, e foi ter com ele. Pois sabia que ele desejava protegê-la.

12

Envolveu os ombros com o xale verde. Tomou seu braço. Ele era tão bonito — disse, começando a falar, no mesmo instante, de Kennedy, o jardineiro; era tão extraordinariamente lindo, que não podia despedi-lo. Havia uma escada encostada à estufa, e pequenos pedaços de estuque prendiam-se ali, pois estavam começando a consertar o seu telhado. Sim, mas enquanto passeava com o marido, sentiu que esta fonte específica de preocupação já fora resolvida. Tinha na ponta da língua, enquanto passeavam: "Custará cinquenta libras" — mas em vez disso — pois seu coração sempre a traía em matéria de dinheiro — falou que Jasper atirava em passarinhos. Ele respondeu imediatamente, acalmando-a, que isso era natural em meninos, e acreditava que em breve acharia uma forma melhor de se divertir. Como seu marido era justo e sensato! E assim ela disse: — Sim; todas as crianças passam por fases —, e começou a pensar nas dalias no canteiro, e a se perguntar como seriam as flores no ano seguinte; será que ele ouvira falar do apelido que as crianças davam a Charles Tansley?, perguntou. O ateu, chamavam-no, o ateuzinho. — Ele não é um tipo muito polido — disse então o Sr. Ramsay. — Longe disso — concordou a Sra. Ramsay.

Pensou que seria melhor deixá-lo entregue a seus próprios pensamentos — disse a Sra. Ramsay, perguntando-se se haveria vantagem em mandar os bolbos; será que os plantariam? — Oh, ele tem de escrever sua tese — disse ele. — Sabia tudo a esse respeito — comentou a Sra. Ramsay.

— Não falava de outra coisa. Era sobre a influência de alguém sobre alguma coisa. — Bem, ele só conta com isso — disse o Sr. Ramsay. — Rogue a Deus que ele não se apaixone por Prue — disse ele. Ele a deserdaria se se casasse com ele. Não olhava as flores que a mulher examinava, e sim para um ponto pouco mais de um pé acima delas. Não tinha qualquer maldade — acrescentou, e estava quase dizendo que era o único jovem na Inglaterra que admirava seus... quando se conteve. Não a aborreceria de novo com seus livros. Essas flores parecem promissoras — disse o Sr. Ramsay, baixando os olhos e notando algo vermelho e marrom. Sim, mas ela as plantara com as próprias mãos — disse a Sra. Ramsay. O problema era quanto ao que aconteceria se mandasse bolbos; será que Kennedy os plantaria? Havia sua incurável preguiça —

acrescentou, continuando a andar. Quando o fiscalizava o dia todo, com uma pá na mão, às vezes ele trabalhava um pouco. Assim eles continuaram passeando em direção às iridáceas vermelhas da sebe. — Você está ensinando suas filhas a exagerar — disse o Sr. Ramsay, recriminativo. — Tia Camilla era muito pior do que eu — comentou a Sra. Ramsay. — Que eu saiba, ninguém considera sua tia Camilla um modelo de virtude — disse o Sr. Ramsay. — Ela foi a mulher mais bonita que eu conheci — disse a Sra. Ramsay. — Não era a única — disse ele. — Prue vai ficar muito mais bonita do que a mãe — disse a Sra. Ramsay. — Ele não via o menor sinal disso. — Bem, então olhe-a hoje à noite. — Houve uma pausa. Ele gostaria que fosse possível convencer Andrei a estudar mais. Perderia todas as oportunidades de ganhar uma bolsa de estudos, se não o fizesse. — Oh! bolsas de estudo! — exclamou ela. O Sr. Ramsay a considerou tola por falar assim de um assunto tão sério como o de ganhar uma bolsa de estudos. Mas ela ficaria orgulhosa com ele do mesmo jeito se não a ganhasse. Eles sempre discordaram a esse respeito. Ela gostava dele por ele acreditar em bolsas de estudo, e ele gostava dela por ela se orgulhar de Andrew no que quer que fizesse. De repente ela se lembrou das trilhas estreitas na beira dos penhascos.

— Não estaria tarde? — perguntou. E ainda não tinham voltado. Ele abriu negligentemente o relógio, com um estalido. Mas só passava um pouco das sete horas. Manteve o relógio aberto por um instante, decidindo contar-lhe que sentira no terraço. Para começar, não era razoável ficar tão nervosa. Andrew já podia cuidar de si mesmo. Então queria dizer-lhe que, quando andava pelo terraço, como há pouco — nesse momento se sentiu constrangido, como se estivesse penetrando em sua solidão, em sua distância, em sua ausência... Mas ela o pressionava. O que quisera ele contar-lhe?, perguntou, pensando que era sobre a ida ao Farol; e que ele se desculparia por ter dito: "Dane-se. " Mas não. Ele não gostava de vê-la tão triste — disse. Estava apenas um pouco distraída — protestou ela, corando um pouco. Ambos se sentiram constrangidos, como se não soubessem se iam ou voltavam. Ficara lendo contos de fadas para James — disse ela. Não, não poderiam compartilhar isso; não podiam se dizer isso.

Chegaram à passagem existente entre as duas moitas de iridáceas, e lá surgia de novo o Farol; mas ela não se permitiu olhá-lo. Se ela tivesse percebido que ele a estivera olhando, pensou, não se deixaria ficar sentada ali absorta. Detestava tudo que lhe lembrasse que ficara sentada, pensando. Assim, olhou a cidade por sobre o ombro. As luzes ondulavam e deslizavam, como se fossem pingos de água prateada arrostando uma ventania. E toda a pobreza, todo o sofrimento se transformaram nisso, a Sra. Ramsay pensou. E as luzes da cidade e do porto e dos barcos pareciam uma rede imaginária flutuando ali para marcar

alguma coisa que afundara. Bem, se ele não podia compartilhar seus pensamentos com ela, pensou o Sr. Ramsay consigo mesmo iria embora sozinho. Queria continuar a pensar e a contar para si mesmo a história de Hume atolando-se num pântano; queria rir. Mas, primeiro, era bobagem ficar ansiosa por causa de Andrew. Quando tinha a idade dele, costumava passear pelo campo o dia inteiro, apenas com um biscoito no bolso, e ninguém se preocupava com ele ou pensava que tinha caído de um penhasco. Disse em voz alta que passaria um dia inteiro passeando, se o tempo continuasse bom. Já estava farto de Bankes e de Carmichael. Gostaria de ficar um pouco sozinho. Está bem — disse ela. Aborreceu-o que ela não protestasse. Ela sabia que ele nunca o faria. Já estava velho demais para caminhar o dia inteiro apenas com um biscoito no bolso. Ela se preocupava com os filhos, mas não com ele. Muitos anos atrás, antes de se terem casado — pensou ele, olhando através da baía, enquanto permaneciam de pé entre as moitas de iridáceas —, certa vez andara um dia inteiro. Comera uma refeição composta de pão e queijo num bar. Trabalhara dez horas seguidas, enquanto uma velha às vezes colocava a cabeça pela porta para ver como estava o fogo. Era essa a região de que mais gostava, logo adiante: aquelas dunas se desvanecendo na escuridão. Podia-se andar o dia inteiro sem encontrar uma única pessoa. Não havia nenhuma casa, nenhuma aldeia, em milhas de distância. Podia-se raciocinar sozinho. Havia pequenas praias arenosas onde ninguém jamais estivera desde o começo do mundo. As focas sentavam-se e vinham olhá-lo. Parecia-lhe, às vezes, que numa pequena casa ali, sozinho... deteve-se, suspirando. Ele não tinha o direito. Pai de oito filhos — lembrou-se. E seria um idiota e um cão degenerado se quisesse modificar uma só coisa que fosse. Andrew seria um homem melhor do que ele. Prue seria bela — sua mãe assim dizia.

Eles deteriam um pouco a inundação. Era um bom trabalho, em geral — seus oito filhos. Mostravam que ele não desprezara totalmente esse pequeno e insignificante universo, pois numa noite assim, pensou, olhando a terra a desaparecer ao longe, a ilhota parecia pateticamente mínima e qua engolida pelo mar.

— Pobre lugarejo — murmurou ele com um suspiro. Ela o ouviu. Ele dizia as coisas mais melancólicas possíveis, mas ela notava que logo após dizê-las ele sempre aparecia mais alegre que de hábito. Todo esse palavrório não passava de um jogo, pois, se dissesse metade do que ele dizia, ela já teria estourado os miolos.

Aborrecia-a esse palavrório, e ela comentou de forma displicente que a noite estava agradabilíssima. E por q  estava se queixando?, perguntou, entre rindo e reclamando. Pois percebeu o que ele estava pensando: que teria escrita

livros muito melhores se não tivesse se casado.

Ele não estava se queixando, disse. Ela bem sabia que ele não estava reclamando. Sabia que ele não tinha absolutamente do que reclamar. E ele segurou sua mão, levou-a aos lábios e a beijou com uma intensidade que lhe provocou lágrimas nos olhos — e rapidamente largou-a.

Afastaram-se daquela paisagem e começaram a caminhar de mãos dadas, pela aleia onde cresciam plantas sagitadas verde-prateadas. Seu braço era quase como o de um jovem — pensou a Sra. Ramsay —, magro e rígido. E se lembrou com deleite de como ele ainda era forte, apesar de já passar dos sessenta anos, como era arrogante e otimista, como era estranho que, estando convencido de toda sorte de horrores, não ficasse deprimido, mas alegre. Não era estranho isso?, refletiu. Na verdade, às vezes lhe parecia que era diferente das outras pessoas, que tinha nascido cego, surdo e mudo para as coisas comuns, mas com um olho de águia para as extraordinárias. Sua compreensão frequentemente a surpreendia. Mas será que ele notava as flores? Não. Será que notava a paisagem? Não. Será que notava mesmo a beleza de sua própria filha, ou lhe serviam pudim ou um assado no prato? Sentaria com eles à mesa como alguém durante um sonho. E o hábito de conversar ou recitar em voz alta crescia nele, e ela sentia medo; pois às vezes soava estranha: *Apareçam as melhores e mais brilhantes!*

Coitada da Srta. Giddings. Quando ele gritava diante dela, seus cabelos ficavam em pé. Mas então — pensou a Sra. Ramsay, pondo-se imediatamente de seu lado contra todas as tolas Giddings do mundo — então, pensou, indicando com uma pequena pressão no seu braço que ele estava subindo o morro depressa demais para ela, e que precisava parar por um momento para ver se esses montes de terra tinham sido abertos recentemente por uma toupeira — então, pensou, parando para observar —, um cérebro tão magnífico quanto o dele deve ser diferente, em todos os sentidos, do nosso. Todos os grandes homens que conhecera — pensou, achando que deveria ter sido um coelho que os cavara — eram assim. E era bom que os jovens (embora o ambiente das salas de conferências fosse por demais sufocante e deprimente para ela, num grau quase insuportável) simplesmente o ouvissem, simplesmente olhassem para ele. Mas sem matar os coelhos, como se poderia afastá-los?, perguntou-se. Poderia ser um coelho; poderia ser uma toupeira. De qualquer forma, algum animal estava arruinando suas primulas. E, erguendo os olhos, viu acima das árvores esguias o primeiro pulsar de uma estrela trêmula, e quis que o marido também a visse; pois essa visão lhe dava um prazer tão profundo! Mas con-teve-se. Ele nunca olhava para as coisas. E quando o fazia, apenas comentava, com um dos seus suspiros:

Pobre mundo insignificante.

Nesse instante ele disse: — Muito bonitas —, para agradá-la, e fingiu admirar as flores. Mas ela sabia muito bem que ele não as admirava e nem mesmo percebia que estavam ali. Era apenas para agradá-la... Oh, mas aquela não era Lily Briscoe passeando com William Bankes? Fixou os olhos míopes nas costas de um casal que se afastava. Sim, eram eles, sem dúvida. E isso não queria dizer que eles se casariam? Sim, claro! Que ideia admirável! Eles Precisavam se casar!

13

Estivera em Amsterdam, dizia o Sr. Bankes enquanto atravessava o gramado com Lily Briscoe. Vira os Rembrandt Estivera em Madrid. Infelizmente, era Sexta-Feira Santa e o Prado estava fechado. Estivera em Roma. A Srta. Brise tinha ido a Roma? Oh, deveria ir, seria uma experiência maravilhosa para ela; a Capela Sixtina, Miguel Ângelo, Pádua com seus Giotto. Sua mulher estivera com a saúde debilitada por muitos anos, e assim seu passeio fora modesto.

Ela estivera em Bruxelas; estivera em Paris, mas num visita rápida, apenas para ver uma tia doente. Estiver em Dresden; havia milhares de quadros que não vira; enfretanto, refletiu ela, talvez fosse melhor não ver quadros eles apenas nos tornavam desalentadoramente descontente com nosso próprio trabalho. O Sr. Bankes achou que se poderia levar esse ponto de vista longe demais. Não podemos ser todos Ticianos e Darwins, disse; ao mesmo tempo, duvidava se poderia ter existido um Darwin ou um Ticiano, não fossem as pessoas humildes como nós. Lily gostaria de lhe fazer um elogio: você não é humilde. Mas ele não queria elogios (a maioria dos homens os desejam? — ela pensou). Ficou um pouco envergonhada de seu impulso e não disse nada, enquanto ele comentava que talvez o que ela dizia não se aplicasse à pintura. De qualquer forma — disse Lily, reprimindo sua pequena insinceridade —, continuaria sempre a pintar, pois a pintura interessava-a. Sim, estava certo de que continuaria — disse o Sr. Bankes. E como chegassem ao fim do gramado, ele lhe perguntou se tinha dificuldade em encontrar temas para sua pintura em Londres, e, ao retornarem, viram os Ramays. Então, é isso o casamento, pensou Lily. Um homem e uma mulher olhando uma menina jogando bola. Era isso que a Sra. Ramsay tentara lhe dizer daquela vez, à noite, pensou. Pois estava usando um xale verde, e estavam perto um do outro vendo Prue e Jasper jogar bola. E repentinamente o sentido que, sem nenhum motivo — talvez ao saírem do metrô ou tocarem uma campainha —, invade as pessoas, tornando-as simbólicas, representativas, os invadiu também e os tornou, ali em pé, olhando o crepúsculo, os símbolos do matrimônio: marido e mulher. Então, num segundo, aquele perfil simbólico

que transcendia os corpos reais tornou a desaparecer e eles se tornaram, como no momento em que foram avistados no jardim, outra vez o Sr. e a Sra. Ramsay olhando os filhos a jogar bola. Contudo, por um momento, embora a Sra. Ramsay os cumprimentasse com seu sorriso habitual (oh, ela está pensando que vamos nos casar, pensou Lily) e falasse: — Hoje à noite eu triunfei — querendo dizer com isso que pelo menos uma vez o Sr. Bankes concordara em jantar com eles, sem correr para seus aposentos, onde seu empregado cozinhará verduras com toda a correção; por um momento, houve uma sensação de coisas fracionadas, de espaço, de irresponsabilidade, quando a bola se elevou bem alto e eles a seguiram e a perderam de vista, vendo uma única estrela e o cortinado de galhos; na luz esmaecente todos pareciam angulares, etéreos e separados por grandes distâncias. Depois, atirando-se para trás no amplo espaço (pois parecia que a solidez também tinha desaparecido), Prue correu com toda a velocidade ao seu encontro e pegou a bola brilhantemente no ar, com a mão esquerda, e sua mãe perguntou: — Eles já voltaram? — Contudo, o encantamento se quebrara. O Sr. Ramsay se sentiu repentinamente livre para rir alto de Hume, que se atolara num pântano, quando uma velha viera livrá-lo sob a condição de rezar o Padre Nosso; e, rindo consigo mesmo, partiu rumo ao seu gabinete. A Sra. Ramsay, trazendo Prue de novo à união da vida em família, à qual escapulira jogando bola, perguntou: — Nancy foi com eles?

14

(Sem sombra de dúvida Nancy os acompanhara, já que a própria Minta Doyle lhe pedira isso, com seu mudo olhar e a mão esticada, exatamente no momento em que Nancy escapulia para o sótão, logo depois do almoço, a fim de subtrair-se ao horror da vida familiar. Supunha que precisava ir, então. Não queria ir. Não queria se imiscuir naquilo tudo. Pois ao caminharem pela estrada que levava ao rochedo, Minta ficou segurando sua mão. Em seguida largou-a. Depois segurou-a outra vez. Que queria ela?, perguntou-se Nancy. Havia algo, sem dúvida, que as pessoas queriam; pois quando Minta segurou a mão dela entre as suas, Nancy viu relutantemente o mundo inteiro se espalhando a seus pés, como se fosse Constantinopla entrevista na névoa. E depois, por menos vontade que a pessoa tenha de olhar, acaba perguntando: "É essa a Santa Sofia?" "É esse o Chifre de Ouro?" E assim Nancy perguntou, quando Minta pegou na sua mão: "O que ela quer? Será isso?" E o que era isso? Aqui e ali, emergiam da névoa (Nancy os via ao olhar a vida espalhada a seus pés) um pináculo, um domo, pontos proeminentes, sem nomes. Mas quando Minta largou sua mão, como fizera ao correrem morro abaixo, tudo isso: o domo, o pináculo, tudo que sobressaía na névoa, submergiu e desapareceu dentro dela.

Andrew observou como Minta andava rápido. Usava roupas mais sensatas que a maioria das mulheres: saias muito curtas ou calças *knickers* pretas. Pularia direto num riacho e o atravessaria aos tropeções. Gostava de sua imprudência, mas via que não daria certo — ela se mataria um dia desses de uma forma estúpida qualquer. Parecia não ter medo de nada — exceto de touros. A simples visão de um touro num pasto a faria erguer os braços e fugir gritando, o que era, exatamente, o suficiente para enfurecer um touro, sem dúvida nenhuma. Mas nem por sombra se importava em admiti-lo. Sabia que era terrivelmente covarde em re? lação a touros — disse. Achava que tinha sido derrubada por um de seu carrinho quando bebê. Parecia não se importar com o que dizia ou fazia. Agora se debruçava na ponta do rochedo e começava a cantar uma certa canção sobre

Danem-se teus olhos, danem-se teus olhos

E todos tinham de unir-se a ela e cantar o refrão, gritando juntos: *Danem-se teus olhos, danem-se teus olhos*

mas seria fatal se a maré subisse e cobrisse todos os bons lugares para a caça, antes de chegarem à praia.

— Fatal — concordou Paul, saltando. E ao deslizarem ladeira abaixo, ele citava as passagens do guia sobre "estas ilhas serem louvadas, e com justiça, por suas amplas extensões como parques e pela quantidade e variedade de suas curiosidades marinhas". Mas nada daquela gritaria e daqueles "danem-se teus olhos" daria certo, aqueles tapas nas suas costas chamando-o de "velho amigo" e tudo o mais; nada daria certo. Era isso o pior quando se trazia mulheres num passeio. Assim que chegaram na praia, se separaram: ele foi para o Nariz do Frade, tirou os sapatos e colocou dentro deles as meias enroladas, deixando o casal consigo mesmo; Nancy debandou para suas pedras para procurar suas poças prediletas, deixando o casal consigo mesmo. Agachou-se e tocou as macias anêmonas marinhas, parecendo de borracha, que se grudavam como pedaços de geleia à superfície lateral da rocha. Meditando, transformou a poça em mar, e as carpas em tubarões e baleias, e lançou vastas nuvens sobre esse pequeno mundo ao colocar a mão diante do sol, trazendo assim as trevas e a desolação a milhões de seres inocentes e ignorantes, como se fosse o próprio Deus; depois retirou a mão repentinamente, deixando o sol inundá-lo. Longe, na pálida areia riscada em cruz, um monstro fantástico avançava a grandes passadas, vestido de franjas e luvas (alargava ainda mais a poça) que depois desapareceu por entre as vastas fendas na encosta da montanha. Então, deixando os olhos deslizarem imperceptivelmente pela poça e descansarem na ondulante linha entre o céu e o mar, nos troncos das árvores que a fumaça dos navios a vapor fazia tremerem acima do horizonte, ficou hipnotizada por todo esse poder que se contraía selvagememente e inevitavelmente se alastrava. E os dois sentidos, de amplidão e de insignificância, florescendo dentro da poça (que diminuía outra vez), faziam-na se sentir com as mãos e os pés amarrados e incapaz de se mover devido à intensidade de sentimentos que reduziam seu próprio corpo, sua própria vida e as vidas de todas as pessoas do mundo, para sempre, ao nada. Assim, ouvindo as ondas, de cócoras diante da poça, ela meditava.

Quando Andrew gritou que o mar estava subindo, Nancy atravessou chapinhando pelas ondas rasas rumo à praia, levada pela própria impetuosidade e pelo desejo da velocidade, até bem atrás de uma rocha onde, oh céus!, estavam Paul e Minta, um nos braços do outro, provavelmente se beijando. Sentiu-se ultrajada, indignada. Ela e Andrew colocaram os sapatos e meias num silêncio mortal, sem fazerem o menor comentário sobre isso. Na verdade, mostravam-se ríspidos um com o outro. Ela bem que poderia; tê-lo chamado ao ver um caranguejo ou qualquer coisa assim — resmungou Andrew. Entretanto, ambos sentiam: a culpa não é nossa. Eles não queriam que tão terrível transtorno

sucedesse. Contudo, irritava a Andrew que Nancy fosse uma mulher, e a Nancy que Andrew fosse um homem, e eles amarraram os sapatos com todo o cuidado e apertaram bastante os cadarços.

Somente quando chegaram ao topo do rochedo é que Minta gritou que perdera o broche de sua avó — o broche de sua avó, a única joia que possuía: um chorão montado em pérola (eles deviam se lembrar). Deviam tê-lo visto — disse ela, as lágrimas rolando pelas faces. Era o broche que a avó usara para prender o toucado até o último dia de sua vida. Agora o perdera. Preferia ter perdido qualquer outra coisa! Voltaria e o procuraria. Todos voltaram. Esquadrinharam, examinaram e olharam. Andaram com as cabeças baixas, falando-se abrupta e grosseiramente. Paul Rayley procurava como um louco em volta da pedra onde estiveram sentados. Não valia a pena tanta confusão por causa de um broche — pensou Andrew, quando Paul lhe disse para fazer "uma busca rigorosa entre este ponto e aquele". A maré subia depressa. Num minuto o mar cobriria o local onde tinham se sentado. Não havia a menor chance de o encontrarem agora. — Seremos tragados! — gritou Minta, repentinamente apavorada. Como se houvesse o menor perigo disso! Era de novo como com os touros. Ela não tinha o menor controle sobre suas emoções, pensou Andrew. As mulheres não o têm. O infeliz do Paul teve de acalmá-la. Os homens trocaram ideias rapidamente (Andrew e Paul imediatamente assumiram um tom másculo e fora do comum), decidindo que fincariam a bengala de Paul Rayley onde tinham ficado sentados e voltariam com a maré baixa. Nada mais havia a fazer agora. Se o broche estivesse lá, continuaria lá pela manhã, asseguraram-lhe, mas Minta ainda soluçou, durante todo o caminho, até o topo do rochedo. Era o broche de sua avó; preferia ter perdido qualquer outra coisa. Contudo, Nancy sentiu — embora fosse possível que Minta realmente se incomodasse por ter perdido o broche — que ela não estava chorando apenas por isso. Estava chorando por alguma outra coisa. Podíamos todos sentar-nos e chorar — sentiu. Mas não sabia por quê.

Paul e Minta caminhavam juntos mais à frente, enquanto ele a consolava, dizendo que era famoso por conseguir encontrar coisas. Certa vez, em menino, achara um relógio de ouro. Acordaria com o raiar do sol e tinha certeza de que acharia o broche. Pensou que sem dúvida estaria escuro e que ficaria sozinho na praia, e que isso de certa forma seria bem perigoso. Entretanto, começou a lhe dizer que sem dúvida o acharia, e ela respondeu que não queria ouvir falar nisso de ele acordar com o nascer-do-sol. Estava perdido, sabia-o. Tivera um pressentimento ao colocá-lo à tarde. Secretamente ele decidiu que não lhe diria nada, e se esgueiraria para fora da casa com o raiar do dia, quando todos estivessem dormindo. E se não o achasse, na a Edinburgh e compraria outro igualzinho, só que mais bonito. Daria prova do que era capaz. E, quando

chegaram ao topo do morro e viram as luzes da cidade surgindo a seus pés de repente, uma a uma, as acharam parecidas com os fatos que lhes iriam acontecer: o casamento, os filhos, a casa; e de novo ele pensou, quando chegaram à estrada sombreada por altos arbustos, que se refugiariam juntos na solidão e continuariam caminhando sempre, sempre em frente, ele sempre a conduzindo, ela se apoiando nele (como agora). Quando chegaram às estradas secundárias, ele pensou na experiência apavorante que tivera e que precisava contar a alguém — à Sra. Ramsay, sem dúvida —, pois tirava-lhe a respiração pensar no que ousara fazer. Fora esta, sem dúvida, a pior experiência de sua vida: perguntar a Minta se queria se casar com ele. Iria diretamente à Sra. Ramsay, pois sentia que ela era, de certa forma, a pessoa que o levaria a fazê-lo. Ela o fizera acreditar que poderia fazer qualquer coisa. Ninguém mais o levava a sério. Mas ela o levaria a acreditar que poderia fazer o que bem entendesse. Sentira seus olhos sobre ele o dia todo, seguindo-o (embora não dissesse nada) como se dissessem: "Sim, você é capaz de fazê-lo. Eu creio em você. Espero que o faça." Ela o fizera sentir tudo isso e no mesmo instante em que chegassem (procurava as luzes da casa, acima da baía), iria até ela e diria: "Eu o fiz, Sra. Ramsay; graças à senhora." E assim, chegando à alameda que levava à casa, pôde ver as luzes tremulando nas janelas do segundo andar. Deviam estar terrivelmente atrasados. As pessoas já se aprontavam para o jantar. A casa estava toda iluminada, e, depois da escuridão, as luzes inundavam seus olhos. Como uma criança, disse consigo mesmo enquanto caminhava pela estrada: Luzes, luzes, luzes. E repetia atónitamente: Luzes, luzes, luzes, ao entrarem em casa, olhando à sua volta, com o rosto muito rígido. Mas, céus! — disse consigo mesmo, levando a mão à gravata —, não posso me tornar ridículo!)

— Sim — disse Prue, com seu jeito meditativo, em resposta à pergunta da mãe —, acho que Nancy foi com eles.

16

Bem, então Nancy fora com eles — conjecturou a Sra. Ramsay, largando uma escova e pegando um pente. E disse: — Entre — ao ouvir baterem à porta (Jasper e Rose entraram), perguntando-se se o fato de Nancy estar com eles tornava mais ou menos possível que alguma coisa tivesse acontecido; de certa forma tornava menos provável — pensou a Sra. Ramsay, irracional —, salvo que, afinal de contas, não era provável que ocorresse um holocausto numa tal proporção. Não podiam ter-se afogado todos. E de novo sentiu-se sozinha na presença de sua velha antagonista: a vida.

Jasper e Rose disseram que Mildred queria saber se desejava atrasar o jantar.

— Nem pela rainha da Inglaterra — respondeu a Sra. Ramsay enfaticamente.

— Nem pela imperatriz do México — acrescentou, rindo para Jasper, pois ele herdara o vício de sua mãe: também exagerava.

— E se Rose quisesse — disse ela, enquanto Jasper foi dar o recado —, podia escolher quais as joias que ela usaria. Quando há quinze pessoas para jantar, não se pode atrasar as coisas indefinidamente. Agora começava a se sentir aborrecida com eles por estarem tão atrasados; era uma falta de consideração. E, além da ansiedade que sentia, aborrecia-a o fato de terem escolhido, dentre tantas noites, justamente aquela para chegarem atrasados, quando, na verdade, queria que o jantar fosse particularmente agradável, pois finalmente William Bankes aceitara jantar com eles. E teriam a obra-prima de Mildred: *Boeuf en daube*. Tudo dependia da comida ser servida precisamente no momento em que estivessem prontos a carne, o louro e o vinho ' tudo precisava ser cozinhado ao ponto. Demorar a servi-los era um completo despropósito. Contudo, com tantas noites, tinham de sair exatamente nessa, e voltavam tarde, e a comida tinha de esperar e ser requentada. O *Boeuf en daube* ficaria completamente arruinado.

Jasper apresentou-lhe um colar de opala; Rose, um de ouro. Qual ficaria melhor com seu vestido preto? Qual, na verdade? — disse a Sra. Ramsay distraidamente, olhando no espelho o pescoço e os ombros (mas evitando o rosto). E então, enquanto as crianças remexiam nas suas coisas, viu pela janela algo que sempre a divertia: as; gralhas tentando decidir em que árvore pousar.

Todas as vezes pareciam mudar de ideia e tornavam a voar, porque, pensou, a velha gralha, a gralha-pai, o velho Joseph, como o chamava, era um pássaro de caráter temperamental e difícil. Era um velho pássaro decadente, que já perdera metade das penas das asas. Era como um senhor de idade, maltrapilho e de cartola, que vira tocando trompa na porta de um bar.

— Vejam! — disse ela, rindo. Estavam brigando mesmo. Joseph e Mary estavam brigando. De qualquer modo, tornaram a voar, empurrando o ar com suas asas negras e sulcando-o em formas originais de cimitarras. O movimento das asas batendo, batendo, batendo — nunca poderia descrevê-lo com perfeição suficiente para satisfazer-se — era uma das coisas que mais apreciava. Veja isso, disse a Rose, com a esperança de que ela o visse com mais clareza do que ela. Pois os filhos frequentemente davam um ligeiro impulso às percepções dos pais.

Mas qual usaria? Já haviam exibido todas as prateleiras da sua caixa de joias. O colar de ouro, que era italiano, ou o colar de opalas que o tio James lhe trouxera da Índia? Ou deveria usar suas ametistas?

— Escolham, queridos, escolham — disse, desejando que se apressassem.

Mas ela os deixou escolherem com calma: deixou Rose, em particular, pegar nesta e depois naquela joia, colocando-a de encontro ao seu vestido preto, pois sabia que a cerimônia da escolha das joias, que ocorria todas as noites, era o que Rose mais apreciava. Tinha uma razão secreta e apenas dela para emprestar tanta importância à escolha do que a mãe deveria usar. Qual seria a razão?, perguntou-se a Sra. Ramsay, permanecendo de pé imóvel para que ela fechasse o colar que escolhera, adivinhando no seu próprio passado algum indizível sentimento, profundo, oculto, que se tinha pela própria mãe na idade de Rose. Como todos os sentimentos que não se transmitiam, pensou a Sra. Ramsay, também este a entristeceu. Era tão insuficiente o que se podia dar em retribuição aos outros; o que Rose sentia era tão desproporcional ao que ela própria era capaz de dar. E Rose cresceria; Rose sofreria, conjecturou, com esses sentimentos profundos, e disse que agora já estava pronta, e que podiam descer. Jasper, sendo cavalheiro, devia dar-lhe o braço; Rose, sendo uma senhorita, devia carregar seu lenço (deu-lhe o lenço), e o que mais? Oh, sim, poderia esfriar: um xale. Escolha um xale, disse, pois isso agradaria a Rose, que com certeza sofreria muito. — Lá estão eles outra vez — falou, parando no patamar, junto à janela. Joseph se acomodara no alto de outra árvore. — Você acha que eles gostam que lhes quebrem as asas? — perguntou a Jasper. Por que queria atirar nos pobres Joseph e Mary? Ele arrastou um pouco os pés na escada, sentindo-se censurado, mas não muito; pois ela não compreendia como era divertido atirar em pássaros que não sentiam nada; e, como ela era sua mãe, vivia distante, numa outra parte do mundo; mas ele bem que gostava de suas

histórias sobre Joseph e Mary. Ela o fazia rir. Mas como sabia que esses eram Mary e Joseph? Será que achava que eram sempre os mesmos pássaros que vinham às mesmas árvores todas as noites?, perguntou. Contudo, nesse instante, como sempre fazem os adultos, ela repentinamente deixou de lhe prestar atenção. Estava ouvindo um ruído no vestíbulo.

— Eles voltaram! — exclamou, mas imediatamente sentiu muito mais aborrecimento do que alívio com relação a eles. Então se perguntou: teria acontecido? Quando descesse, eles lhe contariam — mas não. Não poderiam contar-lhe nada, com todas aquelas pessoas em volta. Portanto, teria de descer, iniciar o jantar, e esperar. E, como uma rainha que, encontrando sua corte reunida no salão, ativa, desce por entre eles, recebe suas homenagens em silêncio e aceita sua devoção e suas reverências prostradas (Paul não mexeu um único músculo e ficou olhando diante de si enquanto ela passava), desceu e cruzou o salão, inclinando ligeiramente a cabeça, como se aceitasse aquilo que não poderiam pronunciar: a homenagem que prestavam à sua beleza.

Mas deteve-se. Sentiu um cheiro de queimado. Teriam deixado o *Boeuf en daube* cozinhar demais?, perguntou-se. Queira Deus que não! Foi então que o gongo soou anunciando solene e autoritariamente que todos os que estavam espalhados pelos sótãos, quartos, em seus pequenos recantos secretos, lendo, escrevendo, abotoando os vestidos ou escovando pela última vez o cabelo, precisavam abandonar tudo isso — as miudezas sobre mesinhas e penteadeiras, os romances sobre as mesas de cabeceira e os seus diários, que eram tão secretos — e reunir-se na sala para o jantar.

Mas o que fiz de minha vida?, pensou a Sra. Ramsay, tomando seu lugar à cabeceira e olhando todos aqueles pratos; que formavam círculos brancos sobre a toalha. — William, sente-se perto de mim — disse. — Lily — continuou, com voz fatigada —, sente-se lá adiante. — Eles tinham aquilo — Paul Rayley e Minta Doyle; ela, apenas isto: a mesa infinitamente comprida, com pratos e facas. Na outra extremidade, estava sentado seu marido, totalmente acabrunhado e carrancudo. Por quê? Não sabia. Não se incomodava. Não podia compreender como algum dia pudera ter tido qualquer sentimento ou afeto por ele. Tinha a sensação dá estar além de tudo, através de tudo, fora de tudo, ao servir-a sopa, como se houvesse um redemoinho, ali, e podia-se estar dentro ou fora dele. E ela estava fora. Tudo chegara ao fim, pensou, enquanto entravam, um por um: Charles Tansley: — Sente-se ali, por favor; — Augustus Carmichael — e sentavam-se. Enquanto isso esperava passivamente que alguém lhe respondesse, que algo acontecesse.

Mas isso não é uma coisa que se diga, pensou, enquanto servia as conchas cheias de sopa.

Arqueando as sobrancelhas diante da discrepância entre o que pensava e o que fazia — servir a sopa — sentiu-se, cada vez mais intensamente, fora desse redemoinho, ou como se uma sombra tivesse descido e, ficando a realidade despojada de suas cores, pudesse vê-la com exatidão. A sala (olhou em redor) estava muito maltratada. Não havia beleza em lugar algum. Absteve-se de olhar para o Sr. Tansley. Nada parecia ter se integrado. Todos se sentavam isolados. E o esforço global de integração, fluência e criação dependia dela. E de novo sentiu, como um fato sem nada de hostil, a esterilidade dos homens; pois se não o fizesse, ninguém o faria. Assim, dando em si mesma uma sacudidela como a que se dá num relógio que parou, voltou a ouvir a velha pulsação familiar — como o relógio que inicia o seu tique-taque: um, dois, três, um, dois, três. E assim por diante, e assim por diante, repetiu ela, ouvindo-o e protegendo-o — acalentando esse pulsar ainda débil como se protege a chama fraca com um jornal. Então é assim, concluiu, dirigindo-se a William Bankes, ligeiramente inclinada. Pobre homem! Não tinha mulher nem filhos, e jantava sozinho em

seus aposentos todas as noites, exceto hoje; com pena dele — a vida agora estando suficientemente forte para de novo ampará-la — começou a cumprir sua obrigação — como um marinheiro que, não sem fadiga, vê o vento inflar sua vela, quase sem desejo de partir, e pensa que, se o navio houvesse afundado, ele teria rodopiado incessantemente até encontrar descanso no fundo do mar.

— Encontrou suas cartas? Pedi que as guardassem no vestibulo — disse a William Banks.

Lily Briscoe a observava enquanto ela era arrastada para aquela estranha terra sem dono onde é impossível acompanhar as pessoas. E, contudo, sua caminhada inflige nos observadores um tal arrepio, que estes tentam ao menos segui-las com os olhos — assim como se acompanha as velas de um navio desvanecendo até se afundarem no horizonte.

Como parece velha e gasta — pensou Lily — e como parece distante. Mas, quando ela se voltou, risonha, para William Banks, era como se o navio tivesse regressado e sol outra vez ferisse suas velas, e Lily pensou, um tanto divertida ao sentir alívio: por que ela sente pena dele? Pois era essa impressão que ela lhe dava quando comunicava a William Banks que suas cartas estavam no vestibulo. Coitado dele, parecia dizer; como se em parte a sua exaustão se devesse a ter tido pena dos outros e como se a vida que havia nela e a resolução de viver que recuperara fossem impulsionadas por esse sentimento de pena. E isso não era verdade, pensou Lily; era um de seus enganos, que pareciam instintivos e oriundos mais de uma necessidade dela própria que dos outros. Ele não merece nem um pouco de pena. Tem seu trabalho, disse Lily consigo mesma. E de repente, como se tivesse encontrado um tesouro, lembrou-se de que ele também tinha o seu trabalho. De relance, visualizou o seu quadro, e pensou: sim, deslocarei a árvore mais para o centro; assim evitarei aquele vazio sem propósito. É o que farei. Era isso que me embaraçava. Pegou o saleiro e o colocou sobre uma flor no estampado da toalha, para não se esquecer de mudar a árvore de lugar.

— É estranho, mas mesmo quando não recebemos nada que valha a pena pelo correio, ainda assim queremos ver as nossas cartas — disse o Sr. Banks.

Que conversa terrivelmente tola!, pensou Charles Tansley, pousando a colher exatamente no meio do prato, que limpava completamente, como se quisesse assegurar-se — pensou Lily (que estava sentada em frente a ele, tendo-o precisamente no centro da paisagem) — que nada perderia da sua refeição. A seu redor, tudo possuía a mesma fixidez estéril, a mesma ingrata insipidez. Contudo, permanecia o fato de que era quase impossível não gostarmos de uma pessoa, se a olhamos. Ela gostava de seus olhos: eram azuis, profundos, assustadores.

— O senhor escreve muitas cartas, Sr. Tansley? — perguntou a Sra.

Ramsay, também com pena dele, conjecturou Lily; pois essa era uma verdade sobre a Sra. Ramsay: sempre lastimava os homens, como se lhes faltasse alguma coisa; e nunca lastimava as mulheres, como se tivessem alguma coisa. Ele escrevia para sua mãe; fora isso, achava que não escrevia mais que uma carta por mês — disse o Sr. Tansley sucintamente.

Pois não falaria o tipo de bobagens que essa gente desejava ouvir: não ia ser condescendente com essas tolas mulheres. Estivera lendo em seu quarto, e agora que descera, tudo parecia tolo, superficial e insignificante! Por que se vestiam assim? Descera com suas roupas cotidianas. Não trouxera traje de gala. "Nunca recebemos nada que valha a pena pelo correio" — era o tipo de coisa que costumavam dizer. Elas faziam os homens dizerem esse tipo de coisa. Sim, era a verdade, pensou. Nunca recebiam nada que valesse a pena o ano inteiro. Não faziam nada além de falar, falar, falar, comer, comer, comer. A culpa era das mulheres. As mulheres tornavam a civilização insuportável com todo o seu "encanto", toda a sua tolice.

— Ninguém irá ao Farol amanhã, Sra. Ramsay — disse, apenas para se auto-afirmar. Ele gostava dela; admirava-a; ainda pensava no homem que consertava o esgoto e que a ficara olhando; mesmo assim sentiu necessidade de se auto-afirmar.

Na verdade ele era o ser humano menos atraente que ela conhecia, apesar de seus olhos; mas veja seu nariz, veja suas mãos — pensou Lily Briscoe. Então, por que se importava com o que ele dizia? As mulheres não sabem escrever, as mulheres não sabem pintar. Que importava isso, se vinha dele, já que obviamente essa opinião não era verdadeira, mas sim útil para ele, por algum motivo, e era por isso que expressava? Por que todo o seu ser se curvava como trigo soprado pelo vento, que só voltaria a se retesar dessa prostração com um grande e penoso esforço? Precisava começar tudo de novo. Há o ramo de flores na toalha; há o meu quadro; preciso mudar a árvore para o centro; é o que importa — nada mais. Não poderia se agarrar a isso, perguntou-se, em vez de se descontrolar ou discutir? e se queria se vingar dele um pouco, por que não o fazer rindo-se dele?

— Oh, Sr. Tansley, leve-me com o senhor ao Farol amanhã. Gostaria tanto...

Ele sabia que ela estava dizendo mentiras. Estava dizendo o que não pensava, apenas para aborrecê-lo, por algum motivo. Ria dele. Ele estava com suas velhas calças de flanela. Não tinha outras. Sentiu-se muito grosseiro, isolado e solitário. Sabia que ela tentava irritá-lo por algum motivo; ela não queria ir ao Farol com ele; ela o desprezava; e também Prue Ramsay; e todos eles também. Mas não ia se deixar ridicularizar por mulheres. Por isso, voltou-se

deliberadamente na cadeira, olhou pela janela, e disse bruscamente, de um só fôlego, que o mar estaria violento demais para ela no dia seguinte. Ela enjoaria.

Aborrecia-o que ela o tivesse levado a falar assim, quando a Sra. Ramsay os ouvia. Se pelo menos pudesse ficar sozinho em seu quarto trabalhando, pensou, entre seus livros. Era lá que se sentia à vontade. Ele nunca devera um níquel a ninguém; nunca custara a seu pai um único tostão desde os quinze anos; ajudara a família com suas economias; estava educando sua irmã. Contudo, desejaria ter sabido responder corretamente à Srta. Briscoe; desejaria não ter falado tão rispidamente assim: "Você enjoaria". Desejaria poder dizer à Sra. Ramsay alguma coisa que lhe mostrasse que não era apenas um completo pedante. Era isso o que todos achavam dele. Virou-se para ela. Mas a Sra. Ramsay estava conversando com William Bankes sobre pessoas de quem nunca ouvira falar.

— Sim, pode tirar — disse rapidamente, interrompendo o que dizia ao Sr. Bankes para se dirigir à empregada. — Deve ter sido há quinze... não, há vinte anos que a vi pela última vez — disse, tornando a se voltar para ele, como se não pudesse perder um único momento da conversa, pois estava absorta com o que lhe dizia. Então tivera notícias dela nesta mesma tarde! E Carrie ainda vivia em Marlow, e nada havia mudado? Oh, lembrava-se como se fosse ontem, o rio; sentindo, como se fosse ontem, entrando no rio, com muito frio. Quando os Mannings faziam um plano, aferravam-se a ele. Nunca se esqueceria de Herbert na margem do rio matando uma vespa com uma colher de chá! E tudo continuava por entre as cadeiras e mesas daquela sala de visitas às margens do Tâmbisa onde sentira tanto, tanto frio, vinte anos atrás; só que agora as percorria como um fantasma; e a fascinava que, enquanto ela mudara, esse dia específico, que agora se tornara muito bonito e tranquilo, permanecera lá, todos esses anos. Fora a própria Carrie quem lhe escrevera?, perguntou.

— Sim. Disse que estão construindo uma nova sala de bilhar — respondeu ele. Não! Não! Era inacreditável! Construindo uma nova sala de bilhar? Parecia-lhe impossível!

O Sr. Bankes não conseguia ver nada de muito estranho nisso. Estavam muito bem de vida agora. Devia mandar lembranças a Carrie em seu nome?

— Oh! — disse a Sra. Ramsay, com um sobressalto. — Não! — acrescentou, pensando que não conhecia essa Carrie que construía uma nova sala de bilhar. — Mas que estranho — repetiu, o que muito divertiu o Sr. Bankes — que continuassem lá. Pois era extraordinário pensar que enquanto eles continuaram vivendo tantos anos, ela não pensara neles mais que uma vez durante tão longo período. Como fora movimentada a sua vida todos esses anos! Contudo, talvez Carrie Manning também não tenha pensado nela. Esse pensamento lhe pareceu estranho e desagradável.

— As pessoas logo se separam — disse o Sr. Bankes, sentindo, entretanto, uma certa satisfação ao pensar que afinal conhecia tanto os Mannings quanto os Ramsays. Ele não se separara — pensou, pousando a colher e limpando meticulosamente o buço bem barbeado. Mas talvez fosse uma exceção nesse aspecto, pensou; nunca se isolava completamente do mundo. Tinha amigos em todos os círculos... A Sra. Ramsay teve de se interromper nesse momento para dizer à empregada alguma coisa quanto a não deixar a comida esfriar. Era por isso que preferia jantar sozinho. Todas essas interrupções o aborreciam. Bem — pensou William Bankes, mantendo uma atitude de perfeita corte- e tão-somente espalhando os dedos da mão esquerda sobre a toalha, como um mecânico que durante um descanso examinasse uma ferramenta bem polida e pronta Para ser usada —, tais são os sacrifícios que os amigos exigem. Eu a teria magoado se tivesse recusado o conso. Mas não valia a pena tanto trabalho por sua causa.

Olhando a própria mão, pensou que, se estivesse jantando sozinho, já estaria quase no final; estaria livre para trabalhar. Sim, pensou, é uma terrível perda de tempo. As crianças ainda se demoravam. — Gostaria que um de vocês corresse até o quarto de Roger — dizia a Sra. Ramsay. Como tudo isso era insignificante e monótono, pensou ele, se comparado a outra coisa: o trabalho. Ali estava ele, tamborilando os dedos na toalha, quando podia estar — e vislumbrou de relance todo o seu trabalho. Que perda de tempo era aquilo tudo, sem dúvida alguma! Contudo, pensou, ela é uma de minhas amigas mais antigas. Geralmente lhe sou dedicado. Nesse momento, porém, sua presença não representava absolutamente nada para ele; nem sua beleza, nem a visão de quando permanecera sentada com o filho à janela — nada, nada. Ele apenas desejava ficar sozinho e ler aquele livro. Sentia-se desconfortável, sentia-se traíçoeiro por sentar-se a seu lado e não sentir nada por ela. A verdade é que não gostava da vida familiar. Era uma dessas situações em que a pessoa se pergunta: para que se vive? Por que se faz tantos sacrifícios para que a espécie humana prossiga? Isso é tão desejável assim? Somos uma espécie assim tão atraente? Nem tanto, pensou, olhando todos aqueles meninos bastante desleixados. Supunha que Cam, sua favorita, estivesse na cama. Perguntas tolas e vãs, perguntas que a pessoa só formulava quando não tinha nada para fazer. A vida humana é isto? A vida humana é aquilo? Nunca se tinha tempo para pensar nisso. Mas ali estava ele se perguntando esse gênero de coisas, só porque a Sra. Ramsay dava ordens aos empregados, e também porque ficara impressionado ao vê-la tão surpresa com o fato de que Carrie Manning ainda existia, que mesmo as melhores amizades são coisas frágeis. As pessoas se separam. Recriminou-se novamente. Estava sentado ao lado da Sra. Ramsay, e não tinha nada para lhe dizer.

— Desculpe-me — disse a Sra. Ramsay, finalmente voltando-se para ele. Sentiu-se rígido e estéril como um par de botas encharcadas e que tornam a se secar, de modo que quase não se consegue forçar os pés dentro delas. Contudo, precisava forçar os pés dentro delas. Precisava se obrigar a falar. Se não fosse cuidadoso, ela desconfiaria de sua traição, desconfiaria de que ele não se preocupava nem um pouco com ela, e isso de modo algum seria agradável, pensou. Portanto, fez uma ligeira cortesia com a cabeça na sua direção.

— Como deve detestar ter de jantar nesse tumulto! — disse ela, lançando mão de seus hábitos de civilidade, como fazia sempre que se sentia confusa. Da mesma forma, quando há uma discordância de línguas em uma reunião, o presidente sugere, para obter a unidade, que todos falem em francês. Pode ser mau francês; talvez o francês não contenha as palavras que expressem os pensamentos dos falantes; contudo, falar francês impõe uma certa ordem, certa uniformidade. Respondendo-lhe na mesma língua, o Sr. Bankes disse: — Oh, de modo algum —, e o Sr. Tansley, que desconhecia totalmente o francês, mesmo quando falado em palavras monossilábicas, imediatamente suspeitou da sua insinceridade. Sem dúvida, os Ramsays conversavam tolices, pensou; e se lançou a-essa novidade com alegria, imaginando uma nota que leria, um dia desses, para um ou dois amigos. Num ambiente onde se podia dizer o que se desejava, descreveria sarcasticamente "uma visita aos Ramsays" e as tolices que conversavam. Valia a pena fazê-la uma vez, diria; mas não uma segunda. As mulheres eram tão aborrecidas!, diria. Sem dúvida Ramsay se arruinara casando com uma mulher bonita e tendo oito filhos. A descrição teria mais ou menos essa forma; mas agora, nesse exato momento, sentando-se empertigado e com um lugar vazio a seu lado, nada dela se concretizara ainda. Estava ainda em fragmentos. Sentia-se extremamente constrangido, mesmo fisicamente. Queria que alguém lhe desse uma oportunidade de se auto-afirmar. Desejava-o tão ardentemente que se inquietava na cadeira, olhava ora uma pessoa, ora outra, tentava se introduzir na conversa, abria a boca e tornava a fechá-la. Estavam conversando sobre a indústria pesqueira. Por que não perguntavam sua opinião? Que sabiam eles sobre a indústria pesqueira?

Lily Briscoe percebia tudo isso. Sentada à sua frente, acaso não podia ela ver, como numa radiografia, os ossos e as costelas do desejo do jovem querendo se afirmar, destacando-se em negro por entre a carne — essa tênue névoa que a convenção depositara sobre seu vivo desejo de entrar na conversa? Mas, pensou, franzindo os olhos de chinesa, e lembrando-se de como ele escarnecia das mulheres — "as mulheres não sabem pintar, não sabem escrever" —, por que o ajudaria a se desabafar?

Há um código de conduta que ela conhecia, e cujo sétimo artigo (talvez) diz

que em tais ocasiões convém à mulher, não importa qual seja sua profissão, ajudar o jovem sentado diante dela, para que ele possa expor e aliviar os fêmures e as costelas da sua vaidade, do seu premente desejo de se auto-afirmar; tal como, sem dúvida, é dever deles, refletiu, com sua sinceridade de solteirona, de nos ajudar em caso, por exemplo, de ocorrer um incêndio no metrô. Então, com toda certeza, eu esperaria que o Sr. Tansley me tirasse dali. Mas o que aconteceria, pensou, se nenhum de nós fizesse nenhuma dessas coisas? Ela continuava sorrindo.

— Você não está planejando ir ao Farol, está, Lily? — I perguntou a Sra. Ramsay. — Lembre-se do pobre Sr. Lan-; gley; já dera a volta ao mundo dúzias de vezes, mas disse-meI que nunca sofreu tanto como daquela vez em que meu marido o levou ao Farol. O senhor é um bom marinheiro, Sr. Tansley? — perguntou.

O Sr. Tansley ergueu um martelo: balançou-o bem alto no ar, mas compreendendo, ao descê-lo, que não poderia i esmagar aquela borboleta com tal objeto, disse que nunca enjoara em toda a sua vida. Mas condensou nessa única sentença, compactamente como pólvora, o fato de que seu avô fora pescador e seu pai farmacêutico; de que ele trabalhara para se sustentar sem ajuda de ninguém; que se orgulhava disso; que ele era Charles Tansley — coisa que ninguém parecia notar, mas que um dia todos saberiam. Olhava para a frente carrancudo. Quase lastimava essas pessoas pouco cultas que qualquer dia desses explodiriam bem alto no céu como fardos de algodão ou cestas de maçãs, só por causa da pólvora que guardava dentro dele.

— O senhor me levará, Sr. Tansley? — perguntou Lily, rápida e amavelmente, pois, na realidade, o que a Sra. Ramsay lhe dizia era: "Estou me afogando, minha querida, num mar de fogo. Se você não aplacar minha angústia desse momento com algum bálsamo, se não disser algo agradável a esse jovem aí em frente, minha vida se extinguirá de encontro a algum rochedo. Com efeito, já ouço o rilhar e o roçar de encontro às pedras. Meus nervos estão tensos como cordas de violino. Mais um toque e rebentarão." Quando a Sra. Ramsay acabou de dizer tudo isso com um único olhar, Lily Briscoe teve, sem dúvida pela centésima quinquagésima vez, de desistir da experiência de descobrir o que aconteceria se a pessoa não fosse amável com o jovem em frente — e foi obrigada a ser amável.

Julgando a mudança do estado de espírito de Lily corretamente — ela agora estava simpática —, ele pôde expressar seu egoísmo e lhe contar que o atiravam na água de um barco quando era bebê; que seu pai o colocava na água dependurado do barco por um gancho, e fora assim que aprendera a nadar. Um de seus tios era faroleiro numa rocha no litoral da Escócia — disse. Ficara lá

com ele durante uma tempestade. Falou com voz alta e pausada. Precisavam ouvi-lo quando dizia que ficara com seu tio num farol durante uma tempestade. Ah — pensou Lily Briscoe, quando a conversa tomou esse rumo auspicioso e sentindo a gratidão da Sra. Ramsay (pois agora ela própria poderia falar um pouco) —, ah, mas quanto não me custou esse gesto? Não fora sincera.

Usara o ardil usual — fora amável. Ela nunca o conheceria, nem ele a ela. As relações humanas eram sempre assim, pensou, e, entre homens e mulheres (não fosse pelo Sr. Bankes), ainda eram piores. Estas eram, inevitavelmente, extremamente insinceras. Então avistou o saleiro que colocara ali para se recordar — como acabava de acontecer — de que no dia seguinte mudaria a árvore um pouco mais para o meio, e seu estado de espírito melhorou tanto com o pensamento de que pintaria no dia seguinte, que riu do que o Sr. Tansley dizia. Que ele falasse a noite inteira, se quisesse.

— Mas quanto tempo deixam os faroleiros lá? — perguntou ela. Ele lhe respondeu. Era espantosamente bem informado. E como estava agradecido. E como gostava dela, como estava começando a se divertir. Então, a Sra. Ramsay pensou que poderia retornar àquela terra fantástica, àquele lugar irreal mas fascinante — a sala de visitas dos Mannings, em Marlow, vinte anos atrás, onde se podia andar sem pressa ou ansiedade, pois não havia nenhuma preocupação com o futuro. Sabia o que lhes ocorrera, sabia o que ocorrera com ela. Era como reler um bom livro, pois sabia o fim da história, ocorrida há vinte anos. E a vida, que jorrava mesmo nesta sala, em cascatas — ninguém sabia para onde —, estava lá, selada, e repousava placidamente, como um lago seguro entre as suas margens. Ele dissera que haviam construído uma sala de bilhar. Seria possível? Será que William continuaria a falar dos Mannings? Gostaria que o fizesse. Mas não — por algum motivo ele já não sentia vontade disso. Ela tentou. Ele não quis responder. Ela não poderia forçá-lo. Sentiu-se desapontada.

— As crianças estão terríveis — falou, com um suspiro. Ele disse qualquer coisa sobre a pontualidade ser uma das virtudes menos importantes, que só se adquire com idade mais avançada.

— Quando se adquire — disse a Sra. Ramsay, apenas para ocupar o tempo, pensando que William Bankes estava se tornando um velho solteirão. Consciente da própria perfídia, consciente do desejo que ela sentia de falar em algo mais íntimo, embora sem vontade no momento, ele sentiu a insipidez da vida envolvê-lo, enquanto permanecia sentado ali, esperando. Talvez os outros dissessem algo interessante? O que diziam?

Que a estação da pesca estava má; que os homens estavam emigrando. Falavam sobre salários e desemprego. Aquele jovem deblaterava contra o governo. William Bankes, pensando em como era consolador o fato de se apegar

a um assunto desses quando a própria existência se torna desagradável, ouviu-o falar sobre "um dos atos mais escandalosos do governo atual". Lily ouvia; a Sra. Ramsay ouvia; todos ouviam. Mas, já entediada, Lily sentiu que alguma coisa estava faltando; o Sr. Bankes sentiu que alguma coisa estava faltando; enrolando-se no xale, a Sra. Ramsay sentiu que alguma coisa estava faltando. E todos, inclinando-se para ouvir, pensaram: "Queira Deus que não se exponha o interior de minha mente", pois cada um deles pensou: "Os outros o estão sentindo. Sentem-se ultrajados e indignados com o governo em relação aos pescadores. Enquanto eu não sinto absolutamente nada." Mas talvez — pensou o Sr. Bankes ao olhar o Sr. Tansley — aquele fosse o homem. Sempre se esperava o homem. Havia sempre uma possibilidade. A qualquer momento o líder poderia surgir: o homem de gênio, na política como em tudo o mais. Provavelmente ele se mostrará profundamente indelicado para conosco, os velhos antiquados, pensou o Sr. Bankes, esforçando-se ao máximo para ser liberal, pois sabia, devido a uma estranha sensação, como se os nervos se eriçassem na espinha, que o invejava, em parte pelo que era, e, mais provavelmente, pelo seu trabalho, por seus pontos de vista, por sua ciência; e por isso não conseguia ser completamente liberal ou simpático, pois o Sr. Tansley parecia estar dizendo: vocês desperdiçaram suas vidas. Todos vocês estão errados. Pobres fósseis, vocês estão irremediavelmente ultrapassados. Esse jovem parecia bastante autoconfiante; e não tinha boas maneiras. Mas o Sr. Bankes se obrigou a observar que ele tinha coragem; que tinha capacidade; que estava muito atualizado a respeito dos fatos. Muito do que ele diz deve ser verdade — pensou o Sr. Bankes, enquanto Tansley deblaterava contra o governo.

— Diga-me agora... — começou ele. Assim, discutiam sobre política, e Lily olhava a folha da toalha. A Sra. Ramsay, deixando a discussão inteiramente a cargo dos homens, perguntou-se por que essa conversa a aborrecia tanto, e desejava, olhando o marido na outra extremidade da mesa, que ele dissesse alguma coisa. Uma palavra, falou consigo mesma. Pois se ele dissesse uma única coisa, tudo se tornaria completamente diferente. Ele ia até o cerne das coisas. Ele se importava com os pescadores e seus salários. Não conseguia dormir, de tanto pensar neles. Tudo era completamente diferente quando ele falava. Então não se dizia: Deus queira que os outros não notem que eu pouco me importo, pois a pessoa realmente se importava. Depois, percebendo que era exatamente por admirá-lo que desejava vê-lo falar, sentiu como se alguém tivesse elogiado seu marido e seu casamento, e olhou ao redor sem perceber que fora ela mesma quem o fizera. Olhou-o, buscando encontrar sinais disso em seu rosto. Ele deveria estar com uma aparência magnífica... Mas absolutamente! Estava carrancudo, o cenho fechado, as sobrancelhas arqueadas, e rubro de cólera. O

que poderia ser?, perguntou-se ela. O que estaria acontecendo? Era apenas o velho e coitado Augustus que pedira outro prato de sopa — isso era tudo. Era inconcebível, detestável (assim parecia ele dizer, através dos sinais que lhe mandava através da mesa) que Augustus recomeçasse sua sopa. Ele detestava quando as pessoas continuavam a comer depois que ele acabava. Ela viu seu ódio chispar de seus olhos e da testa como uma matilha, e sentiu que num instante algo violento explodiria, mas então — graças a Deus! — viu-o encolher-se e refrear-se, e todo o seu corpo pareceu emitir faíscas, mas não palavras. Permaneceu sentado, carrancudo. Não dissera nada, como a faria ver depois. Que ela ao menos reconhecesse isso! Mas, afinal, por que o pobre Augustus não poderia pedir outro prato de sopa? Ele apenas tocara no braço de Eilen e pedira: — Eilen, por favor, outro prato de sopa — e então o Sr. Ramsay fechada o cenho daquele modo.

E por que não?, perguntava a Sra. Ramsay. Certamente poderiam permitir que Augustus tivesse seu prato de sopa, se assim desejasse. Ele odiava que as pessoas ficassem se espojando na comida — disse o Sr. Ramsay através de um arcar de sobrancelhas. Detestava tudo o que se arrastava indefinidamente. Mas a fez ver que se tinha controlado, embora essa visão lhe fosse repulsiva. Contudo, por que mostrá-lo tão acintosamente, perguntou a Sra. Ramsay (olhavam-se e mandavam perguntas e respostas através da enorme mesa, e cada qual sabia exatamente o que o outro sentia). Todos podiam ver, pensou a Sra. Ramsay. Rose encarava o pai, Roger encarava o pai; ela sabia que dentro de um segundo rebentariam em ataques de riso, por isso disse rapidamente (e já era tempo): — Acendam as velas — e eles se levantaram de um salto, indo acendê-las atabalhoadamente no aparador.

Por que ele nunca conseguia ocultar seus sentimentos?, indagou a Sra. Ramsay, perguntando-se também se Augustus Carmichael teria notado. Talvez sim, talvez não. Não podia deixar de respeitar a sua compostura, sentado ali, tomando sopa. Se queria sopa, pedia-a. Para ele dava no mesmo que as pessoas rissem e ficassem zangadas com ele ou não. Ele não gostava dela, bem o sabia; mas, em parte, por essa mesma razão, ela o respeitava; e, olhando para ele, a tomar sopa, grande e calmo na luz trêmula, monumental e contemplativo, ela se perguntava o que sentiria naquele momento, e por que estava sempre contente e digno; pensou que ele era devotado a Andrew, e o chamaria até seu quarto. Andrew dizia que ele "lhe mostrava objetos". E ficaria deitado no gramado o dia inteiro, provavelmente ruminando sobre seus poemas, até que terminava se parecendo com um gato que olhasse passarinhos, e então batia com uma pata na outra quando achava a palavra, e seu marido dizia: pobre e velho Augustus; ele é realmente um poeta — o que, partindo de seu marido, era um grande elogio.

Agora havia oito velas na mesa; depois do primeiro bruxulear, as chamas subiram eretas, trazendo luminosidade para toda a extensão da mesa. No meio havia uma fruteira púrpura e amarela. O que fizera com ela?, perguntou-se a Sra. Ramsay, pois o arranjo preparado por Rose com uvas e peras, conchas róseas raiadas e bananas, a fez pensar num troféu arrebanhado ao fundo do mar, no banquete de Netu-no, no cacho de folhas de parreira que cai do ombro de Baco (num certo quadro), entre peles de leopardo e tochas tremeluzindo, vermelhas e douradas... Trazida à luz assim de repente, ela parecia adquirir enorme tamanho e profundidade — como um mundo no qual se podia pegar do cajado e subir as montanhas, e descer os vales, e, para seu prazer (pois isso criava uma afinidade entre eles), viu que Augustus também regalava os olhos na mesma fruteira, mergulhava nela, arrancava uma flor aqui, uma borla mais adiante, e fazia-os retornar, depois de banqueteá-los, à sua colmeia. Era este o seu modo de olhar, diferente do dela. Mas o fato de olharem juntos unia-os.

Agora todas as velas estavam acesas e sua luz aproximava os rostos de ambos os lados da mesa. E estes compunham agora mais um grupo ao redor da mesa do que quando estavam à luz do crepúsculo. Pois a noite agora estava encerrada do lado de fora das vidraças, o que, longe de dar uma visão precisa do mundo exterior, encrespava-o tão estranhamente, que ali, dentro da sala, parecia haver ordem e terra firme; no exterior, havia apenas um reflexo em que tudo tremulava e desvanecia fluidamente.

Imediatamente todos passaram por uma brusca mudança, como se isso houvesse de fato acontecido e todos tivessem consciência de comporem um grupo numa caverna, numa ilha; ou de defenderem a mesma causa contra a fluidez do exterior. A Sra. Ramsay, que se sentira inquieta, esperando Paul e Minta, e incapaz de se concentrar, sentiu que sua inquietação se transformava em expectativa. Pois deviam chegar agora. E Lily Briscoe, tentando analisar a causa dessa repentina alegria, comparou-a àquele momento no gramado em que a solidez se desvanecera repentinamente e amplos espaços se tinham aberto diante delas. Agora obtinha-se o mesmo efeito com as numerosas velas na sala pouco mobiliada, as janelas sem cortinas, e o olhar como máscaras brilhantes dos rostos à luz das velas. Sentiram-se aliviados de um peso; ela pressentiu que qualquer coisa poderia acontecer. Deviam chegar agora, pensou a Sra. Ramsay, olhando a porta. E naquele momento, Minta Doyle, Paul Rayley e uma empregada carregando uma grande travessa entraram juntos. Estavam terrivelmente, horivelmente atrasados, disse Minta, enquanto se dirigiam a seus lugares em extremidades opostas da mesa.

— Perdi meu broche, o broche de minha avó — disse Minta com um tom de lamento na voz e erguendo e baixando olhos castanhos tímidos, enquanto se

sentava ao lado do Sr. Ramsay. Acabou por despertar seu cavalheirismo, é ele implicou: — Como podia ser tão tola a ponto de ir passear pelos rochedos com joias? — perguntou.

Não estava longe de se sentir atemorizada por ele; era tão perigosamente inteligente, e na primeira noite em que se sentara perto dele e falara sobre George Eliot, ficara realmente assustada, pois esquecera o terceiro volume de *Middlemarch* no trem e nunca descobrira o final; mas depois se saiu muito bem, fazendo-se ainda de mais ignorante do que era, pois ele gostava de chamá-la de tola. Assim, esta noite, quando riu dela, não ficou assustada. Além disso, sabia, desde o instante em que entrara na sala, que se produzira o milagre: trazia sua aura dourada. Às vezes a tinha; às vezes, não. Nunca sabia por que ela vinha ou por que se ia, ou se ainda a possuía, até o momento de entrar na sala. E então, descobria-o instantaneamente, pelo modo como a olhava algum homem. Sim, ela a tinha tremendamente esta noite, sabia-o pelo modo como o Sr. Ramsay dissera que era uma tola. Estava sentada a seu lado, sorrindo.

Deve ter acontecido, jpensou a Sra. Ramsay; estão noivos. E por um momento sentiu o que esperaria nunca mais sentir de novo: ciúmes. Pois seu marido também percebia o esplendor de Minta. Ele gostava dessas jovens ruivo-alouradas que tinham algo de flutuante, de selvagem e leviano, "que não pelavam o cabelo", que não eram — como dizia sobre a pobre Lily Briscoe — "desenxabidas". Tinham uma certa qualidade que ela própria não tinha, um certo brilho, uma certa riqueza, que o atraíam, o divertiam e o levavam a ter como favoritas as jovens como Minta. Podiam cortar-lhe o cabelo, tecer-lhe pulseiras de relógios, ou interromper seu trabalho, gritando-lhe (ela sempre as ouvia dizer): — Venha, Sr. Ramsay; hoje é nosso dia de vencê-los — e lá ia ele jogar tênis.

Mas, na realidade, não era ciumenta; só de vez em quando se obrigava a olhar no espelho e ficava um pouco ressentida por ter envelhecido, talvez por sua própria culpa (a conta da estufa e tudo o mais). Ficava-lhes agradecida por rirem com ele ("Quantos cachimbos o senhor fumou hoje, Sr. Ramsay?", e assim por diante), até que ele parecia um jovem, um homem atraente para as mulheres, sem ter obrigações, nem carregar nas costas o peso da grandeza de seus trabalhos e das tristezas do mundo, da sua fama e do seu fracasso, mas de novo como ela o conhecera: esguio e cortejador, ajudando-a a saltar de um barco — lembrava-se — com modos maravilhosos, assim mesmo (olhava-o e ele parecia surpreendentemente jovem, ao implicar com Minta). De sua parte — Ponha-a ali, disse, ajudando a empregada suíça a pousar delicadamente a enorme travessa marrom na qual estava o *Boeuf en daube* —, de sua parte preferia os tolos. Paul devia sentar-se a seu lado. Guardara um lugar para ele. Às vezes pensava que, na

realidade, gostava mais dos tolos. Não a aborreciam com suas teses. Quanta coisa perdiam, esses homens inteligentes! Como se tornavam áridos, sem a menor dúvida. Havia algo encantador em Paul — pensou, sentada a seu lado. Suas maneiras eram maravilhosas, seu nariz afilado e seus olhos azuis e brilhantes. Era tão delicado. Será que ele lhe contaria — agora que todos falavam novamente — o que acontecera?

— Nós voltamos para procurar o broche de Minta — disse, sentado a seu lado. "Nós" — isso era o bastante. Soube, pelo esforço, pelo alargar da voz ao tentar superar uma palavra difícil, que fora a primeira vez que dissera "nós". "Nós" fizemos isto, "nós" fizemos aquilo. Dirão isso a vida inteira — pensou, e um refinado odor de azeitonas, azeite e molho desprendeuse da grande travessa marrom quando Marthe a destampou, com um gesto um tanto teatral. A cozinheira levava três dias para preparar esse prato. E precisava tomar muito cuidado — pensou a Sra. Ram-say, sondando a massa macia — para escolher um pedaço especialmente tenro para William Bankes. Ao olhar dentro da travessa, com suas paredes brilhantes e sua confusão de sabores de carnes marrons e amarelas e suas folhas de louro e vinho, pensou: vamos celebrar a ocasião com isso — e uma estranha sensação despertou dentro dela, a um só tempo extravagante e meiga, a de estar celebrando um festival, como se duas emoções despertassem nela uma única e profunda; pois o que poderia ser mais sério do que o amor do homem pela mulher, o que poderia ser mais imperioso, impressionante, trazendo em seu cerne a semente da morte? E, ao mesmo tempo, devia-se fazer esses amantes, essas pessoas que penetravam na ilusão com olhos brilhantes, dançar à roda, com zombarias, devia-se enfeitá-los com grinaldas.

— Está maravilhoso — disse o Sr. Bankes, pousando a faca um momento. Comera com atenção. Estava magnífico; estava macio. Estava perfeito. Como conseguia essas coisas no campo? — perguntou-lhe. Era uma mulher maravilhosa. Toda a sua afeição, todo o seu respeito por ela voltaram, e ela o sabia.

— É uma receita francesa de minha avó — disse a Sra. Ramsay, falando com um tom de grande prazer na voz. Decerto era francesa. O que se chama de arte culinária na Inglaterra é uma abominação (todos concordaram). Não passa de um esquentar de repolhos, e assar a carne até ficar dura como couro. E arrancar as deliciosas cascas das verduras, "nas quais reside a sua maior virtude" — afirmou o Sr. Bankes. E o desperdício — disse a Sra. Ramsay. Uma família francesa inteira poderia viver do que uma cozinheira inglesa joga fora. Incentivada pela sensação de que o afeto de William voltara e de que tudo corria bem agora, de que sua ânsia terminara e de que agora ela podia igualmente triunfar e escarnecer — riu, gesticulou, até que Lily pensou em como ela era

infantil, absurda, sentada ali com toda a sua beleza de novo exposta, falando sobre cascas de verduras. Havia nela algo de assustador. Era irresistível. Ela sempre fazia as coisas a seu modo, no final — pensou Lily. Agora conseguira isso: Paul e Minta; podia-se presumi-los noivos. O Sr. Bankes aceitara jantar ali. Ela encantava a todos com sua maneira simples e direta de exprimir seus desejos. E Lily comparou essa abundância com sua própria pobreza de espírito (pois o rosto da Sra. Ramsay estava iluminado — sem parecer jovem, mas radiante), e supôs que era em parte essa crença naquela coisa estranha e amedrontadora que tornava Paul Rayley o centro daquilo tudo, emocionado e ao mesmo tempo distraído, absorto, silencioso. A Sra. Ramsay — Lily sentia-o, ao vê-la falar sobre cascas de verduras — exaltava e cultuava isso. Estendia suas mãos sobre todos para proteger aquilo; contudo, depois de tê-lo despertado, Lily sentia, conduzia suas vítimas ao altar. E também ela sentiu inundá-la, nesse momento, a emoção, a vibração do amor. Como se sentia insignificante ao lado de Paul! Ele estava brilhante, ardente; ela, distante e crítica; ele, pronto para a aventura; ela, ancorada à terra; ele, destemido, incauto; ela, solitária, esquecida. E, pronta para implorar uma parte na catástrofe, se esta existisse, perguntou timidamente: — Quando foi que Minta perdeu o broche?

Ele sorriu o sorriso mais perfeito, velado pela memória, colorido por seus sonhos. Sacudiu a cabeça. — na praia — respondeu. — Vou encontrá-lo. Amanhã acordarei cedo — disse. Como isso seria feito sem que Minta soubesse, baixou o tom de voz, e voltou os olhos para onde ela estava sentada, rindo, ao lado do Sr. Ramsay.

Lily queria proclamar violenta e afrontosamente seu desejo de ajudá-lo, imaginando como, na aurora, seria ela quem encontraria o broche na areia, meio enterrado sob uma pedra, incluindo-se assim entre os marujos e os aventureiros. Mas o que respondeu ele a seu oferecimento? Ela dissera com uma emoção que raramente deixava transparecer: — Posso ir com você? — e ele rira. Queria dizer sim ou não — ambos talvez. Mas o que importava não era o significado de suas palavras, e sim seu estranho modo de rir, como se dissesse: atire-se do alto do penhasco se quiser, eu não me importo. Fazia-a sentir no rosto todo o calor do amor, seu horror, sua crueldade, sua inescrupulosidade. Isso queimou-a, e Lily, vendo Minta mostrar-se encantadora com o Sr. Ramsay, na outra extremidade da mesa, teve um movimento de recuo ao observá-la exposta a essas presas, e ao mesmo tempo se sentiu agradecida. Pois ao menos — pensou, olhando de relance o saleiro sobre o estampado da toalha — não precisaria se casar, graças a Deus: não precisaria suportar essa degradação. Estava a salvo desse aviltamento. Moveria a árvore bem mais para o meio.

Tal era a complexidade das coisas. Pois acontecia-lhe — principalmente

quando ficava com os Ramsays — sentir violentamente duas coisas antagônicas ao mesmo tempo: uma, o que você sente; outra, o que eu sinto. E ambas brigavam em sua mente, como nesse momento. É tão emocionante esse amor que tremo no seu limiar e ofereço-me, contrariamente aos meus hábitos, para procurar um broche na praia; e também é a mais insensata, a mais bárbara das paixões humanas, que transforma um belo jovem com um perfil de camafeu (Paul tinha um perfil perfeito) num valentão com uma barra de ferro nas mãos (estava jactancioso e insolente) na estrada de Mile End. Contudo, disse consigo mesma, desde o começo do mundo cantam-se odes ao amor; concedem-se coroas e flores em grandes quantidades; e nove dentre dez pessoas lhe responderiam que estavam perfeitamente satisfeitas com isso; enquanto as mulheres, a julgar por sua própria experiência, sentiriam c tempo todo: não é isso que nós queremos; não há nada mais enfadonho, pueril e desumano que o amor; contudo, ele é lindo e necessário. Bem, então, o quê, o quê, então?, perguntou, esperando de certa forma que os outros participassem daquele tipo de discussão em que se arremessava o dardo obviamente para que caísse longe do alvo, de modo que os outros o apanhassem e o atirassem mais adiante. Assim, prestou novamente atenção no que os outros diziam, esperando algum esclarecimento para o problema do amor.

— E depois — disse o Sr. Bankes —, há esse líquido que os ingleses chamam de café.

— Oh, o café! — exclamou a Sra. Ramsay. Mas era muito mais uma questão de a manteiga ser realmente de boa qualidade e o leite limpo. (Estava muito exaltada — Lily percebia — e muito enfática.) Descrevia com ardor e eloquência a ignomínia do sistema inglês de fabricação de laticínios, e o estado em que o leite era entregue à porta da casa, e ia começar a demonstrar suas afirmativas nesse sentido, pois conhecia bem o problema, quando, à volta de toda a mesa, a partir de Andrew, no centro — como um incêndio que se propaga de um espinheiro a outro —, seus filhos começaram a rir; seu marido riu; riam dela, acuando-a no meio do fogo, e forçando-a a retirar submissamente o elmo, recolher a bateria, e contentar-se apenas, como única vingança, em mostrar ao Sr. Bankes essas trocas e zombarias surgidas à mesa como um exemplo do que se sofria quando se queria atacar os preconceitos do público inglês.

Contudo, fez propositalmente uma exceção em favor de Lily — pois sabia que ela a ajudara no caso do Sr. Tansley e agora estava deslocada. Disse: — De qualquer forma, Lily concorda comigo — introduzindo-a assim de novo na conversa, um tanto perturbada, um tanto espantada (pois estava pensando no amor). Ambos estavam deslocados, Lily e Charles Tansley. Ambos sofriam com o esplendor dos outros dois. Era evidente que ele se sentia completamente

rejeitado; nenhuma mulher olharia para ele enquanto Paul Rayley estivesse na sala. Pobre rapaz! Contudo, tinha sua tese — a influência de alguém sobre alguma coisa; poderia cuidar de si mesmo. Com Lily era diferente. Ela desaparecia sob o brilho de Minta; tornava-se mais insignificante do que nunca com seu vestidinho cinzento, seu rostinho enrugado e seus olhinhos chineses. Tudo nela era pequeno. Contudo, pensou a Sra. Ramsay ao pedir sua ajuda (pois Lily intercederia em seu favor, dizendo que ela não falava tanto em queijarias quanto seu marido em botas — ele falaria sobre botas quase uma hora inteira), comparando as duas, Lily estaria bem melhor aos quarenta. Havia em Lily uma centelha de alguma coisa, um lampejo de alguma coisa, algo só dela, que agradava realmente à Sra. Ramsay, mas temia que não aos homens. Obviamente que não, a menos que fosse um homem muito mais velho, como William Bankes. Mas talvez ele a apreciasse a ela própria, às vezes a Sra. Ramsay achava que sim, desde a morte de sua mulher. Ele não estava "apaixonado", — é claro; tinha um desses sentimentos não-classificáveis que existem em tão grande número. Oh, mas isso é tolice — pensou ela; William precisa casar-se com Lily. Têm tantas coisas em comum! Lily gosta de flores. Ambos são frios e distantes e muito auto-suficientes. Precisava planejar para que fizessem um longo passeio juntos.

Fora tola em colocá-los em lados opostos da mesa. Isso poderia ser remediado no dia seguinte. Se o dia ficasse bom, iriam a um piquenique. Tudo parecia possível. Tudo parecia correto. Agora mesmo (mas isso não pode durar, pensou, alheando-se do momento, quando todos falavam sobre botas), agora mesmo alcançara a segurança; pairava no ar como um falcão em pleno voo; como uma bandeira desdobrada num ambiente de alegria que satisfazia a cada nervo de seu corpo, com uma suave plenitude, sem ruído, até mesmo com uma certa solenidade. Pois enquanto os olhava sentados ali, comendo — pensou que esse sentimento provinha do marido, dos filhos e amigos. E tudo que se elevava dessa profunda calma (servia a William Bankes outro pedaço bem pequeno, olhando para dentro das profundezas da travessa de louça) parecia agora, sem nenhuma razão especial, pairar ali como uma fumaça, como um vapor espiralando no ar, unindo-os estreitamente. Nada precisava ser dito; nada podia ser dito. Permanecia ali, à volta de todos eles. Fazia parte da eternidade — sentiu, enquanto servia o Sr. Bankes um pedaço especialmente tenro. Já sentira a mesma coisa com relação a outro assunto, naquela mesma tarde. Sentiu que havia uma coerência na realidade, uma estabilidade; que havia algo imune à mudança, que brilha como um rubi (olhou pela janela com suas ondulações de luzes refletidas) opondo-se ao fluido, ao etéreo, ao espectral; assim, nessa noite, tinha mais uma vez a sensação que já tivera nesse mesmo dia, de paz e de

descanso. É desses momentos que se compõe, pensou, tudo o que deve permanecer para sempre. Isto permanecerá.

— Sim — assegurou a William Bankes —, há o suficiente para todos.

— Andrew, abaixe o prato ou o entornará (o *Boeuf en daube* era um completo êxito). — Ali ficava — sentiu, ao pousar a colher — o espaço tranquilo que descansa próximo ao cerne das coisas, onde se podia andar ou repousar; e agora, era esperar (já servira a todos) e ouvir; depois, semelhante a um falcão que se lança repentinamente das alturas onde estava, podia exhibir-se e se entregar ao riso fácil, descansando todo o seu peso no que seu marido dizia, na outra extremidade da mesa, a respeito da raiz quadrada de mil duzentos e cinquenta e três, que era, por acaso, o número da sua passagem de trem.

Que significava tudo aquilo? Até agora, nunca tivera a menor noção. Uma raiz quadrada? Que seria? Seus filhos sabiam. Ela se apoiou neles, e em raízes cúbicas e quadradas. Era disso que falavam agora. De Voltaire e Madame de Staël; do caráter de Napoleão; do sistema francês de divisão de propriedade; de Lorde Rosebery; das memórias de Creevey. Deixou-se amparar pela magnífica estrutura construída pela inteligência masculina, onde esta se movimenta em todos os sentidos, para cima e para baixo, por entre as barras de ferro que se entrecruzam na estrutura oscilante que sustenta o mundo. Assim, ela podia se abandonar a ele completamente; até mesmo fechar os olhos, ou piscá-los um instante, como uma criança ao ver uma árvore de sua cama e observar os milhares de camadas de folhas superpostas. Então acordou. A inteligência masculina ainda se manifestava. William Bankes elogiava os romances de Walter Scott da fase de Waverley.

Lia um de seis em seis meses — disse. E por que isso irritava Charles Tansley? Ele se apressava em criticar os romances de Scott (tudo isso, pensou a Sra. Ramsay, só porque Prue não queria ser gentil com ele) quando não conhecia nada do assunto, absolutamente nada — pensou a Sra. Ramsay, observando-o mais do que ouvindo o que dizia. Percebia pela sua atitude: queria se auto-afirmar, e seria sempre assim, até que conseguisse o cargo de professor ou se casasse. Então já não precisaria dizer: "Eu, eu, eu." Pois a isso se reduzia toda sua crítica ao pobre Sir Walter; ou seria Jane Austen? "Eu, eu, eu." Pensava nele mesmo e na impressão que causava, segundo ela deduzia pelo tom de sua voz, sua ênfase e inquietação. Ter êxito lhe faria bem. De qualquer forma, mudavam de assunto. Agora já não precisava ouvir. Sabia que isso não poderia durar, mas no momento seus olhos estavam tão límpidos que pareciam circular pela mesa desvendando o interior das pessoas, seus pensamentos e seus sentimentos, sem esforço, como uma luz que penetra furtivamente sob a água e ilumina os juncos imersos, os barrigudinhos se movendo e a truta rápida e silenciosa, em todo o

seu frêmito e em todas as suas ondulações. Era assim que os via e ouvia; mas tudo o que diziam também tinha essa capacidade de se assemelhar ao movimento de uma truta, quando a ondulação da água e o cascalho do fundo, alguma coisa à direita e à esquerda, são percebidos de um só relance; pois — enquanto na vida ativa ela unia e dissociava uma coisa da outra, afirmava que gostava dos romances de Scott ou que não os tinha lido, sentindo-se pressionada a ir adiante —, agora ela não dizia nada. No momento permanecia em suspenso.

— Ah, mas quanto tempo acha que permanecerá? — perguntou alguém. Era como se ela tivesse antenas projetando-se trêmulas diante de si e que, interceptando certas frases, a forçassem a prestar-lhes atenção. Esta era uma delas. Pressentia perigo ameaçando seu marido. Uma pergunta dessas provavelmente levaria alguém a dizer algo que o lembraria de seu próprio fracasso. Por quanto tempo ele seria lido, pensaria imediatamente. William Bankes (que era completamente livre dessa vaidade) riu, e disse que não dava a menor importância a mudanças de moda. Quem poderia dizer o que permaneceria — em literatura como em tudo o mais?

— Gostemos daquilo que realmente nos agrada — disse. Sua integridade pareceu à Sra. Ramsay bastante louvável. Ele nunca parecia pensar, nem por um momento: mas em que isso me afeta? Contudo, quando se tem outro temperamento, do tipo que precisa ser elogiado e encorajado, naturalmente se começa (e ela sabia que o Sr. Ramsay estava começando) a ficar inquieto; a querer que alguém diga: oh, mas o seu trabalho permanecerá, Sr. Ramsay, ou qualquer coisa assim. Ele agora traiu claramente sua inquietação, ao dizer, um tanto irascível, que, de qualquer forma, Scott (ou fora Shakespeare?) teria fama pelo menos enquanto ele vivesse. Disse-o irritadamente. Todos se sentiram constrangidos, sem saber por quê. Minta Doyle, cujo instinto era muito apurado, declarou, de modo arrogante e absurdo, que não acreditava que alguém pudesse gostar realmente de ler Shakespeare. O Sr. Ramsay afirmou, carrancudo (mas seu pensamento já tomara outro rumo), que muito poucas pessoas gostavam de Shakespeare tanto quanto diziam. Mas sem dúvida — acrescentou — há qualidades consideráveis em algumas de suas peças. E a Sra. Ramsay viu que de qualquer forma tudo se ajeitaria, pelo menos naquele momento; ele ria de Minta. E esta, segundo percebia a Sra. Ramsay, ao reparar na extrema ansiedade dele consigo mesmo, cuidaria dele a seu modo, elogiando-o de uma forma ou de outra. Mas a Sra. Ramsay desejava que isso não fosse necessário; talvez fosse ela a culpada disso. De qualquer jeito, agora poderia ouvir o que Paul Rayley dizia sobre os livros lidos na infância. Estes permaneciam

— disse ele. Lera alguns livros de Tolstoi no colégio. Lembrava-se sempre de um deles, mas esquecera o título.

— Os nomes russos eram impossíveis — disse a Sra. Ramsay.

— Vronsky — disse Paul. Lembrou-se desse nome porque sempre achava que serviria muito bem para um malfeitor. — Vronsky — disse a Sra. Ramsay. — Oh, Ana Karenina.

— Mas isso não os levou muito longe. Livros não eram o seu forte. Não, Charles Tansley poderia corrigi-los nesse assunto imediatamente, mas tudo o que dizia era tão cheio de: "Estarei dizendo as coisas corretamente? Estarei dando uma boa impressão?", que, afinal, se sabia mais sobre ele do que sobre Tolstoi, enquanto o que Paul dizia era simplesmente a respeito do assunto e não sobre ele mesmo. Ademais, como todas as pessoas pouco inteligentes, tinha uma espécie de modéstia, uma consideração pelo que os outros sentiam que, pelo menos de vez em quando, ela achava atraentes. Agora Paul pensava não sobre ele mesmo ou sobre Tolstoi, mas se ela estava com frio, se sentia uma corrente de ar ou se gostaria de comer uma pêra.

Não, disse ela, não queria uma pêra. Na verdade, estivera ciosamente tomando conta da fruteira (sem o perceber), esperando que ninguém tocasse nela. Seus olhos acompanhavam as curvas e as sombras das frutas, entre as cores rubras e preciosas das uvas, seguindo a rígida borda da concha; opunha o amarelo ao púrpura, uma forma curvilínea a outra arredondada, sem saber por que o fazia, nem por que, toda vez que o fazia, se sentia cada vez mais serena; até que — oh, que pena ter acontecido! — alguém avançou a mão e pegou uma pêra, estragando tudo. Compreensiva, olhou para Rose, sentada entre Jasper e Prue. Que estranho que sua própria filha tivesse feito isso!

Que estranho ver seus filhos sentados ali, em fila: Jasper, Rose, Prue, Andrew, quase silenciosos, contando entre si algum gracejo só deles, tal como ela podia adivinhar pelo movimento de seus lábios. Era alguma coisa totalmente alheia a tudo o mais, algo que guardavam para se divertir mais tarde em seus quartos. Esperava que não fosse nada sobre o pai. Não, achava que não. O que seria?, perguntava-se, bastante triste, pois lhe parecia que ririam quando ela não estivesse perto. Havia tudo isso escondido atrás daqueles rostos tão compostos, tranquilos, semelhantes a máscaras. Pois não se integravam facilmente; eram como observadores ou inspetores que se sentissem um tanto superiores ou separados dos adultos. Mas quando olhou Prue nessa noite, viu que isso não se aplicava totalmente a ela. Estava apenas começando, mal se movendo, mal descendo. Havia no seu rosto uma luz muito pálida, como se o esplendor de Minta, sentada à sua frente, se refletisse nela com certa emoção e antecipação de alegria, ou como se o sol do amor entre homens e mulheres surgisse na borda da toalha, e ela, sem saber o que fosse, se curvasse em sua direção e o felicitasse. Continuava a observar Minta timidamente, mas com curiosidade, tanto que a

Sra. Ramsay olhou de uma para a outra e disse, falando com Prue interiormente: você um dia será tão feliz quanto ela. Será muito mais feliz — acrescentou —, porque você é minha filha. Era isso o que queria dizer; sua própria filha deveria ser mais feliz que as filhas dos outros. Mas o jantar terminara. Era tempo de se levantarem. Estavam apenas brincando com a comida nos pratos. Esperaria até que parassem de rir de uma história que seu marido contava. Gracejava com Minta a respeito de uma aposta. Só depois disso ela se levantaria.

Gostava de Charles Tansley, pensou de repente; gostava de seu modo de rir. Gostava dele por ficar tão zangado com Paul e Minta. Agradava-lhe seu modo de ser desajeitado. Afinal, havia muita coisa de valor nesse jovem. E Lily — pensou, pousando o guardanapo ao lado do prato — sempre tinha algum gracejo que era só dela. Nunca era preciso se preocupar com ela. Enfiou o guardanapo debaixo do prato. Bem, já teriam acabado? Não. Aquela história levava a outra história. Seu marido estava com excelente disposição esta noite, e, segundo supunha, seu desejo de se reconciliar com o velho Augustus depois do incidente do prato de sopa fazia-o expandir-se. Estavam contando histórias sobre alguém que ambos conheceram na faculdade. Olhou a janela, em cujas vidraças as chamas das velas brilhavam ainda mais, agora que estavam escuras, e, enquanto olhava esse mundo exterior, as vozes chegavam até ela muito estranhas, como se proviessem de um ofício numa catedral, pois não prestava atenção às palavras. Súbitas gargalhadas, e depois uma voz (de Minta) soando isoladamente, lembraram-lhe as palavras em latim clamadas por homens e meninos na missa numa catedral gótica. Esperava. Seu marido falava. Repetia alguma coisa, e ela sabia que era poesia, pelo ritmo e pelo tom exaltado e melancólico de sua voz: *Sai e caminha pela alameda deste jardim,*

Luriana, Lurilee

A rosa da China está florida e zune a abelha amarela.

Essas palavras (estava olhando pela janela) soavam como flores flutuando, lá fora, na água; desgarradas de todos eles, era como se ninguém as tivesse pronunciado, como se tivessem nascido por si próprias.

E todas as vidas que vivemos e todas as vidas a viver

Estão cheias de árvores e folhas cambiantes.

Não sabia o que essas palavras significavam, mas, como uma música, pareciam ter sido pronunciadas por sua própria voz, fora de seu ser, expressando com muita facilidade e naturalidade o que estivera em seu espírito durante toda a noite, enquanto falara de diversos assuntos. Sabia, mesmo sem olhar em volta, que todos na mesa ouviam a voz dizendo: *Será que o sente assim,*

Luriana, Lurilee?

com o mesmo tipo de alívio e prazer que ela própria sentia; como se, afinal, aquela fosse a coisa mais natural para se dizer, como se fosse a própria voz deles falando.

Mas a voz cessou. Ela olhou em volta. Obrigou-se a se levantar. Augustus Carmichael também se levantara e, segurando o guardanapo de modo a se parecer com uma longa veste branca, recitou, numa melopeia: *Vamos ver os reis passarem cavalgando*

*Sobre gramados e prados floridos
Com suas folhas de palma e cedro,
Luriana, Lurilee.*

e fazendo uma reverência como se lhe prestasse homena-mente para ela, repetindo as últimas palavras: *Luriana, Lurilee,*

e fazendo uma reverência", como se lhe prestasse homenagem, sem saber por que, sentiu que ele nunca gostara tanto dela como nesse instante; e, com um sentimento de alívio e gratidão, retribuiu a reverência e passou pela porta que ele abrira para ela.

Agora era necessário levar tudo um passo adiante. Com o pé na soleira, a Sra. Ramsay esperou mais um momento, numa cena que se desvanecia no mesmo instante em que ela a olhava; e então, assim que tomou o braço de Minta e saiu da sala, a cena mudou, transfigurou-se; dando uma última olhadela por sobre o ombro, a Sra. Ramsay sabia que aquela cena já se transformara no passado.

Como sempre pensou Lily. Sempre a Sra. Ramsay tinha alguma coisa para fazer naquele exato momento, algo que decidia realizar imediatamente, por razões só dela conhecidas, enquanto todos contavam fatos engraçados, como agora, sem conseguir decidir se iam para a sala de fumar, de visitas, ou para o andar superior. Então, em meio àquela confusão, a Sra. Ramsay foi vista de braço dado com Minta, dizendo: "Sim, está na hora", e esgueirando-se imediatamente, com ar secreto, para fazer alguma coisa sozinha. E no mesmo instante em que ela se foi, uma espécie de desintegração se instalou; todos andaram sem rumo, seguindo caminhos diferentes; o Sr. Bankes segurou Charles Tansley pelo braço e se retirou para o terraço a fim de terminar a discussão sobre política, iniciada no jantar. Mudavam assim completamente o equilíbrio da noite, fazendo o peso recair noutra direção, pensou Lily. Vendo-os partir e ouvindo uma ou outra palavra sobre a política do Partido Trabalhista, era como se eles houvessem subido à ponte de um navio e se perfilado; era assim que a atingia a mudança de assunto da poesia para a política. O Sr. Bankes saiu com Charles Tansley, enquanto os outros olhavam parados a Sra. Ramsay subir as escadas à luz da lamparina. Aonde ia ela com tanta pressa?, perguntou-se Lily.

Não que ela realmente corresse ou se apressasse; ia devagar. Apenas sentia vontade, depois de toda aquela tagarelice, de ficar tranquila por um momento e de poder escolher uma única coisa, aquilo que importava; destacá-la, separá-la, despojá-la de todas as emoções e insignificâncias, e assim segurá-la diante de si, trazendo-a diante do tribunal onde, em conclave, se enfileiravam os juízes que escolhera para julgar esses assuntos: é bom, é mau, é certo ou errado? Para onde vamos? E assim por diante. Era assim que ela se aprumava depois do choque provocado pelos acontecimentos e, de modo impróprio e quase inconsciente, utilizava os galhos do olmo lá fora para que a ajudassem a recuperar sua estabilidade. Seu mundo estava mudando; os galhos estavam imóveis. Os acontecimentos lhe tinham dado uma sensação de movimento. Era preciso pôr tudo em ordem. Precisava acertar isto e aquilo — pensou, absorta, aprovando a tranquila dignidade das árvores e de vez em quando o soberbo movimento ascendente dos ramos do olmo (como a quilha de um navio cortando uma vaga

do mar) que oscilavam com o vento. Pois ventava (deteve-se por um momento para olhar para fora). Ventava, e assim as folhas deixavam às vezes entrever uma estrela, e as próprias estrelas pareciam tremular a lampear, forcejando seu brilho entre as orelhas das folhas. Sim, estava tudo terminado, concretizado; e, como todas as coisas que terminavam, tudo tornou-se solene. Agora que pensava nisso longe das conversas e das emoções, parecia-lhe que sempre existira, mas que somente então se mostrava a ela, e, ao fazê-lo, trazia tudo repentinamente à estabilidade. E, recomeçando a andar, continuou pensando: eles sempre voltarão a esta noite, por mais que vivam; a esta lua; a este vento; a esta casa; e também a ela. Lisonjeava-a, exatamente naquilo em que ela era mais sensível à lisonja, pensar que, entrelaçada como estava em seus corações, nunca seria esquecida; e isso, isso, isso — pensou enquanto subia as escadas, rindo afetuosamente do sofá (de sua mãe) no patamar, e da cadeira de balanço (de seu pai); rindo do mapa das Ilhas Hébridas — tudo isso seria revivido durante as vidas de Paul e Minta: os "Rayleys" — experimentou dizer o novo nome. E sentiu, com a mão na porta do quarto das crianças, a emoção que a comunhão de sentimentos com os outros nos dá, como se as paredes se tornassem tão delgadas (o sentimento era um misto de alívio e felicidade) que formassem quase que um único veio d'água; como se cadeiras, mesas, mapas fossem dela, fossem deles, fossem não importa de quem; e Paul e Minta continuariam a sentir a mesma coisa quando ela já estivesse morta.

Girou a maçaneta com firmeza, temendo que rangesse, e entrou, apertando um pouco os lábios, como para se lembrar de que não devia falar em voz alta. Mas no mesmo instante em que entrou, constatou, aborrecida, que a precaução não era necessária. As crianças não estavam dormindo. Isso era extremamente aborrecido. Mildred deveria ter mais cuidado, (ames estava completamente acordado, Cam se sentava empertigada, e Mildred, fora da cama, estava descalça. Já eram mais de onze horas, e ainda conversavam. Por quê? Era, de novo, por causa daquele horrível crânio. Dissera a Mildred que o tirasse dali, mas ela, obviamente, o esquecera, e agora Cam estava completamente acordada, James também, e ainda discutiam, quando já deviam estar dormindo há horas. O que passara pela cabeça de Edward para lhes mandar esse horrível crânio? Ela fora tola em deixá-los pendurá-lo ali. Estava bem preso — disse Mildred — e Cam não podia dormir com ele no quarto, e James gritaria se tocassem nele.

Mas Cam precisava dormir (tinha grandes chifres — disse Cam), precisava dormir e sonhar com palácios maravilhosos — disse a Sra. Ramsay, sentando-se a seu lado na cama. Podia ver os chifres — dizia Cam — em todo o quarto. Era verdade. Onde quer que colocassem a lamparina (e James não conseguia dormir sem uma luz) sempre se formava uma sombra em algum lugar.

— Mas veja, Cam, é apenas um porco velho — disse a Sra. Ramsay —, um lindo porco preto como os porcos da fazenda. — Mas Cam o achava horrível, espalhando-se por todo o quarto.

— Bem, então nós o cobriremos — disse a Sra. Ramsay, e todos a viram dirigir-se até a cômoda e abrir as pequenas gavetas rapidamente, uma por uma, e, não achando nada que servisse, tirou apressadamente o próprio xale e envol-veu-o com ele, enrolando-o bem. Voltou-se para Cam e reclinou a cabeça quase completamente a seu lado no travesseiro, dizendo: como está bonito agora; como as fadas gostariam dele; parecia um ninho de passarinho; parecia uma linda montanha, como a que vira em terras distantes, com vales e flores e sinos retinindo, com passarinhos cantando, com cabritos e antílopes... Podia ver as palavras ecoando na mente de Cam enquanto as dizia ritmadamente e Cam as repetia: como parecia uma montanha, um ninho de passarinhos, um jardim, e havia pequenos antílopes, e seus olhos piscavam, e a Sra. Ramsay continuou a dizê-las ainda mais monotonamente, e mais ritmadamente, e cada vez com menos nexos, dizia que ela precisava fechar os olhos, dormir e sonhar com montanhas, vales e estrelas cadentes, papagaios, antílopes e jardins, e tudo era tão lindo — disse, erguendo vagarosamente a cabeça e falando de modo cada vez mais ritmado, até que, erguendo-se, viu que Cam adormecera.

Agora — sussurrou, atravessando o quarto em direção à cama de James — ele também precisava dormir, pois veja, disse, o crânio do porco ainda estava ali; ninguém tocara nele; tinham feito exatamente o que queria; estava completamente intacto. Ele quis ter certeza de que o crânio estava realmente ali sob o xale. Mas queria lhe perguntar ainda uma outra coisa. Iriam ao Farol amanhã?

Não, amanhã, não — disse —, mas dentro em breve — prometeu; no próximo dia bonito. Ele era muito bonzinho. Deitou-se. Ela cobriu-o. Mas ele nunca esqueceria, ela sabia, e sentiu-se zangada com Charles Tansley, com o marido e consigo mesma, pois fora ela quem despertara suas esperanças. Então, sentindo falta do xale e lembrando-se de que envolvia o crânio do porco, levantou-se, abaixou um pouco a janela e ouviu o vento, respirando o ar da noite, completamente indiferente e enregelada; murmurou boa-noite a Mildred e saiu, fazendo o trinco da porta fechar-se suavemente.

Esperava que ele não deixasse os livros caírem no chão bem em cima do quarto das crianças, pensou, tornando a considerar como Charles Tansley era aborrecido. Pois ninguém dormia bem na família; seus filhos eram muito excitáveis, e se ele pudera dizer aquelas coisas sobre o Farol, parecia-lhe provável que, justamente agora que as crianças começavam a dormir, ele derrubaria desajeitadamente uma pilha de livros com o cotovelo. Pois supunha

que ele devia ter subido para trabalhar. Contudo, parecia tão infeliz; ela, porém, se sentiu aliviada quando o viu partir; mas cuidaria que ele fosse melhor tratado no dia seguinte; em compensação, ele era admirável com seu marido; sem a menor dúvida, no entanto, precisava melhorar suas maneiras; de qualquer forma, gostava de seu modo de rir. Pensando assim, enquanto descia as escadas, notou que agora podia ver a lua por uma das janelas — a lua amarelada do tempo da colheita — e se voltou. E os outros a viram, de pé, um pouco acima deles, na escada.

"É minha mãe", pensou Prue. Sim; Minta deveria olhar para ela. Paul Rayley também. Era a própria essência das coisas, sentiu, como se pudesse haver uma única pessoa no mundo assim: sua mãe. E, da moça que fora há um instante, conversando com os outros, metamorfoseou-se numa criança outra vez, e o que estiveram fazendo era um jogo — será que sua mãe o aprovaria ou reprovaria?, perguntou-se. Pensando na sorte que tinham Minta, Paul e Lily por poderem vê-la, e sentindo que golpe extraordinário da sorte era tê-la como mãe, e que nunca cresceria e nunca sairia de casa, disse-lhe, como uma criança: — Pensamos em descer até a praia para ver as ondas.

No mesmo instante, sem razão nenhuma, a Sra. Ramsay voltou a ser uma moça de vinte anos, cheia de alegria. Repentinamente uma onda de enlevo a possuiu. Claro que deviam ir; decerto deviam ir, gritou, rindo; e, correndo, desceu os três ou quatro últimos degraus, virando-se de um para outro, rindo; e envolvendo Minta melhor no casaco, dizia que gostaria de poder ir também; perguntou se chegariam tarde demais; será que alguém tinha um relógio?

— Sim, Paul tem — disse Minta. Paul fez deslizar de uma pequena caixa de camurça um lindo relógio de ouro para que ela o visse. E, enquanto o segurava na palma da mão diante dela, ele sentiu: "Ela sabe de tudo que se passou. Não preciso contar nada." Ele lhe dizia enquanto mostrava o relógio: "Consegui, Sra. Ramsay. E devo agradecê-lo à senhora." E, vendo o relógio na mão dele, a Sra. Ramsay sentiu: "Que sorte extraordinária Minta tem! Vai se casar com um homem que tem um relógio de ouro dentro de uma caixa de camurça!"

— Como gostaria de poder ir com vocês! — gritou. Mas sentiu-se retida por algo tão forte que nem pensaria em se perguntar o que era. Sem dúvida era impossível acompanhá-los. Mas gostaria de ir, não fosse aquela outra coisa — e, espicaçada pelo absurdo de seu pensamento (que sorte casar com um homem que tem uma caixa de camurça para seu relógio), retirou-se com um sorriso nos lábios para a outra sala, onde seu marido lia.

19

Claro — disse consigo mesma, enquanto entrava na sala. Teve de ir até ali para conseguir o que desejava. Primeiro quis sentar-se numa determinada cadeira à luz de uma determinada lamparina. Mas queria alguma coisa mais, embora não soubesse o quê, nem pudesse pensar no que fosse. Olhou seu marido (retomando as meias e começando a tricotar) e reparou que ele não queria ser interrompido — isso era claro. Lia alguma coisa que o comovia muito. Tinha um meio-sorriso nos lábios e ela sabia que controlava suas emoções. Virava as páginas bruscamente. Estava representando — talvez pensasse que ele próprio era o personagem do livro. Ela se perguntou que livro seria. Oh, era um livro do velho Sir Walter — viu, enquanto arrumava a cúpula da lamparina de modo que a luz incidisse sobre seu tricô. Pois Charles Tansley dissera (ergueu os olhos, como se esperasse ouvir o barulho da queda dos livros no andar superior) que as pessoas já não leem Scott. Então seu marido pensara: "Ê isso que dirão de mim", e assim foi pegar um dos livros de Scott para ler. E se chegasse à conclusão de que "Sim, era verdade" o que Charles Tansley dissera a respeito de Scott, aceitaria essa opinião. (Podia ver que ele ponderava, considerava, comparando, enquanto lia.) Mas não aceitaria esse fato em relação a si mesmo. Estava sempre inquieto consigo mesmo. Isso a perturbava. Sempre se preocuparia com seus próprios livros — serão lidos, serão bons, por que não são melhores, o que pensarão de mim? Como não gostava de pensar nele nesse estado de espírito, e se perguntando se teriam adivinhado, durante o jantar, por que ficara repentinamente irritado quando falaram a respeito da fama e da permanência dos livros, indagando-se se as crianças estariam rindo disso, ela interrompeu o tricô bruscamente. E toda a rede de rugas que contornavam seus lábios e sua fronte surgiu com uma nitidez nova, como se entalhada com instrumentos de aço. Ficou imóvel como uma árvore que estivera se agitando e estremecendo e, agora que a brisa cessara, tranquilizava-se, folha por folha.

Nada disso importa, pensou. Um grande homem, um grande livro, a fama — quem poderia prevêê-lo? Ignorava tudo isso. Mas era o modo de ser dele, sua verdade; por exemplo, no jantar, ela pensara de forma bastante instintiva: Se ao menos ele falasse! Confiava totalmente nele. E, repelindo tudo isso — como

alguém que, ao mergulhar, vê passar uma erva, uma palha, uma bolha, e depois, afundando ainda mais —, ela sentiu de novo, como sentira no salão enquanto os outros conversavam: há algo que quero, algo que cheguei a desejar alcançar. E, com os olhos fechados, ela se afundava cada vez mais nas profundezas, sem saber ao certo do que se tratava. Esperou um instante, inquieta, enquanto tricotava; e lentamente estas palavras, ditas durante o jantar, começaram a varrer sua mente ritmadamente, de um lado para o outro: "A rosa chinesa está florida e zune a abelha amarela." E, enquanto varriam sua mente, essas palavras — como pequenas luzes foscas, uma vermelha, outra azul, outra amarela — iluminaram-se na escuridão de sua mente e pareceram abandonar tudo o que as prendia à terra para voar através da imensidão ou gritar para serem repetidas; assim, voltou-se, e tateou um livro na mesa a seu lado.

E todas as vidas que vivemos

E todas as vidas a viver,

Estão cheias de árvores e folhas cambiantes

murmurou, espetando as agulhas na meia. Abriu o livro e começou a ler ao acaso. E, ao fazê-lo, sentiu que ascendia em todas as direções, abrindo caminho entre pétalas curvadas sobre ela, de modo que apenas sabia que esta era branca, aquela vermelha. De início não tinha a menor ideia do significado das palavras

Naveguem, para cá naveguem suas aladas naves, marinheiros derrotados

leu, e virou a página, incerta, lendo em ziguezague, pulando de um para outro verso, como de um galho para outro, de uma flor branca e vermelha para outra, até que um ligeiro ruído a despertou — o marido batendo nas próprias coxas. Seus olhos encontraram-se por um momento, mas não se queriam falar. Nada tinham a se dizer, mas algo parecia irradiar-se dele, passando dele para ela. Era a vida, era seu poder, era o descomensurado humor — ela bem o sabia — que o fazia bater nas próprias coxas. Não me interrompa — parecia estar dizendo — não diga nada; apenas fique sentada. E continuava a leitura. Os lábios estavam repuxados. A leitura satisfazia-o, fortificava-o. Esqueceu-se completamente dos pequenos aborrecimentos da noite, de como detestava mortalmente ficar sentado imóvel enquanto os outros bebiam e comiam interminavelmente, e de ter sido tão irascível para com sua esposa e de ter sido tão suscetível e preocupado quando eles deixaram de citar seus livros, como se de todo não existissem. Mas agora sentia que não tinha a menor importância quem alcançaria Z (se o pensamento corresse de A a Z, como num alfabeto). Alguém o alcançaria — se não fosse ele, seria outro qualquer. A força e a saúde desse homem, seu anseio pelas coisas simples e corretas, aqueles pescadores, o pobre velho enlouquecido que vivia no chalé de Mucklebackit faziam-no sentir-

se tão vigoroso, tão aliviado de alguma coisa, que ele, emocionado e triunfante, não pôde sufocar as lágrimas. Erguendo um pouco o livro para esconder o rosto, deixou que rolassem, enquanto sacudia a cabeça de um lado para o outro, abandonando-se completamente (mas não deixando de se lembrar de um ou dois conceitos sobre moralismo, romances franceses e ingleses e Sobre Scott; de fato, seus voos eram bastante curtos; e, quem sabe, esses conceitos talvez fossem mais corretos do que tudo aquilo que sentia), e acabou por esquecer-se de suas próprias preocupações e seu fracasso, pensando apenas no afogamento de Steenie e na tristeza de Mucklebackit (não havia nada melhor que Scott) e no prazer surpreendente que o enchia de vigor.

Bem, quero ver se eles conseguem fazer algo melhor que isso — pensou, ao terminar o capítulo. Sentia que estivera discutindo com alguém, e que levara a melhor. Não conseguiriam melhorar aquilo, não importa o que dissessem; e se sentiu mais seguro de suas opiniões. Os amantes de Scott são ninharias, pensou, reorganizando seus argumentos. Isso é ninharia; isso é da melhor qualidade — pensou, ordenando o pensamento. Mas precisava reler o capítulo. Não conseguia lembrar-se de seu aspecto geral. Tinha de manter seu julgamento em suspenso. Assim, voltou-se para o outro pensamento — se os jovens não davam importância a isso, também não dariam importância a ele. Não se deve reclamar — pensou o Sr. Ramsay, tentando reprimir seu desejo de se queixar para sua mulher de que os homens não o admiravam. Mas estava decidido: não a aborreceria mais. Então olhou para o que ela lia. Parecia calma, lendo. Gostava de pensar que todos se tinham retirado e apenas ele e ela estavam sozinhos, juntos. A vida não consistia apenas em ir para a cama com a própria mulher — pensou, voltando-se para Scott e Balzac, para o romance francês e para o inglês.

A Sra. Ramsay ergueu a cabeça e, como alguém numa sonolência, parecia dizer que, se ele quisesse, ela acordaria, sim, mas se não, poderia dormir um pouco, só mais um pouco? Ascendia àqueles ramos, saltando de um para outro, tocando primeiro nessa flor, e depois naquela outra.

Nem louvem o purpúreo profundo da rosa

leu, e, enquanto lia, ascendia ao topo, ao cimo — sentia-o. Como era gratificante! Como era tranquilizador! Todas as ninharias do dia se prendiam a esse ímã; sua mente se sentiu varrida, limpa. E lá estava, ganhando forma repentinamente em suas mãos — linda, racional, rútila e completa — a essência extraída da vida e que se completava ali: o soneto.

Mas começava a ter consciência de que seu marido a observava. Sorria dela, zombeteiramente, como se gentilmente escarnecesse por ela estar dormindo em plena luz do dia. Mas, ao mesmo tempo, pensava: continue lendo. Você não

parece estar triste agora. E se perguntava o que ela estaria lendo, e exagerava sua ignorância, sua simplicidade, pois gostava de pensar que ela não era inteligente, nem tinha a mínima cultura. Perguntava-se se compreendia o que estava lendo. Provavelmente não — pensou. Estava surpreendente mente bela. Sua beleza lhe parecia, se isso fosse possível, aumentar.

*Contudo, parecia ser ainda inverno, e você tão distante,
Brinquei com estas sombras, misturando-as à sua.*

ela terminou.

— Bem? — falou, levantando os olhos do livro e correspondendo sonhadoramente a seu sorriso.

Brinquei com estas sombras, misturando-as à sua,
ela murmurou, pousando o livro na mesa.

O que acontecera — perguntava-se, ao recomeçar a tricotar — desde que se viram a sós pela última vez? Lembrava-se de ter-se vestido e de ter olhado a lua; de Andrew ter segurado o prato alto demais no jantar; de ter ficado deprimida com alguma coisa que William dissera; dos pássaros nas árvores; do sofá do patamar; de ter encontrado as crianças acordadas; de Charles Tansley tê-las acordado jogando livros no chão — oh, não, isso ela tinha inventado; de Paul ter uma caixa de camurça para o relógio. De qual desses assuntos lhe falaria?

— Paul e Minta ficaram noivos — disse, recomeçando a tricotar.

— lá tinha percebido — respondeu ele. Não havia muito a dizer sobre isso. Ela sentia a sua mente oscilando ainda ao ritmo da poesia, e ele ainda sentia o vigor e o alento que a leitura do funeral de Steenie lhe dera. Assim, permaneceram sentados em silêncio. E ela percebeu que desejava ouvi-lo dizer alguma coisa.

Qualquer coisa, qualquer coisa — pensou, continuando a tricotar. Qualquer coisa serve.

— Como seria bom casar com um homem que tem uma caixa de camurça para o relógio — disse, pois era esse o tipo de gracejo que gostavam de dizer um ao outro.

Ele teve um riso de escárnio. Em relação a esse noivado, formava opinião semelhante à que tinha sobre qualquer outro: a moça era boa demais para o noivo. Vagamente, ela sentiu que pensava: por que desejamos que as pessoas se casem? (Cada palavra que dissessem dali por diante seria verdadeira.) Diga algo, pensou ela, desejando apenas ouvir sua voz. Pois sentia, envolvendo-os de novo, a sombra, a estreita união que os encerrava. Diga algo — implorou ela, olhando-o como se pedisse auxílio.

Ele estava silencioso, movendo a corda na corrente do seu relógio de um

lado para o outro, e pensando nos romances de Scott e Balzac. Mas, através das paredes crepusculares da sua intimidade, ela podia sentir sua mente — pois eles se aproximavam involuntariamente —, juntando-se muito, lado a lado. Ela podia sentir sua mente protegendo-a, abri-gando-a à sombra, como se ele tivesse erguido a mão e encobrisse seu pensamento. E agora ele começava a achar que os pensamentos dela tomavam um rumo que o desgostava, no sentido do seu "pessimismo", como costumava chamá-lo. E, embora não dissesse nada, começou a se sentir inquieto; apenas erguia a mão à testa, ajeitando uma mecha de cabelo, ou deixando-a cair novamente.

— Você não terminará essa meia hoje à noite — disse ele, apontando para a meia. Era isso que queria: a aspereza de sua voz reprovando-a. Se ele diz que é errado ser pessimista, deve ser errado; o casamento dará certo.

— Não, não a acabarei — respondeu, esticando a meia sobre os joelhos.

E o que aconteceria depois? Pois ela sentia que ele ainda a olhava, mas seu olhar havia mudado. Ele queria alguma coisa — exatamente o que ela achava tão difícil de lhe dar: queria que ela dissesse que o amava. Mas isso ela não podia fazer. Ele tinha muito mais facilidade para falar do que ela. Ele conseguia dizer as coisas — ela nunca. Assim, naturalmente, era ele quem sempre dizia as coisas, e, por algum motivo, de repente se ressentia disso e a reprovava. Uma mulher fria — era como ele a chamava; nunca lhe dizia que o amava. Mas não era nada disso — não era isso. É que ela nunca conseguia dizer o que sentia, isso era tudo. Seu casaco estaria sujo? Haveria algo que pudesse fazer por ele? Levantando-se, postou-se junto à janela, com a meia castanha nas mãos, em parte para se afastar dele, em parte porque não se importava de olhar o Farol enquanto ele a observava. Sim, sabia que ele virara a cabeça na mesma direção que ela; que a observava. Sabia que estava pensando: você está mais linda do que nunca. E sentiu-se linda. Não me dirá pelo menos uma vez que me ama? Pois ele estava enleado e pensava não só em Minta e no seu livro como também que o dia já estava terminando e que tinham discutido por causa da ida ao Farol. Mas ela não conseguiria, não poderia dizê-lo. Então, sabendo que ele a olhava, em vez de dizer alguma coisa, voltou-se com a meia na mão e olhou-o. E, ao olhá-lo, começou a sorrir, pois, embora não dissesse uma única palavra, ele soube, claro que soube, que ela o amava. Não poderia negá-lo. E, sorrindo, ela olhou pela janela e falou (pensando consigo mesma que nada na terra poderia se comparar a uma tal felicidade): — Sim, você tinha razão. Amanhã vai chover. — Ela não o dissera, mas ele sabia. Ela o olhava, sorrindo. Pois ela triunfara mais uma vez.

O tempo passa

1

— Bem, precisamos esperar; só o futuro pode dizer — disse o Sr. Bankes, vindo do terraço para a sala.

— Está ficando escuro demais para podermos ver — disse Andrew, vindo da praia.

— Quase não se distingue a terra do mar — disse Prue.

— Deixaremos essa luz acesa? — perguntou Lily ao tirarem os casacos, dentro de casa.

— Não, não é necessário, pois todos já chegaram — respondeu Prue.

— Andrew, apague a luz do vestíbulo — disse ela. Uma a uma, as velas se apagaram — exceto a do Sr. Carmichael, que gostava de ficar lendo Virgílio e deixava a vela acesa mais tempo que os outros.

2

Assim, com todas as luzes apagadas, a lua escondida e uma fina chuva tamborilando no telhado, desabou um temporal de infinita escuridão. Parecia que nada sobreviveria a essa enchente, a essa profusa escuridão que, insinuándose pelas fendas e fechaduras, esgueirando-se pelas venezianas, entrava nos quartos, e engolia aqui uma bacia e um cântaro, adiante um vaso de dalias vermelhas e amarelas ou as quinas retas e a massa sólida de uma cômoda. Mas a densa penumbra não atingira apenas a mobília. Quase nada restava de corpo ou de espírito que permitisse afirmar: "É ele" ou "é ela". Por vezes, alguém erguia a mão para agarrar algo ou afastar algum empecilho do caminho, ou resmungava, ou ria alto — como se compartilhasse um dito engraçado com o vazio.

A mais profunda quietude habitava as salas de jantar, de visitas e a escada. Apenas uma leve brisa, que se desprendia do próprio vento, esgueirando-se por gonzos enferrujados e entalhes encharcados de maresia (pois a casa estava em ruínas), contornava as quinas e penetrava em seu interior. Quase se podia imaginá-la entrando na sala de visitas, curiosa e indagadora, brincando com o papel de parede em frangalhos, e perguntando: ainda resistiria muito? Quando acabaria de cair? Depois, roçando de leve as paredes, passaria com um ar absorto, como se perguntasse às flores vermelhas e amarelas do papel de parede se desbotariam, e às cartas rasgadas na cesta de papéis (lentamente, pois tinha bastante tempo à sua disposição), às flores e livros — pois tudo agora estava a seu alcance: seriam aliados? seriam inimigos? por quanto tempo resistiriam?

Assim, conduzida por uma luz ao acaso, como de alguma estrela surgida no céu, de um navio à deriva, ou talvez mesmo do Farol, com seu pálido reflexo sobre os degraus e o tapete, a tênue brisa subia a escada e se intrometia pelas portas dos quartos. Mas, chegando ali, era obrigada a se deter. Tudo o mais pode findar e perecer — mas o que repousava ali era imutável. E podia-se dizer a essas | luzes resvaladiças e a essas lúdicas brisas que sopram e se curvam até mesmo sobre a cama: isso vocês não podem nem tocar, nem destruir. E assim, cansadas e fantasmagóricas, como se tivessem mãos ligeiras como plumas e com sua esvoaçante perseverança, observariam, uma única vez, os olhos fechados e

os dedos lassamente entrelaçados, para logo depois, exaustas, recolherem suas vestes e desaparecerem. E assim, espreitando, roçagando, iam até a janela no patamar da escada, aos quartos de empregadas e aos desvãos dos sótãos; descendo, descoravam maçãs na sala de jantar, afagavam as pétalas das rosas, sondavam o quadro no cavalete, roçavam o capacho e sopravam um pouco de areia no chão. Por fim, desistindo, tudo cessava a um só tempo, se recolhia, suspirava junto; tudo exalava junto uma lufada inútil de lamentação, à qual respondia a porta da cozinha; abria-se para ninguém, e tornava a bater com violência.

(Aqui o Sr. Carmichael, que estava lendo Virgílio, apagou a vela. Já passava da meia-noite.)

3

Mas o que é uma noite, afinal? Um curto intervalo de tempo, principalmente quando a escuridão se desvanece tão cedo, e tão rápido um galo canta, um pássaro chilreia, ou o verde desmaiado, se aviva no seio da onda, como uma folha na primavera. Mas uma noite se sucede à outra. O inverno encerra-as em grande quantidade, e as distribui imparcialmente, equanimemente, com seus dedos infatigáveis. Elas se prolongam; elas escurecem. Algumas guardam nas alturas límpidos planetas — discos de claridade. As folhas arruinadas de outono adquirem o esplendor de bandeiras em frangalhos que rebrilham na obscuridade dos porões frios de uma catedral, onde letras douradas, escritas em páginas de mármore, descrevem a morte em batalhas e como os ossos se tornam esbranquiçados e queimam longe nas praias indianas. As folhas de outono brilham com a luz amarelada da lua, com a luz das luas da colheita — a luz que abranda o esforço do trabalho, suaviza o restolho e faz a onda revolta rebentar azul na praia.

Era como se a bondade divina, agora tocada pela penitência humana e suas tribulações, houvesse aberto a cortina e mostrado atrás dela, única e nítida, a lebre ereta; a onda estourando; o barco oscilando — os quais, se os merecêssemos, seriam para sempre nossos. Mas, ai da humanidade! a bondade divina, puxando a corda, fecha a cortina; não a satisfaz; ela encobre seus tesouros com uma chuva de granizo, e assim estilhaça-os, confunde-os a tal ponto que parece impossível que alguma vez voltem à sua calma, ou que possamos reunir os seus fragmentos num todo perfeito, ou que possamos ler nos seus estilhaços as nítidas palavras da verdade. Pois nossa penitência merece apenas um vago olhar; nossas tribulações, apenas uma breve trégua.

As noites agora estão cheias de vento e destruição; as árvores precipitam-se e se curvam e suas folhas voam desordenadamente até o gramado ficar eivado delas: e elas se amontoam nos bueiros, entopem as calhas e aderem a lugares úmidos. Também o mar fica revoltado e se quebra, e, fosse alguém, imerso no próprio sono, imaginar que poderia encontrar na praia uma resposta para suas dúvidas, ou alguém que compartilhasse de sua solidão, e, afastando as cobertas,

descesse para andar na areia — nenhuma imagem com aparência de servil e divina presteza viria em seu apoio para dar um sentido à noite e fazer o mundo refletir a amplitude da alma. Desvanece a mão na sua mão; a voz brada em seus ouvidos. Poderia parecer quase inútil perguntar à noite, em meio a tal confusão, o quê? e por quê? e para onde? — perguntas que levam a pessoa adormecida a deixar o leito e buscar uma resposta.

(O Sr. Ramsay, andando aos tropeções no corredor, esticou os braços, certa manhã, mas, como a Sra. Ramsay morrera repentinamente na noite anterior, esticou os braços e eles continuaram vazios.)

Assim, com a casa vazia, as portas trancadas e os tapetes enrolados, essas brisas à deriva — postos avançados do grandes exércitos — zuniam, roçavam as pranchas desnudas, desgastavam e sopravam — não encontrando nada em quartos ou salas que lhes resistisse inteiramente, mas apenas cortinas esvoaçantes, madeiras rachadas, as pernas nuas das mesas, panelas e porcelanas empoeiradas, desbotadas, rachadas. Somente os objetos abandonados ou largados pelos armários — um par de sapatos, um boné de caça, saias desbotadas e casacos — conservavam a forma humana e deixavam entrever no vazio como outrora estiveram ativos e plenos de vida; como outrora mãos ocuparam-se de colchetes e botões; como outrora o espelho refletira um rosto; refletira um mundo agora esvaziado no qual uma imagem se voltava, uma mão perpassava, a porta se abria, crianças entravam correndo aos trambolhões e saíam novamente. Agora, dia após dia, a luz voltava sua nítida imagem — como uma flor refletida na água — para a parede em frente. Apenas as sombras das árvores, florescendo ao vento, prestavam-lhe homenagem na parede, e por um momento escureciam o lago, onde a luz se refletia; ou os pássaros, voando, faziam uma leve mancha esvoaçar vagarosamente através do chão do quarto.

Assim reinavam a beleza e a tranquilidade e, juntas, tomavam a forma da própria beleza; uma forma da qual a vida partiu, solitária como um lago distante, visto ao crepúsculo pela janela de um trem. E desvanecendo tão depressa que mal roubamos a esse lago, pálido à luz noturna, a sua solidão, embora o devassemos uma vez com nosso olhar. A beleza e a tranquilidade se davam as mãos no quarto. E, por entre jarras encobertas e cadeiras envoltas em lençóis, até mesmo a curiosidade do vento e a plácida espreita da pegajosa brisa marinha, roçando, indagando, e repetindo insistentemente — "será que vocês desbotarão? será que morrerão?" — quase já não perturbavam a paz, a indiferença, o aspecto de pura integridade, como se a pergunta que faziam praticamente pudesse passar sem a resposta: nós permaneceremos.

Era como se nada pudesse romper esse quadro, corromper essa inocência, alterar o flutuante manto de silêncio que, semana após semana, no aposento vazio, entremeavam-se com os guinchos cortantes dos pássaros e apitos dos

navios, o burburinho dos campos, o latido de um cão, o grito de um homem, e que os enlaçavam ao redor da casa silenciosa. Raramente uma tábua se soltava no patamar.

Uma vez, no meio da noite, uma rocha — como se rompesse com séculos de aquiescência — se deslocava do alto da montanha e se precipitava estrondosamente no vale, fazendo com que uma dobra do xale se desprendesse e oscilasse de um lado para o outro. Então, de novo caía a paz; e a sombra tremulava; e a luz se curvava em adoração à sua própria imagem na parede do quarto. Foi então que a Sra. McNab, rasgando o véu do silêncio com mãos saídas da tina de lavar roupa e pisando-o com sapatos que trituravam o cascalho, entrou resolutamente para abrir as janelas e varrer os quartos.

5

Cantarolava ao andar com passo balouçante (pois oscilava como um navio no mar) e olhava de soslaio (pois seus olhos em nada se fixavam diretamente, mas brilhavam revoltados com o desprezo e o ódio do mundo — ela era ignorante, bem o sabia), enquanto, amparada ao corrimão, arrastava-se escada acima e passava de uma sala para outra. Ao esfregar o espelho, olhando de soslaio sua figura vacilante refletida nele, deixou escapar um som de seus lábios: algo que fora alegre há vinte anos, que fora cantarolado e dançado talvez até mesmo nos palcos. Mas agora, vindo de um rosto desdentado de arrumadeira, envolvido numa touca, vinha despojado de significado, humor ou mesmo persistência — esse som era como a voz da insensatez. E assim, enquanto ela limpava e espanava, parecia dizer que tudo não passava de uma longa tristeza e sofrimento, um longo despertar e de novo ir dormir; de um afastar e recolocar coisas no lugar. O mundo que conhecera, por quase setenta anos, não fora nem acolhedor nem acessível. Estava curvada pelo cansaço. Por quanto tempo — perguntava-se, resmungando, os ossos estalando, ajoelhada para varrer as tábuas do soalho sob a cama —, por quanto tempo durará? Mas, erguendo-se trêmula, retesou-se e olhou no espelho rindo sem motivo, com seu olhar de soslaio que se desviava e se afastava até mesmo do próprio rosto, das próprias tristezas. E, olhando-se de esguelha no espelho, começou a levantar os tapetes, a descer as louças, como se, entremeada à sua triste sina, afinal, houvesse alguma incorrigível esperança, como se assim tivesse alguma consolação. Com certeza visões de felicidade se refletiram na tina de lavar roupa — talvez de seus filhos (embora fossem ilegítimos e um a tivesse abandonado); bebendo num bar; revolvendo a gaveta em busca de trastes. Mas uma brecha na escuridão, um canal por entre as profundezas da obscuridade permitiram a passagem de luz suficiente para contorcer seu rosto que ria com um esgar no espelho, e para fazê-la, ao recomeçar o trabalho, de novo cantarolar a velha canção. Entretanto, os místicos, os visionários, caminhavam pela praia, remexiam numa poça, olhavam uma pedra, e se perguntavam: "quem sou?" "que é isso?", e de repente uma resposta lhes foi concedida (qual seria, não saberiam dizer): e assim sentiram-se aquecidos no frio gelado e consolados no deserto. Mas a Sra. McNab continuava

bebendo e tagarelando como antes.

6

A primavera, sem uma única folha que se agitasse, nua e brilhante como uma virgem orgulhosa na sua castidade e desdenhosa na sua pureza, estendia-se sobre os campos vigilantes, os olhos bem abertos, completamente desinteressada de tudo que pensassem ou fizessem os que a observavam.

(Prue Ramsay, recostada ao ombro do pai, se casara em maio. E as pessoas diziam: poderia haver casamento mais adequado? E como estava bonita!, acrescentavam.)

À medida que o verão se aproximava, as noites se prolongavam, e os insones e esperançosos que andavam pela praia, remexendo nas poças, tinham os mais estranhos devaneios: de carne fragmentada em átomos, depois varridos pelo vento; de estrelas lampejando em seus corações; de rochedos, mar, nuvem e céu, assim associados propositadamente para reunir numa forma exterior os fragmentos esparsos da visão interna. Nesses espelhos — as mentes humanas —, nessas poças de água inquieta, na qual nuvens volteiam e sombras se formam e sonhos perduram, era impossível resistir ao estranho apelo que cada gaivota, flor, árvore, homem ou mulher e a própria areia branca pareciam proclamar (embora recuassem imediatamente se fossem questionados) que a verdade triunfa, a felicidade prevalece, a ordem reina. Era impossível resistir ao extraordinário estímulo para vaguear de um lado para outro à procura de um bem absoluto, algum cristal intenso, distante dos prazeres conhecidos e virtudes familiares, algo estranho aos hábitos da vida doméstica. Um estímulo isolado, duradouro, brilhante como um diamante na areia que traria segurança a seu possuidor. Além disso, complacente e suave, enquanto suas abelhas zuniam e suas moscas dançavam, a primavera estendia um manto ao seu redor, ocultava os olhos, desviava a cabeça e, por entre sombras que se deslocam e a chuva fina que cai, parecia ter-se encarregado de conhecer todas as tristezas da humanidade.

(Prue Ramsay morrera neste verão de uma doença ligada à gravidez — o que era realmente uma tragédia — diziam todos. Ninguém mais do que ela merecia ser feliz.)

E agora, no calor do verão, de novo o vento enviava seus espiões para

rondarem a casa. Aranhas teciam teias nos quartos ensolarados; ervas daninhas, que tinham crescido perto da vidraça durante a noite, chocavam-se metodicamente de encontro a ela. Quando caía a noite, o feixe de luz que vinha do Farol, que pousava com tanta autoridade sobre o tapete na escuridão, ressaltando seus desenhos, agora se misturava ao luar, em meio à luz mais branda da primavera, deslizando suavemente, como se pousasse sua carícia e mistério, olhava e docemente se retirava. Mas na profunda calma dessa carícia de amor, enquanto o feixe de luz se reclinava sobre a cama, o rochedo fendia; outra dobra do xale se desprendia e, pendente, balançava. A longa faixa de luz ondulava, suave e inútil durante as noites curtas e os dias longos do verão, quando os quartos vazios pareciam sussurrar com os ecos do campo e o zunir das moscas. Enquanto o sol assim riscava e raiava os quartos e os enchia de uma névoa amarela, a Sra. McNab, entrando inopinadamente, e varrendo, espanando, parecia um peixe tropical abrindo caminho através das águas lancetadas pelo sol.

Mas o torpor e o silêncio bem poderiam suceder a esses sons agourentos de verão, como golpes ritmados de martelos que ensurdecem com suas batidas repetidas, afrouxam ainda mais o xale e racham as xícaras. De vez em quando um copo tilintava no armário, como se um gigante gritasse tão esganiçadamente em sua agonia que os cristais também vibrassem. Em seguida de novo caía o silêncio; e depois, noite após noite — e por vezes em pleno meio-dia, quando as rosas brilham e a luz reflete sua nítida imagem na parede — pareciam abater-se sobre esse silêncio a indiferença, a integridade, o baque surdo de alguma coisa desabando.

(Uma granada detonou. Vinte ou trinta jovens foram estraçalhados na França, entre eles Andrew Ramsay, que felizmente teve morte instantânea.)

Nessa estação do ano, os que desceram até a praia para caminhar por ela a grandes passadas e perguntar ao mar e aos céus que mensagem eles transmitiam ou que visão eles confirmavam tiveram de considerar, entre os símbolos usuais da bondade divina — o pôr-do-sol sobre o mar, a palidez da aurora, o nascer da lua, os barcos de pesca contra o luar, as crianças atirando-se nos montes de grama —, alguma coisa totalmente em desarmonia com essa alegria, essa serenidade. Surgia, por exemplo, um navio cinzento, que logo desaparecia; surgia uma mancha púrpura sobre a branda superfície do mar, como se algo houvesse borbulhado imperceptivelmente e sangrado sob ele. Essa intromissão numa cena calculada para despertar as reflexões mais sublimes e levar às conclusões mais reconfortantes deteve seus passos. Seria difícil omitir essa intromissão, anular sua importância na paisagem, e durante esse passeio à beira do mar, continuar se extasiando com o fato de a beleza externa refletir a beleza

interior.

Será que a Natureza completa aquilo que o homem produz? Termina o que ele começa? Com a mesma complacência via sua miséria e perdoava sua baixeza aceitando suas torturas. Sonho de compartilhar, de completar, de encontrar sozinho, na praia, uma resposta, seria então apenas a imagem num espelho, e o próprio espelho não seria mais que a superfície transparente quando forças mais refinadas repousam tranquilamente sob ela? Impaciente, desesperado, mas ao mesmo tempo resistindo a partir (pois a beleza oferece sedução, possui consolações), sentia-se que caminhar pela praia era impossível; que a contemplação era insuportável; que o espelho se quebrara.

(O Sr. Carmichael publicou, naquela primavera, um livro de poemas que obteve um êxito inesperado. Diziam que a guerra despertara de novo no público o interesse pela poesia.)

Noite após noite, verão e inverno, o tormento das tempestades e a sagitada tranquilidade do bom tempo reinavam sem interrupção. Se houvesse alguém para se pôr à escuta, ouviria, nos quartos do andar superior da casa vazia, apenas um gigantesco caos riscado de raios ribombando e girando, enquanto os ventos e as ondas se divertiam como massas amorfas de leviatãs cujos cenhos não eram sulcados pelo menor traço de inteligência. Montavam uma sobre a outra, arremessavam-se e mergulhavam, na escuridão ou na claridade (pois dias e noites, meses e anos passavam indistintamente unidos), em jogos tolos, até que todo o universo parecia combater e se contorcer sem objetivo, numa confusão irracional e numa luxúria dissoluta.

Durante a primavera, os vasos do jardim, às vezes cheios de plantas trazidas pelo vento, estavam alegres como nunca, com violetas e narcisos. Mas o brilho e a imobilidade do dia eram tão estranhos quanto o caos e o tumulto da noite, quando as árvores e as flores se elevavam olhando diante de si ou levantando os olhos — contudo, sem nada ver, posto que eram cegas e, por isso, terríveis.

Pensando que não faria mal nenhum em colher um ramo de flores — pois muitos diziam que a família nunca mais voltaria e que a casa talvez fosse vendida no dia de São Miguel — 29 de setembro —, a Sra. McNab inclinou-se, apanhou-o e levou-o consigo para casa. Pousou-o sobre a mesa, enquanto varria a casa. Gostava de flores. Era uma pena desperdiçá-las. Imagine se a casa fosse vendida (estava diante do espelho, com as mãos nos quadris), seria preciso tomar providências — seria preciso. Ninguém entrara ali aqueles anos todos. Os livros e as coisas estavam mofados. A casa não fora limpa como seria desejável, não só por causa da guerra como também porque não era fácil arranjar alguém para ajudar. Estava além da capacidade de um ser humano ajeitá-la agora. E ela estava velha demais; suas pernas doíam. Todos aqueles livros precisavam ser colocados lá fora, ao sol, sobre a grama; o reboco caía no salão; a calha entupira bem em cima da janela do gabinete, deixando penetrar a água; o tapete estava quase completamente estragado. Mas os próprios donos deviam ter vindo; deviam ter mandado alguém para ver aquilo tudo. Pois havia roupas nos armários; deixaram roupas em todos os quartos. E o que faria com elas? As roupas da Sra. Ramsay estavam cheias de traças. Pobre senhora! Não as queria mais. Morrera, segundo lhe contaram, anos atrás, em Londres. Ali estava o velho capote cinzento que ela usava para trabalhar no jardim (a Sra. McNab tocou-o com os dedos). Quando descia a estrada com a cesta de roupa para lavar, via-a inclinando-se sobre as flores (o jardim tinha agora um aspecto lamentável, todo em desordem, com os coelhos saindo dos canteiros e cruzando-os em disparada); via-a ao lado de um dos filhos, com aquele capote cinzento. Havia botas e sapatos; e deixara uma escova e um pente sobre a penteadeira, como se esperasse voltar no dia seguinte. (Morrera repentinamente — disseram-lhe.) Uma vez quase vieram, mas tiveram de adiar a viagem, pois, com a guerra, as viagens se tornaram muito difíceis. Não tinham vindo todos aqueles anos; apenas lhe mandavam dinheiro; mas nunca escreveram, nunca vieram. E esperavam encontrar as coisas como as deixaram, oh, meu Deus! Por que as gavetas da penteadeira estavam tão cheias? (Abriu-as): lenços, pedaços de fita. Sim, enquanto caminhava pela estrada com sua cesta de roupa, podia ver a Sra. Ramsay.

— Boa-noite, Sra. McNab — dizia ela.

Tratava-a bem. Todas as criadas gostavam dela. Mas oh! meu Deus! muita coisa mudara desde aquela época (fechou a gaveta); muitas famílias haviam perdido entes queridos. Ela morrerá; o Sr. Andrew morrerá, e a Srta. Prue também, disseram-lhe, grávida do primeiro filho. Mas todos tinham perdido alguém nesses anos. Os preços tinham subido assustadoramente, sem voltar a baixar. Lembrava-se muito bem dela, com seu capote cinzento.

— Boa-noite, Sra. McNab — dizia. E pedia à cozinheira que guardasse um prato de sopa de leite para ela. Sim, bem que gostaria de um prato de sopa — pensava, enquanto carregava a pesada cesta por todo o caminho até a cidade. Podia vê-la agora, inclinada sobre as flores. (Indistinta e trêmula como um raio de luz amarelo ou o círculo na extremidade de um telescópio, uma senhora com um capote cinzento, inclinada sobre as flores, passou pela parede do quarto, por cima da penteadeira, foi até a pia; enquanto isso a Sra. McNab coxeava, incerta, varrendo, espanando, ajeitando.)

E qual era mesmo o nome da cozinheira? Mildred? Marian? — um nome assim. Ah, esquecera — esquecia tudo. Era impetuosa, como todas as mulheres ruivas. Tinham rido muito, juntas. Era sempre bem-vinda na cozinha.

Fazia-os rir, era verdade. As coisas andavam melhor naquela época do que agora.

Suspirou. Havia trabalho demais para uma só pessoa. Balançava a cabeça em sinal de reprovação. Aqui fora o quarto das crianças. Por que estava tão úmido? O reboco caía. Mas por que foram dependurar o crânio de um animal ali? Também mofara. E havia ratos em todos os sótãos. A chuva penetrava ali. Mas nunca mandavam ninguém; nunca vinham. Algumas fechaduras se quebraram, e as portas batiam. A ela também não agradava vir ali todo fim de tarde. Era demais para uma mulher: demais, demais. Seus ossos estalavam — lamentava-se ela. Bateu a porta. Virou a chave na fechadura, e deixou a casa trancada, fechada, sozinha.

9

A casa estava abandonada e deserta. Abandonada como o casco de um animal perdido numa duna, e que se enche de areia depois que a vida se vai. Uma longa noite parecia ter começado; as leves brisas agitadas e a maresia hesitante pareciam ter triunfado. Rãs penetraram na casa. A panela enferrujara e o capacho se estragara. Em vão balançava o xale vagamente, de um lado para outro. Um cardo rompera as telhas da despensa. As andorinhas faziam ninhos na sala de estar; o chão estava coberto de palha; o reboco caía em grandes quantidades; as vigas estavam à mostra; ratos carregavam coisas para roer atrás dos lambris. Mariposas rompiam suas crisálidas para se exaurirem batendo-se de encontro às vidraças. Papoulas proliferavam Por entre as dalias; o gramado ondeava, coberto de capim; enormes alcachofras se elevavam acima das rosas; os cravos floresciam entre os repolhos; enquanto isso, o leve tamborilar de uma erva daninha contra a janela se transformava, nas noites de inverno, no bater surdo de árvores frondosas e urzes espinhentas, que no verão enverdeciam toda a saia.

Que poder conseguiria agora impedir a fertilidade, a insensibilidade da natureza? O que poderia impedir a Sra. McNab de sonhar com uma senhora, uma criança e um prato de sopa de leite? Tudo isso flutuara nas paredes como uma mancha de luz solar e desaparecera. Ela trancara a porta, partira. Estava além das forças de uma mulher, disse. Nunca mandavam ninguém. Nunca escreviam. Havia coisas apodrecendo nas gavetas: era uma vergonha deixá-las assim, dizia. A casa fora entregue à destruição e à ruína. Só o facho de luz do Farol entrava nos quartos por um momento, espalhando o olhar parado sobre a cama e a parede, na escuridão do inverno, olhando com benevolência o cardo e a andorinha, o rato e a palha. Nada poderia se opor a tudo isso, agora; nada os confrontaria com um não. O vento podia soprar; a papoula podia germinar e o cravo se juntar ao repolho. A andorinha podia construir o ninho na sala de estar e o cardo deslocar as telhas, e a borboleta tomar sol sobre o forro desbotado das poltronas. O copo quebrado e a porcelana podiam ficar no gramado, confundidos com a relva e as frutas silvestres.

Pois chegara aquele momento hesitante quando tremula a aurora e detém-se a noite; quando, se uma pluma pousasse na balança, faria o prato baixar ao seu peso. Uma pluma que pousasse, e a casa afundando, caindo, desapareceria nas

profundezas da escuridão. Na sala em ruínas, as pessoas que faziam piquenique esquentariam seu chá nas chaleiras; os amantes procurariam abrigo ali, deitando-se nas pranchas gastas; o pastor guardaria seu jantar entrei os tijolos, e o mendigo dormiria enrolado no seu casaco para se proteger do frio. O teto já teria caído; urzes e abetos teriam coberto a alameda, o degrau e a janela; teriam crescido com vigor desigual sobre as ruínas da casa. Até que alguém, invadindo o terreno e se perdendo ali, achando, entre as urtigas, um atijador ou um caco de porcelana entre os abetos, saberia que um dia aquele lugar fora habitado, que ali existira uma casa.

Se a pluma tivesse pousado, se tivesse feito a balança inclinar-se, toda a casa teria mergulhado nas profundezas, para descansar nas areias do esquecimento. Mas uma força trabalhava; algo não muito consciente; que olhava de soslaio; algo que balançava de um lado para outro; algo que não estava muito inspirado a prosseguir seu trabalho com um ritual digno ou com cânticos de louvor. A Sra. McNab resmungava; a Sra. Bast estalava. Eram velhas; estavam rígidas; suas pernas doíam. Por fim chegaram com suas vassouras e baldes; tinham de trabalhar. Uma das jovens escrevera pedindo que a Sra. McNab tomasse providências para que arrumasse a casa rapidamente. Poderia aprontar isso, poderia aprontar aquilo? Tudo depressa. Talvez viessem no verão; deixavam tudo para a última hora; esperavam encontrar tudo como antes. Vagarosa e penosamente, com a vassoura e o balde, esfregando, areando, a Sra. McNab e a Sra. Bast detiveram a ferrugem e a deterioração; salvaram do fundo do Tempo, que já os encerravam, aqui uma bacia, adiante um armário; salvaram do esquecimento todos os romances de Scott da fase de Waverley, e, certa manhã, também um serviço de chá; à tarde recolocaram ao sol e ao ar livre um protetor de lareira e um conjunto de atijadores de aço. O filho da Sra. Bast, George, matou os ratos e aparou a grama. E havia os operários. Acompanhado do ranger de dobradiças e parafusos, do martelar e bater nos entalhes encharcados de maresia, algo parecia nascer laboriosa e torpemente, enquanto as mulheres, inclinando-se e soerguendo-se, resmungando e cantando, batiam e desemperravam, primeiro no andar de cima, depois nos porões. Quanto trabalho!, diziam.

Às vezes tomavam chá num dos quartos, ou no escritório; interrompiam a faina ao meio-dia, com os rostos cheios de poeira, e as velhas mãos emperradas e doídas nos cabos das vassouras. Deixando-se cair nas cadeiras, contemplavam sua magnífica vitória sobre a banheira e as pias; depois, seu triunfo, mais árduo e menos completo, sobre as longas fileiras de livros, alguns enegrecidos, outros manchados de branco, abrigando secretamente cogumelos descorados e furtivas aranhas. Mais uma vez, sentindo? dentro dela o calor do chá, a Sra. McNab

percebeu que ura telescópio se ajustava aos seus olhos, e, numa aura dei luz, enquanto subia com sua trouxa de roupa, viu o velho senhor, magro como um palito, balançando a cabeça e falando sozinho no gramado. Não chegou a notá-la. Alguns diziam que morrera; outros diziam que fora ela quem morrera. Qual dos dois seria? A Sra. Bast também não sabia ao certo. O jovem morrera. Isso era certo. Lera seu nome no jornal.

E havia a cozinheira, Mildred, Marian, um nome assim: uma mulher ruiva, impetuosa como todas de seu tipo, mas também muito amável quando se era gentil com ela. Tinham rido muito, juntas. Sempre guardava um prato de sopa para Maggie; às vezes, um pedaço de presunto que sobrasse. Viviam bem naquele tempo. Tinham tudo que queriam. (Loquaz, jovial, sentindo o calor do chá dentro de si, ela desfiava o novelo de suas recordações, sentada na poltrona de vime, perto da lareira do quarto das crianças.) Havia sempre muito o que fazer, havia muitas pessoas na casa — às vezes vinte — e lavava-se louça até; muito depois da meia-noite.

A Sra. Bast (nunca os conhecera: vivia em Glasgow; naquela época) perguntava, pousando a xícara: por que teriam dependurado ali aquele crânio de animal? Sem dúvida fora caçado em países distantes.

Pode ser, disse a Sra. McNab, entregando-se a suas recordações; tinham amigos em países do Oriente. Vinham visitá-los cavalheiros e senhoras com vestidos de bailei uma vez os vira pela porta, sentados para jantar. Eramí umas vinte — atrevia-se a afirmar — com todas as suas joias. E pediam-lhe para ficar e ajudar a lavar a louça,, muitas vezes até depois da meia-noite.

Ah, achariam tudo mudado, disse a Sra. Bast. Debruçou-se na janela e ficou olhando seu filho George, que aparava a grama. Bem poderiam perguntar: o que acontecera àquela casa?, ao ver o velho Kennedy, que deveria ter cuidado dela. Mas sua perna adoecera depois que caíra da carroça. Depois ficaram sem ninguém, talvez durante um ano, ou quase; por fim, viera David Macdonald. Deveriam mandar sementes, mas quem poderia afirmar que alguma vez seriam plantadas? Achariam tudo mudado.

Olhava seu filho que aparava a grama. Era muito bom nesse trabalho, e silencioso. Bem, supunha que precisavam continuar a limpar os armários. Ergueram-se pesadamente.

Finalmente, depois de inúmeros dias de trabalho no interior da casa, e de cortar e perfurar no exterior, os espanadores foram sacudidos nas janelas, que foram fechadas; a casa foi trancada; bateram a porta da frente; a faina terminara.

E agora, como se todo aquele limpar, esfregar, ceifar e cortar tivessem abafado a melodia entreouvida, ela de novo elevou-se intermitente: música que o ouvido capta em parte, mas logo esquece; um latido, um balir; irregular,

intermitente, mas sons de certa forma relacionados; o zunir de um inseto, a vibração da grama sendo aparada; sons separados mas ao mesmo tempo coesos; o zumbido de um besouro, o rangido de uma roda; sons altos, baixos, mas misteriosamente interligados; sons que o ouvido se esforça por reunir e está sempre na iminência de harmonizar, mas que nunca se tornam completamente audíveis, nem perfeitamente harmonizados. E, finalmente, à noite, cada um desses sons se desvanece, a harmonia vacila, e o silêncio cai. Com o pôr-do-sol se perde a aspereza e o vento repousa, a tranquilidade surge e se difunde, como uma névoa espiralando para o alto. Lassamente o mundo se Prepara para dormir, ali na obscuridade, sem outra luz além da que passa esverdeada e difusa por entre as folhas ou a polidez das flores brancas perto da janela.

(A mala de Lily Briscoe foi trazida até a casa, tarde, numa noite de setembro. O Sr. Carmichael veio no mesmo trem.)

10

Então chegara realmente a paz. Mensagens de paz eram varridas do mar à terra. Agora viria para nunca mais interromper o sono da casa, para adormecê-la eternamente. Não importa que sonhos inocentes e sensatos tivessem os que dormiam — ela veio para confirmá-lo; o que mais estaria o mar murmurando — pensou Lily Briscoe, ao pousar a cabeça no travesseiro, em seu quarto limpo e silencioso. Através da janela aberta, chegou até ela a voz da beleza do mundo, murmurante, mas suave demais para que ela pudesse ouvir o que dizia exatamente — mas o que importava, se o sentido era claro? Assim, a voz implorava aos que dormiam (a casa estava de novo cheia; a Sra. Beckwith ficara, e também o Sr. Carmichael) que descessem à praia, ou pelo menos erguessem a veneziana para olhá-la. Veriam então a noite transcorrendo purpúrea: sua cabeça coroadas; seu cetro coberto de joias; e abrindo olhos dentro dos quais até uma criança poderia olhar. E se eles hesitassem (Lily estava exausta e dormiu quase imediatamente; mas o Sr. Carmichael lia um livro à luz da vela), se ainda se opusessem, afirmando que seu esplendor era apenas efeito da névoa, e que o orvalho tinha mais poder que ela, e preferissem dormir — então, suavemente, sem lamentações ou reclamações, a voz cantaria sua canção. Suavemente as ondas quebrariam (Lily as ouvia em seu sono); docemente a luz esmaeceria (parecia atravessar as suas pálpebras). E era como se — pensou o Sr. Carmichael, fechando o livro e começando a adormecer — tudo se passasse como há muitos anos.

Sem dúvida a voz poderia recomeçar — enquanto as cortinas da escuridão se cerravam sobre a casa, sobre a Sra. Beckwith, o Sr. Carmichael e Lily Briscoe, de modo a envolver seus olhos com várias camadas de escuridão —, por que não aceitá-lo, satisfazer-se com isso, aquiescer e resignar-se com isso? O suspiro de todos os mares rebentando de encontro às ilhas os confortava; a noite os envolvia. Nada interrompeu seu sono até que os pássaros, começando a cantar, entrelaçaram suas vozes suaves na brancura da aurora; uma carroça gemeu; um cão latiu; e o sol ergueu as cortinas e rompeu o véu sobre os olhos de Lily Briscoe. Agitando-se no sono, ela agarrou-se aos lençóis como alguém que despenca de um penhasco se agarra à vegetação na borda. Abriu os olhos

completamente. Aqui estava outra vez, pensou, sentando-se bruscamente na cama. Acordada.

O Farol

1

O que significa isso, então? O que pode tudo isso querer dizer?, perguntou-se Lily Briscoe, indagando, já que fora deixada sozinha, se deveria ir à cozinha pegar outra xícara de café ou esperar ali. O que significa? — este era um jargão tirado de algum livro e que se ajustava vagamente a seu pensamento, pois não conseguia, nessa primeira manhã com os Ramsays, ajustar seus pensamentos, podia apenas fazer uma frase ressoar para encobrir o vazio de sua mente, até que se diluíssem esses vapores. Pois, na realidade, o que sentia ao voltar ali depois de todos aqueles anos, depois da morte da Sra. Ramsay? Nada, nada — absolutamente nada que conseguisse expressar.

Chegara tarde, na noite anterior, quando tudo estava misterioso e escuro. Tendo acordado, achava-se sentada no seu antigo lugar à mesa do café, mas sozinha. Era muito cedo, nem oito horas ainda. Havia a tal expedição: iam ao Farol: o Sr. Ramsay, Cam e James. Deveriam ter saído cedo; tinham de pegar a maré ou qualquer coisa assim. Mas Cam não ficara pronta, James também não, Nancy esquecera de pedir que preparassem sanduíches, e o Sr. Ramsay se irritara e saíra da sala batendo a porta.

— De que adianta ir agora? — vociferou ele.

Nancy desaparecera. Ali estava ele, andando de um lado Para o outro no terraço, enraivecido. Tinha-se a impressão de ouvir portas batendo e vozes gritando por toda a casa. Agora Nancy irrompeu e perguntou, olhando ao redor da sala, com um ar meio pasmo, meio desesperado: "O que se vai mandar para o Farol?" — como se estivesse se esforçando para fazer algo que não tinha esperança de poder fazer.

O que se vai mandar para o Farol, em verdade! Em outros tempos, Lily teria sugerido, razoavelmente, mandarem chá, fumo, jornais. Mas nessa manhã tudo parecia tão extraordinariamente estranho que uma pergunta como a que Nancy fizera — o que se vai mandar para o Farol? — abria determinadas portas na mente da pessoa, que ficavam batendo, balançando para a frente e para trás, fazendo com que se continuasse a perguntar, com um olhar estupefato: o que se vai mandar? o que se vai mandar? por que se está sentado aqui, afinal?

Sentada sozinha (pois Nancy saíra de novo), por entre as xícaras intocadas, na outra extremidade da mesa, sentiu-se isolada dos outros, capaz apenas de continuar observando, perguntando, indagando. A casa, o lugar, a manhã, tudo lhe parecia estranho. Sentia que não tinha laços naquele lugar, a menor ligação. Tudo poderia acontecer, e o que quer que acontecesse — um passo lá fora, uma voz gritando ("Não está no armário; está no patamar" — alguém gritou) — constituía para ela uma dúvida, como se o laço que geralmente ligava as coisas tivesse sido cortado e agora elas flutuassem aqui, mais adiante, no exterior, em qualquer lugar: como era inútil, caótico, irreal, pensou, olhando sua xícara de café vazia. A Sra. Ramsay estava morta; Andrew morto; Prue também. Embora pudesse repeti-lo, isso não lhe despertava o menor sentimento. E nós todos nos reunimos numa casa assim, numa determinada manhã — disse, Jolhando pela janela; o dia estava bonito e tranqüilo.

De repente, o Sr. Ramsay, ao passar, ergueu a cabeça e mirou-a de frente com seu olhar rude e perturbado, e contudo tão penetrante, que era como se a visse por um segundo, pela primeira vez, para sempre; e ela fingiu que estava bebendo café na xícara vazia para escapar à sua exigência sobre ela, para afastar por mais um momento essa necessidade imperiosa. E ela sacudiu a cabeça na sua direção e continuou a andar ("Sozinhos" — ela o ouviu dizer; "Morreram" — ouviu-o dizer) e, como tudo mais naquela estranha manhã, as palavras tornaram-se símbolos, inscrevendo-se nas paredes verde-acinzentadas. Se pelo menos ela conseguisse reuni-las, articulá-las numa sentença, então teria atingido a verdade das coisas. O velho Sr. Carmichael entrou caminhando maciamente, serviu-se de café, pegou a xícara e saiu para se sentar ao sol. A extraordinária irrealidade era assustadora, embora também excitante. Ir ao Farol. Mas o que se vai mandar para o Farol? Mortos, sozinhos. A luz verde-acinzentada na parede em frente. Os lugares vazios. Essas eram algumas das partes, mas como reuni-las?, perguntou. Como se uma interrupção qualquer fosse quebrar a frágil forma que estava construindo na mesa, virou as costas para a janela a fim de que o Sr. Ramsay não pudesse vê-la. Precisava escapar de alguma forma, ficar sozinha em algum lugar. Repentinamente, lembrou-se. Quando se sentara ali pela última vez, dez anos atrás, havia um ramo ou folha no desenho da toalha, para o qual olhara num momento de revelação. Havia um problema sobre o primeiro plano de um quadro. Mover a árvore para o centro, dissera. Nunca terminara esse quadro. E isso ficara remoendo em sua mente todos esses anos. Pintaria esse quadro agora. Onde estariam suas tintas?, perguntou-se.

Pegou uma cadeira. Com seus movimentos meticulosos de solteirona, armou o cavalete no final do gramado — não excessivamente perto do Sr. Carmichael, mas o suficiente para ficar sob sua proteção. Sim, deveria ter sido

precisamente ali que o erguera há dez anos. Lá estava o muro; a cerca; a árvore. O problema era a relação entre essas massas. Permanecera em sua mente por todos esses anos. Parecia que agora a solução lhe tinha chegado: agora sabia o que queria fazer.

Mas, sentindo a pressão do Sr. Ramsay sobre ela, não conseguia fazer nada. Todas as vezes que ele se aproximava — estava andando de um lado para o outro no terraço — a destruição e o caos também se aproximavam. Não podia Pintar. Inclinou-se; voltou-se; pegava este trapo; apertava aquele tubo. Mas fazia tudo isso apenas para afastá-lo por um momento: ele lhe tornava impossível fazer qualquer coisa. Pois se lhe desse a menor chance — se ele a visse desocupada por um momento, olhando em sua direção — se aproximaria dela, dizendo, como na noite anterior: "Você nos achará muito mudados." Na noite passada ele se levantara, parara diante dela e dissera isso. Embora todos se sentassem com os olhos fixos, e silenciosos — os seis filhos que se costumava chamar pelos nomes dos reis e rainhas da Inglaterra: O Ruivo, a Bela, o Perverso, o Cruel —, sentia que escondiam ódio sob essa aparência. A boa e idosa Sra. Beckwith dissera algo sensato. Mas era uma casa cheia de paixões desconexas — sentira-o durante toda a noite. E, no auge desse caos, o Sr. Ramsay levantara-se, apertara sua mão, e dissera: "Você nos achará muito mudados" — e nenhum deles se movera ou falara; ficaram sentados ali,; como se fossem obrigados a deixá-lo dizer isso. Apenas; James (sem dúvida o Melancólico) olhava a lâmpada, dei cenho fechado; e Cam enrolava o lenço em torno do dedo. Então ele lhes lembrou que iriam ao Farol no dia seguinte! Deviam estar prontos, no vestíbulo, precisamente às sete: e meia. Depois, com a mão pousada na porta, voltou-se para eles. Não queriam ir?, perguntou. Se alguém tivesse ousado dizer não (tinha uma certa razão para desejá-lo), teria se atirado tragicamente nas águas amargas do desespero. Tal era; o seu dom para a grandiloquência. Parecia um rei no exílio. James disse sim, obstinadamente. Cam balbuciou algo tristemente. Sim, oh, sim, isso era trágico — não mortalhas, túmulos, coroas; mas crianças coagidas, seus espíritos subjugados. James estava com dezesseis anos, Cam com dezessete, talvez. Ela desviara os olhos à procura de alguém que não estava ali, a Sra. Ramsay presumivelmente. Mas havia apenas a boa Sra. Beckwith revolvendo os seus esboços sob a lâmpada. Então, sentindo-se cansada, a mente ainda subindo e descendo com o movimento do mar, o gosto, o cheiro dos lugares que, depois de tão longa ausência, a possuíam outra vez, as velas tremulando em seus olhos, Lily se rendera e perdera-se. A noite estava maravilhosa, estrelada; as ondas ressoavam, quando eles subiram; a lua os surpreendeu, enorme, pálida, ao passarem pela janela da escada. Ela dormira imediatamente.

Colocou uma tela limpa no cavalete, como se fosse uma barreira: embora

frágil, esperava que fosse suficientemente substancial para evitar o Sr. Ramsay e a sua exigência. Esforçava-se ao máximo para olhar o quadro quando ele lhe virava as costas; esta linha aqui, aquela massa adiante. Mas isso era impossível. Mesmo que ele ficasse a cinquenta pés de distância, mesmo que não lhe falasse e mesmo que ela nem o visse, ele se imiscuía, se impunha, predominava. Ele mudava tudo. Ela não conseguia ver a cor; não conseguia ver as linhas, mesmo quando ele ficava de costas para ela. Apenas conseguia pensar: logo estará me pressionando, exigindo de mim. Pediria alguma coisa que ela sentia que não podia lhe dar. Largava um pincel; escolhia outro. Quando viriam essas crianças? Quando iriam todos embora? — Esse homem nunca dava, pensou, sentindo o ódio crescer dentro de si; sempre tomava. Ela, por outro lado, seria forçada a dar. A Sra. Ramsay tinha dado. Dando, dando, dando, morrerá — e deixara tudo isso. Estava realmente zangada com a Sra. Ramsay. Com o pincel tremendo um pouco entre os dedos, olhava a cerca, o degrau, a parede. Tudo por causa da Sra. Ramsay. Morrerá. E ali estava Lily, aos quarenta e quatro anos, perdendo seu tempo, de pé, brincando de pintar; brincando com o que não se deve brincar, e tudo por culpa da Sra. Ramsay. O degrau onde ela costumava se sentar estava vazio. Estava morta.

Mas por que continuar a repetir isso? Por que sempre inventar um sentimento que nunca tivera? Havia nisso uma espécie de blasfêmia. Tudo estava árido; murcho; gasto. Não deviam tê-la convidado; não devia ter vindo. Não se pode perder tempo aos quarenta e quatro anos, pensou. Detestava brincar de pintar. Um pincel, a única coisa em que se pode confiar num mundo de disputas, ruínas, caos — com o qual não se deve brincar, mesmo conscientemente: detestava fazê-lo. Você não tocará na sua tela — parecia ele dizer, pressionando-a — até que me tenha dado aquilo que quero de você. E ali estava ele outra vez, a seu lado, sôfrego e perturbado. Bem, pensou Lily desesperada, deixando a mão direita cair ao longo do flanco, nesse caso é mais fácil acabar logo de uma vez. Sem dúvida conseguia imitar, de memória, o brilho, a eloquência, a auto-entrega que vira nos rostos de tantas mulheres (no da Sra. Ramsay, por exemplo) quando, numa ocasião assim, se sentiam arrebatadas — recordava-se do olhar no rosto da Sra. Ramsay —, num arroubo de simpatia e prazer pelo reconhecimento que recebiam cuja causa, embora lhes fosse desconhecida, evidentemente lhes conferia a mais suprema felicidade de que era capaz a natureza humana. Aqui estava ele, parado a seu lado. Dar-lhe-ia o que pudesse.

2

Ela parecia ter estremecido ligeiramente — pensou ele. Tinha um aspecto mesquinho, insignificante, mas não sem atrativos. Gostava dela. Certa vez correram rumores de que se casaria com William Bankes, mas nunca se concretizaram. Sua mulher gostara dela. Também se exasperara um pouco no café da manhã. E depois, e depois — este era um daqueles momentos em que uma grande necessidade o premia — sem que soubesse o quê — a aproximar-se de qualquer mulher, de forçá-la a dar o que ele queria: compreensão.

Havia alguém cuidando dela?, perguntou. Tinha tudo de que precisava?

— Oh, tudo, muito obrigada — respondeu Lily Briscoe, nervosa. Não, não conseguiria. Deveria ter-se deixado levar imediatamente por uma onda de expansiva compreensão: a pressão que sentia sobre si era tremenda. Mas permaneceu rígida. Houve uma pausa terrível. Ambos olharam o mar. Por que — pensou o Sr. Ramsay — ela precisa ficar olhando o mar enquanto estou aqui? Esperava que o tempo ficasse suficientemente calmo para que eles aportassem no Farol — disse ela. O Farol! O Farol! Que tem a ver com o assunto? — pensou, impacientemente. No mesmo instante, com a força de uma rajada primitiva (pois na verdade não conseguia mais conter-se), escapou-lhe tal suspiro que qualquer outra mulher no mundo teria dito ou feito algo — todas, menos eu, pensou Lily, escarnecendo de si mesma amargamente, que não sou mulher, mas provavelmente uma solteirona velha, seca, rabugenta e mal-humorada.

O Sr. Ramsay suspirou profundamente. Esperou. Ela não diria nada? Será que não via o que ele esperava dela? Então falou que tinha uma razão especial para querer ir ao Farol. Sua mulher costumava mandar encomendas para os rapazes. Havia um pobre menino tuberculoso — o filho do faroleiro. Suspirou profundamente. Suspirou significativamente. Tudo que Lily desejava era que essa inundação de tristeza, esse desejo insaciável de compaixão, essa exigência de que ela se rendesse completamente a ele — e mesmo assim tinha suficientes tristezas para provê-la até o fim de sua vida — a deixasse, se desviasse (continuava olhando a casa, ansiosa por uma interrupção), antes que a carregasse em sua torrente.

— Essas expedições — disse o Sr. Ramsay, raspando o chão com a ponta

do sapato — são muito penosas. — Ainda assim, Lily não disse nada (Ela é uma porta, uma pedra — disse ele consigo mesmo). — São muito exaustivas — disse, apreciando a beleza das próprias mãos, com um olhar doentio que a nauseava (estava representando, esse grande homem estava dramatizando). Era terrível, indecente. Será que nunca viriam?, perguntou ela, pois não conseguiria suportar nem por mais um segundo esse peso enorme de tristeza, amparar essas pesadas ondas de mágoa (ele assumira uma pose de extrema decrepitude; até cambaleara um pouco, enquanto permanecia ali).

Ainda assim não conseguia dizer nada; o horizonte parecia completamente vazio de objetos dos quais pudesse falar; apenas conseguia perceber, surpresa, enquanto o Sr. Ramsay permanecia ali, como seu olhar parecia cair lugubrememente sobre a grama ensolarada e descolori-la, lançando sobre a figura avermelhada, sonolenta e completamente satisfeita do Sr. Carmichael — que lia um romance francês numa espreguiçadeira — um manto de luto, como se tal existência, ostentando sua prosperidade num mundo de infortúnios, fosse suficiente para provocar os pensamentos mais sombrios. Olhe-o, ele parecia estar dizendo, olhe para mim.

E de fato, durante o tempo todo ele pensava: pense em mim pense em mim. Ah, se aquela massa pudesse ser trazida para perto deles — se disse Lily; se pelo menos tivesse armado o cavalete um pouco mais perto do Sr. Carmichael; um homem, qualquer homem, conteria essa efusão, deteria essas lamentações. Sendo mulher, tinha provocado esse horror; sendo mulher, deveria saber como agir. Depunha contra ele, sexualmente, ficar ali sem dizer nada. Seria preciso dizer — o que mesmo? Oh, Sr. Ramsay! Meu caro Sr. Ramsay! Isso é o que aquela amável senhora de idade que desenhava, a Sra. Beckwith, teria dito instantaneamente, e com acerto. Mas não. Permaneceram ali de pé, isolados do resto do mundo. Sua enorme autocomiseração, sua exigência de compaixão derramava-se e espalhava-se em poças a seus pés; e tudo que ela fez — pobre pecadora que era — foi puxar um pouco mais a saia em volta dos tornozelos para não pegar umidade. Permaneceu ali em completo silêncio, o pincel apertado na mão.

Nunca poderia agradecer suficientemente aos Céus! Ouvia sons dentro da casa. James e Cam deviam estar vindo. Mas o Sr. Ramsay — como se soubesse que tinha cada vez menos tempo — exerceu sobre sua pessoa solitária a imensa pressão de sua amargura concentrada; sua idade; sua fraqueza; sua desolação; quando, repentinamente, sacudindo a cabeça com irritação, aborrecido — pois, afinal, que mulher conseguiria resistir-lhe? — notou que os cadarços de suas botas estavam desamarrados. Eram também botas notáveis, pensou Lily, baixando os olhos para elas: esculturais; colossais; como tudo que o Sr. Ramsay

usava, desde a gravata puída até o colete abotoado pela metade, elas eram indiscutivelmente suas. Podia vê-las andando até o quarto por sua própria iniciativa, expressivas do enfado, mau humor, encanto; e ausência de atrativos do seu dono.

— Que lindas botas! — exclamou. Estava envergonhada de si mesma. Elogiar suas botas quando ele lhe pedia que consolasse sua alma; quando lhe mostrara suas mãos sangrando, seu coração dilacerado, e pedira que se condoesse deles? Então, ao dizer alegremente: "Ah, mas que lindas botas!", merecia, bem o sabia — e ergueu os olhos, esperando-o, num de seus súbitos rompantes de mau humor —, ser completamente aniquilada.

Em vez disso, o Sr. Ramsay sorriu. Sua fraqueza, seu luto, suas enfermidades desapareceram. Ah, sim — disse, suspendendo o pé para que ela o olhasse, eram botas de primeira qualidade. Havia um único homem na Inglaterra capaz de fazer botas assim. — As botas são um dos principais anátemas da humanidade — disse. — Os sapateiros ocupam-se em estropiar e torturar o pé humano! — exclamou. Também, são os homens mais obstinados e perversos da humanidade. Levara a maior parte da juventude para encontrar botas que fossem feitas como deveriam ser. Chamava sua atenção (suspendeu o pé direito, depois o esquerdo), pois nunca vira botas exatamente daquele feitio. Eram feitas com o melhor couro do mundo também. A maior parte dos couros era meramente papel pardo e papelão. Olhou complacente para o próprio pé, que ainda estava suspenso. Ela sentia que haviam chegado numa ilha ensolarada onde habitava a paz, reinava a sensatez e o sol brilhava sempre: a ilha abençoada das boas botas. Ela se compadecia dele. — Agora, deixe-me ver se você é capaz de amarrar um sapato — disse ele. Escarneceu de seu frágil método. Mostrava-lhe sua própria inventividade. Uma vez amarrado, nunca mais se desfaz. Amarrou o sapato dela três vezes; três vezes o desamarrou.

Por que, nesse momento completamente impróprio, quando ele se inclinava para seu sapato, ficou tão atormentada de compaixão por ele que, ao inclinar-se também, o sangue subiu-lhe ao rosto e, pensando em sua própria dureza (chamara-o de ator), sentiu os olhos encherem-se de lágrimas? Assim absorto, parecia-lhe uma figura de infinita ternura. Amarrava sapatos. Comprava botas. Não havia como ajudar o Sr. Ramsay na excursão que ia fazer. Mas agora, justamente quando desejava dizer alguma coisa, e poderia ter dito algo talvez, lá estavam eles — Cam e James. Surgiram no terraço. Vinham se arrastando, lado a lado, um par melancólico e sério.

Mas por que vinham assim? Não conseguia deixar de se sentir aborrecida com eles; deviam vir mais alegremente; deviam dar-lhe aquilo que ela, agora que

partiam, não teri mais a oportunidade de lhe dar. Pois sentiu um repentina vazio; uma frustração. Seu sentimento chegara tarde demais; estava pronto; mas agora ele já não mais necessitava dele. Tornara-se um senhor de idade muito digno, que não tinha a menor necessidade dela. Sentiu-se desprezada. Ele lançou a mochila aos ombros. Distribuiu os pacotes — havia uma certo número deles, bem amarrados, embrulhados em papel pardo. Mandou Cam buscar um capote. Dava a impressão de um comandante preparando-se para uma campanha. Então, voltando-se bruscamente, pôs-se a descer o caminho resolutamente, com passo militar, naquelas botas maravilhosas e carregando embrulhos marrons, ele na frente, os filhos atrás. Era como se o destino os tivesse condenado a uma rigorosa empresa, e se lançassem a ela, ainda suficientemente jovens para serem arrastados no rastro do pai, aquiescentes e obedientes, mas com uma palidez nos olhos que a fazia sentir que sofriam em silêncio com algo mais forte que as lágrimas. Assim, atravessaram o gramado, e Lilly pensou ver uma procissão caminhando, impulsionada pela força de um sentimento comum que os tornava, mesmo trôpegos e débeis como eram, uma pequena companhia estreitamente unida e estranhamente impressionante. Com um gesto polido, mas distante, o Sr. Ramsay ergueu a mão e a saudou, ao passarem.

Mas que rosto — pensou, sentindo imediatamente aquela compreensão que não fora pedida e querendo expressar-se e atrapalhá-la. O que causara isso? Supunha que pensar, noite após noite. E, acrescentou, pensar na realidade das mesas de cozinha, lembrando-se do símbolo que Andrew lhe dera para ilustrar para ela, que não o entendera, o assunto em que o Sr. Ramsay pensava (Andrew fora morto instantaneamente por um estilhaço de granada — lembrou-se). A mesa de cozinha era algo visionário, austero; algo despojado, rude, nada decorativo. Perdera a cor; era toda pontas e ângulos; era indiscutivelmente feia. Mas o Sr. Ramsay mantinha os olhos eternamente fixos nela, nunca se permitindo distrair-se ou enganar-se, até que seu rosto também se tornou gasto e ascético, e começou a compartilhar dessa beleza não-ornamental que tanto a impressionava. Então, lembrou-se (de pé onde ele a deixara, com o pincel na mão) de que preocupações menos nobres tinham marcado seu rosto também. Ele deveria ter tido suas dúvidas sobre essa mesa, supôs; se era realmente uma mesa; se merecia o tempo que ele lhe dedicava; se afinal era capaz de encontrá-la. Ela sentia que ele tivera suas dúvidas — do contrário pediria menos das pessoas. Suspeitava que era disso que ele e a Sra. Ramsay falavam até tarde da noite, às vezes; e, no dia seguinte, a Sra. Ramsay parecia cansada, e Lily se enfurecia com ele devido a um motivo insignificante. Mas agora ele não tinha ninguém com quem falar sobre a sua mesa, ou sobre suas botas, ou sobre seus cadarços;

parecia um leão procurando a quem devorar, e seu rosto tinha aquele aspecto de desespero e exagero que a assustavam e a faziam repuxar as saias mais ao redor de si. E então — lembrou-se — havia aquela súbita ressurreição, aquela chama repentina (quando elogiava seus livros), aquela imediata recuperação de vigor e interesse pelos problemas humanos comuns, que também passava (pois estava sempre mudando, e não escondia nada) e se transformava naquela última fase que era nova para ela. E isso, tinha de admiti-lo, fizera-a se envergonhar da própria irritabilidade, quando ele pareceu ter se despojado de suas preocupações e ambições, da esperança de compreensão e do desejo de ser elogiado, entrando numa região, como que impulsionado pela curiosidade, num mudo colóquio consigo mesmo ou com outra pessoa, à frente daquela pequena procissão, já fora do seu alcance. Um rosto extraordinário! O portão bateu.

3

Então, partiram!, pensou, suspirando com alívio e desapontamento. Sua compaixão pareceu voltar-se contra seu próprio rosto, como um galho de espinheiro repuxado. Sentia-se curiosamente dividida, como se uma parte sua estivesse sendo arrastada para longe — fazia um dia calmo e brumoso; o Farol parecia, esta manhã, incrivelmente distante; enquanto a outra parte sua se tinha fixado obstinada e solidamente ali no gramado. Via a tela como se houvesse flutuado, alçada pelo vento, e se instalado, branca, inflexível, exatamente à sua frente. Parecia reprová-la, com seu olhar: frio, por toda aquela pressa e agitação; aquela insensatez e perda de tempo. Recordou-a, drasticamente, primeiro da paz — a qual se difundiu por toda a sua mente, enquanto suas sensações desordenadas (tinha ido embora e ela, que ficara com tanta pena dele, não dissera nada) se precipitaram pelo campo; e depois, o vazio. Olhava inexpressivamente a tela, que lhe devolvia um olhar branco e inflexível; e da tela olhava o jardim. Havia alguma coisa (permanecia franzindo os olhinhos chineses no rosto enrugado), algo de que se recordava a propósito das relações entre essas linhas que se cruzavam e se dividiam, e da massa da sebe, com sua verde cavidade com tonalidades de azul e marrom, algo que permanecera em sua mente; que dera um nó em sua mente, e assim, involuntariamente, nos mais diversos momentos, ao andar pela estrada de Brompton, ou ao escovar os cabelos, ela se via pintando esse quadro, passando os olhos por ele, ou tentando desatar esse nó na sua imaginação. Mas havia uma enorme diferença entre conjecturar planos no ar, longe da tela, e efetivamente pegar o pincel e dar o primeiro toque.

Agitada com a presença do Sr. Ramsay, enganara-se de pincel, e fixara o cavalete na terra com tanto nervosismo que este se achava num ângulo errado. Agora que o colocará direito, subjugando assim as impertinências que roubavam sua atenção e a faziam lembrar como era uma pessoa com tais e tais características, que tinha tais e tais relações com os outros, firmou a mão e ergueu o pincel. Por um momento este tremeu no ar, num doloroso mas

emocionante êxtase. Por onde começar?, esse era o problema; em que ponto dar o primeiro toque? Uma linha colocada na tela expunha a inúmeros riscos, a frequentes e irrevogáveis decisões. Tudo o que na imaginação parecia simples tornava-se, na prática, imediatamente complexo; como as ondas que, vistas do cimo do rochedo, aparentam uma forma simétrica, mas, para aqueles que nadam nelas, surgem repartidas por imensos abismos e cristas espumejantes. Contudo, é preciso correr o risco e dar o primeiro toque.

Com uma curiosa sensação física, como se fosse impulscionada a prosseguir e ao mesmo tempo precisando se conter, fez o primeiro traço, firme e decidido. O pincel desceu. O marrom chamejou na tela branca; deixou um longo traço. Fez um segundo, depois um terceiro traço. E assim, numa sucessão de pausas e vibrações, conseguiu alcançar um movimento ritmado de dança, como se as pausas fossem uma parte do ritmo, e as vibrações outra, e ambas se relacionassem entre si; assim, pensando ligeira e rapidamente, e riscando, marcava a tela com linhas marrons contínuas e nervosas que, tão logo eram traçadas (sentia-as avultando ali), demarcavam um espaço. No fundo do bojo da onda via a próxima onda crescendo cada vez mais alto acima dela. Pois o que poderia ser mais tremendo do que essa superfície? Ali estava outra vez, pensou, recuando para olhá-la, sentindo-se arrancada para longe da tagarelice, da vida, da comunhão com as pessoas; achava-se agora em presença da sua tremenda e antiga inimiga — esta outra coisa, esta verdade, esta realidade que repentinamente se apoderava dela, emergia tenazmente atrás das aparências e exigia sua atenção. Sentia-se um pouco indecisa, um pouco relutante. Por que se deixar sempre impulsionar e arrastar? Por que não era deixada em paz para conversar com o Sr. Carmichael no gramado? De qualquer jeito, estabelecia-se uma severa forma de relacionamento. Outros objetos de culto ficavam satisfeitos em serem cultuados: homens, mulheres, Deus, deixavam que os outros se prostrassem ajoelhados; mas esta forma de relação — mesmo que fosse apenas a cúpula difusa e branca de um quebra-luz brilhando sobre uma mesa de vime — incitava a pessoa a um perpétuo combate, desafiava-a a uma luta na qual sem dúvida seria derrotada. Sempre (estava na sua natureza ou no seu sexo, não sabia bem), antes de trocar a fluidez da vida pela concentração da pintora, passava por alguns momentos de nudez em que parecia uma alma por nascer, uma alma despojada de corpo, h tante no alto de algum pináculo varrido pelo vento e posto sem proteção às lufadas da dúvida. Então, por que o fazia? Olhou a tela já um pouco riscada por longos traços. Seria dependurada no quarto das empregadas. Seria embrulhada e socada debaixo do sofá. Para que fazer o quadro então — e ouviu uma voz dizendo que não sabia pintar não sabia criar, como se tivesse sido enredada numa dessas correntezas que a experiência tece na mente da pessoa,

fazendo-a repetir as palavras sem se lembrar mais de quem as dissera pela primeira vez.

Incapaz de pintar, incapaz de escrever — murmurou monotonamente, pensando ansiosa sobre qual deveria ser seu plano de ataque. Pois a massa brilhava diante dela; projetava-se; sentia-a fazendo pressão sobre seus globos oculares. Então, como se alguma essência necessária para a lubrificação de suas faculdades jorrasse espontaneamente, começou a mergulhar incertamente o pincel entre os azuis e castanhos, a movê-lo daqui para ali; porém, agora, ele estava mais pesado e lento, como se tivesse se harmonizado com um ritmo que lhe era ditado (continuava a olhar a sebe e a tela) por aquilo que ela via; e assim, enquanto sua mão tremia com a vida, esse ritmo era suficientemente poderoso para transportá-la em sua correnteza. Sem dúvida estava perdendo a consciência das coisas exteriores. E, ao perder a consciência das coisas exteriores, de seu nome, de sua personalidade, e de sua aparência, de se o Sr. Carmichael estava ali ou não, sua mente continuou lançando, do fundo das suas profundezas, cenários, nomes, frases, memórias e ideias, como uma fonte jorrando sobre essa superfície brilhante e terrivelmente problemática, enquanto ela a moldava de verdes e azuis.

Era Charles Tansley que costumava dizê-lo — lembrou-se: as mulheres não sabem pintar, não sabem escrever. Chegando às suas costas, ficara ali, bem próximo, a seu lado — algo que ela detestava — enquanto ela pintava, exatamente naquele lugar. "Que fumo ruim — ele dissera — e custa cinco pences a onça" — ostentando a sua pobreza, os seus princípios. (Mas a guerra aliviara-a do espinho da sua feminilidade. Pois então se dizia: pobres-diabos, os dois sexos, envolvendo-se nessas confusões.) Ele trazia sempre um livro debaixo do braço — um livro vermelho. Ele "trabalhava". Lembrava-se de que ele se sentava e lia sob a luz do sol. Durante o jantar se sentava bem à vista de todos. E então, refletiu, aconteceu aquela cena na praia. Precisava recordar-se disso. Ventava naquela manhã. Todos tinham ido para a praia. A Sra. Ramsay escrevia cartas sentada junto a uma pedra. Não parava de escrever. "Oh, será um covão para pegar lagostas? Será um barco virado?", perguntara, quando erguera os olhos e vira algo flutuando no mar; era tão míope que não enxergava. Nesse momento Charles Tansley ficara o mais agradável possível. Começara a jogar pedrinhas na água. Eles escolhiam pequenas pedras negras e chatas e faziam-nas saltar sobre as ondas. De vez em quando a Sra. Ramsay olhava por sobre os óculos e ria para eles dois. Do que diziam, não conseguia lembrar — somente de Charles e ela atirando pedras e repentinamente dando-se muito bem, e a Sra. Ramsay os olhando. Lembrava-se disso perfeitamente. Pensou na Sra. Ramsay dando um passo atrás e apertando os olhos. (Ela e James sentados no degrau

deviam ter alterado consideravelmente seu esboço. Devia, necessariamente, ter havido uma sombra ali.) A Sra. Ramsay! Quando pensava em Charles Tansley e nela própria jogando pedrinhas na água, e em toda a cena na praia, isso parecia depender de uma certa sombra que a Sra. Ramsay formava sentada junto à pedra, com uma almofada no colo, escrevendo cartas. (Escrevia inúmeras cartas, e às vezes o vento as carregava e Charles salvava por pouco uma página de cair no mar.) Mas que poder havia na alma humana!, pensou. Aquela mulher sentada ali, escrevendo, junto à pedra, reduzia tudo à simplicidade; levava ódios e irritações se desfazerem como farrapos; harmonizava isso com aquilo e depois com isso de novo, e assim extraía daquela cena de tolice e rancor deploráveis (ela e Charles discutindo, brigando, tolos e odiosos) alguma coisa — aquela cena na Praia, por exemplo, aquele momento de amizade e sentimento — que sobrevivia, depois de tantos anos, completa, de um modo que penetrava nela para refrescar a memória que guardara dele e que conservava na mente quase como uma obra de arte.

— Como uma obra de arte — repetiu, desviando os olhos da tela para a escada da sala de visitas e se voltando de novo para ela. Precisava descansar por um instante. E, descansando, olhando de um lado para outro vagamente, a antiga, a vasta, a genérica pergunta que atravessava o céu da alma perpetuamente para se particularizar em momentos como este, quando ela libertava faculdades que estiveram sob tensão, ergueu-se acima dela, pairou sobre ela e a manteve na penumbra. Qual o sentido da vida? Isso era tudo — uma pergunta simples; das que tendem a agrilhoar uma pessoa com o passar dos anos. A grande revelação nunca chegou. Ao invés disso, houve pequenos milagres diários, iluminações, fósforos inesperadamente acesos na escuridão; e aquele era um deles. Este, aquele e o outro; ela e Charles Tansley, e a onda estourando; a Sra. Ramsay dizendo: "Pare aqui, vida!", a Sra. Ramsay tentando transformar o momento em alguma coisa permanente — isso era da mesma natureza que uma revelação. No meio do caos havia uma forma. Esse eterno repassar e refluir (olhou as nuvens passando e as folhas se movendo) foi arrojado na estabilidade. Pare aqui, vida, disse a Sra. Ramsay. "Sra. Ramsay! Sra. Ramsay!", repetiu. Devia essa revelação a ela.

Tudo era silêncio. Parecia que ninguém acordara ainda na casa. Olhou-a, dormindo ao sol da manhã, com as janelas verdes e azuis devido ao reflexo das folhas. O tênue pensamento a respeito da Sra. Ramsay que a ocupava parecia em consonância com a casa tranquila, a névoa, a leve brisa da manhã. Pálido e irreal, o pensamento era surpreendentemente puro e estimulante. Desejava que ninguém abrisse a janela ou saísse da casa, que a deixassem sozinha para continuar pensando, pintando. Voltou-se para a tela. Mas, impelida por uma certa curiosidade, impulsioneada por uma certa intranquilidade devido à compaixão

que não expressa-; ra, deu um ou dois passos em direção à extremidade do gramado para ver se ainda conseguia avistar o pequeno grupo lá embaixo, na praia, partindo. Ao longe, por entre os pequenos barcos que flutuavam, uns com as velas enfunadas, outros vagarosos, pois o dia estava muito calmo, havia um bastante separado dos outros, que se distanciava. Içavam vela nesse momento. Decidiu que no barquinho tão distante e em completo silêncio, o Sr. Ramsay estava sentado com James e Cam. Agora tinham içado a vela; e, depois de tremularem e hesitarem um pouco, as velas inflaram e ela viu o barco, mergulhado em profundo silêncio, partir deliberadamente e ultrapassar os outros em direção ao mar alto.

As velas tremulavam acima de suas cabeças. A água estalava e batia de encontro aos lados do barco que dormitava imóvel ao sol. De vez em quando as velas se agitavam com uma leve brisa, mas a viração passava acima delas e cessava. O barco estava completamente imóvel. O Sr. Ramsay sentava-se no centro. Dentro de um instante estaria impaciente — pensou James, e Cam também, vendo o pai sentado de pernas cruzadas no meio do barco entre eles (James estava ao leme, na popa; Cam sentava-se sozinha na proa). Ele detestava ficar parado. E, com efeito, depois de se agitar um segundo ou dois, falou algo ríspido com o filho de Macalister, que pegou os remos e começou a remar. Mas eles sabiam que seu pai não ficaria contente enquanto o barco não recomeçasse a correr. Continuaria a procurar uma brisa com os olhos, agitado, murmurando coisas que Macalis-ter e seu filho acabariam por ouvir, o que faria ambos sentirem-se horivelmente constrangidos. Ele os obrigara a vir. Forçara-os a vir. Em seu ódio, esperavam que a viração nunca chegasse, que ele encontrasse obstáculos em tudo, Pois forçara-os a vir contra a sua vontade.

Por todo o caminho até a praia, ambos se deixaram ficar Para trás, arrastando-se, embora ele os instasse, sem falar: "Apressem-se, apressem-se." Tinham as cabeças baixas, oprimidas, como sob peso de alguma ventania impiedosa. Era impossível falar-lhe. Tinham de caminhar atrás dele, carregando embrulhos de papel pardo. Mas juravam, em silêncio, enquanto caminhavam, permanecer um ao lado do outro e prosseguir no seu grande pacto: combater a tirania até a morte. Assim, sentaram em extremidades opostas do barco, um olhando para o outro, em silêncio. Não diziam nada; apenas olhavam-no de vez em quando, sentado com as pernas cruzadas, franzindo o cenho e se agitando, soltando expressões de desprezo e desagrado e resmungando sozinho em voz baixa, enquanto esperava impacientemente uma viração. E eles desejavam que não houvesse vento. Desejavam que ele se decepcionasse. Desejavam que a expedição fosse um completo fracasso e que tivessem de voltar com seus embrulhos para a praia.

Mas agora que o filho de Macalister havia remado durante um trecho do percurso, as velas giraram vagarosamente, retesaram-se, e o barco, acelerando-se, disparou. No mesmo instante, como se uma grande tensão tivesse sido aliviada, o Sr. Ramsay descruzou as pernas, pegou a bolsa de fumo, passou-a

com um resmungo para Macalister; e eles sabiam, depois de tudo que tinham passado, que ele se sentia perfeitamente satisfeito. Agora velejariam assim por horas, o Sr. Ramsay faria uma pergunta ao velho Macalister — provavelmente sobre a grande tempestade do último inverno — e o velho Macalister a responderia; ambos tirariam uma baforada de seus cachimbos, e Macalister pegaria uma corda cheia de alcatrão nos dedos e ficaria atando e desatando um nó, e seu filho ficaria pescando, sem dizer uma única palavra a ninguém. James se veria forçado a não tirar os olhos da vela o tempo todo. Pois se esquecesse, a vela se afrouxaria, grivaria, o barco perderia velocidade, e o Sr. Ramsay diria asperamente: "Cuidado! Cuidado!" e o velho Macalister se voltaria lentamente em seu lugar. Assim ouviram o Sr. Ramsay perguntando alguma coisa sobre a grande tempestade do Natal. — Ela veio contornando o cabo — disse o velho Macalister, descrevendo a enorme tempestade do Natal, quando dez navios foram obrigados a entrar na baía para se abrigarem, e ele vira "um ali, outro lá, outro mais adiante" (apontou lentamente à volta do baía. O Sr. Ramsay acompanhou o gesto com a cabeça). Vira três homens agarrados ao mastro. Então se afundara. — E acabamos soltando o barco no mar — continuou. (Mas em seu ódio e silêncio, eles percebiam apenas uma ou outra palavra, sentados em extremidades opostas do barco, unidos em seu pacto para combater a tirania até a morte.) Finalmente tinham soltado o barco salva-vidas, lançando-o à água, e contornado o cabo. Macalister contou a história; e embora eles só captassem uma ou outra palavra, o tempo todo tinham consciência de que seu pai estava ali, de que ele se inclinava para a frente, de que sintonizava sua voz com a de Macalister; de que, tirando baforadas do cachimbo e olhando para onde Macalister apontava, prezava a ideia do temporal, da noite escura e do esforço dos pescadores. Agradava-lhe que os homens trabalhassem e suassem, à noite, na praia, expostos à borrasca, opondo seus músculos e seu raciocínio às ondas e ao vento; agradava-lhe que os homens trabalhassem assim e que as mulheres cuidassem da casa, sentadas ao lado das crianças que dormiam em seu interior, enquanto os homens morriam afogados lá fora, na tormenta. James e Cam podiam deduzir isso (olhavam-no e depois se entreolhavam) pela agitação, tensão e timbre de sua voz, fazendo-o, também a ele, parecer um lavrador, ao perguntar a Macalister sobre os onze navios que foram empurrados para dentro da baía durante a tempestade. Três afundaram.

Olhou orgulhosamente para onde Macalister apontara; e Cam pensou, sentindo-se orgulhosa dele sem saber bem por quê; mas se ele estivesse lá, teria lançado um barco salva-vidas à água e chegado até o local do naufrágio. Era tão corajoso, tão audaz!, pensou Cam. Mas lembrou-se. Havia o Pacto; era preciso combater a tirania até a morte. Estavam abatidos pelo ressentimento. Tinham

sido forçados; tinham sido instados a vir. Ele os oprimira mais uma vez com seu ar lúgubre e sua autoridade, obrigando-os a obedecer à sua vontade nessa linda manhã, só porque desejava ir ao Farol, carregando esses embrulhos, e tomar parte nesses rituais, a que ele se submetia para o seu próprio prazer, em memória dos mortos, e que eles detestavam. Por isso se arrastaram atrás dele, e toda a alegria do dia estava estragada.

Sim, a brisa aumentava. O barco se inclinava, as águas eram cortadas profundamente, indo cair mais adiante, em cascatas verdes, bolhas, cataratas. Cam olhava para baixo, examinando a espuma e o mar, todo o seu tesouro, e a velocidade a hipnotizava, e o elo entre ela e James se afrouxou, cedeu um pouco. Começou a pensar: como vai rápido. Aonde vamos? e o movimento a hipnotizava, enquanto James, com os olhos fitos na vela e no horizonte, manejava o leme, inflexível. Mas enquanto manejava; o leme, começou a pensar que poderia fugir, poderia livrar-se disso tudo. Aportariam em algum lugar; e então seriam livres. Ambos se olharam por um momento, e tiveram uma sensação de fuga e êxtase, em parte com a velocidade, em parte com a mudança. Mas a brisa também despertou no Sr. Ramsay o mesmo enlevo e, quando o velho Macalister se voltou para atirar a linha ao mar, ele gritou em voz alta: — Perecemos — e depois, de novo: — isolados. — Então, num dos seus acessos usuais de arrependimento ou timidez, ergueu-se e acenou em direção à praia.

— Veja como a casa está pequena — disse, apontando-a, querendo que Cam olhasse. Ela se ergueu de má vontade e olhou. Mas qual seria? Não conseguia mais distinguir sua casa entre as outras na encosta. Tudo parecia distante, tranquilo e estranho. A praia parecia purificada ao longe e irreal. A pequena extensão que haviam velejado já a distanciara muito deles e já lhe dera o aspecto mudado e composto das coisas recuadas com as quais já não temos nenhum ponto de contato. Qual seria a sua casa? Não conseguia vê-la.

— "Mas eu, em mares mais bravios" — murmurou o Sr. Ramsay. Encontrara a casa, e assim se encontrara lá também; vira-se andando pelo terraço, sozinho. Andava para cima e para baixo por entre os vasos; e parecia-lhe estar; muito velho e curvado. Sentado no barco, ele se curvou, contorceu-se, imediatamente representando o seu papel — o papel de um homem desolado, viúvo, abandonado, e assim evocou milhares de pessoas que já se haviam comiserado dele; encenou para si mesmo, enquanto permanecia sentado no barco, um pequeno drama, que lhe exigia decrepitude, cansaço e tristeza. (Ergueu as mãos e viu como eram finas, para confirmar sua fantasia.) E, como recebia em abundância a comiseração feminina, ele imaginou que mulheres o consolavam e se compadeciam dele. E assim, inserindo nesse sonho algum reflexo do infinito prazer que representava para ele a paixão feminina,

suspirou e disse, delicada e tristemente: *Mas eu, em mares mais bravios,
fui tragado por piores redemoinhos
do que ele*

mas de forma que essas palavras tão desconsoladas foram ouvidas nitidamente por todos. Cam sobressaltou-se, do seu lugar. Isso a chocou, a ultrajou. A velocidade estimulou seu pai; e ele estremeceu e irrompeu, exclamando: — Vejam! Vejam! — com tanta precipitação que também James voltou a cabeça para olhar por sobre o ombro a ilha. Todos olharam. Olharam a ilha.

Mas Cam não conseguia ver nada. Pensava em como todas aquelas alamedas e o gramado, espessos e entremeados pelas vidas que tinham vivido ali, haviam desaparecido; foram varridos; eram o passado; eram irreais. E agora isso era real; o barco e a vela remendada; Macalister com seus brincos; o rumor das ondas — isso era real. Pensando assim, murmurava consigo mesma: — Perecemos isolados — pois as palavras de seu pai voltavam incessantemente à sua mente. Foi quando este, vendo-a olhar tão vagamente, começou a caçoar dela, Então não sabia os pontos cardeais?, perguntou. Não sabia distinguir o norte do sul? Será que ela achava mesmo que eles moravam naquela direção? — e apontou de novo, mostrando onde estava a casa deles. A casa deles estava lá, perto daquelas árvores. Gostaria que se esforçasse por ser mais acurada. Falou: — Diga-me: onde é o leste e onde é o oeste? — em parte rindo dela, em parte recriminando-a, pois não conseguia compreender o estado de espírito de alguém que não fosse completamente imbecil e que não soubesse os pontos cardeais. Contudo, ela não sabia. E vendo-a fitar com olhos espantados, vagos, e agora assustados, para um ponto onde não havia casa alguma, o Sr. Ramsay esqueceu-se de seu sonho; de como andava para cima e para baixo entre os vasos no terraço; de como os braços estiravam-se para ele. Pensou: as mulheres são sempre assim; a falta de objetividade de suas mentes é incorrigível. Mas fizera mal em zangar-se com ela; além disso, não era verdade que ele gostava dessa falta de acuidade nas mulheres? Era parte de seu extraordinário encanto. Posso fazê-la rir para mim — pensou. Parece assustada. Estava tão silenciosa. Entrelaçou os dedos e decidiu que sua voz, seu rosto e todos os gestos rápidos e autoritários que, sob sua vontade, tinham levado os outros a se compadecerem dele e a elogiá-lo deveriam se abrandar. Queria que ela risse para ele. Encontraria alguma coisa simples para lhe dizer. Mas o quê? Pois, envolvido como estava em seu trabalho, esquecia que espécie de coisa se devia dizer. Havia um cachorrinho. Tinham um filhote de cachorro. Quem ficara tomando conta do cachorrinhos hoje? — perguntou. Sim, pensou James, impiedosamente, vendo a cabeça da irmã destacada de encontro à vela — agora ela cederia. Agora terei de

combater o tirano sozinho. Teria de levar a cabo o pacto sozinho. Cam jamais combateria o tirano até a morte — pensou amargamente, observando seu rosto triste, amuado e submisso. E, como às vezes acontece quando uma nuvem encobre o flanco verde de um morro, tomba uma seriedade, e em todos os morros ao redor descem a escuridão e a tristeza, como se os próprios morros tivessem de refletir sobre o destino de tudo o que fora encoberto pela nuvem e assim obscurecido, seja movido pela compaixão, seja pelo júbilo malicioso diante do seu desalento, também agora Cam se sentiu toldada, sentada entre pessoas resolutas e calmas, ao se perguntar como responderia a seu pai sobre o cachorrinho. Ou como resistiria a esta súplica: perdoe-me, pense em mim; enquanto James, o legislador, com as pequenas tábuas da sabedoria universal expostas no colo (sua mão na cana do leme se tornara, para ela, simbólica) dizia-lhe: resista-lhe; combata-o. Falava com todo o acerto e justiça. Pois precisavam combater a tirania até a morte, pensou. Dentre todas as qualidades, era a justiça a que ela reverenciava mais. Seu irmão era quem mais se assemelhava a um deus; seu pai era o mais submisso. E a qual se renderia?, pensou, sentada entre eles, fitando inúmeros lugares que desconhecia, na praia, e pensando que o gramado, o terraço e a casa estavam distantes agora, e que a paz reinava lá.

— Jasper — respondeu sombriamente. Ele cuidaria de seu cãozinho.

— E como o chamaria? — insistiu o pai. Tivera um cachorro quando era menino, chamado Frisk. Ela cederá, pensou James, ao ver um certo olhar surgir em seu rosto, um olhar que conhecia. Elas abaixam os olhos, pensou, para o tricô ou qualquer outra coisa. Depois voltam a erguê-los, de repente. Houve uma rápida visão de azul, lembrava-se, e alguém sentado com ele rira, capitulara, e ele ficara muito zangado. Devia ter sido sua mãe, pensou, sentada numa espreguiçadeira, enquanto seu pai ficara de pé atrás dela. Começou a procurar por entre a série infinita de impressões que o tempo, folha por folha, dobra após dobra, suave e incessantemente, depositara em seu cérebro; por entre odores e sons; vozes ásperas, graves, doces; e luzes passando, vassouras batendo; e o marulho e o silêncio do mar, e como um homem andara de um lado para outro, se detendo de repente e se postando imóvel atrás deles. Entretanto, notou que Cam tinha os dedos imersos na água e mirava a praia sem nada dizer. Não, ela não cederá, Pensou; ela, é diferente. Bem, se Cam não queria lhe responder, não insistiria — decidiu o Sr. Ramsay, apalpando o bolso em busca de um livro. Mas ela ia responder, sim; desejava apaixonadamente responder-lhe, afastar o obstáculo que retinha sua língua e dizer: oh, sim, Frisk. Eu o chamarei de Frisk. Queria mesmo dizer: foi esse o cachorro que encontrou sozinho o caminho pelo pântano? Mas, embora tentasse, não conseguia pensar em nada do gênero Para dizer, pois sentia-se ardente e leal para com o pacto, transmitindo, porém, ao pai,

sem que James o suspeitasse, o símbolo íntimo de amor que sentia por ele. Pois, pensou, mexendo na água com a mão (e agora o filho de Macalister pegara uma cavala que ficou saltando no chão, com sangue nas guelras), pois, pensou, olhando James, que fixava os olhos na vela impassivelmente ou os relanceava de vez em quando pelo horizonte: você não está exposto a isso, a essa pressão e a essa divisão de sentimentos, a essa extraordinária tentação. Seu pai estava apalpando os bolsos; dali a um instante encontraria o livro. Pois ninguém a atraía mais; achava lindas suas mãos, e seus pés, sua voz, e o que dizia, sua pressa, seu humor, e sua excentricidade, sua paixão, o seu modo de dizer abertamente, diante de todo mundo: Pecemos isolados, e seu modo de ser distanciados. (Abrira o livro.) Mas o que continuava intolerável — pensou, sentada muito ereta e vendo o filho de Macalister arrancar o anzol das guelras de um outro peixe — eram a cegueira e a tirania crassas que envenenavam sua infância e lhe despertavam revoltas amargas, tanto que até hoje acordava no meio da noite tremendo de ódio, lembrando alguma de suas ordens, alguma de suas insolências: "Faça isso", "Faça aquilo"; seu modo de dominá-la: "Faço o que lhe digo."

Assim, não respondeu, mas continuou olhando, obstinada e triste, a praia, coberta por um manto de paz, como se as pessoas que lá viviam estivessem adormecidas, pensou; como se fossem livres para ir e vir como fantasmas. Lá elas não sofriam — pensou.

— Sim, esse é o barco deles — decidiu Lily Briscoe, de pé na extremidade do gramado. Era o barco com velas cinzentas que se via nivelando com a água e singrando a baía. Lá está ele sentado — pensou — e as crianças ainda caladas. Ela também não conseguia alcançá-lo. A compreensão que não lhe dera oprimia-a. Tornava-lhe difícil pintar.

Sempre o achara complicado. Lembrava-se de que nunca conseguira elogiá-lo em sua presença. E isso reduzira a relação deles a algo neutro, sem aquele elemento sexual que tornava a atitude dele para com Minta tão gentil, quase alegre. Apanharia uma flor para ela, emprestar-lhe-ia livros. Mas quem poderia acreditar que Minta os lia? Ela os arrastava consigo pelo jardim, colocando folhas para marcar a página.

— Lembra-se, Sr. Carmichael? — tinha vontade de perguntar, olhando o velho senhor. Mas ele havia puxado o chapéu para o meio da testa; dormia ou sonhava, ou estava deitado ali, procurando palavras, ela supunha.

— Lembra-se, Sr. Carmichael? — tinha vontade de perguntar, ao passar por ele, pensando de novo na Sra. Ramsay na praia: o tonel balançando de um lado para o outro; e as páginas voando. Por que, depois de tantos anos, isso permanecera nítido, vibrante, visível até os últimos detalhes, enquanto perdurava o mais completo vazio, per milhas e milhas de distância, antes e depois?

— Será um bote? Será uma rolha de cortiça? — Lily repetiu, voltando-se de novo, relutante, para sua tela. Graças a Deus, o problema do espaço permanecia, pensou, retomando seu pincel. Fitava-a: toda a massa do quadro repousava em equilíbrio nesse peso. Seria lindo e brilhante na superfície, leve e evanescente, com uma cor fundindo-se à outra, como as cores da asa de uma borboleta; mas, embaixo disso, a estrutura deveria ser fixada com pinos de ferro. Deveria ser algo que se poderia enrugam apenas com a respiração; e algo que não se poderia deslocar nem com uma parelha de cavalos. E começou a pousar na tela o vermelho, o cinza, e a moldar seu caminho por entre o vazio que encontrava ali. Ao mesmo tempo parecia estar sentada junto à Sra. Ramsay na praia.

— Será um barco? Um tonel? — disse a Sra. Ramsay. E começou a procurar pelos óculos à sua volta. E, tendo-os achado, sentou-se em silêncio,

olhando o mar. E Lily, pintando, imperturbável, sentiu como se uma porta se tivesse aberto, alguém entrado e ficado de pé olhando em silêncio ao redor, num ponto elevado, parecido a uma catedral, muito escuro e solene. Gritos chegavam de um mundo distante. Navios a vapor desapareciam entre rolos de fumaça no horizonte. Charles atirava pedras que ricocheteavam água.

A Sra. Ramsay se sentava em silêncio. Estava satisfeita, pensou Lily, por ficar sentada, silenciosa, pouco comunicativa; por descansar na profunda obscuridade das relações humanas. Quem sabe o que somos, o que sentimos! Quem sabe, mesmo num instante de intimidade: isso é conhecimento? Então as coisas não se corrompem, quando as dizemos?, a Sra. Ramsay poderia ter-se perguntado. (Parece ter ocorrido com muita frequência esse silêncio a seu lado.) Não somos mais comunicativos assim? O momento ao menos parecia extraordinariamente fértil. Cavou um pequeno buraco na areia e o cobriu de novo como se para soterrar nele a perfeição do momento. Era como uma gota de prata na qual se mergulhava e que iluminava a escuridão do passado.

Lily deu um passo atrás para colocar sua tela na perspectiva correta — assim. Que estranho caminho para seguir, o da pintura! Cada vez a pessoa se afastava mais e até que, ao final, tinha-se a impressão de estar numa prancha estreita sobre o mar, completamente sozinha. E, ao mergulhar o pincel na tinta azul, mergulhava também no seu passado que estava ali. Agora a Sra. Ramsay se levantara — lembrou-se. Já era tempo de voltar para casa — era hora do almoço. E todos juntos se afastaram da praia — ela atraí com William Bankes, Minta na frente, com a meia furada. Como esse pequeno furo em seu calcanhar cor-de-rosa parecia se ostentar à sua frente! Como William Bankes o lastimara — sem, contudo, nada dizer sobre ele, tanto quanto podia lembrar-se. Para ele, aquilo significava o fim da feminilidade, o máximo de desleixo e de desordem, criadas pai tindo e camas desarrumadas até o meio-dia — tudo o que ela mais detestava. Tinha um jeito de tremer e esticar os dedos como para afastar um objeto repugnante, que repetiu naquele instante — estendendo a mão diante de si. E Minta continuou andando à frente, e ela presumia que Paul a encontrara e os dois se dirigiram para o jardim.

Os Rayleys, pensou Lily Briscoe, comprimindo o tubo de tinta verde. Reconsiderou suas impressões sobre os Rayleys. Suas vidas apareceram diante dela numa série de cenas; uma, na escada, de madrugada. Paul chegara e fora dormir cedo, Minta estava atrasada. Depois chegara, enfeitada, ruborizada e extravagante na escada, às três horas da madrugada. Paul surgira de pijama trazendo um atizador, em caso de serem ladrões. Minta estava comendo um sanduíche, reclinada à janela, à luz cadavérica da madrugada; e o tapete tinha um furo. Mas o que disseram?, perguntou-se Lily, como se, olhando-os, pudesse

descobri-lo. Algo violento. Minta continuou a comer seu sanduíche, irritantemente, enquanto ele falava. Ele dizia palavras de indignação e ciúme, insultando-a, num sussurro para não acordar as crianças — dois meninos pequenos. Ele parecia envelhecido e cansado; ela, alegre e descuidada. Pois começaram a ter problemas, um ano mais ou menos depois do casamento, que dera errado.

E isso — pensou Lily, pondo tinta verde no pincel —, esse hábito de inventar cenas sobre os outros, é o que chamamos "conhecê-los", "pensar" neles, "gostar" deles! Não havia a menor verdade nisso; era uma total invenção; contudo, era desse modo que os conhecia. Continuou abrindo caminho em seu quadro, de volta ao passado.

Certa vez Paul dissera que "jogava xadrez em bares". Inventara toda uma elaboração cerebral baseada nessa frase também. Lembrava-se de como, ao ouvi-lo dizer isso, imaginou que ele telefonara à empregada e esta dissera: "A Sra. Rayley não está em casa, senhor", e ele resolvera que também não voltaria para casa. Viu-o sentado num canto de um bar lúgubre onde a fumaça aderiu aos bancos de camurça vermelha e os garçons acabavam conhecendo-o, sempre jogando xadrez com um homenzinho que Paul sabia vender chá e morar em Surbiton — e isso era tudo que Paul sabia sobre ele. E depois, quando retornou, não encontrou Minta em casa, e houve aquela cena na escada, quando pegou o atizador no caso de serem ladrões (e sem dúvida também para assustá-la) e falou rudemente, dizendo que ela arruinara sua vida. De qualquer forma, quando fora visitá-los no chalé perto de Rickmansworth, tudo estava horivelmente tenso. Paul levou-a ao jardim para ver sua criação de lebres belgas, e Minta os seguiu cantando e colou o braço nu sobre o ombro dele, para que não lhe contasse nada.

Lily pensou que Minta se aborrecia com aquelas lebres. Mas Minta nunca se traía. Nunca comentava coisas como aquelas, sobre Paul jogar xadrez em bares. Era por demais cautelosa e prudente. Mas, continuando sua história — já tinham atravessado a fase perigosa agora. Estivera com eles no último verão por algum tempo, e o carro quebrara. Minta teve de lhe passar as ferramentas. Ele estava sentado na estrada, consertando o carro, e era o modo como ela lhe dava as ferramentas — eficiente, franco, amigável — que lhe mostrou que agora tudo estava bem. Já não estavam "apaixonados" um pelo outro; ele se ligara a outra mulher, uma mulher séria, com uma trança e uma pasta nas mãos (Minta descrevera-a com reconhecimento, quase com admiração), que ia a comícios e compartilhava dos pontos de vista de Paul (que se tornaram cada vez mais definidos) no que tangia a impostos territoriais e bens de capital. Longe de romper o casamento, essa união corrigia-o. Via-se que obviamente eram

excelentes amigos — enquanto ele estava sentado na estrada e ela lhe passava as ferramentas.

Assim, era essa a história dos Rayleys — sorriu Lilly. Imaginou-se contando-a à Sra. Ramsay, que ficaria cheia de curiosidade para saber o que acontecera com os Rayleys. Sentiria um pouco de triunfo ao contar à Sra. Ramsay que o casamento não dera certo.

Mas os mortos, pensou Lily, encontrando um obstáculo ao seu intento, que a fez se deter e ponderar, recuando um ou dois passos: oh, os mortos! — murmurou. Tínhamos compaixão deles, afastávamo-los do nosso caminho, e chegávamos mesmo a ter-lhes um pouco de desprezo. Ficam à nossa mercê. A Sra. Ramsay esvanecera-se e desaparecera, pensou. Podemos omitir seus anseios, podemos melhorar e selecionar suas ideias limitadas e antiquadas. Ela recua cada vez para mais longe de nós. Parecia vê-la, zombeteiramente, lá, ao fim do corredor dos anos, dizendo entre tantas outras coisas incongruentes: "case-se! case-se!" (sentada muito ereta, nas primeiras horas da madrugada, os passarinhos começando a chilrear lá fora no jardim). E alguém seria obrigado a dizer-lhe: tudo aconteceu ao contrário do que você queria. São felizes assim; sou feliz assim. A vida mudou completamente. Diante disso, todo o seu ser, e mesmo sua beleza, tornaram-se por um momento empoeirados e ultrapassados. Por um momento, Lily, de pé, sentindo o sol quente nas suas costas, considerando os Rayleys, viu que triunfara sobre a Sra. Ramsay, que nunca saberia que Paul ia a bares e tinha uma amante; que ele se sentava no chão enquanto Minta lhe passava as ferramentas; que ela estava pintando ali, e nunca se casara, nem mesmo com William Bankes.

A Sra. Ramsay planejava o casamento deles. Talvez, se tivesse continuado viva, teria forçado os acontecimentos. Já naquele verão era o "melhor dos homens". Era "o melhor cientista do seu tempo, segundo meu marido". Também era o "pobre William — sinto-me tão infeliz quando o visito e não encontro nada bonito em sua casa, ninguém para arrumar as flores". Assim, ela os mandava passear juntos e, com aquele ligeiro toque de ironia que fazia a Sra. Ramsay sempre escapar por entre nossos dedos, dizia que ela também tinha uma mente científica; que gostava de flores; que era muito objetiva. Que vinha a ser essa sua mania de casamento?, perguntou-se Lily, recuando e depois voltando a se aproximar do cavalete.

(De repente, tão de repente como uma estrela desliza no céu, uma luz avermelhada pareceu queimar dentro de sua mente, imergindo Paul Rayley, e parecendo partir dele. Surgiu como uma fogueira de algum ritual de sacrifícios de selvagens, numa ilha distante. Ouvia os seus brados e o crepitar do fogo. O mar inteiro, num raio de milhas de distância, tornou-se vermelho e dourado. Um

odor a vinho confundia-se com isso, e a inebriava, pois sentia de novo o desejo impetuoso de se atirar penhasco abaixo e afogar-se, enquanto Procurava um broche de pérola na praia. E os brados e o erepitar a faziam recuar com medo e aversão, como se, enquanto via seu esplendor e poder, visse também que ele se alimentava dos tesouros da casa, com uma avidez repugnante que ela odiava. Mas enquanto espetáculo, enquanto magnificência, ele excedia tudo que ela conhecera, e continuava a arder todos os anos, como um sinal de fogo queima numa ilha deserta, à beira-mar — e tinha-se apenas de dizer "apaixonados" e, no mesmo instante, como acontecia agora de novo se erguia a chama de Paul. E esta diminuiu, e ela disse consigo mesma, rindo: "Os Rayleys"; e Paul ia a bares e jogava xadrez.)

Contudo, escapara por um triz — pensou. Ao olhar a toalha, ocorrera-lhe a ideia de mover a árvore mais para o meio, e também de que nunca precisaria se casar com ninguém, o que a fez sentir uma grande alegria. Sentiu que agora podia enfrentar a Sra. Ramsay — uma homenagem a seu surpreendente poder sobre os outros. Faça isso — dizia — e a pessoa fazia. Mesmo sua sombra com James à janela estava cheia de autoridade. Lembrava-se de como William Bankes ficara chocado com sua negligência para com o que significavam mãe e filho. Será que não admirava sua beleza?, pergantara. Mas lembrou-se de que William é ouvira com seus olhos infantis enquanto lhe explicava que não era uma irreverência: que uma luz ali exigia uma sombra adiante, e assim por diante. Não tencionava depreciar um tema que, ambos concordavam, Rafael tratara divinamente. Não era cínica. Muito pelo contrário. Graças à sua mentalidade científica, ele a compreendeu — numa demonstração de desinteresse intelectual que a agradou e reconfortou tremendamente. Então podia-se falar com seriedade sobre pintura com um homem. E de fato, sua amizade fora uma das satisfações de sua vida. Gostava de William Bankes.

Iam a Hampton Court e, como perfeito cavalheiro que era, sempre lhe deixava tempo de sobra para lavar as mãos, enquanto ele passeava pela margem do rio. Isso era típico em seu relacionamento. Muitas coisas ficavam sem ser mencionadas. Depois caminhavam pelos pátios e admiravam, verão após verão, as proporções e as flores, e ele lhe dizia coisas sobre perspectiva e arquitetura enquanto andavam, e se deteria para olhar uma árvore ou uma paisagem no lago, ou admirar uma criança (era sua grande tristeza — não tinha uma filha) com a atitude meio vaga e alheada, natural a um homem que passava tanto tempo nos laboratórios, e que, ao sair, parecia deslumbrado com o mundo; assim, andava devagar, trugua a mão para proteger os olhos do sol e, com a cabeça inclinada para trás, detinha-se simplesmente para respirar. Então lhe contaria que sua empregada estava de férias; que precisava comprar um tapete novo para a

escada. Certa vez algo o levava a falar sobre os Ramsays, e dissera que, quando a vira pela primeira vez, usava um chapéu cinzento; não tinha mais de dezenove ou vinte anos. Estava surpreendentemente bonita. Deteve-se e olhou em perspectiva a avenida de Hampton Court, como se pudesse enxeigá-la ali, entre as fontes.

Ela olhou agora o degrau da sala de visitas. Viu, através dos olhos de William, a forma de uma mulher, serena e silenciosa, com os olhos tristes. Estava sentada, pensativa, meditando (vestia cinza naquele da, pensou Lily). Tinha os olhos baixos. Nunca os ergueria. Sim, pensou Lily, olhando atentamente, devo ter visto seu olhar assim, mas não vestia cinza; nem estava tão tranquila, nem tão jovem, nem tão serena. Veio-lhe logo à mente a magem. Estava surpreendentemente bela — disse William. Mas a beleza não é tudo. A beleza tinha essa desvantagem — vinha depressa demais, demasiadamente íntegra. Imobilizava a vida — paralisava-a. Esquecia-se das pequenas atribulações; o rubor e a palidez, qualquer estranha mudança, qualquer luz ou sombra que tornavam o rosto irreconhecível per um momento e contudo lhe acrescentavam uma qualidade que se passava a ver nele dali por diante. Era mais simples dissimular tudo isso sob a máscara da beleza. Mas como sera seu olhar — perguntou-se Lily —, ao colocar às pressas un chapéu de feltro, correr pela grama, ou ao recriminar Kennedy, o jardineiro? Quem lhe poderia dizer? Quem a poderia ajudar?

Contra a vontade, voltou a si e se sentiu um tanto alheia ao quadro, olhando o Sr. Carmichael com espanto, como se visse algo fantástico. Estava deitada na cadeira com as mãos cruzadas sobre a barriga, sem ler nem dormir, apenas se aquecendo ao sol como uma criatura empanzinada com a existência. Seu livro caíra na grama.

Queria ir direto a ele e dizer: Sr. Carmichael! Então ele a olharia, benevolente como sempre, com seus olhos vagos, verdes e enevoados. Mas só se acorda uma pessoal quando se sabe exatamente o que se quer dizer-lhe. Ela não queria dizer alguma coisa, mas tudo. Palavras esparsas que irrompiam no pensamento e o fragmentavam não significavam nada. "Sobre a vida, sobre a morte; sobre a Sra. Ramsay"; não, pensou, não se podia dizer nada a ninguém, m premência do momento sempre fazia as palavras perderem seu objetivo. Elas se alvoroçavam e acabavam atingindo o alvo algumas polegadas abaixo. Então, desistia-se; a ideia! era de novo esquecida; e passava-se a ser como a maioria das pessoas de meia-idade: cauteloso, furtivo, com rugas entre os olhos e um olhar de perpétua apreensão. Pois como se poderia expressar em palavras essas emoções do corpo? Como expressar aquele vazio ali? (Olhava a escada da sala de visitas, que parecia extraordinariamente vazia.) Era uma sensação do corpo,

não da mente. As sensações físicas que acompanhavam a visão dos degraus vazios se tornaram extremamente desagradáveis. O querer e não ter transmitia a todo o seu corpo uma insensibilidade, um vazio, uma tensão. Querer e não ter — querer e querer — como isso atormentava seu coração! Oh, Sra. Ramsay! — gritou; em silêncio a essa essência que se sentava junto ao barco, a essa abstração que haviam feito dela, aquela mulher de roupa cinza, como para insultá-la por ter partido e, tendo partido, ter voltado outra vez. Tinha lhe parecido tão seguro pensar nela. Um fantasma, a brisa, o nada — algo com que se podia brincar com facilidade e segurança, a qualquer hora do dia ou da noite, e, de repente, ela esticara a mão e atormentava seu coração assim. De repente, os degraus vazios da sala de visitas, os babados do forro da cadeira no interior, o cãozinho saltando no terraço, toda a vaga murmurante que atravessava o jardim, tornaram-se como curvas e arabescos florescendo em torno de um centro de completo vazio.

— Que quer dizer isso? Como o senhor explica tudo isso? — gostaria de poder dizer, voltando-se novamente para o Sr. Carmichael. Pois todo o mundo parecia ter-se dissolvido a essa hora matutina numa poça de pensamento, numa profunda enseada de realidade; e podia-se até imaginar que, se o Sr. Carmichael houvesse falado, uma pequena gota teria rompido a superfície da poça. E então? Algo emergiria. Alguém ergueria a mão, alguém brandiria uma lâmina. Mas claro que isso era tolice.

Acudiu-lhe uma ideia estranha: de que ele afinal ouvia o que ela não conseguia dizer. Ele era um senhor impenetrável, com a barba manchada de amarelo, com sua poesia e suas perplexidades, que deslizava serenamente por um mundo que satisfazia a todas as suas vontades, a ponto de ela pensar que lhe bastava apenas baixar a mão, ali mesmo onde estava, no gramado, para fisgar o que desejava. Olhou o quadro. Seria essa a resposta que lhe daria provavelmente: que "você", "eu", e "ela" passamos e desaparecemos; nada permanece; tudo muda. Mas não as palavras, não a pintura. Contudo, esse quadro seria dependurado no sótão, pensou; seria embrulhado e socado debaixo de um sofá; ainda quando se tratava de um quadro assim, isso era verdade. Seria possível dizer, mesmo de seus rabiscos — talvez não do quadro em si, mas do que se esforçava por exprimir —, que "permaneceriam para sempre". Gostaria de afirmá-lo ou pelo menos sugeri-lo sem utilizar as palavras, pois elas lhe pareciam presunçosas. Então, ao olhar o quadro, surpreendeu-se ao descobrir que não conseguia vê-lo. Seus olhos estavam cheios de um líquido quente (de início não pensou em lágrimas) que, sem perturbar a firmeza dos lábios, tornou o ar denso e rolou por suas faces. Tinha perfeito controle de si mesma — Oh! sim! em todos os outros sentidos. Então estaria chorando pela Sra. Ramsay, sem ter

consciência de qualquer tristeza? Voltou-se outra vez para o Sr. Carmichael. O que era então? O que significava? Poderiam as coisas se lançar sobre uma pessoa e agarrá-la? Poderia a lâmina cortar? O punho crispá-se? Não havia segurança? Nenhuma forma de decorar os hábitos do mundo? Não havia nenhum guia, nenhum abrigo, mas tudo era milagre, salto do alto de uma torre no espaço? Seria possível que, mesmo para os mais velhos, isso fosse a vida? — assustadora, inesperada, obscura? Por um momento sentiu que, se ambos se levantassem ali, naquele gramado, e pedissem uma explicação — por que a vida era tão breve, tão inexplicável? — se o dissessem com violência, como dois seres humanos completamente amadurecidos de quem não se deveria esconder nada, se pudessem falar, então a beleza se fecharia sobre si mesma; a superfície seria preenchida; esses floreios vazios ganhariam uma forma. Se gritassem bem alto, juntos, a Sra. Ramsay voltaria. — Sra. Ramsay! disse em voz alta. — Sra. Ramsay! — as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

6

(O filho de Macalister pegou um dos peixes e cortou um pedaço do seu flanco para servir de isca para o anzol. O corpo mutilado — ainda estava vivo — foi de novo atirado ao mar.)

— Sra. Ramsay! — gritou Lily. — Sra. Ramsay! — Mas nada aconteceu. Seu sofrimento aumentou. Como podia essa angústia reduzir uma pessoa a um tal grau de imbecilidade!, pensou. De qualquer forma, o velho senhor não a ouvira! Permaneceu beatífico e calmo — até mesmo, se se quisesse, sublime. Graças a Deus ninguém ouvira seu grito, aquele grito infame. — Chega de sofrimento, chega! Obviamente não perdera completamente o juízo. Ninguém a vira adiantar-se na sua estreita prancha e atirar-se nas águas do aniquilamento. Continuou a ser uma insignificante solteirona segurando um pincel, no gramado.

E agora, lentamente diminuiu o sofrimento provocado pela carência e pelo ódio cáustico (era preciso lembrar-se dela, justamente quando imaginara que nunca mais sentiria a falta da Sra. Ramsay. Sentira sua perda entre as xícaras do café da manhã? De forma alguma). E permaneceu como antídoto para seu sofrimento um alívio que era um bálsamo em si mesmo, mas também, mais misteriosamente, uma sensação de que havia alguém ali, talvez a Sra. Ramsay, liberta por um momento do peso que o mundo lhe infligira, pairando etéreoamente ao seu lado. Então (pois aquela era a Sra. Ramsay, mais bela do que nunca) alçando à testa uma coroa de flores brancas, ela partiu. Lily tornou a espremer os tubos de tinta. Atacou o problema da sebe. Era estranho que pudesse vê-la tão nitidamente, andando com sua rapidez usual através de campos, até desvanecer entre suas flores, jacintos e lírios, por suas ondulações purpúreas e suaves. Era um ardil do olho do pintor. Pois, alguns dias após saber de sua morte, vira-a assim, alçando a coroa à testa e caminhando decidida com sua companheira, uma sombra, pelos campos. Essa visão, a frase, tinha o poder de consolar. Onde quer que estivesse pintando, ali no campo ou em Londres, a visão viria a seu pensamento; e seus olhos, semifechados, procurariam algo em que basear essa visão. Estendia o olhar para os vagões, para os ônibus; demarcava uma linha a partir do ombro ou da face; olhava as janelas em frente; Piccadilly iluminado à noite. Tudo isso fizera parte dos campos da morte. Mas sempre alguma coisa — podia ser um rosto, uma voz, um menino vendendo jornais e gritando: *Standard News!* — vinha vará-la, ridicularizá-la, arrancá-la de seu sonho, exigia-lhe e terminava por conseguir sua atenção, que a obrigava sempre

a refazer sua visão. Mais uma vez, impelida como estava por uma necessidade instintiva de distância e de azul, olhou a baía que se estendia a seus pés, transformando em pequenos montes as fímbrias azuis das ondas e em campos pedregosos as superfícies mais purpúreas do espaço. De novo sua atenção foi despertada por algo incongruente, como sempre acontecia. Havia uma mancha marrom no meio da baía. Era um barco. Sim, percebeu-o num segundo. Mas de quem seria o barco? O barco do Sr. Ramsay respondeu —, o Sr. Ramsay; o homem que passara por ela, a mão suspensa, distante, à frente de uma procissão, com suas lindas botas, pedindo-lhe compreensão — coisa que ela lhe recusara. O barco ainda não chegara à metade da baía.

Tão agradável estava a manhã — exceto por uma corrente de ar aqui ou ali — que o mar e o céu pareciam ter-se harmonizado perfeitamente, como se as velas se prendessem bem alto no céu, ou as nuvens tivessem tombado no mais profundo do mar. Um navio a vapor bem longe, ao largo, lançara no ar um grosso rolo de fumaça, que ficou se contorcendo e espiralando decorativamente, como se o ar fosse uma tênue névoa que sustentasse os objetos, prendendo-os delicadamente em sua trama, e apenas os balançasse gravemente de um lado para o outro. E, como acontece algumas vezes, quando o tempo está bom, os penhascos pareciam ter consciência de que havia navios, e os navios, consciência dos penhascos, como se trocassem entre si uma mensagem secreta, através de sinais. Embora o Farol às vezes parecesse bem próximo à praia, nessa manhã ele parecia, em meio à névoa, a uma enorme distância.

— Onde estarão agora? — pensou Lily, olhando o mar. Onde estava ele, aquele senhor muito idoso, que passara por ela silenciosamente, segurando um embrulho de papel pardo debaixo do braço? O barco estava no meio da baía.

8

Lá não se sente nada, pensou Cam, olhando a praia que, subindo e descendo, tornava-se constantemente mais distante e mais tranquila. Sua mão abria uma esteira no mar; sua mente transformava listras e turbilhões verdes em desenhos. Entorpecida e velada, vagava em imaginação pelo mundo submarino das águas, onde pérolas grudavam-se em cachos sobre a vegetação branca e, na luz verde, a mente se transformava por completo, e o corpo se tornava brilhante, semidiáfano, envolvido num manto verde.

Então sentiu diminuir a força da corrente de encontro à sua mão. A água parou de correr; o mundo se encheu de pequenos sons de guinchos e chiados. As ondas quebravam e batiam de encontro ao flanco do barco, como se estivesse ancorado no porto. Tudo se tornou muito íntimo. Pois a vela — da qual James não desprendera os olhos, até se tornar como uma pessoa conhecida — afrouxou completamente. Tinham parado ali, oscilando, enquanto esperavam uma viração, sob o sol quente, a milhas de distância da praia, a milhas de distância do Farol. Tudo parecia estagnado no mundo inteiro. O Farol ficou imóvel, e a linha do horizonte, na praia distante, fixou-se. O calor do sol aumentara e todos pareciam muito próximos, sentindo a presença uns dos outros, de que já tinham quase se esquecido. A linha de pesca de Macalister afundou pesadamente no mar. Mas o Sr. Ramsay continuava a ler com as pernas cruzadas.

Lia um livrinho brilhante e de capa salpicada como um ovo de tarambola. De vez em quando virava uma página — enquanto ficavam parados ali, sem nada para fazer. E James percebia que seu pai virava cada página com um gesto peculiar, dirigido a ele: de uma vez assertivamente, de outra autoritariamente, agora com a intenção de fazer os outros se compadecerem dele; e todo o tempo, enquanto seu pai lia e virava as páginas, James odiou o instante em que, imaginava, ele ergueria os olhos e diria algo ríspido sobre qualquer assunto. Por que se demoravam ali?, perguntaria, ou qualquer coisa assim, totalmente irracional. E se o fizesse, pensou James, pegaria uma faca e a enfiaria em seu coração.

Sempre conservara esse velho símbolo de pegar uma faca e ferir o pai no coração. Só que agora, sendo mais velho, e sentado ali, fitando o pai com um ódio impotente, não era a ele — esse velho que lia — que queria matar, mas àquilo que se desprendia dele para o atacar, talvez sem que soubesse: essa

orgulhosa e rápida harpia de asas negras, com garras e bico gélidos e rijos, que o golpeava incessantemente (podia sentir o bico nas pernas despidas, onde ela o ferira quando era criança) e que depois se evadia. E ali estava ele outra vez, velho e triste, lendo seu livro. Ele o mataria. Ele o feriria no coração. Não importa em que trabalhasse, e podia fazer qualquer coisa, sentiu (enquanto olhava o Farol e a praia distante), quer trabalhasse em negócios, num banco, como advogado, à frente de alguma empresa, sempre lutaria, perseguiria e aniquilaria aquilo que chamava de tirania, de despotismo: forçar os outros a fazerem o que não queriam, anular seu direito de falar. Como poderia algum deles dizer: Eu não quero, quando ele dizia: Vamos ao Farol. Faça isso. Traga-me aquilo. As asas negras estendiam-se e o rígido bico estraçalhava. Depois, um momento depois, lá estava ele sentado, lendo seu livro; e poderia erguer os olhos — nunca se sabia — com bastante sensatez. Poderia conversar com os Macalisters. Poderia colocar uma moeda nas mãos enregeladas de uma velha, na rua, pensou James. Poderia protestar em voz alta contra as diversões de algum pescador; poderia levantar os braços com exaltação. Ou poderia ficar sentado à cabeceira da mesa no mais completo silêncio, durante todo o jantar. Sim, pensou James, enquanto o barco jogava, parado sob o sol quente. Havia uma grande extensão austera e solitária, de neve e de rochas; e chegava a sentir, com muita frequência ultimamente, quando seu pai dizia algo que surpreendia os outros, que lá havia apenas dois pares de pegadas; as suas e as do pai. Somente eles se conheciam um ao outro. O que era então esse terror, esse ódio? Retrocedendo por entre as folhas com que o passado o envolvera, perscrutando o coração dessa floresta onde a luz e a sombra se alternam tanto que distorcem todas as formas, e onde se tropeça ora sentindo o sol nos olhos, ora a sombra, procurou uma imagem para acalmar, deslizar e abrandar seu sentir mento de forma concreta. Imagine-se então que, em crianças quando estava sentado indefeso em seu carrinho ou no colo de alguém, vira uma carroça esmagar, de modo inocente e inconsciente, o pé de alguém? Imagine-se que anteriormente ele vira esse pé sobre a grama, suave e inteiro; e depois ele percebera a roda; e o mesmo pé, vermelho, esmigalhado. Mas a roda era inocente. Por isso, agora, quando seu pai percorria o corredor a largas passadas, batendo à porta de manhã cedo a fim de acordá-los para irem ao Farol, ele passava sobre seu pé, sobre o pé de Cam, sobre o pé de todos. A pessoa só podia se sentar e observá-lo.

Mas no pé de quem ele pensava, e em que jardim ocorrera tudo isso? Pois todos nós guardamos em nossas mentes cenas para esses acontecimentos: árvores crescendo ali; flores; uma certa luz; alguns vultos. Tudo tinha a tendência de se formar num jardim onde não havia essa tristeza e essa agitação de braços; onde as pessoas falavam num tom de voz normal. Entravam e saíam o

dia todo. Uma velha tagarelava na cozinha; e as venezianas eram enfunadas pela brisa; tudo era florido e brilhante; e à noite, um véu amarelo e tênue se estenderia como uma folha de videira sobre todos esses pratos, bacias e flores vermelhas e amarelas, altas e vibrantes. Tudo se tornava mais calmo e escuro à noite. Mas o véu em forma de folha era tão tênue que as luzes o alçavam e às vezes o encrespavam; podia ver, através dele, um vulto que se inclinava, que ouvia, que se aproximava e se afastava, um vestido roçando, uma corrente tinindo.

Era nesse mundo que a roda passava sobre o pé de alguém. Lembrava-se de que algo se imobilizara e que tudo escurecera acima dele; não se movera; algo florescera no ar, algo árido e cortante como uma espada, uma cimitarra, golpeando por entre folhas e flores, até mesmo nesse mundo alegre, fazendo-as murchar e cair.

— Amanhã vai chover. Vocês não poderão ir ao Farol — lembrou-se de ter ouvido seu pai dizer.

O Farol era, então, uma torre prateada em meio à névoa, com um olho amarelo que se abria rápida e suavemente à noite. Agora...

James olhou o Farol. Podia ver as rochas brancas e relavadas; a torre, rígida e ereta; podia ver como era riscada de preto e branco; podia ver as janelas; podia até ver roupas estendidas nas pedras para secar. Então era isso o Farol, isso?

Não, a outra visão também era o Farol. Pois nada era simplesmente uma única coisa. Às vezes era difícil vê-lo do outro lado da baía. À noite, quando se olhava ao longe, via-se o olho piscando; e essa luz parecia alcançar a todos nesse jardim ensolarado e irreal onde ficavam sentados.

Mas ele se empertigou. Sempre que pensava "neles" ou "numa pessoa" e começava a ouvir o ruído de alguém se aproximando ou de alguém se afastando, tornava-se profundamente sensível à presença de quem quer que estivesse na sala. Agora era seu pai. A tensão aumentava. Pois dentro de um instante, se não houvesse vento, seu pai fecharia o livro com estrépito, dizendo: — Que está havendo agora? Por que estamos parados aqui, hem? —, como certa vez em que abatera sua espada sobre eles no terraço, e sua mãe ficara totalmente tensa; se tivesse à mão naquele momento um machado, uma faca, ou qualquer coisa pontiaguda, ele a teria empunhado e ferido o pai no coração. Sua mãe ficara totalmente tensa. E depois, relaxando o braço — de modo que ele sentiu que ela já não lhe prestava atenção —, de alguma forma se levantara e partira deixando-o ali, impotente, ridículo, sentado no chão, com uma tesoura nas mãos.

O ar estava parado. A água estalava e gorgolejava no fundo do barco, onde três ou quatro cavalas sacudiam as caudas subindo e descendo numa bacia que mal tinha água suficiente para cobri-las. A qualquer momento o Sr. Ramsay

(James quase não ousava olhá-lo) poderia sair do seu torpor; fechar o livro e dizer algo ríspido; mas por enquanto estava lendo. Portanto, James continuou pensando secretamente — como se andasse furtivamente pelo primeiro andar, descalço e temeroso de acordar o cão de guarda com o ranger de uma tábua — em como era ela, aonde fora naquele dia? Co meçou a segui-la de quarto em quarto, e finalmente chegaram a uma sala onde, na luz azul — como se o reflexo proviesse de muitos pratos de porcelana —, ela falara a alguém ele ouvira a conversa. Falara a uma empregada, dizendo com simplicidade tudo o que lhe vinha à cabeça. Mas, durante todo o tempo em que pensava nela, tinha consciência de que seu pai seguia seu pensamento, obscurecendo-o, fazendo-o estremecer e vacilar.

Por fim parou de pensar; permaneceu ali, ao sol, sentado com a mão na cana do leme, mirando o Farol, impotente para mover-se, impotente para sacudir aquelas migalhas de miséria que se depositavam em sua mente uma após outra. Uma corda parecia atá-lo ali, amarrada por seu pai, e ele só poderia escapar se pegasse uma faca e a enterrasse... Mas nesse instante a vela balançou vagarosamente, inflou-se, e o barco pareceu se sacudir e depois se movimentar, meio consciente em seu sono — então acordou e disparou por entre as ondas. O alívio foi extraordinário. Todos pareceram se distanciar uns dos outros e se sentir à vontade, e as linhas de pesca se retesaram, oblíquas, além do flanco do barco. Mas seu pai não saiu do torpor. Limitou-se a erguer a mão direita misteriosamente no ar, deixando-a tombar de novo sobre o joelho, como se regesse uma sinfonia secreta.

9

(O mar está sem uma mancha, pensou Lily Briscoe, ainda de pé e estendendo o olhar por toda a baía. O mar estava esticado como seda ao longo da baía. A distância tinha um poder extraordinário; sentia que eles haviam sido tragados, tinham desaparecido para sempre e se integrado à própria natureza das coisas. Tudo estava calmo e tranquilo. Até mesmo o navio a vapor desaparecera, mas o grosso rolo de fumaça ainda pairava no ar e pendia tristemente, como uma bandeira, em despedida.)

10

Então a ilha era assim, pensou Cam, voltando a arrastar a mão pelas ondas mais uma vez. Nunca a vira assim do mar alto. Pousava no mar, com uma concavidade no centro e de ambos os lados dois penhascos abruptos, onde o mar batia, indo depois se estender por milhas e milhas de distância. Era muito pequena, assemelhando-se a uma folha invertida. Assim, pegamos nosso bote — pensou ela, começando a se contar uma história de aventuras sobre a fuga de um navio que afundava. Mas o mar escorrendo por entre seus dedos e um aglomerado de algas que vinha com ele a impediam de se contar aquela história a sério; queria era; a sensação da fuga e da aventura, pois pensava, à medida que o barco avançava, que a irritação de seu pai por causa dos pontos cardeais, a obstinação de James no pacto, e sua própria angústia, tudo desaparecera, passara, se desvanecera. O que aconteceria então? Aonde iam eles? De sua mão enregelada, imersa nas profundezas das águas, uma fonte de alegria jorrou diante da velocidade, da fuga, da aventura; (que era ela estar viva, ela estar ali). E as gotas que caíam dessa súbita e espontânea fonte de alegria respingavam na sua mente, em formas escuras e sonolentas; formas de um mundo não-concebido, mas que, ainda imerso na escuridão, captava de vez em quando uma centelha de luz: Grécia, Roma, Constantinopla. Pequeno como era, semelhante a uma folha invertida, e com águas douradas aspergindo e fluindo dela e a seu redor, esse mundo tinha, supunha, um lugar no universo — mesmo que fosse uma pequena ilha. Pensou que aqueles senhores que estudavam no gabinete poderiam ter-lhe respondido isso. Às vezes evitava o jardim e penetrava ali para encontrá-los estudando. Lá estavam eles (poderia ser o Sr. Carmichael ou o Sr. Bankes, muito, idoso, muito rígido) sentados um em frente ao outro nas suas espreguiçadeiras. Viravam com um estalido as folhas do *Times*, quando entrou, vindo do jardim, e os encontrou na maior perplexidade devido a um artigo sobre Cristo; um mamute tinha sido desencavado numa rua de Londres; como era o grande Napoleão? Então pegavam tudo isso com suas mãos imaculadas (usavam roupas cinzentas que cheiravam a urzes) e guardavam os recortes, virando a página e cruzando as pernas, e diziam algo de modo conciso de vez em quando. Com uma espécie de

enlevo, ela pegaria um livro na estante e ficaria de pé ali, observando seu pai escrever nítida e regularmente de um lado a outro da folha, tossindo ligeiramente de vez em quando, ou falando rapidamente alguma coisa com o outro senhor sentado diante de si. E ela pensava, de pé, com seu livro aberto: aqui se pode deixar todos os nossos pensamentos se expandirem como uma folha na água; e se era agradável ficar ali entre aqueles senhores que fumavam e o *Times* que estalava, então tudo isso estava certo. E observando seu pai enquanto ele escrevia no gabinete, pensava (agora sentada no barco) que era a pessoa mais digna de amor, a mais inteligente do mundo; não era fútil nem tirânico. De fato, quando ele a via ali, lendo um livro, perguntava, do modo mais amável que podia: não havia nada que pudesse lhe dar?

Receando que isso fosse errado, olhou-o lendo seu livrinho de capa brilhante, salpicado como um ovo de tarambola. Não; estava certo. Olhe para ele agora — gostaria de dizer a James em voz alta. (Mas James tinha os olhos fixos na vela.) Ele é grosseiro e sarcástico — diria James, Sempre faz a conversa desviar para ele mesmo e para seus livros — diria James. É insuportavelmente egoísta. E o pior de tudo é que é um tirano. Mas veja! — disse ela, olhando-o. — Veja agora. Olhou-o atentamente lendo o livrinho, com as pernas cruzadas; o livrinho cujas páginas amareladas ela já conhecia, sem saber o que estava escrito nelas. Era pequeno; as linhas, muito próximas umas das outras; sabia que havia escrito na primeira folha em branco que gastara quinze francos com o jantar; que o vinho custara tanto; dera tanto ao garçom; tudo era cuidadosamente somado embaixo da página. Mas o que estaria escrito no livro, cujas extremidades se tinham amassado dentro de seu bolso, ela não sabia. O que ele pensava nenhum deles sabia. Mas estava absorto em si mesmo e, quando ergueu os olhos — como naquele instante —, foi para nada ver; foi apenas para apurar melhor um pensamento. Feito isso, sua mente ausentou-se novamente e ele mergulhou na leitura. Lia, ela pensou, como se estivesse guiando alguma coisa ou conduzindo um grande rebanho de carneiros, ou abrindo caminho pela única alameda existente, cada vez mais íngreme; e por vezes andava rápido e direto, ao abrir caminho pelo bosque. Por vezes era como se um galho o atingisse, um espinheiro o cegasse — mas ele não se deixava abater por isso; prosseguia, arremessando-se, página a página. E ela continuava a se contar uma história sobre pessoas fugindo de um navio que naufragava, pois ela estava a salvo, enquanto ele permanecia sentado ali; a salvo como se sentira quando entrara na sala, vindo do jardim, e pegara um livro, e o velho, abaixando repentinamente o jornal, fizera um comentário conciso sobre o caráter de Napoleão.

Ela voltou os olhos esgazeados para o mar, para a ilha. Mas a folha perdia a nitidez. Estava muito pequena; muito distante. O mar agora era mais importante do que a praia. As ondas circundavam-nos completamente, subindo e descendo; um tronco flutuava entre elas; uma gaivota sobrevoava outra. Foi mais ou menos aqui — pensou ela, mexendo na água com os dedos — que um navio naufragou. E, sonhadoramente, semi-adormecida, murmurou: perecemos isolados.

11

Tudo depende então — pensou Lily Briscoe, olhando o mar que não tinha quase a menor mancha, tão suave que, as velas e as nuvens pareciam impressas no seu azul — da distância; de as pessoas estarem perto ou longe de nós. Pois seu sentimento pelo Sr. Ramsay mudava à medida que ele se afastava, velejando pela baía. Parecia ter-se alongado, estendido; parecia cada vez mais remoto. Ele e seus filhos pareciam absorvidos por esse azul, por essa distância; mas ali no gramado, próximo a ela, de repente, o Sr. Carmichael resmungou. Ela riu. Ele pegou o livro que caíra no chão. Tornou a acomodar-se em sua cadeira, bufando e soprando como um monstro marinho. Isso era uma coisa completamente diferente, só porque ele estava muito próximo. E agora tudo se mostrava de novo tranquilo. Já deviam ter acordado a essa hora — supôs Lily, olhando a casa, embora nada acontecesse ali. Mas, lembrou-se, eles sempre sumiam logo depois de acabarem a refeição, para irem tratar dos seus afazeres. Tudo se harmonizava com esse silêncio, esse vazio, e a irrealidade da hora matutina. Esse era um aspecto que as coisas às vezes tomavam — pensou, detendo-se um momento e olhando as janelas compridas e brilhantes e o rolo de fumaça azul, que se tornavam irreais. Da mesma forma, ao se regressar de um passeio, ou após uma doença — antes que os hábitos voltassem novamente a se tecer na superfície das nossas vidas —, sentia-se essa mesma surpreendente sensação de irrealidade; sentia-se algo emergir. A vida jamais era tão brilhante como nesse momento. Podia-se ficar à vontade. Ainda bem que não se precisaria dizer, alegremente, ao atravessar o gramado para cumprimentar a velha Sra. Beckwith, que tinha saído à procura de um canto para se sentar: "Oh, bom-dia, Sra. Beckwith! Que lindo dia! Que coragem da senhora, sentar-se ao sol! Jasper escondeu as cadeiras. Deixe-me achar uma para a senhora!" e assim por diante, com aquela tagarelice usual. Não se precisava dizer nada. Deslizava-se e sacudia-se as próprias velas (tudo se movimentava na baía; barcos partiam) por entre as coisas, além das coisas. A vida não estava vazia, mas cheia até a borda. Parecia a Lily que se achava imersa num líquido até a altura dos lábios, e que se movia, flutuava e afundava nele; sim, pois essas águas eram incomensuravelmente profundas. Nelas transcorreram tantas vidas. A dos Ramsays; a das crianças; e de todo o tipo de objetos perdidos e lançados ao mar. Uma lavadeira com sua cesta; uma

gralha; um atizador incandescente; as flores purpúreas e esverdeadas; um certo sentimento comum que mantinha unido aquele todo.

Foi um sentimento assim de integração que talvez a tenha feito dizer, há dez anos, de pé, quase exatamente no mesmo lugar em que estava agora, que deveria estar enamorada do lugar. Esse sentimento poderia expressar-se sob milhares de formas. Talvez houvesse amantes cujo dom era relacionar os elementos da realidade e uni-los, dando-lhes uma completude que não haviam possuído em vida, transformando uma paisagem ou um encontro entre pessoas (que agora eram parte do passado, totalmente desconexas) numa dessas coisas globais e compactas nas quais o pensamento se detém e com as quais o amor brinca.

Seus olhos descansavam na mancha marrom que era o barco a vela do Sr. Ramsay. Supunha que chegariam ao Farol à hora do almoço. Mas o vento revigorara e, à medida que mudava ligeiramente a aparência do mar e do céu, tendo os barcos alterado suas posições, a paisagem que há momentos parecera miraculosamente estável agora se tornara insatisfatória. O vento espalhara os vestígios de fumaça; havia algo desagradável na posição dos navios.

Essa desproporção da paisagem parecia perturbar uma certa harmonia que se criara na sua própria mente. Ela sentiu uma vaga tristeza que foi confirmada quando se voltou para seu quadro. Perdera sua manhã. Por que não conseguia alcançar aquele equilíbrio crítico entre duas forças contrárias? O Sr. Ramsay e o quadro; esse equilíbrio era necessário. Será que havia algo errado na sua composição? Seria a linha do muro que deveria ser encurtada, ou seria a massa das árvores que estaria pesada demais? Sorriu ironicamente; pois, ao começar, não pensara que já resolvera o problema?

Qual era o problema, então? Precisava tentar agarrar algo que lhe escapara. Escapara-lhe ao pensar na Sra Ramsay; escapava-lhe agora, ao pensar em seu quadro. Vinham-lhe frases; vinham-lhe visões. Lindas cenas. Lindas frases. Mas o que desejava agarrar era exatamente essa discordância que agia sobre seus nervos, a própria coisa antes de, de alguma forma, ter sido criada. Agarrar aquilo e começar de novo — disse, com desespero, voltando a se colocar com firmeza diante do cavalete. Que máquina precária e desprezível era o organismo humano para pintar e sentir! — pensou ela; sempre quebrava no momento crítico; precisava prosseguir heroicamente. Ela olhou fixamente à sua frente, o cenho fechado. Lá estava, sem a menor dúvida, a sebe. Mas não se conseguia nada quando se solicitava aquilo com tanta premência. Apenas se conseguia um brilho nos olhos por se ter olhado a linha do muro, ou por se ter pensado que ela usava um chapéu cinzento. Estava surpreendentemente bela. Que venha, se é para vir, pensou. Pois havia momentos em que não se podia nem pensar nem sentir. E quando não se consegue nem pensar nem sentir — onde se está?

Aqui no gramado, no chão, pensou, sentada, e examinando com o pincel uma moita de folhagens. Pois o gramado estava mal cuidado. Sentada aqui no mundo, pensou, pois não conseguia se libertar da ideia de que tudo nessa manhã acontecia pela primeira vez, ou quem sabe pela última vez, como um viajante que, mesmo semi-adormecido, sabe, ao olhar pela janela do trem, que deve olhar naquele mesmo instante, pois nunca mais verá aquela cidade, aquela carroça, ou aquela mulher trabalhando nos campos. O gramado era o mundo; estavam reunidos ali, nesse estado de exaltação, pensou, olhando o velho Sr. Carmichael que parecia (embora não tivessem trocado uma única palavra durante todo aquele tempo) compartilhar de seus pensamentos. E ela talvez nunca tornaria a vê-lo. Estava ficando velho. Também — lembrou-se, sorrindo ao ver o chinelo que ele balançava na ponta do pé — estava começando a ficar famoso. As pessoas diziam que sua poesia era "tão linda"! Agora publicavam coisas que ele escrevera há quarenta anos. Havia agora um homem famoso chamado Carmichael — sorriu ela, pensando nas inúmeras formas sob as quais uma pessoa podia aparecer. Ele estava nos jornais — mas nesse lugar ali era o mesmo de sempre. Parecia a mesma pessoa, talvez até mais idoso. Sim, parecia o mesmo, mas alguém dissera, lembrou-se, que quando recebera a notícia da morte de Andrew Ramsay (morrera instantaneamente, com uma granada; poderia ter sido um grande matemático), o Sr. Carmichael "perdera todo o interesse pela vida". O que significava isso?, perguntou-se. Será que desfilara por Trafalgar Square, segurando uma longa bengala? Teria virado página após página, sem lê-las, sozinho na sua sala, em St. John's Wood? Não sabia o que ele poderia ter feito quando ouviu que Andrew morrera, mas nem por isso sentia menos o que se passava nele. Eles se limitavam a trocar um resmungo nas escadas; olhavam o céu, e falariam que o tempo ficaria bom ou não. Mas essa era uma forma de conhecer as pessoas, pensou; conhecer o contorno, não o pormenor, como, sentados no jardim, olhamos as encostas violáceas de um morro se perdendo na bruma distante. Conhecia-o assim. Sabia que mudara de certa forma. Nunca lera um só de seus versos. Mas achava que sabia como era sua poesia: lenta e sonora. Suave e adocicada. Versando sobre o deserto e o camelo. Sobre a palmeira e o pôr-do-sol. Extremamente impessoal; falava sobre a morte e muito pouco sobre o amor. Havia um certo distanciamento à sua volta. Queria muito pouco dos outros. Então ele não passava, com seu andar balouçante e estranho, pela janela da sala de visitas, um jornal debaixo do braço, tentando evitar a Sra. Ramsay, de quem, por qualquer motivo, não gostava muito? Era exatamente por esse motivo, sem a menor dúvida, que ela sempre tentava detê-lo. Ele se limitava a inclinar a cabeça para ela. Pararia de má vontade e faria uma profunda reverência. Aborrecida porque ele não precisava de nada do que ela lhe oferecia, a Sra.

Ramsay lhe perguntaria (Lily ainda podia ouvi-la) se não queria um casaco, um tapete, um jornal? Não, não queria nada. (Aqui voltava a inclinar a cabeça.) Havia nela alguma característica de que ele não gostava muito. Talvez fosse seu autoritarismo, sua segurança, uma certa objetividade que havia nela. Era tão incisiva.

(Um ruído chamou sua atenção para a janela da sala de visitas — o ranger de um gonzo. A ligeira brisa brincava com a janela.)

Com certeza havia pessoas que não gostavam dela nem um pouco, pensou Lily. (Sim, percebia que o degrau da sala de visitas estava vazio, mas isso não fazia o menor efeito sobre ela. Não queria a Sra. Ramsay agora.) Pessoas que a achavam segura demais, drástica demais. Também sua beleza provavelmente devia ofender os outros. Que monótona, diriam sempre a mesma coisa! Preferiam outros tipos — o moreno, o vivaz. Depois, era pusilânime com o marido. Deixava-o fazer aquelas cenas. E era reservada. Ninguém sabia exatamente o que lhe acontecia. E (para voltar ao Sr. Carmichael e sua antipatia por ela) não se poderia imaginar a Sra. Ramsay de pé, pintando, ou deitada, lendo, durante toda a manhã no gramado. Era inconcebível. Sem uma única palavra, o único símbolo que indicava ter ela uma missão a cumprir no vilarejo era sua cesta no braço. Partia para visitar os pobres, para sentar-se em algum quartinho entulhado. Inúmeras vezes Lily a vira partir silenciosamente na metade de um jogo, ou de uma discussão, muito empertigada, com sua cesta no braço. Notava quando voltava. Pensava (como era metódica com xícaras de chá) entre risonha e comovida (sua beleza era de tirar a respiração): olhos que se fechavam no sofrimento pousaram em você. Você esteve lá com eles.

Depois a Sra. Ramsay ficaria aborrecida porque alguém estava atrasado, ou a manteiga não estava fresca, ou o bule de chá rachara. E durante todo o tempo em que ela falava que a manteiga não estava fresca, pensava-se em templos gregos, e em como a beleza estivera lá, entre eles. Nunca falava de suas visitas — comparecia objetiva e meticulosamente. Mas era instintivo para ela continuar fazendo-as; um instinto como o das andorinhas pelo sul e o das alcachofras pelo sol, que a obrigava a voltar-se inevitavelmente para a espécie humana e descansar em seu seio. E, como todos os instintos, esse era um tanto angustiante para as pessoas que dele não compartilhavam; para o Sr. Carmichael, talvez, e para ela, Lily, com certeza. Ambos tinham certa noção sobre a inutilidade daquela ação, e a supremacia do pensamento. O fato de ela continuar as visitas representava uma reprovação para eles, dava um rumo diferente ao mundo. E assim eram levados a protestar, vendo tudo o que possuíam anteriormente desaparecer. E se agarravam ao que tinham antes que se desvanecesse. Charles Tansley também fazia isso. Era em parte esse o motivo que fazia com que as

pessoas não gostassem dele. Ele perturbava as proporções de nosso mundo íntimo. E o que acontecera com ele?, perguntou-se enquanto mexia distraída nas folhagens com seu pincel. Consequira sua bolsa de estudos. Casara-se; vivia em Golder's Green.

Uma vez entrara numa sala e o ouvira discursando, durante a guerra. Denunciava algo; condenava alguém. Pregava o amor fraternal. E tudo que sentiu foi: como podia amar sua própria espécie, se esta não conseguia distinguir um quadro do outro — ele, que se postara atrás dela, fumando tabaco da pior qualidade ("cinco pences a onça, Srta. Briscoe") e se encarregando de lhe dizer que as mulheres não sabem escrever, não sabem pintar? Não que ele acreditasse muito nisso, mas por que, devido a que estranha razão, desejava-o? Lá estava ele, esguio, avermelhado e rouco, pregando o amor de cima de um estrado (fervilhavam formigas por entre os tufo de folhagens, as quais ela perturbava com seu pincel — formigas vermelhas, enérgicas, parecidas com Charles Tansley). Sentada no seu lugar na sala parcialmente vazia, via-o, irônica, bombear todo esse amor naquele espaço gelado. E, de repente, viu o velho tonel ou o que quer que fosse balançando de um lado para o outro nas ondas e a Sra. Ramsay procurando sua caixa de óculos por entre os seixos. "Oh, meu Deus! Que aborrecimento! Perdi-os de novo.. Não se preocupe, Sr. Tansley. Perco dúzias todo verão" — diante do que ele apoiara o queixo no colarinho, como se temesse endossar tamanho exagero. Mas não podendo resistir ao fato de isso ter sido dito por ela, de quem gostava, sorriu encantadoramente. Devia ter começado a confiar nela numa daquelas longas expedições, quando as pessoas se separavam e voltavam sozinhas. Ele sustentava a educação de sua irmãzinha — contara a Sra. Ramsay. Isso depunha profundamente em seu favor. A ideia que a própria Lily tinha dele era grotesca: Lily bem o sabia, mexendo nas folhagens com o pincel. Metade dos conceitos que se tinha sobre os outros eram grotescos, afinal. Serviam aos propósitos particulares da própria pessoa. Ele lhe servia de bode expiatório: surpreendia-se flagelando seus flancos descarnados quando estava de mau humor. Se quisesse ser realmente justa para com ele, teria de lançar mão da ajuda das frases da Sra. Ramsay, e olhá-lo através dos olhos dela.

Ergueu uma pequena montanha para que as formigas a pudessem escalar. Lançou-as num caos de indecisão ao fazer essa interferência na sua cosmogonia. Elas correram em direções diferentes.

Seria preciso ter cinquenta pares de olhos para ver melhor — refletiu. Cinquenta pares de olhos não seriam suficientes para açambarcar essa mulher única — pensou. Entre eles deveria haver um par que seria completamente cego à sua beleza. O que mais se desejava era um sentido secreto, agradável como o ar, com o qual se espreitasse pelos buracos das fechaduras e se rondasse o local

onde ela estivesse tricotando, conversando, ou então postada sozinha à janela, em silêncio; um sentido que mantivesse em si e guardasse cuidadosamente seus pensamentos, desejos e imaginações — como o ar guardava a fumaça dos navios. O que significava a sebe para ela, o que significava o jardim para ela, que sentido tinha para ela a onda estourando? (Lily ergueu os olhos, exatamente no mesmo momento que a Sra. Ramsay; também ela ouvira uma onda quebrando na praia.) Depois, o que se agitava e estremecia em seu pensamento ao ouvir as crianças gritarem: "Acertou? Acertou?" no jogo de críquete? Pararia de tricotar por um instante. Ficaria atenta. Em seguida voltaria a sonhar e, repentinamente, o Sr. Ramsay interromperia os seus passos, ao chegar frente a ela. Então um choque estranho parecia perpassá-la e ancorá-la, em profunda agitação, quando ele, detendo-se ali, debruçava-se para ela e baixava os olhos em sua direção. Lily podia vê-lo.

Ele esticou o braço e a ajudou a se levantar de sua cadeira. Era como se, de certa forma, já o tivesse feito antes; como se anteriormente o tivesse realizado da mesma maneira e a tivesse erguido de um banco que, estando a certa distância da praia, exigia que os cavalheiros ajudassem as damas a saltar assim. Era uma cena antiquada que quase exigia anquinhas e calças ao gosto da época. Deixando-se ajudar por ele, a Sra. Ramsay pensara (supunha Lily) ter chegado o momento. Sim, ela o diria naquele instante. Sim, ela se casaria com ele. Saltou lenta e tranquilamente na praia. Disse, provavelmente, apenas uma palavra, deixando a mão descansar imóvel na dele. Eu me casarei com você — deveria ter dito, com a mão na dele, nada além disso. Inúmeras vezes surgira a mesma emoção entre eles — claro, pensou Lily, alisando um caminho para as formigas passarem. Ela não estava inventando; estava apenas tentando aplainar algo que recebera emaranhado, anos atrás; algo que ela vira. Pois na vida cotidiana, áspera e confusa, com todas aquelas crianças à sua volta, e todos aqueles hóspedes, tinha-se constantemente uma sensação de repetição — de uma coisa encaixando no lugar que outra deixara livre, estabelecendo assim um eco que ressoava no ar, enchendo-o de vibrações.

Mas seria um erro — pensou, ao reconstituir sua imagem ao saírem juntos de braço dado, ela com o xale verde, ele com a gravata esvoaçante, indo até além da estufa — tentar simplificar o relacionamento de ambos. Não havia monotonia na felicidade — ela com seus ímpetos e sua rapidez; ele com seus frêmitos e sua nostalgia. Oh, não. A porta do quarto bateria violentamente, bem cedo, pela manhã. Ele se ergueria da mesa precipitadamente e de mau humor. Lançaria o prato pela janela. Em seguida por toda a casa haveria uma sensação de portas batendo e venezianas se abrindo e fechando, como se um vento tempestuoso soprasse e as pessoas corressem de um lado para outro, tentando

precipitadamente fechar os postigos e colocar tudo em ordem outra vez. Encontrara Paul Rayley assim, na escada, uma vez. Riram e tornaram a rir, como duas crianças, tudo porque o Sr. Ramsay, descobrindo uma lacraia no leite, durante o café da manhã, atirara tudo para o alto e o arremessara do lado de fora da varanda. Uma lacraia — murmurou Prue apavorada — dentro do leite. Outras pessoas poderiam encontrar centopeias. Mas ele erigira a seu redor uma tal aura de santidade e ocupava o espaço com uma conduta tão majestosa que uma pequena lacraia no leite constituía para ele um verdadeiro monstro.

Mas isso fatigava a Sra. Ramsay, intimidava-a um pouco: os pratos arremessados e as portas batendo. E havia entre eles, às vezes, silêncios tensos e prolongados, quando, num estado de espírito que aborrecia Lily, a Sra. Ramsay, meio queixosa, meio ressentida, parecia incapaz de ultrapassar a tempestade tranquilamente, ou rir quando todos riam. Talvez, em seu cansaço, escondesse algo. Ela meditava e permanecia sentada em silêncio. Dali a pouco ele rondaria os lugares onde ela estava — errando o olhar pela janela onde ela se sentava para escrever cartas ou conversar. Pois ela tomaria o cuidado de se ocupar com alguma coisa quando ele passava, para poder escapar-lhe, fingindo que não o via. Assim ele ficaria macio como uma seda com ela afável, polido, e desse modo tentaria conquistá-la. Contudo, ela continuaria distante, e reivindicaria, agora, por um curto intervalo, um pouco do orgulho e da jactância que sua beleza merecia, mas que nunca recebia. Voltaria a cabeça e veria, por sobre o ombro, pessoas como Minta, Paul ou William Bankes sempre a seu lado. Por fim ele, destacando-se do grupo como a esfaimada figura de um cão caçador-de-lobos (Lily levantou-se da grama e ficou em pé olhando a escada e a janela onde ela a vira), diria o nome dela, apenas uma vez, como um lobo uivando na neve. Mas ainda assim ela não se aproximaria. Repetiria ainda o nome, e dessa vez alguma coisa em sua voz a despertaria, e ela iria ter com ele, afastando-se dos outros repentinamente. E eles se afastariam, juntos, por entre as pereiras, repolhos e canteiros de frutas silvestres. Resolveriam juntos o assunto, longe dali. Mas com que atitudes e palavras? Possuíam tal dignidade nesse relacionamento que, voltando-se, Minta e Paul esconderiam sua curiosidade e seu constrangimento e começariam a colher flores, jogar bola e conversar, até a hora do jantar, quando os dois se sentavam, como de hábito, um em cada extremidade da mesa.

— Por que nenhum de vocês estuda botânica?... Com tantos braços e pernas, por que nenhum de vocês?... — Assim conversariam, como de hábito, rindo, entre os filhos. Tudo seria como normalmente, exceto por um estremecimento, tal como o de uma espada levantada no ar que perpassava entre eles, como se a visão usual das crianças sentadas em frente a seus pratos de sopa se tivesse avivado em seus olhos depois daquele momento entre peras e

repolhos. A Sra. Ramsay olharia principalmente para Prue, pensou Lily. Esta ficava sentada no meio, entre irmãos e irmãs, sempre tão ocupada, ao que parecia, para que nada saísse errado, que ela própria quase não falava. Como Prue deve ter-se mortificado por causa daquela lacrainha no leite! Como ficara pálida quando o Sr. Ramsay atirara o prato pela janela! Como ficava abatida com os longos silêncios que havia entre seus pais! De qualquer modo, sua mãe devia estar se reabilitando no seu conceito; assegurava-lhe que tudo ia bem; prometia-lhe que um dia teria essa mesma felicidade. Contudo, ela a desfrutaria por menos de um ano apenas.

Ela deixara as flores caírem de sua cesta, pensou Lily, franzindo os olhos e dando um passo atrás como para olhar seu quadro. Não o tocava, com todas as suas faculdades mentais em grande exaltação: imóveis na superfície, mas no fundo extremamente agitadas e vivas.

Ela deixara as flores caírem de sua cesta. Espalhou-as e derramou-as pela grama e, depois, com relutância e hesitação, mas sem perguntar nem reclamar — não tinha ela, à perfeição, a faculdade de obedecer? — também se foi. Pelos campos, através dos vales, brancos e cobertos de flores — era assim que ela o teria pintado. Os morros eram austeros. Tudo era escarpado e íngreme. As ondas quebravam violentas nas pedras, lá embaixo, com um ruído surdo. Foram-se, os três, e a Sra. Ramsay andava rápida na frente, como se esperasse encontrar alguém na próxima esquina.

Repentinamente a janela que estivera olhando foi iluminada por um vulto branco. Por fim alguém entrou na sala de visitas; alguém estava sentado na cadeira. Pelo amor de Deus — rogou que todos permanecessem sentados ali e não viessem passear e conversar com ela. Felizmente, não importa quem fosse, permaneceu tranquilo em casa, formando, por um desses golpes da sorte, uma sombra triangular no degrau. Isso alterava um pouco a composição do quadro. Era interessante. Poderia ser útil. Sua disposição começava a voltar-lhe. É preciso olhar ininterruptamente, sem dispersão, nem mesmo por um segundo, aliviando a força da emoção, a determinação de não se deixar vencer ou iludir. É preciso manter o cenário — assim — firmemente, como se fosse um vício, e não permitir que nada se aproxime dele, estragando-o. O que ela desejaria — pensou ao molhar o pincel deliberadamente — era estar ao nível de uma experiência comum, sentir simplesmente que isto é uma cadeira, isto é uma mesa, e, ao mesmo tempo, que isto é um milagre, um êxtase. O problema finalmente podia ser resolvido. Ah, mas o que acontecera? Uma onda de branco cobrira a vidraça. A brisa deve ter agitado algum babado na sala. Seu coração saltou no peito, possuindo-a e torturando-a.

— Sra. Ramsay! Sra. Ramsay! — gritou, sentindo o velho terror voltar. Querer e não ter. Será que ela ainda conseguia infligir-lhe sofrimento? Então,

tranquilamente, como se controlando, também isso passou a integrar sua experiência trivial, ocupando o mesmo plano que a cadeira e a mesa. A Sra. Ramsay — isso fazia parte da sua perfeita bondade para com Lily — estava sentada ali, muito singela, na sua cadeira, agitando as agulhas, tricotando suas meias castanhas, e sua sombra se refletia no degrau. Lá estava ela sentada.

E, como se tivesse algo que precisasse compartilhar — embora quase não pudesse separar-se de seu cavalete, tão cheia estava sua mente com os seus pensamentos e a sua visão —, Lily passou pelo Sr. Carmichael segurando o pincel, caminhando até o extremo oposto do gramado. Onde estava aquele barco agora? Onde estava o Sr. Ramsay? Precisava dele.

12

O Sr. Ramsay terminava o livro. Ficava com uma das mãos suspensa sobre a página, como que pronta para virá-la no exato momento em que a terminasse. Sentava-se ali, a cabeça descoberta, o vento descabelando-o, extraordinariamente exposto a tudo. Parecia muito velho. Parecia — pensou James, cuja cabeça se delineava ora de encontro ao Farol, ora de encontro à imensidão das águas que desapareciam no mar aberto — uma velha pedra surgindo na areia; parecia transformado fisicamente naquilo que sempre estava no fundo de seus pensamentos: aquela solidão que era, para ambos, a verdade das coisas.

Lia muito depressa, como se estivesse impaciente para chegar ao fim. De fato, achavam-se muito perto do Farol agora. E ele já assomava, inflexível e correto, resplandecente nos seus tons brancos e negros; podia-se ver as ondas quebrando em respingos esbranquiçados, como vidro esmigalhado de encontro às pedras. Podia-se ver as linhas e as curvas dos rochedos. Podia-se ver claramente as janelas; uma pequena mancha branca numa delas e um tufo verde na outra. Um homem saíra, olhara-os pelo binóculo e tornara a entrar. Então era assim — pensou James — o Farol que tinham visto do outro lado da baía durante todos aqueles anos; era uma rígida torre numa rocha desnuda. Isso o satisfazia. Confirmou certo sentimento secreto que tinha sobre sua própria personalidade. As velhas senhoras — pensou, lembrando-se do jardim de sua casa

— deveriam estar arrastando suas cadeiras pelo gramado. A velha Sra. Beckwith, por exemplo, estaria dizendo que tudo era belo, agradável, e que deviam se orgulhar disso e ser muito felizes. Mas na realidade — pensou James, olhando o Farol situado no meio da rocha — é assim. Olhou seu pai que lia arrogantemente com as pernas firmemente cruzadas. Compartilhavam esse conhecimento. "Estamos fugindo de uma tempestade — vamos afundar" — começou a falar a meia-voz, exatamente as mesmas palavras de seu pai.

Parecia que ninguém dissera uma única palavra há séculos. Cam estava cansada de olhar o mar. Pequenos pedaços de cortiça passaram flutuando; os peixes estavam mortos no fundo do barco. O pai ainda lia, James e ela o

olhavam, e ambos desejavam poder combater a tirania até a morte, enquanto o pai continuava a ler sem a menor ideia do que eles estavam pensando. Era assim que ele escapava, pensava ela. Sim, com sua testa alta e seu grande nariz, segurando firmemente o livrinho pintalgado diante de si, ele escapava. Podia-se tentar agarrá-lo, mas, como um pássaro, ele estendia as asas e voava para pousar fora do alcance, em algum lugar distante, num toco de árvore desolado. Ela olhava esgazeada a imensidão do mar. A ilha se tornara tão pequena que quase já não se parecia com uma folha. Parecia o cimo de um rochedo que uma vaga mais alta poderia cobrir. Contudo, apesar de sua fraqueza, continha todas aquelas trilhas, terraços, quartos — todas essas coisas incontáveis. Mas, tal como sempre acontece antes que o sono chegue, as coisas se simplificam de tal modo que apenas um entre milhares de pormenores tem o poder de sobressair — pensou ela, fitando a ilha sonolentemente —, assim também todos esses terraços, trilhas e quartos se desvaneciam e desapareciam, e nada restava senão um turíbulo que balançava ritmicamente de um lado para o outro em sua mente. Era um jardim elevado; era um vale cheio de pássaros, flores e antílopes... Estava adormecendo.

— Vamos, agora — disse o Sr. Ramsay fechando de repente o livro.

Ir aonde? Rumo a que extraordinária aventura? Ela despertou com um sobressalto. Para aportar em algum lugar, escalar algo? Para onde apontava ele, então? Pois, após aquele imenso silêncio, as palavras os chocavam. Mas era absurdo. Estava com fome, disse ele. Já era hora do almoço. Além do mais, vejam, disse. Lá está o Farol. Já chegamos, quase.

— Ele está se saindo muito bem — disse Macalister, elogiando James. — Está mantendo a vela bem firme.

Mas seu pai nunca o elogiava, pensou James inexoravelmente.

O Sr. Ramsay abriu o pacote e repartiu os sanduíches. Agora se sentia feliz, comendo pão e queijo com esses pescadores. Teria gostado de viver num chalé, vadiando nas redondezas do porto, cusbindo ao lado de outros velhos, pensou James, observando o pai cortando o queijo em finas fatias amarelas com seu canivete.

Isso é certo, é isso mesmo, continuava sentindo Cam, enquanto descascava um ovo cozido. Agora se sentia como naquele gabinete, enquanto os velhos liam o *Times*. Agora posso continuar pensando no que bem entender, e não cairei de um precipício nem morrerei afogada, pois ele está aqui me vigiando.

Ao mesmo tempo, velejavam tão depressa ao longo das pedras, que era emocionante; parecia que estavam fazendo duas coisas ao mesmo tempo: almoçando ali ao sol e também procurando se salvar de um naufrágio durante uma tempestade. Seria a água suficiente? Haveria suficientes provisões?,

perguntou-se ela, imaginando uma história, embora soubesse, o tempo todo, que não era verdade.

Em breve morreremos — dizia o Sr. Ramsay ao velho Macalister; mas seus filhos ainda veriam muitas coisas estranhas. Macalister disse que fizera setenta e cinco anos em março passado; o Sr. Ramsay tinha setenta e um. Macalister disse que nunca fora a um médico; nunca perdera um dente. E é assim que eu gostaria que meus filhos vivessem. Cam tinha a certeza de que seu pai estava provavelmente pensando nos pescadores e em seu modo de vida, pois a deteve quando ia atirar um sanduíche à água, dizendo que, se não o queria, deveria colocá-lo de novo no pacote. Não deveria desperdiçá-lo. Disse-o tão sensatamente, como se soubesse perfeitamente tudo o que acontecia no mundo, que ela imediatamente o guardou. Em seguida ele lhe deu uma noz de gengibre de seu próprio pacote, como faria um grande senhor espanhol, oferecendo uma flor a uma dama à janela — pensou ela (tão corteses eram suas maneiras). Mas estava mal vestido e simples, comendo pão com queijo; ainda assim, conduzia-os numa grande expedição onde, pelo que sabia, morreriam náufragos.

— Foi aqui que o navio afundou — disse o filho de Macalister, de repente.

— Três homens se afogaram onde estamos agora — disse o velho Macalister. Ele próprio os vira agarrados ao mastro. E o Sr. Ramsay, relanceando os olhos pelo lugar* estava quase — temiam James e Cam — prorrompendo: *Mas eu em mares mais bravios,*

e se começasse a recitar os seus versos, eles não supor-; tariam, gritariam; não resistiriam a outra explosão do êxtase que havia nele; mas, para sua surpresa, limitou-se a co mentar: — Ah! — como se pensasse consigo mesmo: mas por que fazer tanta confusão por causa disso? Naturalmente muitos homens se afogam numa tempestade, trata-se de um fato objetivo, e o fundo do mar, afinal (despejou nele as migalhas que estavam no papel de seu sanduíche), não passa de água. Depois acendeu o cachimbo e tirou o relógio do bolso. Olhou-o atentamente e provavelmente fez algum cálculo matemático, dizendo, por fim, triunfante: — Muito bem! — James tinha-os pilotado como um pescador de nascença.

Pronto! — pensou Cam, dirigindo-se silenciosamente a James. Você conseguiu, finalmente. Pois sabia que era isso que James esperava, e agora que conseguira, não mais olharia para ela nem para o pai, nem para ninguém. Permaneceu sentado ali, com a mão na cana do leme, empertigado, parecendo muito zangado e ligeiramente carrancudo. Estava tão satisfeito que não deixaria ninguém roubar-lhe um só grão de seu prazer. Seu pai o elogiara. Precisavam pensar que ele estava completamente indiferente. Mas agora você conseguiu, pensou Cam.

Tinham mudado de curso, velejavam rapidamente e com pouco pano, flutuando sobre altas vagas balouçantes que os carregavam com elas num ritmo e numa alegria extraordinários. A esquerda emergia uma fileira de rochas marrons, em meio à água, que se tornava cada vez mais rasa e verde. Ondas quebravam sem cessar de encontro a um rochedo mais alto, esguichando uma coluna de gotas que despencavam em chuva. Podia-se ouvir a pancada da água e o tamborilar das gotas caindo, e uma espécie de sussurro e de silvo do som das ondas rolando, virando cambalhotas e batendo de encontro às rochas, parecendo seres selvagens perfeitamente livres que se contorcessem, rolassem e assim se divertissem eternamente.

Agora podiam ver dois homens no Farol, observando-os e preparando-se para ir ao seu encontro.

O Sr. Ramsay abotoou o casaco e arregaçou as calças. Pegou o grande pacote pardo e mal-embrulhado que Nancy Preparara e colocou-o sobre os joelhos. Assim, já pronto para aportar, permaneceu sentado, os olhos voltados para a ilha. Com aqueles olhos perspicazes, talvez pudesse ver com nitidez a forma de folha esmaecida pousada numa eterna baixela de ouro. O que podia ele ver?, perguntou-se Cam. Para ela, tudo não passava de uma mancha. Em que estaria ele pensando agora?, perguntou-se. O que procurava com tanta insistência, atenção e em tamanho silêncio? Ambos o observavam, sentado com a cabeça descoberta e o pacote sobre os joelhos, olhando fixamente a frágil forma azul que parecia a fumaça de algo que já se queimara. O que quer você? — ambos gostariam de lhe perguntar. Ambos gostariam de lhe dizer: peça-nos qualquer coisa e nós a daremos a você. Mas ele não lhes pediu nada. Continuou sentado olhando a ilha, e talvez estivesse pensando: perecemos isolados; ou mesmo: alcancei-a, encontrei-a. Mas nada disse.

Então colocou o chapéu.

— Tragam esses pacotes — disse, indicando com um gesto de cabeça os embrulhos que Nancy preparara para levarem ao Farol. — Os pacotes para os faroleiros — disse. Ergueu-se e ficou na proa do barco, muito alto e em-pertigado, diante de todo mundo, pensou James, como se dissesse: não existe Deus nenhum. E Cam pensou: como se estivesse saltando no espaço. E ambos se levantaram para segui-lo quando ele pulasse na pedra, lépido como um jovem, segurando seu pacote.

13

— Ele já deve ter chegado lá — disse Lily Briscoe em voz alta, sentindo-se totalmente exausta. Pois o Farol se tornara quase invisível, dissipado numa névoa azulada. E o esforço de olhá-lo, o esforço de pensar nele aportando ali — que pareciam constituir um mesmo esforço — fatigara seu corpo e sua mente ao extremo. Ah, mas se sentia aliviada. Não importa o que ela quisesse lhe dar esta manhã, ao se separar dele: dera-o, finalmente.

— Ele aportou — disse em voz alta. — Acabou-se. — Então, resfolegando e bufando um pouco, o velho Sr. Carmi-chael se ergueu a seu lado, parecendo um velho deus pagão, o cabelo hirsuto entremeado de ervas, e um tridente na mão (na verdade, apenas um romance francês). Permaneceu de pé a seu lado na extremidade do gramado, oscilando um pouco o corpanzil. Então disse, protegendo os olhos com a mão: — Já devem ter aportado — e ela sentiu que estivera certa. Não precisaram falar. Estiveram pensando as mesmas coisas e ele lhe respondera sem que lhe perguntasse nada. Ele permaneceu de pé ali, estendendo os braços para todo o sofrimento e toda a fraqueza da espécie humana; pensava que estava presidindo, tolerante e compassivamente, o destino final de todos eles. Agora coroava a ocasião, deixando a mão tombar vagarosamente, pensou ela, como se deixasse cair de toda a sua magnificente altura uma coroa de violetas e asfódelos que, descendo lenta e fremente, acabasse por pousar no chão.

Rapidamente, como se outra vez algo a requisitasse ali, voltou-se para a sua tela. Lá estava seu quadro. Sim, com todos os verdes e azuis, as linhas subindo e se cruzando, a tentativa de alcançar alguma coisa. Seria dependurado no sótão, pensava; seria destruído. Mas que importa?, perguntou-se, tornando a pegar o pincel. Olhou os degraus: estavam vazios; olhou a tela: estava indefinida. Então, com uma repentina intensidade, como se pudesse vê-la nitidamente por um segundo, traçou uma linha ali, no centro. Estava pronto; estava acabado. Sim — pensou, pousando o pincel, com extremo cansaço —, eu tive a minha visão.

VIRGINIA WOOLF

Vida e obra

Segundo o crítico americano Joseph Warren Beach, Virgínia Woolf era "capaz de escrever romances de várias maneiras. De todas, menos da maneira tradicional". E o melhor exemplo disso talvez seja *Passeio ao Farol*, publicado originalmente em 1927. Como observou o inglês David Dai-ches, estudioso de sua obra, trata-se do livro que "assinala a perfeição da arte de Virgínia Woolf", opinião compartilhada por boa parte da crítica e de seus leitores. Ao contrário dos dois primeiros romances da escritora, *The Voyage Out*, de 1915, e *Noite e Dia*, de 1919, bastante convencionais em sua forma de narrar, seu interesse está menos nas histórias contadas do que nos acontecimentos à margem delas: as digressões que se afastam do tema central ou as tentativas de descrever estados de espírito de personagens que, muitas vezes, pouco ou nada influem no desenvolvimento da ação.

A passagem para os outros grandes romances — como *O Quarto de Jacob* (1922), *Mrs Dalloway* (1925), *Orlando* (1928) e *As Ondas* (1931) — se deu por meio de uma espécie de livro-laboratório, *Monday or Tuesday*, publicado em 1921, reunião de oito contos curtos escritos nos dois anos anteriores. Um desses contos, "Uma Casa Assombrada", é construído a partir de associações mentais ou emocionais, em que não existem os conceitos convencionais de espaço e tempo; outro, "O Quarteto de Cordas", reproduz, num fluxo contínuo e sem transições usuais, o que ocorre num auditório em que se apresenta um quarteto de Mozart, as conversas antes do início do concerto, os movimentos da música e a saída do público; um terceiro, de apenas dois parágrafos, "Blue and Green", é uma tentativa de prosa impressionista em que as imagens transmitem a sensação de cores. As novas técnicas aí experimentadas, ainda incipientes, integrariam as obras ficcionais posteriores.

Em *O Quarto de Jacob* e *Mrs Dalloway*, são evidentes as afinidades com *Passeio ao Farol*. Influenciada por *Ulisses*, de James Joyce, do qual leu apenas trechos publicados em revistas, Virgínia Woolf utiliza nesses livros o monólogo interior de maneira sistemática, assim como a alternância do foco narrativo — ou seja, o ponto de vista a partir do qual o leitor toma conhecimento dos fatos narrados no romance.

Para ilustrar a técnica do monólogo interior, o crítico alemão Erich

Auerbach dedicou exatamente a *Passeio ao Farol* o último capítulo de seu célebre livro *Mimesis* — a *Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. Nesse romance, escreve Auerbach, "não se trata apenas de um sujeito, cujas impressões conscientes são reproduzidas, mas de muitos sujeitos, amiúde cambiantes". Ainda segundo ele, um método como esse, que desintegra a realidade numa infinidade de momentos refletidos em consciências diversas, seria sintomático da confusão e do desconcerto do mundo a partir da 1.ª Guerra Mundial.

O crítico americano Mitchell A. Leaska, em seu livro *Virgínia Woolf's Lighthouse*, após examinar essas alternâncias de foco narrativo, conclui: "Talvez mais que qualquer outro, o romance de múltiplos focos narrativos, em que o autor abdica de sua posição de autoridade última, requer do leitor participação constante e criativa. Além disso, devido a seu esboço de inúmeras impressões subjetivas, ele oferece ao leitor um dos mais autênticos registros contemporâneos dos valores humanos e éticos, assim como o sentimento mais aguçado do que significa a realidade para a mente do século XX".

A escritora continuaria seus experimentos nos livros seguintes: *Orlando*, biografia de uma personagem que vive cerca de trezentos e cinquenta anos, primeiro como homem e, depois, como mulher; *As Ondas*, em que seis personagens narram, de maneira intercalada, seu desenvolvimento psicológico da infância à idade madura, cada fase sendo introduzida pela descrição de uma cena de praia, que se passa do amanhecer ao anoitecer, à medida que as personagens envelhecem; e *Entre os Atos*, publicado postumamente, em que, a exemplo de *Ulisses* e *Mrs Dalloway*, a ação se passa num único dia, durante a representação de uma peça numa cidade interiorana.

A inquietação presente na obra ficcional de Virginia Woolf reflete sua própria personalidade. Nascida em 1882, filha de Leslie Stephen, crítico, biógrafo, filósofo e erudito que viveu de 1832 a 1904, privou da amizade da maior parte dos grandes escritores vitorianos. Assim, desde a infância, a futura escritora se acostumou a um ambiente intelectualmente rico e sofisticado, que prosseguiria na idade adulta e mesmo durante seu casamento, em 1912, com Leonard Woolf, jornalista, ensaísta político e romancista.

Das reuniões do "grupo de Bloomsbury", alusão ao bairro londrino em que residia Virginia Woolf, participavam, entre outros, o crítico literário Lytton Strachey, o crítico de arte Roger Fry, o romancista E. M. Forster e o poeta T. S. Eliot. Em 1917, ela e o marido fundariam a Hogarth Press, editora que publicaria boa parte da melhor literatura da época. Apesar do casamento feliz e da atividade intensa, Virginia Woolf estava sujeita a crises agudas de depressão, que a levariam finalmente ao suicídio em março de 1941, nas águas do rio Ouse.

VIRGINIA WOOLF

PASSEIO AO FAROL

